

**UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO - PPGPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARISETE AUGUSTA DA CRUZ

**O *ANIMÊ* E O MANGÁ “NARUTO” COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DA
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA**

**ARACAJU
2022**

MARISETE AUGUSTA DA CRUZ

O ANIMÊ E O MANGÁ “NARUTO” COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

ORIENTADOR: Ronaldo Nunes Linhares

**ARACAJU
2022**

C957a Cruz, Marisete Augusta da
O animê e o mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem da língua materna / Marisete Augusta da Cruz; orientação [de] Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares – Aracaju: UNIT, 2022.

242 f. il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2022

1. Aprendizagem significativa. 2. Língua materna/ língua portuguesa. 3. Animê/mangá “naruto” I. Silva Neto, Antenor de Oliveira. II. Amorim, Simone Silveira (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 371.335

Bibliotecária Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em 10/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 RONALDO NUNES LINHARES
Data: 10/08/2022 08:16:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares (Orientador)
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MENESES CHAGAS
Data: 10/08/2022 07:41:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Alexandre Meneses Chagas
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

Documento assinado digitalmente
 Simone de Lucena Ferreira
Data: 08/08/2022 21:47:50-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Simone de Lucena Ferreira
Universidade Federal de Sergipe –
(PPGED/UFS)

DEDICATÓRIA

À minha família, principal razão de ser quem sou; além de serem para mim exemplos vivos de honestidade, integridade, respeito, religiosidade, sabedoria e amor. Ficarei com o título de mestre, mas este a mim não pertence é de cada um de vocês.

AGRADECIMENTO

Sou grata:

A Deus por estar sempre comigo e presentear-me com a família que mesmo sem compreender o que tanto estudo, apoiam-me: meu gostoso e minha gostosa (José Augusto/Pai e Maria São Pedro/mãe), meus irmãos (Maria Augusta, Marielse, Marileide, Marluce e Jailson), meus cunhados (Paulo Sergio e Oseias), meus sobrinhos (Larissa, Ângelo, Janisson, Felipe e Kely), tia (Joana), obrigada.

À Fusão Kakashi/Shikamau/Orochimaru, sempre ao meu lado, ouvindo-me, orientando-me. Obrigada pelos debates e cumplicidade.

Aos amigos que me suportaram mais chata que o normal, parceria do trabalho para vida: Elivan e Valmir sou grata por estarem comigo nesta jornada; Gilmara (amiga/irmã), obrigada pelas ligações e apoio, mesmo quando a pandemia nos separou, por sempre torcer e alegrar-se com minhas vitórias. As amigas Patrícia e Edna que oraram e torceram por mim, obrigada.

A Capitão América (Daniel Bramo) e a Peter Parker (Luiz Rafael), fieis companheiros, vocês foram os primeiros a acreditarem na ideia “Naruto”, defenderem seu potencial. Vocês são meus super-heróis. Sem esquecer-se dos colegas Adriana, Sheila, Gilvânia, Marlton e Jacaúna, obrigada pelas companhias quentes, em tardes frias de sextas-feiras.

Ao meu Sensei Ronaldo Linhares - Kakashi. Nossos encontros eram formações particulares. Obrigada por apostar em minha ideia; por aceitar andar comigo pelo “desenho sem movimento”; por dar-me liberdade de escolha, permitir-me discordar e aprender contigo. Tê-lo como Sensei e trabalhar com “Naruto” eram minhas únicas certezas e desejo no mestrado. Obrigada por tornar realidade.

Ao Cibertrio CC (Carlenia, Marisete e Caio), equipe formada na disciplina Educação e Cibercultura, ultrapassou as telas e tornaram-se laços para vida. Obrigada guerreira Xena e Super Choque pelas longas conversas e parceria.

Ao ILBJ, representada pela sua gerente, por acreditar na pesquisa, possibilitar experiências profissionais e pessoais que transformaram minha práxis. As minhas colegas Módulo (Gilvanete e Thaisa), pela coragem de inserir “Naruto” em suas aulas e demais colegas (Carlos Eduardo e Andréa), sem deixar de mencionar a Professora Me. Vera Tindó que com suas formações provocadoras tornou-se parte dessa pesquisa, obrigada. Obrigada.

À Universidade Tiradentes, ao seu programa de Pós-graduação em Educação - PPED e a agência de fomento Capes por viabilizarem o desenvolvimento desta pesquisa, bem como seus docente e, colegas da turma apocalipse. Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade (GECES/CNPq), pela experiência e oportunidade de conhecer e aprender.

A todos: Arigatou gozaimasu

EPÍGRAFE

"Eu criei o Naruto para dizer a nova geração que, embora haja dificuldades na vida, você pode ser feliz e conseguir o que sempre quis."

Masashi Kishimoto

RESUMO

Com a globalização e a conseqüente desterritorialização, produtos da sociedade hipermoderna surgem e permitem que fusões culturais aconteçam, sejam aceitos, transformem hábitos e comportamentos. A tecnologia também fruto dessa hipermodernidade auxiliou no esfacelar do tempo/espaço transformou a cultura nacional em mundial e proporcionou a cultura japonesa adentrar no Brasil e em outros países universalizando, homogeneizando, tornando híbrido, cultura mundo que tornou possível a expansão do *animê* e do mangá “Naruto”. Em contrapartida o ensino da língua portuguesa não vem conseguindo acompanhar tais evoluções; aqui entra o gênero que já faz parte da conexão neural dos jovens, possui sentido, são representações emotivas íntimas/sensíveis capaz de interessá-los, orientá-los, estimulá-los como subsunçor (conhecimento prévio necessário para a ancoragem do novo conhecimento) para a aprendizagem significativa da Língua Portuguesa; já que não é possível ignorar os avanços e transformações provenientes desse processo. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o *animê/mangá* como dispositivo potencializador da aprendizagem da língua materna com adolescentes e jovens assistidos pelo Instituto Luciano Barreto Júnior durante a pandemia. A metodologia utilizada para desenvolver este estudo encontrou subsídios na pesquisa qualitativa e na etnopesquisa-formação. A pesquisa produziu e organizou informações que possibilita afirmar a potencialidade do *animê/mangá* “Naruto” no ensino de língua materna, na melhoria de sua percepção e, também em questões voltadas ao emocional; a importância/poder do professor em ato/potência na negociação; além de deixar a disposição da classe docente e científica uma pesquisa *in loco* em diferentes níveis de educação, que sirva de dispositivo para buscar soluções para velho problema: A aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa. Língua Materna/Língua Portuguesa. *Animê/mangá* “Naruto”.

ABSTRACT

With globalization and the resultant deterritorialization, products of the hypermodern society emerge and allow for cultural mixing to happen, to be accepted and change habits and behaviors. Technology, a result of this hypermodernity, has helped in the erosion of time/space. It transformed what was previously national culture into a world culture, and it enabled Japanese culture to reach Brazil and other countries through universalization, homogenization and hybridization. This world culture has made it possible for the expansion of anime and manga “Naruto” to occur. In contrast, the teaching of the Portuguese language has not succeeded in keeping up with these recent cultural developments. In comes a genre which is already part of the youth’s neural connections, possesses meaning and depicts sensitive and intimate representations that are capable of holding the youth’s interest, as well as guiding and stimulating them, by acting as subsumption (prior knowledge which is necessary to support the formation of new knowledge) to meaningful learning of the Portuguese language; as it is not possible to ignore the progress and changes resulting from this process. Therefore, the general purpose of this work is to comprehend anime/manga as a mechanism that can enhance native language learning with teenagers and young people assisted by Instituto Luciano Barreto Júnior during the pandemic. The methodology used to develop this research found its basis on qualitative research and ethno-research- training. This work has produced and organized pieces of information that result in multiple implications, such as supporting the potentiality of the anime/mangá “Naruto” in native language teaching, in the enhancement of both its perception and of emotional aspects; the importance/power of the teacher in act/potency in negotiation; it has transformed teacher perception, by way of maturation of the educational praxis, it enabled the discovery of the seventh sense: “Perceptive Reiteration”, and it has allowed the author of this work to reflect on her teaching and scientific practices, throughout the experiences lived upon conducting the research. This research is now at the disposal of teachers and scientists. It was conducted in loco and at different levels of education, and it may serve as a tool to find solutions to an old problem: meaningful learning.

Keywords: Meaningful Learning. Native Language/Portuguese Language. Anime/Mangá “Naruto”.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Choujuu Giga: detalhe do rolo 1.....	70
Figura 2: E-makimoto.....	70
Figura 3: “Tagosaku to Mokubē” no ‘Tōkyō-Kenbutsu’: popular história de Kitazawa – 1902.....	71
Figura 4: Capa e página da obra esteia de Tezuka: “Nova Ilha do Tesouro” -.....	72
Figura 5: “Katsudō Shashin” (imagem em movimento) animação mais antiga do Japão.....	73
Figura 6: Animês: “Yu-gi-oh”, “Digimon”, “Pokémon”, “Naruto” e “Dragon Ball”.....	74
Figura 7: Capa brasileira e japonesa do mangá Lobo Solitário.....	74
Figura 8: Animê Cavaleiro do Zodíaco.....	75
Figura 9: Itachi Uchiha: Mocinho ou vilão?.....	114
Figura 10: Ângulos de um mesmo objeto.....	115
Figura 11: Print 1 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi.....	141
Figura 12: Print 2 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi.....	141
Figura 13: Print 3 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi.....	142
Figura 14: Print 4 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi.....	142
Figura 15: Atividade substituta do jogo da Função da Linguagem.....	161
Figura 16: Decifre-me ou te devoro! – Código Morse.....	163
Figura 17: Atividade – A Missão Ninja: Manter a paz das 05 Nações.....	164
Figura 18: Gifs –Variação Linguística.....	165
Figura 19: Imagens –Variação Linguística.....	165
Figura 20: Vestimentas 1970 – Variação Linguística.....	166
Figura 21: Evolução dos personagens de “Naruto” – Variação Linguística.....	166
Figura 22: Instrução da atividade - Figuras de Linguagem.....	169
Figura 23: Kunai Tradicional.....	172
Figura 24: Kunai Gigante.....	172
Figura 25: Kunai Curva.....	172
Figura 26: Kunai de Três Pontas.....	173
Figura 27: Kunai Dupla.....	173
Figura 28: Nuvem de Parônimos/Homônimos.....	173
Figura 29: Tirinha: Vendo o pôr do sol.....	174
Figura 30: Gif: Guy e Rock Lee.....	174
Figura 31: Bingo - Dificuldades Ortográficas.....	175
Figura 32: Confirmação da Aprendizagem – Classes Gramaticais.....	178
Figura 33: Print do chat da aula – Classes de Palavras.....	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Percepções/ reflexões preliminares.....	45
Quadro 2: Noções subsunçoras.....	46
Quadro 3: Motivos de terem entrado somente em 2020 no ILBJ.....	90
Quadro 4: Projeto de vida.....	147
Quadro 5: Instruções de produção do Pocast.....	151
Quadro 6: Instruções de produção do Podcast.....	158
Quadro 7: Média de acertos com e sem interação com os colegas.....	167
Quadro 8: Instruções para Missão Ninja.....	170
Quadro 9: Ordem de acertos Kakassh X Guy X Kurenai.....	179
Quadro 10: Perguntas sobre o objeto escolhido.....	180

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Aprender Português na escola é? No ILBJ foi?.....	102
Gráfico 2: Conhecimento morfológico prévio x Conhecimento pós – “Naruto”.....	184
Gráfico 3: Crescimento da aprendizagem – Morfologia.....	184
Gráfico 4: Crescimento da aprendizagem – Sujeito.....	185

LISTA DE SIGLAS

AJA Association Of Japanese Animations
BBM Biblioteca Nacional de Mangás
BNCC Base Nacional Comum Curricular
CCXP Comic Con Experience
EUA Estados Unidos da América
HQs Histórias em Quadrinhos
ILBJ Instituto Luciano Barreto Júnior
JBC Japan Brasil Communication
LDB Leis de Diretrizes e Base
PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais
PEA Pesquisa Econômica Aplicada
PISA Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
SBT Sistema Brasileiro de Televisão
HQs História em Quadrinhos

SUMÁRIO

1 - JUSTSU DE TRANSFORMAÇÃO: INTRODUÇÃO.....	16
2 - PERCURSO METODOLÓGICO: “FERRAMENTAS” SHINOBI.....	31
2.1 – Vivências da Etnopesquisa-formação – o cotidiano do “vir a ser” docente-sensei	47
3 - NO INÍCIO ERA O VERBO: ONDE TUDO COMEÇA - PAÍS DO FOGO/ALDEIA DA FOLHA E A VILA OCULTA.....	59
4 - PAÍS DA ÁGUA E A VILA OCULTA DA NÉVOA: ROTEIRO METODOLÓGICO DELINEANDO O CAMINHO SHINOBI.....	67
4.1- Os sete espadachins da Névoa: O desterritorializar da hipermodernidade.....	67
4.2 - Yagura e a Bizuu Sanbi: animê/mangá, a origem de um poder.....	70
4.3 – Fulton e Youton: O poder revelado pela globalização.....	80
4.4- Kimimaro Kaguya: A nova Kekkei Genkai da BNCC.....	86
5 - PAÍS DA TERRA E A VILA DA PEDRA: NO CAMPO DE BATALHA NINJA – A MUDANÇA DE PERCEPÇÃO SHINOBI.....	89
6 - PAÍS DO TROVÃO E A VILA DA NUVEM: AS ESTRATÉGIAS DA HOKAGE PARA O CAMPO DE BATALHA NINJA.....	127
6.1 Análise dos dados: Justsu Multiclone da Sombras.....	131
7 – PAÍS DO VENTO E A VILA DA AREIA - RESULTADOS DA ALIANÇA SHINOBI: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
REFERÊNCIAS.....	194
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO I – INÍCIO DE UMA HISTÓRIA.....	211
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO II – O FIM PARA O RECOMEÇO.....	205
APÊNDICE C- DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....	211
APÊNDICE D - TERMO DE ASSETIMENTO.....	236
APÊNDICE E - TERMO DE CONSETIMENTO.....	239
APÊNDICE F- PARECER DE APROVAÇÃO CEP.....	242

1. *JUSTSU* DE TRANSFORMAÇÃO: INTRODUÇÃO

A opção por realizar uma pesquisa voltada a um dispositivo de contexto oriental, adverso da nossa cultura surge com base nas experiências de sala de aula; da dificuldade de aprendizagem da Língua Materna (Língua Portuguesa) pelos alunos do Instituto Luciano Barreto Junior (ILBJ), dos baixos índices resultantes das avaliações nacionais e internacionais (Prova Brasil, Saeb e Pisa) e, das barreiras existentes entre os jovens e a disciplina de língua portuguesa que causa aversão no simples pronunciar de seu signo linguístico. Tal percepção advinda, muitas vezes, do não entendimento de seus conteúdos, da conseqüente desmotivação para aprendizagem e da necessidade de mudança de focos e direcionamentos da educação brasileira que não consegue conectar a língua culta com língua coloquial usada cotidianamente e socialmente.

É possível observar que o ensino voltado somente para o treinamento da memorização do conhecimento criticado por Ausubel (1982), não é mais suficiente para o mundo atual que exige do indivíduo uma formação integral: agir com autonomia emocional, respeitando e expressando sentimentos e emoções; trabalhar em grupo ativamente; além de conhecer e utilizar as regras de convívio social eficazmente. Habilidades essas em pauta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em que o processo de aprender exige não somente conhecimento cognitivo. Nela encontramos as habilidades esperadas dos alunos do século XXI (cognitiva, emocional, social e ética); porém, ainda nos deparamos com estudos que abordam o cognitivo como o único objetivo das escolas.

Também nos deparamos com a falta de conexão da língua utilizada pelos estudantes e a variante ensinada nas escolas, o que dificulta o entendimento por não levar em consideração o que o aprendiz já conhece e, considerado por Ausubel o fator isolado mais importante para que se concretize a aprendizagem (MOREIRA, 1999).

A proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO 2015; 2016), a partir do ano 2000, colabora ao afirmar a importância de uma educação plena que respeita o ser humano em sua integralidade. Isto posto fica evidente a necessidade de dispositivos potencializadores de novas nuances pedagógicas que contribuam na positivação da percepção em relação a disciplina e, conseqüente melhoria no tocante a sua aprendizagem significativa.

Percepção esta que pode ser possibilitada levando em consideração o conhecimento prévio do educando e suas experiências sociais.

Conhecimento e experiência pertencentes a sociedade atual que ampliou seus recursos linguísticos. A escrita não é mais única prioridade de construção textual, a noção de leitura transcendeu a decodificação de signos, as imagens e elementos visuais tornaram-se novos recursos e possibilidade de combinações da linguagem. Com isso a escrita assume a multiplicidade de elementos visuais e imagéticos (cores, forma, som, formato, movimento etc.) e desta combinação nascem os textos multimodais, ou seja: “[...] textos constituídos por combinações de recursos de escrita (fontes, tipografia), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos reais), gestos, movimento, expressões faciais etc. [...]”. (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p. 21).

Desde 2017, a BNCC ao orientar a disciplina de língua portuguesa a formar indivíduos críticos, criativos nos diversos usos da linguagem e como participante da sociedade, indica a possibilidade de uso de textos multimodais (advindos da globalização, da desterritorialização, da democratização tecnológicas digitais e o do multiculturalismo proveniente das demandas políticas contemporâneas).

A multimodalidade, assim, favoreceu a criação de variados gêneros textuais e é um recurso importante de leitura dos textos multissemióticos (textos possuidores de escrita, imagens, movimento, desenhos e/ou outros elementos), já que permite que a aprendizagem utilize-se da linguagem verbal e não verbal (visual); além de serem materializações das práticas sociais em que os jovens estão inseridos, estes que os utilizam efetivamente em suas relações linguísticas orais ou escritas, de forma digital ou não e, ao qual faz o *animê*/mangá “Naruto”¹ um exemplo.

Voltando-se ao digital, não é novidade a inserção dos jovens neste mundo e na facilidade que têm de manusear e serem atraídos pelas mídias e gêneros a elas inseridos. Não é por acaso que as novas mídias criaram e transformaram os modos de consumo de informação, junto com Internet - segundo meio de comunicação mais

¹ História em quadrinhos japonesa (mangá) de autoria de Masashi Kishimoto que conta a história de um jovem ninja (Naruto), órfão de pai e mãe, com um sonho de se tornar o maior ninja e líder de sua aldeia (*Hokage*). Por possuir o espírito de uma raposa selado dentro dele, todos os habitantes o temem e o veem como uma ameaça impedindo que seus filhos aproximem-se. Naruto cresce sozinho, com um desejo profundo de ser aceito e reconhecido por todos; trilha seu caminho nessa busca incessante, sem nunca desistir, treina até a exaustão e aos poucos vai conquistando admiração e amigos. História contada em duas partes: “Naruto Clássico” (pré-adolescência) e “Naruto Shippuden” (adolescência). Com seu sucesso foi adaptado em uma série animada (*animê*) de igual nome, que segue a mesma narrativa de seu mangá.

utilizado pela população, perdendo apenas pela televisão (BRASIL, 2016). Foi e é justamente mediado pela TV e Internet que o mangá e *animê* “Naruto” conquistaram, conquistam e mantêm seus fãs, seguidores que veem nele significações/sentidos únicos.

Sentidos que fazem desses gêneros, subsunçores² para aprendizagem, ao permitir que um artefato cultural adverso da nossa cultura seja apropriado como conexão a novos conhecimentos e ressignificações defendido por Ausubel (1982). Conhecimentos, ressignificações e aprendizagens desejadas na educação brasileira.

Outro destaque diz respeito ao processo de transformação na educação com a nova BNCC, aprovada em 2018 e implementada a partir de 2020 trazendo como um dos pontos: favorecer a comunicação entre os diferentes saberes dos componentes curriculares. Na Língua Portuguesa as mudanças focam-se na gramática e nos gêneros digitais. Sendo preciso a preparação dos professores para esse processo de transição, para assim conseguirem alinhar um ensino de qualidade aos novos tempos (FARINHAS, 2018). Isso, devido a rápida expansão das tecnologias digitais e as facilidades de propagação das informações, presentes em todas as camadas sociais.

Enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontavam para a disciplina, uma organização circundante a língua oral, a escrita, análise e a reflexão sobre a língua; a BNCC acrescenta a análise semiótica (área que estuda os sentidos das múltiplas linguagens), aqui entra as linguagens digitais como o mangá eletrônico e o *animê*; além de memes, *gifs*, entre outros textos multissemióticos.

Sendo assim, a gramática precisa ser compreendida em seu funcionamento e não somente como regras soltas, sem contexto; mas contextualizada dentro das práticas sociais. A gramática passa a não ser mais memorizada, todavia tratada no texto, pelo texto e compreendida pela sua forma de uso baseada nas práticas sociais atuantes.

Em paralelo a esta reestruturação de objetivos é acompanhada a crescente evolução e influência da cultura pop nipônica. A cada dia, tal cultura, conquista e direciona jovens do nosso país a se vestirem, falarem, pensarem, agirem e a acreditarem em filosofias e crenças diversas. Por falar a sua “língua”, por representar sua realidade (mesmo sendo culturalmente oposta); por ser algo significativo aos jovens e a seus questionamentos internos, muitas vezes, não entendidos e

² Conhecimento prévio necessário para a ancoragem do novo conhecimento (AUSSUBEL, 1982).

encontrados na cultura nacional e local. É justamente essa inclinação e influência dos *animês*/magás que abre espaços significativos para o trabalho voltado a potencialização da aprendizagem da língua.

As histórias em quadrinhos produzidas no Japão (Mangá) e seus desenhos animados ou versões animadas televisionadas (anime ou *animê*), populares no mundo, são facilmente reconhecidos pelas suas características peculiares: Cores e formas exageradas, olhos grandes, expressivos e desproporcionais, distanciando da aparência real humana; entretanto com histórias representativas, *animê*/mangá (melhor explanado na seção 04), principalmente do público jovem, seus fãs fiéis. Como isso é possível? As narrativas trazem representações emotivas íntimas, pessoais da realidade dos jovens, que encontram nelas uma representatividade sensível capaz de interessá-los, orientá-los, direcioná-los, estimulá-los.

Tal influência chega ao ponto de os levarem a seguir os passos e as mensagens transmitidas pelas narrativas: Importância do trabalho em equipe, do estudar, do questionar a realidade, do lutar para melhorar a sua situação atual, busca pelo sonho, possíveis dificuldades e seus enfrentamentos, desenvolvimento contínuo, o persistir nos objetivos; o agir nos erros cometidos, a busca por evolução constante, entre outros.

É mergulhar com mais acuidade nessa capacidade de influência que esta pesquisa almeja: Compreender o *animê* e o mangá como dispositivo potencializador da aprendizagem da língua materna.

Para tanto, é necessário incluir novas formas de ensinar e/ou mudar o modelo de ensino da Língua Portuguesa? Se levarmos a sério o processo de globalização, da realidade e necessidade do mundo contemporâneo, no tocante ao desempenho escolar da aprendizagem da Língua Portuguesa e de suas consequências como exposto nos resultados (2018) do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), sim. O Brasil obteve apenas a 58ª posição com 413 pontos (BRASIL, 2019) no quesito leitura e, durante 18 anos o crescimento foi somente 17 pontos; não é esta realidade que desejamos manter.

Junta-se a isso o fato da existência de barreiras entre os alunos e a disciplina de Língua Portuguesa, entre o estudante e o(a) professor(a) ao ponto de causar distanciamento, dificuldades, medo e, sua conseqüente desvalorização no quesito aprendizagem. Percepção advinda, muitas das vezes, do não entendimento de seus conteúdos e da conseqüente desmotivação para aprendizagem.

Quem nunca falou e/ou ouviu frases do tipo: “Não consigo entender português”, “Português é a pior disciplina da escola”, “Essa disciplina não serve para nada”, “Essa disciplina deveria ser retirada da escola”, “Todo (a) professor (a) de Português é chato (a)”, “Piores aulas são de Português”, “Português serve para que mesmo?” entre tantas outras.

Como estudante, de ensino fundamental e médio, falei muitas dessas frases e, ainda proferir sentenças que responsabilizava somente a mim o não entendimento; além de aumentar a cada dia a desmotivação, a vontade e a percepção, do possível entendimento da disciplina, diminuía a cada ano. Fato que me deixava mais convencida de que realmente nunca iria conseguir entender essa disciplina e seus conteúdos.

Igual a mim no passado, hoje, existe milhões de jovens que pensam não conseguir entender o funcionamento de sua própria Língua; desse artefato cultural que nos torna quem somos, que nos constrói e capacita-nos como seres pensantes, críticos e participativos da sociedade. Sendo assim, fica evidente a necessidade de criar dispositivos potencializadores de novas nuances pedagógicas que contribuam para a melhoria no tocante a aprendizagem significativa da língua materna.

O aprender as normas que regem a nossa língua materna não podem ser ignoradas, nem deixadas para segundo plano. Entretanto, há obstáculos que impedem que muitos estudantes obtenham êxito no quesito aprendizagem e posterior uso da língua portuguesa que o habilitaria a falar levando em consideração intenções, leituras, argumentação, interpretação, criticidade, exposição de opinião e até mesmo entender e ser entendido.

No meu caso, o que inibia o aprendizado do português era a minha realidade, meu contexto social, econômico e familiar. Eu tinha a capacidade de falar “bem” na minha conjuntura social, no meio em que estava inserida; mas não possuía a habilidade linguística fora daquela circunstância.

Também destaco que meus professores da época não tinham consciência que se formavam ao formar seus alunos, não tinha o hábito de pensar sobre sua prática, de buscar novas alternativas ou, de inserir em suas aulas dispositivos culturais diversos. As aulas resumiram-se na cartilha ditada pelo livro pronto e acabado e, a/o aluna/aluno que não conseguissem entender a explicação, em sala de aula, era simplesmente punida (o) com a reprovação. Era tudo “simples”.

Nas aulas de Português o que mais importavam, eram as regras gramaticais. Os ruídos, naturais ao processo da comunicação, não eram levados em consideração ou posto a reflexão. Se o ensino de nossa Língua Mãe não fazia sentido, não era culpa da escola, professor, sistema ou das possíveis interferências, mas do estudante que não prestou atenção, não estudou, não fez as lições de casa, não possuía inteligência suficiente para o entendimento das regras. Nesta posição de estudante que me encontrava.

Naquela época, as regras gramaticais não faziam sentido, não tinham o porquê de ser. As regras internas da língua internalizada (necessárias na formação de frases completas e com sentido) eram suficientes para mim e era com ela que me comunicava. E os ruídos? Existiam apenas quando o assunto era as aulas de Língua Portuguesa. Ainda precisava conviver, com mais um ruído: a dislalia funcional, que para Rosado (2020) é quando a pronúncia se realiza com má articulação forçando uma troca de letra e não proveniente de problemas orgânicos ou auditivos. Neste caso, era uma interferência desconhecida até meus 12 anos de idade.

Dessa forma, encontrar metodologias que facilitem, auxiliem e diminuam esses ruídos e barreiras que dificultam a aprendizagem da Língua Materna (língua portuguesa nesta pesquisa) torna-se um problema a ser resolvido; outrossim, uma motivação de estudo para pesquisadores que se debruçam diante dos desafios educacionais do nosso país. É baseada neste contexto contemporâneo que surge a pesquisa em questão.

Como cheguei a este objeto? Mesmo morando em sítio e sem televisão a maior parte da infância, sentia um fascínio pela imagem. As imagens dos livros emprestados para estudos na escola, mesmo bem diferente da minha realidade, chamava minha atenção, mostrava-me outras possibilidades. Ao descobrir que estas imagens/narrativas poderiam apresentar-se em movimento era algo fascinante. Os desenhos animados completavam meus dias, ocupavam o pouco tempo livre, permitia-me conversar com colegas, a ter assuntos nas rodas de amigos na escola, a ter preferências, a descobrir que personagens bons viravam maus e maus ficavam bons e, a fazer comparações com a vida do dia a dia.

Quem não tem ou teve um desenho favorito? Quem não se lembra daquele desenho de infância? Quem não sente um ar nostálgico ao lembrar-se das sessões de desenhos? Muitos de nós, possuímos desenhos prediletos que nos tornam colecionadores de figurinhas, bonecos; consumidores de roupas e objetos

personalizados. Muitas vezes, fazemos questão de comprá-los para os filhos, sobrinhos e amigos. De uma forma ou de outra, os desenhos em movimento fazem parte de nossas vidas, a tal ponto, que estes transpuseram a limitação de desenhos e vestiram-se de versões fílmicas mais realistas e com humanos representando-os, a Marvel e os Vingadores que o digam.

O gênero *animê/mangá* assim como Marvel faz parte do mundo dos jovens, já os conquistaram e a cada dia o número de admiradores, disseminadores e recriadores de suas narrativas só crescem no Brasil e no mundo. Voltando-se especificamente para o *animê/mangá*, esse fato é comprovado pelo número de IGS (páginas de Instagram), *Facebook*, Comunidades, Eventos, Feiras, páginas criadas e encontradas nas redes digitais; além do número gigantesco de seguidores, compartilhamentos e comentários das mesmas.

Como muitos, minha introdução ao mundo fantástico das animações se deu pela televisão, especificamente nas sessões de desenho animado da televisão aberta de maior circulação da época: Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) fundada pelo empresário Silvio Santos e a Rede Globo de Televisão fundada pelo jornalista Roberto Marinho. Especificamente nos programas infantis comandados por Mara Maravilha (*Show Maravilha*), Angélica (*Angel Mix*, *Bambuluá*), Xuxa Meneguel (*Xou da Xuxa*), Eliana (*Bom dia & Cia*, *Eliana & Cia*) e Jackeline Petkovic (*Festolândia*, *Bom dia & Cia*); sem esquecer-me dos programas Sábado Animado, Mundo *Disney* (SBT) TV Globinho, TV Colosso, Festival de Desenho (Rede Globo).

E “Naruto”? Foram os programas citados que me apresentaram aos desenhos animados. Meu primeiro contato com o *animê* foi com “*Dragon Ball*”, “*Digimon*”, “*Pokemon*” e “Naruto”, todos provenientes das duas emissoras citadas. No entanto, foi somente em “Naruto” que tive a noção de estar assistindo a um *animê*. Mais tarde, através da Internet tive conhecimento de seu mangá. Foi através de seu *animê* assistido pelo SBT que minha paixão pelo gênero foi despertada. Tornei-me fã, não perdia um episódio e minhas atividades passaram a ser realizadas levando em consideração o horário em que “Naruto” especificamente, era transmitido.

Com o tempo, o fascínio pelo *animê* crescia, pois conseguia fazer interpretações, relações com os contextos sociais vividos por mim e por terceiros, a entender o mundo a minha volta. Percepção que foi desafiada em sala de aula, ao observar que eu não era a única amante dos *animês*, que meus educandos, mesmo anos mais jovens, nutriam uma paixão forte pelo mesmo objeto midiático

(*animê*/mangá “Naruto”) referência de minha adolescência. Despertada por conversas informais em grupos e individuais em momentos livre de intervalo, horários vagos e, em comentários sobre materiais escolares personalizados dos meus alunos.

Conversas que passaram a sala de aula, seja através de comentários admirados por uma professora (professora e mais velha) gostar de animação japonesa, conversar, entender e debater sobre eles, ou seja, por abertura de diálogo, sem crítica e compartilhamentos de interesses comuns. Isso surpreendia não somente a eles/elas, mas a mim também que não imaginava que o desenho estava tão difundido e possuidor de legião de apreciadores, defensores, apaixonados ao ponto de defender, discutir e argumentar sobre determinado *animê*/mangá de maneira tão afetiva, séria e concentrada nos mínimos detalhes.

Os jovens detalhavam-me lutas, características, poderes, combinações de forças, explicações de fraquezas, porque determinado personagem era bom ou ruim, o que os levou a agir de determinada forma, entre tantas outras peculiaridades observadas por quem se dedica na apreciação da arte animada e gosta. A professora volta a ser aluna e por muitos momentos ouvia as falas acaloradas e empolgadas defendendo seus personagens favoritos de “Naruto”, seus *animês* prediletos e, as lutas mais “iradas” assistidas. Sentia-me uma adolescente no meio dos meus meninos e meninas que com maestria e domínio explicavam-me as diferenças entre *animê* e mangá, entre os tipos existentes, os públicos direcionados e onde assistir.

Estas conversas invadiram a minha sala de aula, forçaram-me a relacionar as conversas de momentos informais ao assunto trabalhado no dia e, assim trazê-los (las) de volta à aula, o jovem que não estava interessado nos conteúdos ministrados, mas nos poderes desenvolvidos pelos personagens. E foi assim que pouco a pouco, o *animê* e o mangá “Naruto” foram adentrando em minhas aulas.

Sem perceber, eu estava sendo guiada pelos meus alunos a redirecionar a forma como explicava os conteúdos. Progressivamente meus exemplos passaram a ser permeados de personagens, poderes, *jutsu*, *fillers*, *spoilers*, desafios e, nada previsto nos planejamentos das aulas. Todavia desenvolvido na prática, do cotidiano da sala de aula, do contexto da turma, do turno, da escola, do ano letivo; cada um com seu jeito, tempo, forma; ainda sim todos unidos por um único objeto: *animê*/mangá e a sensação prazerosa de falar sobre o que gosta.

Aproximações começaram a acontecer entre a professora e seus alunos, entre os alunos e sua professora, entre alunos e alunos, entre alunos e conteúdos, todos

mediados pelo *animê*. O medo da professora de Português começou a dissipar em muitos jovens e, mais diálogos foram propiciados por conta do um conhecimento do *animê/mangá* “Naruto”. Situações como estas foram chamando minha atenção cada vez mais; ao ponto de fazer-me assistir mais *animês*, a ler mais mangá, a seguir páginas referentes aos gêneros, citados por elas/eles; a conhecer outras possibilidades de entrar em contato com a cultura nipônica e a enxergar nela uma possibilidade de ensinar o português.

Essa transformação do ensino em minhas aulas, em minha visão de práxis educativa e principalmente em minha vida pessoal (detalhada na seção 03) levou-me ao problema dessa pesquisa: O *animê/mangá* “Naruto” pode ser considerado um dispositivo potencializador da aprendizagem de língua materna?

Sendo assim, unir tal inclinação e interesse, meu e dos jovens, pelo gênero citado ao aprendizado da Língua Materna surgiu, acrescido da possibilidade de utilizá-lo para facilitar, tornar a aprendizagem dos conteúdos cognitivos, significativa.

As reações deles/delas fizeram-me refletir sobre minha prática docente, sobre minha trajetória de estudante, sobre minhas dificuldades e do tempo que eu, também, odiava Português. E foi graças a esta interação que comecei a pensar: na época em que um simples desenho, em um livro, já me encantava, se tivessem utilizado os desenhos animados para contextualizar as aulas, as regras, as explicações poderiam ter me ajudado a entender melhor ou a gostar da disciplina? Talvez sim ou talvez não, para se ter certeza era necessário que isso tivesse sido aplicado ou pelo menos testado. É para provar sua eficácia ou não que esta pesquisa será realizada.

A pesquisa realizou-se no contexto dos espaços de aprendizagem, físicos e digitais, oferecidos pelo Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ). No convívio diário com jovens estudantes, de faixa etária compreendida entre 14 a 24 anos, participantes do Projeto Social do ILBJ, intitulado Conectando com a Vida³. Jovens estes provenientes de escolas públicas municipais e estaduais de Aracaju, Grande Aracaju e, parcerias realizadas a cada ano, com alguns municípios do estado de Sergipe.

O local da pesquisa corresponde a uma instituição sem fins lucrativo, mantida integralmente pela Construtora Celi Ltda. Tem como objetivo principal a infoinclusão

³ Projeto âncora do ILBJ, agregador de todos os demais projetos, tem como objetivo promover o processo de infoinclusão social de jovens em vulnerabilidade social e econômica, desenvolvendo competências fundamentais para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. Informática, Matemática, Português e Cidadania e Trabalho, Arte-educação, são algumas das ações empreendidas por este projeto. (ILBJ, [s/d]).

social de adolescentes e jovens sergipanos em vulnerabilidade social e econômica, desenvolvendo competências fundamentais para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. Para alcançar tal finalidade organiza-se em um projeto âncora “Conectando com Vida” através de conteúdos específicos, subprojetos, cursos, oficinas, palestras, atividades socioeducativas.

Possui uma equipe multidisciplinar (gerência, assistente social, psicólogo, coordenadora pedagógica, assistente pedagógico, assessoria de comunicação, dezoito educadores sociais com formação específica e um corpo administrativo). Estes usufruem de uma instalação ampla, composta por: sete salas de aula climatizadas, três laboratórios de Informática climatizados, Internet Banda Larga, *Cyber* com dez computadores, auditório com 130 lugares, sala de artes, sala de leitura (com acervo de livros, revistas e periódicos), espaço de convivência, um memorial, uma sala de Libras, uma copa e seis banheiros.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que as narrativas do *animê* e mangá (pertencentes à cultura nipônica) podem contribuir para a melhoria na aprendizagem da Língua materna de forma significativa. O objetivo geral, portanto, é compreender *animê/mangá* “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem da língua materna, com adolescente e jovens assistidos pelo Instituto Luciano Barreto Júnior durante a pandemia.

Os objetivos específicos seguirá a delimitação: a) Verificar a aplicabilidade do *animê* e Mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem de Língua Materna; b) Identificar as inter-relações de receptividade e nível de envolvimento dos jovens com o *animê/mangá* Naruto no processo de aprendizagem da língua portuguesa e; c) Analisar a aprendizagem em relação à utilização do *animê/mangá* “Naruto” e conseqüentes mudanças na aprendizagem de Língua Portuguesa, dos Jovens participante do Projeto Social Conectando Com a Vida do ILBJ.

Para definir o contexto da investigação e alcançar os objetivos propostos, fez-se uma revisão de literatura de artigos publicados em periódicos. Nesta etapa, pretendo identificar como os Gêneros *animê* e mangá estão sendo estudados e, inseridos na educação em consonância as exigências de BNCC, no tocante ao uso de gêneros diversos em sala de aula.

Buscou-se também, uma reflexão teórica sobre como se dá o processo de desterritorialização causada pela globalização que propicia a utilização de um bem cultural (oriental japonesa) importado para o ensino de língua materna no Brasil. Tal

qual o interesse por essa área de conhecimento essencial (português) na sociedade atual; além de identificar os procedimentos metodológicos utilizados e quais resultados e dados já existem nesse viés.

Para isso, foi necessário entender alguns conceitos envolvidos nesta conjuntura como: dispositivo, relacionado ao que prepara, ao método e procedimento de pesquisa fundado nas contribuições de Macedo (2010); a hipermodernidade que caracteriza a sociedade contemporânea com a exacerbação de características modernas a exemplo da individualização, consumo e, a fragmentação do tempo e espaço (LIPOVETSKY, 2004; 2008) e; do trabalho docente, como atividade ao qual se trabalha com, sobre e para seres humanos feitos de relações e interações que podem resistir ou participar da ação do professor (TARDIF; LESSARD, 2005).

Além da concepção de aprendizagem significativa de Ausubel (1982) que parte da reconfiguração de ideias, já existentes na estrutura mental, para poder relacionar e conectar novos conteúdos (MOREIRA, 1982); Ciberespaço como o novo meio de comunicação de interconexão mundial dos computadores, seu universo infinito de informações e os seres humanos imersos estudado por Levy (2007; 1999); no decorrer deste conceito, Wolton (1999) amplia esta concepção de espaço comunicacional. Para este autor, o ciberespaço libera o homem dos obstáculos ancestrais de tempo e espaço e; gênero como fenômeno histórico vinculado a vida cultural e social de maneira dinâmica e fluida (MARCUSCHI, 2005) entre outros que ajudarão na contextualização e entendimento do desafio aqui lançado.

Destarte, este trabalho está organizado em 06 (seis) seções, que tomando como referência a narrativa do *Animê/mangá* aqui em pauta, chamarei de nações *Shinobi*. O *animê/mangá* “Naruto” não segue um espaço/tempo definido, linear e real, entretanto constitui um mundo de superpoderosos ninjas que governam fortes nações; sendo 05 (cinco) as mais poderosas e que vivem em constantes conflitos políticos, econômicos e militares. À medida que a narrativa desenvolve-se, as nações e sua importância para o mundo ninja vão sendo reveladas; além dos personagens mais fortes que terão suas histórias cruzadas ao do personagem principal “Naruto”.

Mesmo que a narrativa não seja contada linearmente e nem minuciosamente, seus apreciadores não deixam de compreendê-la e apreciá-la, porém ao contrário: veem nessa “falta de conexão” uma das belezas da arte mimética; afora deixam claro sua alta capacidade de assimilação e de fazer conexões. Não estranhe a falta de ordem cronológica, meu caro leitor, mesmo que estejamos acostumados com o hoje,

depois o amanhã; os melhores e mais importantes momentos de nossa vida não segue essa ordem, ou segue? E nem sempre a ordem dos fatores altera o produto.

O mundo *shinobi* é baseado em ideais, filosofias e crenças representadas pelas ferramentas *Shinobi* (armas ninjas criadas e planejadas seguindo características específicas de cada nação), sinal de força bélica, articulação, inteligência e estratégia responsáveis pela ordem, pelo poderio, pela paz ou pela capacidade de influência de uma nação em relação à outra. São as ferramentas (armas ninjas) que possibilitam o *shinobi* lutar pelo que acredita, a defender sua vila, proteger quem ama e manter suas crenças vivas para a próxima geração.

Assim sendo, a Introdução recebeu o nome de “*Justsu* de Transformação” por ser a “ferramenta” responsável por apresentar o *animê/mangá* aos seus leitores e telespectadores e ser o poder mais representativo do personagem Naruto. Já a seção seguinte recebeu o título de: “Percurso Metodológico: Ferramentas *Shinobi*” por ser a base metodológica etnopesquisa-formação que sustentará e organizará o pensamento científico para alcançar os objetivos propostos, ou seja: minha “ferramenta” *shinobi*.

A partir daqui as demais seções seguirão a ordem das 05 (cinco) grandes nações do *animê/mangá* que juntas formam a obra anímica. As nações formam e direcionam o enredo do *animê/mangá*, neste trabalho, terá o objetivo de formar e orientar a ordem de leitura.

A seção 03: “No Início Era o Verbo: Onde Tudo Começa – País do Fogo/Aldeia Da Folha e a Vila Oculta” apresenta a minha história de vida e as relações dela com a Língua Portuguesa, como é a primeira “Nação” a ser apresentada e a responsável por apresentar o *animê/mangá* e seu personagem principal, foi escolhida a representar a minha história; além de apresentar como adentrei no universo da cultura nipônica que desencadeou o desejo dessa pesquisa.

Muitas histórias que compõem a rede complexa do enredo do *animê/mangá* “Naruto” são provenientes do País da Água e da Vila oculta da Névoa; aqui são encontrados personagens que possibilitaram episódios e capítulos emocionantes, inesquecíveis e memoráveis para os fãs, que norteiam os rumos seguidos pelo protagonista, antagonista e outros personagens, a exemplo dos Sete Espadachins Ninja da Névoa, “Zabuza” (primeiro antagonista) e “Haku”⁴ que influenciaram gerações

⁴ Vilões do *animê* e do mangá “Naruto”.

posteriores e que explicam propósitos, escolhas, transformações, caminhos escolhidos por aqueles que os seguiram, os admiraram e mantêm vivos seus ideais. Esta nação também marca o primeiro marco de desenvolvimento de “Naruto”, que ainda criança precisa enfrentar seu primeiro vilão: “Zabuza”, sua ferramenta “Haku” e provar sua potencialidade.

Por nortear, expor as influências e a expansão da cultura nipônica, a seção 04: “País da Água e a Vila Oculta da Névoa: Roteiro Metodológico Delineando o Caminho *Shinobi*” propõe alguns conceitos que nortearam esta pesquisa e é suporte teórico, bem como apresenta o *animê*/mangá, sua origem, disseminação mundial, suas características e influência na cultura mundial atual; sem deixar de mencionar o processo de desterritorialização cultural que possibilitou a conversibilidade, de tal dispositivo, ser aplicado em uma cultura adversa, encarada como antagônica e, sua adaptação aos interesses dessa pesquisa. Entrelaçados com a teoria, descreveremos as opções metodológicas contidas nas seções subsequentes que terão o foco de responder a problemática da pesquisa e buscar respostas que atendam aos objetivos propostos.

Dando continuidade à seção 5: “País da Terra e Vila da Pedra: Mudança de Percepção *Shinobi*”; aborda-se o objeto de pesquisa como um dispositivo capaz de transformar a percepção negativa dos jovens participantes do Projeto Conectando com a Vida, do ILBJ. Assim intitulada por representar uma difícil e importante ação de mudança.

Do mesmo modo, comportamentos e informações que comprovem tal pressuposto foram expostos cientificamente, de forma que deixe claro como o dispositivo consegue tal abertura de empatia, em que nível isso acontece e os meios utilizados para se chegar à conclusão de ser ou não um dispositivo de transformação de percepção.

A Vila da Pedra é a Nação mais difícil de negociação, a que não aceitava acordos e que sempre se demonstrava desconfiada com as ações e pactos provenientes das demais nações e por isso mesmo, é o país de maior mistério; sendo necessária uma guerra que colocasse em perigo todas as nações *shinobis* para que houvesse um acordo de paz e cooperação por parte dela. Simbolizando a necessidade e importância da negociação para um ambiente de harmonia, aprendizagem e suas dificuldades, A Vila da Pedra/País da Terra traduz bem a

transformação de percepção ocorrida, necessário para um sucesso coletivo e descrevida nessa seção.

Para isso, essa seção, tem a responsabilidade de apontar as inter-relações analisadas e os *feedbacks* recebidos pelos jovens participantes da pesquisa. Ao mesmo tempo em identificar como acontecem tais relações; qual o nível de envolvimento dos jovens com o dispositivo apresentado; se houve ou não uma aproximação dos jovens com a disciplina; se os mesmos demonstraram empenho, vontade, ânimo, persistência e motivação nas atividades propostas, devido a utilização do *animê/mangá*, em relação ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

A seguir, a seção 06 intitulada como: “País do Trovão e a Vila da Nuvem: As Estratégias da *Hokage* para o Campo de Batalha Ninja”, analisar-se-á as metodologias e as atividades pré-estabelecidas (conversas informais, autobiografia, mapa mental, questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, conversas particulares, debates em grupos, apresentações individuais). Além disso, quais foram os dados obtidos como retorno, suas relações diretas e indiretas com o pressuposto da pesquisa: que as narrativas do *animê* e mangá (pertencentes à cultura nipônica) podem contribuir para a melhoria na aprendizagem da língua portuguesa.

Seção essa, assim denominada por ser no “País do Trovão” o responsável por gerenciar e colocar à disposição de todos os ninjas – unidos pela guerra – as melhores estratégias e tomadas de decisão para se vencer os inimigos e saírem, vitoriosos, tendo a paz do mundo ninja como troféu. O momento que a “Vila da Nuvem” entra em cena no *animê/mangá* configura um marco não somente temporal, mas espacial, ao qual simboliza a união de estratégias, ideias, conhecimentos; resoluções de conflitos, negociações, superações de diferenças e foco para a conquista de um ideal: a paz do mundo ninja. Foram às escolhas dos *Hokages* que possibilitam a vitória na guerra, foram às escolhas metodológicas e pedagógicas da “*Hokage* pesquisadora” e professora e seus conselheiros (orientador, amigos leitores, avaliadores de atividades) que propiciaram o uso do dispositivo *animê/mangá* ser aplicado, analisado e avaliado.

Na sala de aula, o foco não era a paz mundial, mas os esforços e metodologias pedagógicas, todavia tiveram como alvo a aprendizagem significativa e a “paz” pessoal, representada pela satisfação do conseguir aprender, do perceber-se capaz e possuir potencial.

Outrossim, quais foram a mudanças perceptíveis, mensuráveis ou não durante o processo do desenvolvimento desta pesquisa; assim também as mudanças ocorridas com o meu eu educador que forma e se forma juntamente com meu público-alvo. Sem esquecer-se de ponderar as interpretações das informações obtidas para propiciar a concreta visualização dos resultados alcançados e, se estes confirmam o refutam o pressuposto inicial.

Na última seção: “País do Vento e a Vila da Areia” será responsável por finalizar com as considerações finais e a explanação dos resultados obtidos pela pesquisa e oferecer-se-á resposta a problemática desta pesquisa: o *animê/mangá* “Naruto” pode ser considerado um dispositivo potencializador do ensino de Língua Materna? E demais ponderações necessárias que demonstrem a melhoria da aprendizagem do português, o nível de receptividade e envolvimento do público-alvo, à avaliação dos jovens em relação à pesquisa e educadora e, o que se espera a partir dos resultados obtidos na pesquisa.

Além disso, apresentar-se-á algumas considerações sobre alguns caminhos percorridos durante a pesquisa e como esta me impactou em relação a minha prática educacional, como pesquisador a como pessoa.

2 - PERCURSO METODOLÓGICO: “FERRAMENTAS” *SHINOBI*

Esta seção é responsável por apresentar a metodológica etnopesquisa-formação como base que sustentará e organizará o pensamento científico para alcançar os objetivos propostos.

Visando obter respostas a problemática apresentada, teremos como orientação de base a etnopesquisa-formação por precisar descrever e valorizar o contexto e vivência dos jovens/professor participantes da pesquisa e suas experiências com o objeto pesquisado; além de esta ser uma pesquisa que estuda o ser humano na acepção coletiva; seu modo de vida, características culturais com possível flexibilização e reformulação no processo (ESTEBAN, 2010).

Não podemos esquecer que faz parte dessa pesquisa também a formação do educador de forma contínua ao possibilitá-lo pensar sobre suas ações e assim, fortalece e contribui para a pesquisa em educação à medida que permite espaços de negociações entre o professor-pesquisador e educando participante da pesquisa. Propõe-se mergulhar no cotidiano de formação da docência, enquanto fazer e refazer contínuo, ato/potência, que se constitui num dos pilares da formação continuada do profissional professor enquanto profissional reflexivo.

Por mais que haja um planejamento prévio, que leve em consideração os jovens do Projeto, suas realidades socioeconômicas e algumas vivências pessoais e, em especial que se tenha um norte e caminhos a seres seguidos (metodologias, abordagens), é de extrema importância que tais caminhos sejam flexíveis. Esta flexibilidade permite que o fenômeno vivido seja fruto também do momento, do acaso que direciona e redirecionadas as práticas, à medida que a turma necessite, proponha, exerça seu lugar de ator, desenvolva suas narrativas, seus compartilhamentos e, assim direcionem a pesquisa/ação/formação ao passo que os sujeitos, alunos e professor forem apropriando-se da aprendizagem e percebendo sua participação nela.

Foi exatamente a flexibilidade que me proporcionou incluir o *animê*/mangá “Naruto” nas minhas aulas; o ritmo de cada turma direcionou as estratégias utilizadas em aula, a cadência de debate, as perguntas e as interações em classe e, por isso, a etnopesquisa fortalece as escolhas aqui realizadas. Além disso, far-se-ão necessário, de forma imprescindível, descrever e interagir com os educandos, entender o universo que estão inseridos, as influências das narrativas *animê*/mangá em suas vidas, como

também analisar com maior profundidade e teor fidedigno os atos/potência⁵ que serão interpretados.

Por conseguinte, são necessários pressupostos epistemológicos que contribuam para o desvelar, o conhecimento concreto e profundo dos fenômenos educacionais, conhecimento prático forjado no ambiente educativo e no grupo envolvido na pesquisa (MACEDO, 2010), o que propicia mudanças e tomadas de decisões necessárias a transformação de foco e modelo educacional vigente.

Macedo (2010, p. 82) traduz perfeitamente, o desejo desta pesquisa quando diz que:

[...] a descrição etnográfica – a escrita da cultura - não consiste somente em ver, mas fazer ver, isto é, escrever o que se vê procedendo à transformação do olhar em linguagem, exigindo-se uma interrogação sobre a relação entre o visível e o dizível [...].

Verificar, identificar e caracterizar a aplicabilidade do *animê*/mangá “Naruto”, bem como suas inter-relações de receptividade e envolvimento com o mesmo, é de fato um desafio, em tentar tornar possível ser lido e visto as práticas sociais dinâmicas, únicas e peculiares de determinado grupo, neste caso dos jovens, coautores deste estudo.

A etnopesquisa-formação foi escolhida para orientar as ações da pesquisadora, pelo fato de unir, num mesmo palco, os alunos e a professora como autores de uma mesma roda de vida que num determinado momento constitui-se um movimento de desligar/ligar/religar ao todo, os delineamentos, procedimentos e mudanças necessárias durante o percurso metodológico da pesquisa. É pontualmente essa dinâmica e especificidade proveniente de cada turma, de suas reações e ações perante os procedimentos corroborados pelo tipo de pesquisa escolhida. Não se pode esquecer que o trabalho docente tem como objeto de trabalho humano e que estes têm a capacidade de resistir ou participar das interações, de aceitar ou refutar as ideias do professor (TARDIF; LESSARD, 2009). Aqui entra a importância das interações e negociações entre aluno/professor/pesquisador e os alunos participantes da pesquisa.

⁵ Entendemos que a perspectiva de movimento criativo do conceito de ato/potência descreve melhor “dados ou informações” nesta pesquisa. (MACEDO, 2010).

Para entender as influências que o *animê*/mangá “Naruto” exerce na aprendizagem de língua portuguesa, é necessário aproximar-se dos jovens, de suas crenças; saber seus gostos; compartilhar histórias, experiências, vivências e, para isso a etnografia será utilizada. Segundo Macedo (2010) tal metodologia permite que professor e aluno aperfeiçoem a observação, tenham participação reflexiva no processo educativo e transformem-se, além de “[...] permitir compreender como as relações sociais mudam, como as pessoas em formação mudam, como mudam suas visões de mundo [...]” (MACEDO, 2020, p.155-156) e como potências que surgem.

Ela permite explicar a realidade alicerçada na percepção, concedendo voz e significado aos participantes da pesquisa; justamente o que este estudo almeja. A etnopesquisa fortalece e, segundo Esteban (2010), fornece uma compreensão das experiências educacionais internamente e, por isso mesmo, possibilita desvelar o que estava oculto e não detectável tão facilmente. O que nos possibilita entender o processo de influência de “Naruto” como dispositivo pedagógico potencializador da aprendizagem da nossa língua, e diminuir a barreira existente na percepção negativa que os jovens possuem em relação a disciplina de Língua Portuguesa.

É necessário, portanto, ver, ler, fazer ver, ler sem preconceitos e, para isso, é imprescindível tê-los explícitos, como bem deixa claro Macedo (2010). É sendo conhecedora de minhas limitações sociais e de crenças, que me permitirei adentrar no universo sociocultural dos meus jovens sem críticas, julgamentos e certezas predefinidas. Para fazer parte desse universo farei uso da aproximação que a prática escolar permite: o está próximo várias horas por semana, as conversas, os diálogos, os debates, interações, encontros e desencontros, os conflitos, as reconciliações e o imprevisível.

Consegui ser aceita nas rodas de conversas e partilhas dos meus alunos/alunas por aproximar-me, compartilhei sentidos e experiências. Foi justamente esse chegar mais perto, conviver no ambiente deles que permitiu a visualização das relações discursivas, o fenômeno educacional mais profundo e não somente superficial como o aprendido na faculdade.

Ao aproximar, ao entender os significados múltiplos das relações discursivas, dos gostos e preferência envolvidos nas culturas dos jovens, novas visões sobre a mesma realidade surgem. Meu olhar mudou, meu agir e reagir também e, mais mudanças virá com esta pesquisa que por si, já necessita de aproximação, intimidade e sensibilidade para observar, compreender, ler, interpretar e vivenciar novas

realidades que aparentavam não existir, puramente por não ser visível superficialmente.

Seguindo esta perspectiva de interação, a etnopesquisa-formação vem colaborar e unificar os direcionamentos das ações necessárias, já que: “É comum que a percepção/registro dos atos/potenciais se realize mediante a utilização de métodos muitos ativos, como as discussões de grupos, os jogos de papéis e as entrevistas [...]” (MACEDO, 2010, p. 161). Por isso, será inserida por defender a perspectiva formadora da pesquisa, à medida que possibilita que o formador (professora e pesquisadora) se autoforme ao refletir sobre sua prática pessoal, profissional e em relação com o outro mutuamente (NÓVOA, 2004). Foi justamente isso que meus alunos permitiram-me fazer, ao dialogar comigo sobre *animê/mangá*, em especial, “Naruto”, eles mudaram-me e transformaram em atos potenciais da visão que eu tinha do gênero e de “Naruto”.

Por mais que se tenha ações, procedimentos e instrumentos metodológicos definidos e orientados segundo o contexto geral do universo da pesquisa, é impossível prever as nuances do processo, e é por isso, que esta pesquisa se dará no processo e pelo processo. E para Macedo (2010) é a discussão coletiva que legitima a validade dos dados, ou seja, será a interação e debate com meus educandos que validará a pesquisa e assim encontrar novas soluções para a aprendizagem das possibilidades de uso da língua portuguesa.

Os jovens são os que nortearão o desenvolvimento e evolução do estudo, bem como dos resultados que serão obtidos, mas como professora e pesquisadora participo e colaboro desse processo. Sendo assim, percebo que minha ação e prática gera conhecimento (SHÖN, 2000).

Entretanto, para o conhecimento concretizar-se é necessário que o educador esteja compenetrado em uma prática reflexiva. Ao professor é preciso permitir-se “[...] ser surpreendido pelo aluno [...]” (SHÖN, 1992, p. 82); pensar sobre, reformular o problema ocorrido e obter experiências para testar sua nova hipótese. Um professor reflexivo é capaz de tamanha proeza e praticar o processo de reflexão na ação (SHÖN, 1992). Por colocar em sua prática diária a capacidade de olhar para as suas ações e para si de forma questionadora e sincera; por levá-lo a pensar, repensar, agir, avaliar e modificar suas ações sempre que necessário; por permiti-lo visualizar e compreender sua prática de modo a criar sua identidade, sentir-se autor do processo, processo esse sempre inacabado e passível de transformações. Ações refletidas na

busca de melhores e maiores caminhos que auxiliem seus alunos na busca pelo conhecimento e na sua satisfação pessoal e/ou profissional mediante seus esforços dando mais sentido ao conhecimento.

A pesquisa do tipo etnopesquisa-formação é a que melhor se encaixa e auxilia nas tomadas de decisões que precisarão ser tomadas nesta pesquisa e, nos direcionamentos necessários para a correta leitura e interpretação dos dados quantitativos e as constantes demandas potenciais que exigirão flexibilidade e reflexões rigorosas. Já que permite, exige um interesse a dialogicidade focando uma intervenção e uma intercrítica (MACEDO, 2010).

A etnopesquisa-formação prepara o pesquisador para o inconstante, a encontrar objetos diversificados, cheios de irregularidades e provenientes de relações sociais múltiplas, de representação significativa diversa, com reações provenientes de múltiplas leituras. Leitura aqui entendida como atividade promotora da organização de sentidos de produção e reprodução estudada por Martin-Barbero (2006).

Os jovens participantes do Projeto Conectando com a Vida, provenientes de escolas públicas municipais e estaduais que constituem esta pesquisa trouxeram consigo universos próprios, peculiares, intrínseco e representativo de sua história de vida, bem como de suas relações sociais e culturais, o que faz de cada um deles um mundo diferente em “ato”. Com seus subsunçores, precisam ser conectados para possibilitar novas conexões, “potencias”, nós a serem atados as redes, união esta, há muito tempo tida e vista como incoerente, sem sentido e diferente da realidade: A Língua Portuguesa.

É exatamente estas leituras múltiplas de cada jovem que faz desse público um desafio, e requer da professora/pesquisadora um relacionamento próximo, de confiança, de trocas; além de levar o condutor da pesquisa a anotar excessivamente, mesmo que pareça ser algo normal e natural (MACEDO, 2006) e, perceber que esse “[...] fenômeno é sempre um processo de copercepção [...] Sujeitos e fenômenos estão no mundo-vida com outros sujeitos, copresenças que percebem fenômenos.” (BARBOSA; HESS, 2010, p. 8). Por esse motivo, tomamos o diário de bordo⁶ como um dispositivo importante ao possibilitar registrar e procurara reter nos atos em si, pequenos detalhes, valiosos, que poderiam se perder pelas memórias de curto prazo.

⁶ Diário de pesquisa ou Jornal de pesquisa para Barbosa e Hess (2020).

O diário guardou e gerou informações, potencias de ir além do visto, refletir, no momento do ocorrido, procurando ligar os nós do planejado, do proposto/executado e das ações efetivamente emergidas, sobre as percepções e aprendizagem vividas pelos jovens em relação à adição do *animé*/mangá “Naruto” nas aulas de Português. É prescindível por facilitar o acesso às informações, ao qual a pesquisa desenvolve-se (na sala de aula, nos corredores virtuais, nas conversas informais, nos debates, nos comentários aleatórios) que não fazem parte da coleta formal e quantitativa (TRIVIÑOS, 1987). Terá o intuito de compreender os fenômenos sociais e a totalidade do aprendizado gerado pela inserção de “Naruto” nas aulas e a postura perante a disciplina.

O diário de bordo foi um segundo ouvido, uma memória extra que auxiliará e muito nas reflexões, nas comparações e no permitir voltar, reler, analisar e compreender o que foi transformado; se foi transformado e como se deu esta transformação do ato/potência. Permitir ver-me, como defende Barbosa e Hess (2010), como um sujeito capaz de aprender a interpretar o meu interior, minha subjetividade, e o contexto social ao qual estou inserida juntamente com meus jovens; afora o “aprendizado existencial” propiciada pelo registro negociado e vivido continuamente:

Trata-se de um profundo, contínuo e sofisticado processo de negociação de sentido que o professor e aprendiz desenvolvem no decorrer de um tempo não linear e não cronológico, mas vivido, e num espaço determinado como a escola, com o único objetivo de se tornarem mais sujeitos. (BARBOSA; HESS, 2010, p. 20).

O hábito de escrever diários, comum na adolescência não fez parte de mim e não possuía significado, mas aprendi com esta pesquisa que: “Aprendemos a significar, significando.” (BARBOSA; HESS, 2020, p. 24). Mais do que isso, aprendi com minha própria escrita, percebi sua importância na minha práxis diária, intimamente e profissionalmente conectada com os meus sujeitos coautores dessa pesquisa: meus alunos. Isso porque em perspectiva de jornal, o diário de bordo:

- a) ‘Busca entender o conexo social e psíquico da pesquisa’;
- b) ‘É instrumento teórico e prático de análise’;
- c) ‘Traz para as ciências naturais a complexidade das humanas’;
- d) ‘Permite ao pesquisador perceber a complexidade como parte integrante do seu ser existencial e profissional’. (BARBOSA; HESS, 2020, p. 30-31).

Que junto com a pesquisa qualitativa fortaleceram as interpretações resultantes dessa pesquisa e que uniram cientificamente a razão, o número com a minha subjetividade de observadora, professora, pesquisadora e participante da pesquisa.

Por ser uma tarefa árdua, cansativa e muitas vezes desgastante, inicialmente foi pensando em um diário de bordo produzido com auxílio de aplicativos, que traduzisse a fala em escrita e assim possibilitar a agilidade. No entanto, por já passar muito tempo utilizando o computador para escrita, leitura, estudo e trabalho por conta da pandemia, a escrita manual permitia afastar-me do on-line, do computador e a sentir as palavras.

Um caderno personalizado, para este fim, por um amigo artista (Valmir Ramos) foi o responsável por guardar minhas impressões e dos meus jovens de cada aula. Nele, em momento de aula e ao final de cada encontro anotava toda e qualquer informação que julgasse necessário. Inicialmente descrevi o passo a passo da aula por completo; porém, com o andar das aulas e da pesquisa as anotações foram sendo realizadas de maneira mais focadas e direcionadas; por já conseguir visualizar as nuances da pesquisa com maior clareza e o que buscava provar.

Para auxiliar na escrita, foi utilizada a gravação das aulas on-line, com consentimento dos jovens. Ao término da aula, reassistia, anotando situações ocorridas que chamavam atenção e falas/comentários dos jovens; além de reações observadas e que demonstravam ser importantes. Nestas anotações também eram feitos destaques naquelas ao qual percebia como sendo mais importantes; estas foram repassadas para outro caderno e reservadas para possibilitarem um acesso rápido e melhor aproveitamento do tempo.

O que iniciou como sendo uma responsabilidade cansativa e desgastante, tornou-se um dispositivo essencial de fonte de pesquisa, pois sentimentos, momentos únicos de cansaço, euforia, tristeza, desânimo e alegria puderam ser revisitados. Diria que cada um consegue produzir o diário de maneira única, a cada aula, a forma como escrevia e fazia minhas anotações modificava-se, como se o amadurecimento da pesquisa e da professora/pesquisadora reverberasse também na escrita e na construção das informações.

A maior dificuldade encontrada em sua escrita era o cansaço inicialmente, já que queria escrever tudo da aula. No entanto, quando sua anotação passou a ter um foco mais definido e um olhar mais claro do que precisava observar, sua escrita

tornou-se tranquila e menos cansativa; sem esquecer que sua releitura propiciava momentos e reviver de emoções únicas.

É importante frisar que nem todas as aulas foram gravadas, por erros da extensão utilizada, por falta de suporte do sistema utilizado com o da extensão, ou por erro no momento de seu salvamento. Por esse motivo, fazia anotações de comentários, captura de telas do *chat*, pedia para o jovem repetir sua impressão e assim possibilitar sua escrita real, tal qual foi pronunciada.

As informações e experiências trocadas, anotadas no diário de bordo e posteriormente confrontadas foram traduzidas/dialogadas não em números, mas em interpretações fundamentadas e consistentes que o método quantitativo suporta; já os questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas que são passíveis de traduções matemáticas foram quantificados e interpretados para expor numericamente os elementos obtidos.

Sendo assim, os procedimentos contaram com o método predominantemente qualitativo, por ter análises provenientes da experiência pessoal de sala de aula que não poderiam ser traduzidas em linguagem matemática, que segundo Gibbs (2007) *apud* Creswell (2010) na confiabilidade qualitativa é visto que a abordagem do pesquisador é consistente entre diferentes pesquisadores e diferentes projetos.

Além disso, a pesquisa está organizada e direcionada inicialmente a seguir alguns direcionamentos, que como já foi explanado, poderiam e foram em muitos momentos redirecionados conforme o percurso em que os diálogos e nuances potenciais foram formados e transformados. Os caminhos escolhidos para melhor auxiliar a obtenção dos resultados, aqui buscados, são os elencados a seguir.

A pesquisa foi desenvolvida no Projeto Conectando com Vida, no Módulo de Português. A duração do Módulo, para cada turma, dura em torno de 02 meses e meio; durante o ano são 08 turmas, sendo em média: duas (02) com 25 alunos e mais duas (02) com 30 alunos cada; isso por turno. No entanto, exclusivamente este ano, 2021, as turmas precisaram ser reorganizadas devido aos protocolos de saúde exigidos; dessa forma as turmas foram reduzidas em 25% inicialmente.

Visando o bem-estar e segurança dos jovens, houve a decisão gerencial de iniciar as aulas on-line e assim possibilitar que o curso continuasse exercendo seu papel social de trabalhar competências fundamentais para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania, principalmente neste momento complexo e desafiador de pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-Cov-2.

O fechamento das escolas, decorrente da quarentena decretada pelos governos estaduais forçou o uso da tecnologia e da Internet para ter o acesso à educação. No entanto tal necessidade encontrou barreiras a serem enfrentadas: conectividade, aparelhos tecnológicos, conhecimento técnico, formação de professores, conscientização familiar, isso sem possuir tempo para um planejamento. Assim, por problemas enfrentados pelos jovens como: a falta de conexão, de aparelhos celulares ou de computadores o número de alunos participantes do Projeto 2021 ficou em média: 12 alunos para as turmas de 25 alunos e 15 para as turmas de 30 alunos.

As aulas, em cada turma, aconteciam em dias alternados. Sendo assim, a turma de segunda é, também, a de quarta, a turma de terça é a mesma de quinta. Os dias que não estão no Projeto, âncora, “Conectando com a Vida”, os jovens poderiam participar das Oficinas/Cursos oferecidos: Libras I, II e III, Artes e desenho artístico, Teatro, Comunicação e Mídia e Inglês Básico; entretanto, devido à constatação da falta de conexão e tecnológicas digitais já citadas, as mesmas foram suspensas.

Esta situação é confirmada pelo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) ao apontar que, em 2018, a etapa da educação básica é a que mais possui estudantes sem acesso à Internet, que estes fazem parte, quase em sua totalidade (95%), da escola pública e, que o ensino fundamental é o mais afetado. Justamente o perfil atendido pelo ILBJ e, conseqüentemente, participantes desta pesquisa. Mostra também, que tal problema não é local ou regional, mas nacional.

Permite-nos inferir que se em 2018, os dados já apontavam essa desfavorável realidade, em 2020, com familiares perdendo emprego, falecendo e/sem possibilidade de manter o sustento familiar, a situação tendeu fortemente a ser mais prejudicial aos estudantes, da rede pública do ensino em todo o Brasil. Tal resultado, também, nos permite concluir que são os vulneráveis economicamente os mais afetados.

Em ambos os casos: participantes do ensino fundamental e médio (nosso público) e/ou os jovens pobres representa em 100% o público atendido pelo ILBJ. Assim, fica claro perceber que a redução drástica do número de jovens é devido à falta de instrumento tecnológico necessário à sua participação.

Foi com essa realidade que o Módulo de Português iniciou seu caminho *Shinobi*⁷: uma conversa informal, com o intuito de conhecer e ser conhecida por eles;

⁷ Modo de vida, lema, sonho ou regra pessoal que cada *shinobi* (ninjas) ou *Kunoichi* (feminino) escolhe seguir, acreditar ou viver, no *animê*/mangá “Naruto”.

seus anseios, perspectiva com a disciplina e educadora; seus principais desafios; criar um vínculo inicial com a turma; além de explicar e convidá-los a participarem da pesquisa envolvendo o *animê/mangá* “Naruto”.

Tal aproximação serviu de explicação e orientação para responderem o questionário on-line I (Início de uma História) com finalidade de conhecer os perfis, suas relações com sua vida emocional, o conhecimento a respeito do gênero a ser trabalhado (*animê/mangá*) em especial “Naruto”, bem como o conhecimento acumulado do português.

Este primeiro caminho permitiu o norte inicial da pesquisa, pois permitiu a visualização inicial de cada turma e jovem, sua postura inicial com a disciplina, suas dificuldades de comunicação, escrita, o que dominam e os subsunçores necessários para posterior entendimento dos conteúdos a serem apresentados; entre outras especificidades que o momento propiciou como as dificuldades de acesso a plataforma a ser utilizada nas aulas (*Meet*) e para as atividades (*Google Sala de Aula*), por não possuírem memória suficiente em seus celulares, por não saberem utilizar as plataformas, por não possuírem e/ou não se lembrarem de seu endereço de e-mail (do tipo *gmail*) e por terem acesso a conexões lentas que não permitiam sua participação eficaz.

Para ajudar estes, foi organizada uma monitoria com os jovens que possuíam maior experiência com as plataformas para auxiliar os demais colegas, organização feita nos momentos tiras dúvidas após a aula. Ficou acordado que os jovens que já tinham conhecimento e habilidade com o *Google Sala de Aula* e o *Meet* dariam apoio e suporte aos que não possuíam via grupo de mensagens instantâneas via aplicativo *WhatsApp* (de sua respectiva turma) e, que a professora seria uma terceira via, caso precisassem. Nos grupos foram indicados os jovens que auxiliariam (monitores) e compartilhados materiais, explicações sobre as dúvidas que foram surgindo; em duas turmas houve o compartilhamento de um passo a passo com auxílio de capturas de telas (feitos por alguns monitores) para orientar os jovens que não conseguiam e/ou não sabiam anexar à atividade, baixar imagens, fazer comentários entre outras dificuldades, capturas de telas estendidas às demais turmas como suporte.

Em uma turma, o *Meet* foi substituído pela chamada de vídeo do *Facebook*, pois uma das *kunoichi* não possuía espaço suficiente para baixá-lo. A substituição foi negociada, entretanto a participação da mesma ainda foi complicada devido a

distância que precisava percorrer para ter acesso a conexão com Internet (casa da tia) e pela baixa qualidade de sua conexão.

É importante frisar que a pesquisa, os caminhos *shinobi* escolhidos e as aulas do Módulo estão associados e, que é justamente a inserção do objeto como dispositivo pedagógico que ela se insere. Sendo assim, depois de algumas aulas com os jovens, foi aplicado o segundo caminho *Shinobi*: a autobiografia, para captar o perfil de conhecimento das regras gramaticais, uso e semânticas da língua portuguesa; do mesmo modo que permite conhecer melhor o educando; entender sua vivência e experiências; além de sua capacidade de introspecção e escrita. Este caminho colaborará com o diálogo inicial e questionário a ser aplicado e assim, junto possibilitarem uma leitura mais fidedigna da realidade linguística, emocional e cultural dos jovens.

Dando continuidade, com o segundo caminho *Shinobi*: gênero *animê/mangá* “Naruto” em forma de capítulos e episódios, memes, interpretações feitas por fãs/estudantes e compartilhadas no *Instagram*, *Facebook*, blogs e comunidades, voltadas ao nosso dispositivo. Pretendeu-se com isso, contextualizar a narrativa midiática ao contexto da disciplina de Língua Portuguesa, fazer inferência e comparações com a realidade pessoal, possibilitada pela linguagem atual e próxima da realidade consumida, pelos jovens, do gênero em questão.

O terceiro caminho *shinobi* foram os conteúdos trabalhados sob o viés do gênero citado: Processo de Comunicação, Variação Linguística, Função da Linguagem, Figuras da Linguagem, Classes Gramaticais, Dificuldades Ortográficas, Acentuação e o Novo Acordo Ortográfico, que já fazem parte do Módulo, não sendo preciso alterar qualquer planejamento interno da instituição.

Como se deu inclusão do dispositivo? Foram utilizados como instrumentos de fusão:

- Frases;
- Palavras;
- Imagens de personagens;
- Rap voltado aos personagens;
- *Gifs* de personagem;
- Objetos do *animê/mangá* “Naruto”;
- Leituras de capítulos do mangá “Naruto” em meio eletrônico, fornecido gratuitamente;

- Episódios do *animê* Naruto on-line;
- Comparações entre o enredo do mangá e do *animê* “Naruto”.

Trabalhou-se também as percepções das mudanças dos usos formais/informais no enredo midiático, as intenções de falas da linguagem proveniente do mangá e do *animê*; as interpretações, as reflexões e as inferências das narrativas lidas e/ou assistidas.

Além de comparações de ações e tomadas de decisões do personagem principal e alguns secundários de “Naruto”; questionamentos sobre as relações fictícias e a realidade; visualização do poder da argumentação e do discurso nas falas, principalmente dos governantes e seus conselheiros no *animê*; fazer relações da importância de estudar a língua (representação da nossa identidade) com a força de vontade e necessidade do protagonista de treinar; refletir sobre a importância e os porquês de estudar; aprender os possíveis usos da nossa língua; como também, da possibilidade de adequar sua linguagem conforme seus interesses e públicos.

Durante as aulas, nas explicações dos conteúdos, as relações, interpretações, os exemplos, as comparações e as reflexões foram realizadas de forma concomitante.

Utilizando-se da intimidade com o gênero e de sua aceitação, utilizamo-lo como subsunçores (conhecimentos relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva dos jovens) que definem hierarquias conceituais constituintes de experiências sensoriais de cada educando (AUSUBEL, 1982) e, assim propiciar a quebra de barreira para o entendimento da língua materna. Já que segundo Ausubel (1982) as novas ideias (as regras e uso linguístico) serão mais bem apreendidas buscando relacionar o que já existe e muito significativo para o indivíduo, com as novas informações, o que proporciona uma ancoragem conceitual.

Ao trabalhar com subsunçores, já existentes na estrutura cognitiva dos jovens (a cultura nipônica representada pelo *animê*/mangá “Naruto”), partimos do conhecimento de conceitos gerais (internalizado pelo educando) para a construção de novas conexões conceituais (o aprendizado das possibilidades da língua), facilitando sua compreensão e tornando seu aprendizado significativo. A aprendizagem significativa aqui entendida como processo pelo qual as informações novas se processam substantivamente (não literal) e não arbitrária, nas estruturas de conhecimento do indivíduo (MOREIRA, 1982).

Durante o quarto caminhos *shinobi* do projeto, cada jovem construiu um mapa mental dos aprendizados, conquistados particularmente, que apresentado a classe,

no fim do módulo pelo próprio que, também, escolheu a forma e linguagem de sua apresentação.

O terceiro e o quarto caminhos *shinobi* foram os de maiores durações de trabalho com os jovens, pois requereram uma atenção e maior sensibilidade aos detalhes, as histórias contadas, as experiências compartilhadas e as inferências realizadas. O diário de bordo do professor pesquisador foi utilizado em todos os momentos como suporte de armazenamentos de informações cotidianas da sala de aula que podem ser facilmente esquecidas ou vistas como sem importância: toda e qualquer informação que representasse inquietações e transformações minhas e de meus jovens; além de minhas reflexões, meus questionamentos, angústias e satisfação.

O quinto caminho *shinobi* foi a reaplicação do questionário on-line com os alunos para confrontar os dados obtidos em sala de aula, presencialmente, oralmente e em forma escrita, com as respostas obtidas nas perguntas abertas e fechadas, referentes à temática desta pesquisa.

O sexto Caminho *shinobi* foi a realização de uma avaliação (sem identificação) das aulas, da educadora e da metodologia aplicada em forma de notas de 0 a 10, aos quais os personagens coautores da pesquisa exerceram o papel de professores e deram a nota segundo a sua concepção. Para não aumentar o número de atividades e ao mesmo tempo colocar-me no lugar dos educandos, a avaliação será acrescentada aos questionamentos finais que confrontará os dados iniciais.

Mais uma vez aqui a metodologia e abordagem selecionada para esta pesquisa colaborará; já que proporciona o pesquisador a pensar sua práxis e a remodelar suas ações futuras.

O sétimo e último caminho *shinobi* será a análise dos dados referentes as conversas informais, em grupos e individuais; as experiências, reflexões, comparações, avaliação e inferências realizadas; e o confronto destes com os dados obtidos pelos questionários on-line. Este estágio é o que dará forma ao resultado da pesquisa e que possibilitará, concretamente, a visualização dos resultados; permitirá a leitura do processo e do efeito que o estudo conseguiu desvelar.

Aqui entrará a interpretação e reflexão dos dados quantitativos obtidos com auxílio das gravações realizadas nas aulas em que o aplicativo utilizado permitiu (já que o mesmo e outros testados apresentavam erros e problemas ao salvar o arquivo

final) e repassadas ao diário de bordo, da autobiografia produzida, das anotações do diário de bordo e do mapa mental construído. Isso para proporcionar uma conclusão que tenha rigor e autenticidade com a realidade estudada.

A metodologia de análise que foi estruturada a partir dos atos que apareceram durante a pesquisa (ações cognitivas de aprendizagem), numa perspectiva significativa e num segundo momento as potências, o que estamos definindo como o que emergiu das práticas tanto dos alunos quanto do professor neste diálogo mediado pelo *animê/mangá* e que atuou no processo de aprendizagem dos conteúdos como subsunçores.

Organizei as leituras dos materiais coletados baseados nos dispositivos utilizados: autobiografia, mapa mental, gravação, diário de bordo e questionário, descartando o que não foi pertinente para a análise das percepções das influências (negativa ou positiva) do *animê/mangá* “Naruto” na aprendizagem do português.

a) A ideia inicial era: com os materiais escolhidos em mão seriam observados os conhecimentos prévios dos alunos na disciplina, a seguir seria classificado o seu conhecimento prévio como: Inseguro (Frequente desvios da língua culta em diversas modalidades da língua), “Escasso” (Muitos desvios da língua culta, mas em modalidade iguais), “Regular” (Alguns erros de ordem diversa da língua culta), “Apropriado” (poucos erros e de ordem específica da língua culta) e “Surpreendente” (Raros erros, surpreende a professora) – Categorização.

No entanto, com a totalidade das aulas on-line devido à quarentena imposta pelos governos estaduais, os materiais necessários e de suportes para tal categorização não foram suficientes e muitos (a exemplo do mapa mental e autobiografia) foram impossibilitados de serem coletados, pelos fatores já mencionados. Por isso, análise de aprendizagem baseou-se nas devolutivas dos exercícios e atividades propostas e nos *feedbacks* recebidos.

b) As informações reunidas foram lidas e relidas, observadas particularidades, necessidades de mudanças e adequações. Neste ponto foram identificados os atos provenientes do processo da pesquisa, os critérios a serem seguidos e que se tornaram noções subsunçoras significativas (MACEDO, 2000), como pré-análise e, contatos preliminares com o material informacional.

c) Com as leituras preliminares realizadas foi organizado o Quadro 1 (ver abaixo) de anotações consideradas por Macedo (2000) unidades de

contexto/unidades de significação, que circundava o contexto da pesquisa em ato/potenciais:

Quadro 1 - Percepções/ reflexões preliminares

Percepções – questionário I/ contato inicial
Medo.
Desconhecimento de conceitos básicos da língua: língua x fala, formal x informal...
Desconhecimento da mutabilidade da língua.
Desconhecimento das regras de separação silábica.
Desconhecimento das variantes da língua.
Timidez.
Insegurança.
Desconhecimento do preconceito linguístico.
Falta de percepção das proximidades e discrepância existentes em nossa língua/vida.
Desconhecimento da diferença: Vogal x consoante Encontro vocálico x encontro consonantal.
Reconhecimento da importância do estudo do português na vida profissional.
Desejo de aprender.
Desconhecimento da praticidade de estudo do português para a vida pessoal.
Trabalho em equipe ao qual só o visto como inteligente lidera e distribui tarefas prontas e acabadas.
Falta do conhecimento das regras de translineação.
Não recordar da sílaba tônica e sua classificação.
Falta de percepção da necessidade de mobilização de conhecimento múltiplo em prol de um objetivo.
Falta de perspectiva de futuro e/ou de planejamento, visualização da realidade e necessidades.
Conhecimento do animê/mangá em geral e de “Naruto”.
Falta de definições de: nomear, caracterizar, subordinar/estar subordinado, acompanhar, substituir, ação x estado, ter sentido x não ter sentido, ligar algo x fazer parte, mobilizar x imobilizar, hierarquia, relacionar, canal...
Erro como algo ruim e vergonhoso.
Predisposição em aprender com o novo dispositivo: Animê/mangá.
Desconhecer a diferença de realizar ação e sofrer ação – sujeito.
Não conhecer número, pessoa e gênero em Português.
Acreditar que nunca entenderia português.
Acreditar que não sabe e não usa o português “correto”.
Estudar apenas para passar de ano.
Não ver relação do animê/mangá “Naruto” com o estudo e/ou com a língua portuguesa.
Acreditar que o português correto é apenas o que segue as regras gramaticais.

Fonte: Diário de bordo da pesquisadora (2021)

d) A próxima etapa foi reorganizar as informações reunidas e as percepções/noções subsunçoras (MACEDO, 2000), que abrigam sistematicamente as informações que emergiram no campo de pesquisa com auxílio do *animê/mangá* “Naruto”; fruto da interpretação das informações que possibilitou atos transformarem-se em potências comunicativas que habitaram na interação social professora/jovens/pesquisadora. Assim, revelaram-se como noções subsunçoras: no emocional e no gramatical:

Quadro 2 - Noções subsunçoras

Noções subsunçoras – durante o percurso	
Emocional	Gramatical
Coragem	Conhecer a possibilidade de adequar a língua em cada situação social.
Esforço	Conhecer a necessidade de mutabilidade da língua.
Reconhecimento da importância de estudo do português na vida profissional e pessoal.	Conhecimento do preconceito linguístico.
Felicidade em aprender	Percepção de algumas variantes da língua.
Necessidade de participação do processo para um trabalho em equipe.	Comparar proximidades e discrepância existentes em nossa língua/vida.
Percepção da possibilidade de mobilização de conhecimentos gerais em prol de um objetivo.	Percepção da diferença de intensidade de pronúncia das sílabas e sua ordem na palavra.
Percepção da importância de buscar conhecimentos múltiplos que os auxiliem em seus objetivos.	Atentar-se para a separação das palavras no final das linhas de um texto.
Noção de futuro, da necessidade de planejamento, foco e estudo para alcançar objetivos.	Diferenciar o som vocálico e consonantal.
Percepção da possibilidade de aprender com animê/mangá, filmes, séries, novelas, livros...	Ter claro as definições: nomear, caracterizar, subordinar/estar subordinado, acompanhar, substituir, ação x estado, ter sentido x não ter sentido, ligar algo x fazer parte, estado (condição, situação, circunstância) x estado (nação, país), determina z indeterminar, concordar x discordar, modificar x modificadores, mobilizar x imobilizar, hierarquia, relacionar, persuadir, informar, canal...

Utilização de personagem (“Naruto”) como fonte de inspiração e/ou de compreensão do meu eu.	Diferenciar o realizar ação x sofrer ação – sujeito
Possibilidade de avaliar e reavaliar escolhas, erros e acerto na vida.	Entender número como plural e singular, pessoa como eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas e, gênero como masculino e feminino.
Confiar em seu potencial.	Percepção que o português nos representa.
Arriscar tendo como o foco acertar.	Visualizar o português em tudo que nos rodeiam.
Desafiar-se	Acreditar que pode aprender as regras gramaticais da nossa língua e que consegue refinar a cada dia seu uso.
Aceitar desafio	Reconhecimento das dificuldades de entendimento e suas causas.
Desafiar	-
Perceber a necessidade de constante evolução.	-
Importância de evoluir sempre	-
Importância de “treinar”/estudar	
Importância do erro para crescer.	-

Fonte: Diário de bordo da pesquisadora (2021)

e) por último, mas não menos importante, foi realizada a interpretação das noções citadas, as melhorias ocorridas pelo uso do *animê*/mangá “Naruto”, sua receptividade e grau de relação com o gênero trabalhado.

2.1 – Vivências da Etnopesquisa-formação – o cotidiano do “vir a ser” docente-*sensei*

Não é o pesquisador que escolhe o método e metodologia, mas a pesquisa que as reivindica. Por isso, os objetivos, o objeto e o percurso metodológico precisam casar-se, necessitar-se mutuamente unir-se em prol de um foco: executar a investigação científica com êxito.

Para responder à problemática e alcançar os objetivos propostos foi fundamental seguir alguns caminhos *Shinobi* e, por se tratar de uma pesquisa imersa no campo das ciências humanas de cunho qualitativo, tomou como princípios direcionadores da etnopesquisa-formação. Por enquadrar-se perfeitamente aos moldes requeridos para obtenção dos objetivos aqui propostos, propor e valorizar as

vivências, o contexto do público pesquisado; além da formação do educador, a flexibilização, as negociações, a incompletude das ações sem descuidar do planejamento direcionado. Isso traduzindo em dados não quantificáveis, mas dialéticos.

A etnopesquisa-formação já estava em minha pesquisa antes mesmo de ser concebida, já que foi “ouvindo” meus alunos e seu interesse pelo *animê/mangá* que o desejo de seu estudo surgiu, que o meu interesse modificou e seu uso passou a fazer parte das minhas aulas. Em um processo de negociação entre jovens e professora o universo nipônico passou a povoar minha sala de aula, ou seja, foi na vivência alunos/professora e seu gostar/amar deste ramo da cultura japonesa que esta pesquisa iniciou (ESTEBAN, 2010).

Foi neste momento que como professora sentir-me vulnerável, mas aprendi e cresci como professora. O precisar aliar as conversas aleatórias sobre personagens, poderes e fases fez-me perceber a minha necessidade, fez a fragilidade momentânea transformar-se em oportunidade. Aqui meu conhecimento acadêmico adquirido na universidade foi colocado a prova, bem como minha capacidade de flexibilização, de mudanças e de adaptabilidade.

Claro que o fato de gostar do assunto da conversa aleatória ajudou e muito na minha resposta frente ao problema, no entanto, os jovens também têm grande parcela; foram eles que direcionaram os caminhos, eu apenas seguir a rota colocando itinerários diversos e assim a trajetória modificava-se a cada aula, a cada turma, a cada pergunta e era aliada aos conteúdos das aulas de Português

Essa necessidade de flexibilização, pensar na educação não como algo fixo e determinado, mas um compromisso responsável que leve em consideração o momento de dificuldade econômica pandêmica, a falta de conexão, as dificuldades de manuseio dos jovens com as plataformas utilizadas, os obstáculos para a aprendizagem e, com isso abrir espaços para o desenvolvimento tanto para os educandos quanto para o educador-pesquisador que faz dessa pesquisa uma etnopesquisa-formação. Foram os detalhes que me levaram a chegar perto dos meus alunos, foi o considerado trivial e sem significado que me permitiu ser aceita no círculo de conversas e foi esse processo que criou laços necessários no processo ensino-aprendizagem.

Para que a aprendizagem aconteça não é necessário apenas o vínculo, mas planejamento, reflexão, uma ida e vinda infinita, constante que busque falhas, acertos, evoluções e visualizações futuras que moldem, adequem a aula, a explicação a turma, a determinado aluno e a situação do dia. Visto que a mesma aula, seguindo o mesmo planejamento e conduzida pela mesma professora, seguirá caminhos diferentes, obterá resultados diversos e, é provável que seja eficaz em uma turma e ineficaz em outra.

Essa percepção de mudanças de ritmo, de envolvimento com o gênero e conseqüentemente com a disciplina e com a professora, mas a manutenção de seu conhecimento e comentários sobre, chamaram-me atenção e suscitou o interesse de conhecer cientificamente esse processo. Visualizar e presenciar um fato são diferentes de analisar, planejar, aplicar e colher dados sobre o mesmo com um objetivo fixo.

Aqui entra o planejamento. Mesmo tendo um planejamento anual, pensado, organizado e discutido o mesmo não continha objetivos claros, definidos e focado; seu direcionamento seguia um olhar mais amplo e apenas circulante aos direcionamentos institucionais. A partir do momento que nasce o desejo de estudar esse movimento, o olhar sobre os jovens já muda, os direcionamentos de atenções modificam, novas ideias surgem, mas nada com planejamento prévio, seguindo apenas a intuição, a experiência de sala de aula e empolgação de perceber algum engajamento com a disciplina.

Neste momento, também surgiram críticas, perguntas e observações negativas do tipo: “Seus alunos comentaram que você gosta de desenho animado e que fala muito deles em suas aulas”, “Cuidado, se a diretora souber que você tira uma parte de sua aula para falar sobre desenho animado, ela pode achar que você está enrolando.”, “Sinceramente, acho uma perda de tempo usar desenho nas aulas, você deveria focar mais na gramática, mas você quem sabe.”, “Sei que a aula é sua, mas você é nova na profissão e vai perceber em breve que essa empolgação dos alunos é por pouco tempo e já eles voltam a falar mal de você, aluno é sempre assim.”, “Você sempre usa desenhos para dar suas aulas?”, “Você usa os exemplos do Japão para deixar os alunos quietos?”, “ Para que você usa a cultura japonesa?”, “Não venha me dizer que você acredita que os alunos realmente aprende português com esses desejos sem proporção”.

Mesmo tentando explicar que não falava somente sobre desenho, usava-os para continuar a aula, chamar atenção dos jovens e assim fazê-los prestar atenção na aula, meus colegas professores não aceitavam ser normal e produtivo minha didática. “Em forma de “brincadeira”, meus colegas começam a colocar-me apelidos do tipo “A amante dos desenhos”, “A mãe dos alunos”, “A novata salvadora”, “A sempre por fora de tudo”, “A que não se mistura” e outros.

Isso porque pouco a pouco fui trocando os intervalos da sala dos professores pelas conversas de corredores com os alunos, isso no início de minha vida acadêmica que me deu a oportunidade de conhecer, ser conhecida e conhecer o poder de negociação com meus alunos (as). Não achem que fui eu que decidi ficar com os jovens ao invés dos professores. Aos poucos fui percebendo que ficava presa nos corredores e nas conversas deles, o intervalo passava e eu ainda não tinha chegado à cantina e, a escola não era grande.

Depois, nem da sala eu saía, era tocar e alguns jovens aproximavam-se, fazia alguma pergunta sobre os personagens favoritos e esperava ansioso pela minha resposta, este dava coragem para o amigo se aproximar, rir da minha resposta, fazer outra pergunta e assim, sem perceber eu estava rodeada de alunos (as) da minha turma ou de outra que preferiam ficar na sala comigo.

Minha primeira experiência como professora foi na escola que iniciei minha vida estudantil, aquela ao qual nunca me repreenderam a pronúncia equivocada do “l” alveolar. Sentir-me orgulhosa em voltar como professora na minha escola, reencontrar alguns professores, mas agora como colegas, no entanto para alguns desses a recíproca não foi a mesma. Ao passar dos anos como professora fui percebendo que minhas “ideias”, minha “energia” não tinha diminuído como tinham previsto e comecei a “acostumar” com a profissão, que as afirmativas e críticas recebidas não condiziam sempre com a realidade, que muitos jovens conseguiram me surpreender. Estava no lugar certo?

Mas me faltava técnica, conhecimento científico. As poucas formações que a escola ou a Secretaria de Educação promoviam não eram para todos os professores, sorteavam-se duas ou três vagas por escola e como meus colegas não gostavam de participar eu era beneficiada em ser a representante da escola. Mesmo assim, não conseguia evoluir, pensar a sala de aula de outra forma, sendo sincera: As formações não acrescentavam muito ou não condiziam com minhas expectativas, assim,

mantinha-me levando as turmas e minhas aulas baseadas em meus conhecimentos adquiridos na faculdade e com as experiências diárias.

O que me restou foi continuar estudando, então assim que me formei entrei imediatamente em uma pós-graduação que focava nos estudos linguísticos e literários aplicados ao ensino de língua portuguesa, não sendo o que queria, anos após ingressei em mais uma especialização voltada aos direitos infanto-juvenis, e por último em outra com foco no Ensino Técnico. Não era suficiente, pois não conseguia aliar ao que eu fazia nas aulas e acreditava dar certo.

Foi quando decidi fazer um mestrado, já que percebi que mais uma especialização seria inviável. Neste processo fui conhecendo autores que pareciam querer fazer-me ver que tudo que eu acreditava estava errado e isso tirava meu chão, chateava-me, não concordava.

Mas em pouco tempo percebi que ali estava o que eu procurava: a cientificidade que faltava na minha prática. Mesmo sem estar no mundo da pesquisa, passei a ver a sala de aula por outro ângulo, agora tinha autores que davam nomes a algumas coisas que eu percebia, mas não sabia por que aconteciam e como repetir o mesmo resultado. O observar, o foco do planejamento, o pensar sobre o processo e seus resultados, o comparar resultados, rever estratégias, testar novos caminhos passaram a fazer parte de minhas aulas, mas ainda faltava algo.

Nas disciplinas os caminhos passaram a ter contornos, a ganharem formas. Agora que tinha o objeto de pesquisa, o instrumento “potencializador” e autores que respaldavam o uso do *animê*/mangá e do trabalhar a disciplina de outra forma sem ser acusada de querer “sentar na janela”, poderia pensar nas estratégias.

Assim nasce os caminhos metodológicos necessários e seguidos para que esta pesquisa possa ser realizada. Antes de tudo, passei a avaliar meu público, mesmo tendo a certeza de que a cada ano, turma e aula, os jovens modificam-se, respondem aos estímulos de maneira diferente.

Primeiro desafio era aliar o planejamento base do ILBJ ao meu desejo de trabalhar com “Naruto” em minhas aulas. É válido salientar que o uso deste já era feito, mas não seguia uma ordem, um refletir, uma organização focada e não possuía objetivos claros e definidos em seu uso. Então era essencial inserir “Naruto” no planejamento.

Com o foco em mente era essencial, inicialmente, saber o que queria alcançar, onde queria chegar; já que percebia, através das experiências, que as narrativas provenientes do *animê* e mangá “Naruto” poderia contribuir para a melhoria da aprendizagem da língua portuguesa.

Para compreender o *animê*/mangá como dispositivo potencializador da aprendizagem de língua materna é necessário uma trajetória específica que orientasse a pesquisa, para isso, é fundamental identificar as inter-relações receptivas e envolvimento dos jovens com *animê*/mangá “Naruto” no processo de aprendizagem de língua portuguesa a esta resolução.

Era a vez de pensar sobre os caminhos a serem seguidos. Com o planejamento da disciplina em mãos (planejamento discutido, organizado e construído em consenso das três educadoras de Português do ILBJ). Cada aula foi pensada de forma que o dispositivo fosse acrescentado e modificasse o mínimo possível a base do planejamento principal. Tal preocupação devia-se ao fato de as três educadoras trabalharem alinhadas independentemente do turno e turma. Qualquer alteração na estrutura base do planejamento levaria minhas colegas a serem forçadas a mudar, precisaria de seus consentimentos. Também não poderia esquecer que:

Como todos os trabalhos na sociedade atual, a docência se desenvolve num espaço já organizado que é preciso avaliar; ela também visa a objetivos particulares e põe em ação Conhecimentos e tecnologias de trabalho próprias; ela se encaminha a um objeto de trabalho cuja própria natureza é, como veremos, cheia de consequência para os trabalhadores; enfim, a docência se realiza segundo um certo processo do qual provêm determinados resultados. Organização, objetivos, conhecimentos e tecnologias, objetos, processos e resultados constituem, conseqüentemente, os componentes da docência entendida como trabalho. (TARDIF, 2009, p. 39).

Sabendo disso e objetivando modificar o mínimo possível do planejamento principal do ILBJ, limitei-me a aplicabilidade das unidades que envolveria “Naruto”. Ao terminar todas as unidades e aulas do planejamento, inseridos exemplos, jogos, frases, textos, episódios, capítulos e demais estratégias, deu início a construção dos materiais de apoio para cada aula: impressões, placas, jogos, *slides*, escolhas de episódios e capítulos, especificação do tempo de cada atividade, a sequência e tudo que fosse necessário.

Este planejamento foi feito somente por mim por conhecer os objetivos almejados e por ser de minha responsabilidade a pesquisa, e era minha responsabilidade também, complicar e modificar, o mínimo possível, a estrutura de planejamento da instituição. Por conta da pandemia, ficaram trabalhando apenas um educador por módulo, sendo assim, os demais tiveram seus contratos suspensos por 2 meses e após receberam reduções seguindo as diretrizes do governo federal, voltando ao trabalho apenas no final de 2020.

No final de 2020, com o planejamento organizado e tarefas prontas foi apresentado as minhas colegas que precisavam avaliar e concordar, bem como a gerência. Com a esperança de voltarmos presencial e finalizar algumas reformas estruturais, a gerência adiou o início das aulas. Até este momento, o planejamento ainda era para ser aplicado presencialmente.

Por conta da pandemia e para organizar melhor as aulas on-line foi adiado o início das mesmas para primeira semana de abril. Em março de 2021, o planejamento foi reformulado, explanados as professoras e tirado as dúvidas. Além de sugerir capítulos e episódios que elas poderiam assistir e ter acesso para entender melhor a narrativa e nuances incorporada no planejamento. Sentir preocupação, e para aliviar essa tensão orientei-as a instigar os jovens, seus conhecimentos a respeito de “Naruto” e de *animê* em geral, e que seria provável que os jovens direcionassem a conversa, explicassem a história e tirasse as dúvidas; além de trazerem teorias criadas por *sites*, *YouTuber* e *fandom*⁸.

Na semana seguinte, uma das professoras, chegou sorrindo e falando que a sobrinha tinha tranquilizado-a dizendo que não se preocupasse porque sabia tudo sobre “Naruto” e que já tinha explicado muito sobre. Esta notícia acalmou um pouco minha preocupação e deu um ânimo a mais. Com o planejamento pronto, colegas alinhadas e coesas; agora é só aplicar.

Enquadrados em escolas de cursos e particulares, no início do ano, segundo decreto do governo, era permitida a volta presencial com 70% da capacidade, reduzida para 50% e proibição total. Com essa notícia, a gerência resolveu iniciar as atividades on-line. Para isso, todos os educadores se reuniram e decidiram o uso do *Meet* para realização das aulas, o *Google Sala de aula* para atividades e o *WhatsApp*

⁸ Nomenclatura utilizada e popular em redes sociais digitais (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*) aos Grupos (coletivos, comunidade) de fãs de terminado gênero.

para informações e dúvidas por já serem usadas pelas escolas públicas as quais os jovens fazem parte.

Visando o lado pedagógico e a realidade de acesso à Internet dos jovens assistidos pelo ILBJ, também foi decidido a logística base para a realização das aulas, ficando acordado o seguinte: 1 hora de explicação do conteúdo, espaço para os jovens responderem atividade referente ao conteúdo explanado pelo *Google Sala de Aula* (maior parte da aula), tirando as dúvidas com auxílio do *WhatsApp*, e nos últimos 40 minutos voltava-se ao *Meet* para corrigir a atividade e/ou tirar as dúvidas e dificuldades na resolução da atividade. Esta resolução foi feita uma semana antes de iniciarmos as aulas. Planejamento, mais uma vez precisou ser adequado.

No entanto, este modelo trouxe um problema novo a ser resolvido: adequar o tempo reduzido com os jovens para explicar o conteúdo, aliar a “Naruto” e conseguir o contato, a confiança necessária à etnopesquisa-formação. Com este foco, fui revisando cada atividade e passo descrito no planejamento, detalhando na descrição das atividades e pensando soluções, adequação para o modelo on-line. Algumas atividades foram adequadas, outras precisaram ser substituídas e algumas retiradas por conta do tempo destinado a aula e do formato.

Neste percurso de planejamento não foi somente o planejamento que mudou, meu eu de pesquisadora, professora e pessoa era desafiada a todo o momento; levada a buscar alternativas, a pensar diferente, a pensar como os meninos e meninas atendidos pelo ILBJ, a mudar. Precisei reinventar-me algumas vezes, parafraseando Macedo (2010) passei por uma auto-organização ao pensar, ao (re)significar minhas próprias práticas como professora-pesquisadora. A voz da Formadora Vera Tindó⁹ ecoava em minha mente: “Como podemos fazer isso de maneira diferente?”.

Não posso deixar o meu eu de fora desse processo, que como qualquer outro ser humano também sofria e se indagava qual o desfecho da situação pandêmica por qual estávamos passando, mas que também ajudou a refletir a situação que os jovens estavam vivendo. Assim, profissional, pesquisadora e cidadã fundiam-se, formavam-se em pró de um ensino significativo para os jovens que iriam ser entregues aos meus cuidados pedagógicos.

⁹ Professora Me. Vera Tindó que desde 2016 acompanha os educadores do ILBJ com formações direcionadas a realidade dos jovens assistidos. Esta, em toda a formação continuada orientou-nos a pensar diferente, a buscar alternativas, a adaptar, buscar soluções e fazer o que é possível com o que temos e podemos conseguir, sem deixar de acreditar que novas nuances poderíamos encontrar.

Todo esse percurso mostra que: “[...] a atividade docente no contexto escolar não tem nada de simples e natural, mas é uma construção social que comporta múltiplas facetas e cuja descrição metódica implica necessariamente em escolhas epistemológicas” (TARDIF, 2012 p. 41). Escolhas realizadas com bases nas experiências de sala de aula, de vida, de formações, de estudos acadêmicos e de pesquisas.

A educação e a *práxis* educativa é um mundo de possibilidades para o educador, este por sua vez, constantemente se forma ao formar seus alunos e, quando permite-se refletir sobre sua prática, sobre o processo educativo e sobre alternativas para os problemas de sala de aula e fora dela, modifica-se. Por isso, não é tão simples ser professor; nossas escolhas que direcionam a aula, o rumo e até o gosto pela nossa disciplina, sua visão significativa ou desnecessária, as atividades e quais habilidades focar, a metodologia e dispositivos adotados, fazer tantas escolhas é complexo e essencial.

Mas não somente de planejamento vive uma pesquisa. É fundamental que existam instrumentos que sirvam de suporte e colabore com e para a pesquisa, seja em sua escrita, em seu desenvolvimento, em sua prática e ações, em seus direcionamentos, em suas melhorias, em sua construção de informações e/ou em suas reflexões posteriores.

A abordagem etnográfica voltada para a epistemologia qualitativa necessita de recursos que reconheçam as mudanças das relações com a aprendizagem, com a visão de mundo, com a realidade escolar dos jovens aqui representados, isso conectado com o dispositivo utilizado (MACEDO, 2010). Nesse sentido, dispositivos como: mapa mental e autobiografia (pertencentes ao planejamento base do ILBJ), diário de bordo, autobiografia, conversas informais, questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, debates em grupos e apresentações individuais e coletivas foram escolhidos como recursos fortalecedores para verificar e compreender a aplicabilidade, as inter-relações de receptividade e as práticas docentes em relação ao *animê*/mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem significativa da língua portuguesa.

Para isso, foram necessárias interpretações das nuances compartilhadas, vividas em conjunto (professora, pesquisadora, alunos), sensibilidade para sentir e

coragem para mudar mediante as exigências da turma, do jovem, do momento. Isso sem deixar de refletir, de negociar e conciliar caminhos.

A aula dada em uma turma, não seria exatamente igual a outra, as atividades para o mesmo conteúdo, por vezes, foram transformadas; por necessidade questionada e exigida pela turma, a exemplo da atividade referente a aula “Narração e autobiografia” em que estava planejado utilizar os episódios 11 e 12 do Clássico e seu respectivo capítulo 19 e 22 como exemplo de narração, mas com o envolvimento dos jovens da turma “N1” e “N2” eles foram substituídos pelo episódio 31 do *Shippuden*.

A mudança exigida pelo andar da aula teve como resultado comentários positivos e a troca da atividade, por conta dos relatos do quanto a aula foi motivadora e queriam poder falar um pouco mais, já que o tempo da aula anterior não os permitiram expressar tudo que queriam. Realmente foi uma aula diferenciada, no tempo extra para a conversa sobre e, na atividade direcionada a deixarem suas impressões pessoais sobre a aula, comentários do tipo:

[...] não tenho o que falar da aula porque ela foi perfeita! poderíamos ter mais aulas com temas desse tipo “importantes” e darmos e discutimos nossas opiniões, eu acho que entendemos e nos comunicamos melhor com todos da turma. (KUNOICHI A, DIÁRIO DE BORDO, 22/07/2021).

[...] Estou feliz que estou conseguindo perceber que estou mudando alguns pensamentos e conseguindo controlar minha ansiedade, crises, pensamentos, paranoias etc. Achei a aula de hoje incrível, acho superimportante OUVIR o outro, prestar atenção no outro, prestar atenção nas palavras que irá usar pra dizer algo pra outra, porque uma palavra pra quem já está a beira do precipício pode ser um gatilho enorme que o leve a fazer coisas horríveis com ela mesma. (KUNOICHI B, DIÁRIO DE BORDO, 22/07/2021).

Achei uma aula super necessária! [...] A forma que não devemos desistir por mais que nossas vidas tomem rumos completamente difíceis, que sempre busquemos acreditar em nós e em pessoas que estão ao nosso lado mesmo que pareça impossível tais situações. Que podemos sim escrever a nossa própria história mesmo que o passado tenha sido doloroso, e que não devemos perder a esperança nas pessoas, mesmo q tal já tenha feito algo de ruim (KUNOICHI C, DIÁRIO DE BORDO, 22/07/2021).

Bom a aula de hoje com certeza foi a aula mais intensa da minha vida, foram ótimas horas juntos com um papo sério mas descontraído ao mesmo tempo. Uma coisa que eu aprendi e vou continuar aprendendo é expressar minhas opiniões e respeitar a dos outros [...]. Desse episódio tirei boas lições como a importância de

não julgar ninguém simplesmente por aparência, pois não sabemos a história e o fardo de cada um, também ficou guardado em mim o poder que nossas escolhas tem, e me fez refletir muito sobre as decisões que irei tomar daqui pra frente. Creio que será difícil eu ter uma aula tão boa como essa, foi incrível o bem estar que senti no fim da aula em meio a uma situação complicada eu consegui ouvir e ser ouvido em uma conversa bastante agradável. (SHINOBI A, DIÁRIO DE BORDO, 22/07/2021).

Comentários que demonstram o quanto é necessário e rico adequar as aulas as necessidades dos jovens e ao momento. Para isso, é imprescindível uma comunicação próxima, um partilhar sentimentos, um confiar mutuamente, pois quando há laços e confiança há diálogos abertos, trocas de experiências, o ouvir do outro e o ser ouvido pelo outro: flexibilidade. Para tal, os recursos pedagógicos foram essenciais e serviram para captar tais confidências.

A troca de opiniões, pensamentos e visões diferentes sobre o mesmo episódio, a comparação com o [“Rap do Naruto – O sétimo Hokage/Nerd”](#)¹⁰ e com o curta-metragem [“Vida Maria”](#)¹¹ provam a riqueza de debate.

Como visto, mesmo com o vai e volta do planejamento, este não pode ser fechado, acabado, precisa ter espaços para as mudanças pleiteadas durante os caminhos *shinobis* trilhados, que seguiu um rumo pré-definidos, mas que sempre esteve aberto a novas trajetórias. Assim, foram delineando-se cada aula, cada tomada de decisão que mesmo pensada, organizada, decidida com antecedência foi sendo “invadida” de experimentações, sutis mudanças e flexibilização inerente a turma, a aula e situações pontuais.

É importante ainda esclarecer que o planejamento, em todas as suas etapas, foi realizado levando em consideração a BNCC, responsável por guiar a aprendizagem essencial nas escolas públicas e particulares, em todos os níveis da educação brasileira. Mesmo o ILBJ não sendo uma instituição escolar regular, possui seu projeto em consonância com os preceitos estabelecidos nesse documento e desde a sua formação leva em consideração as habilidades que valorizam o jovem como cidadão ativo, sua autonomia, seu conhecimento a respeito da sua cultura local

¹⁰ Rap da “autobiografia” de Naruto, com 42.916.512 visualizações, 55.618 comentários e 1,1 milhões de curtida; proveniente do Canal do *Youtube* criando em 2012 por Lucas Art, primeiro canal nerd do Brasil, focado em músicas e humor nerds como *animês*, filmes, games e séries, com 11, 4 milhões de inscritos. Disponível em: <<https://youtu.be/ObQMysW58NA>>. Acesso em 05 jan. 2022.

¹¹ Curta-metragem em 3D de 2006 de autoria do animador gráfico Márcio Ramos e premiado no 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/yFpoG_htum4>. Acesso em 05 jan. 2022.

e nacional, seu contato com as mais diversas linguagens, desenvolvimento da empatia, o que facilitou a construção do planejamento e sua aplicação. Tais diretrizes colaboram para o uso de novas competências necessárias para o desenvolvimento de habilidades linguísticas reais que possam ser utilizadas para dominar as diversas possibilidades da língua.

3. NO INÍCIO ERA O VERBO: ONDE TUDO COMEÇA – PAÍS DO FOGO/ALDEIA DA FOLHA E A VILA OCULTA

"Se tem um lugar onde pensam em você, esse lugar é o seu lar!"
Jiraya - KISHIMOTO, M. **Naruto Clássico**. 1997.

Aqui apresento minha história de vida e as relações dela com a Língua Portuguesa; como adentrei no universo da cultura nipônica que desencadeou o desejo dessa pesquisa.

Com o poder do Verbo (Nasceu!) fui apresentada a este mundo chamado Terra. Foi através dele que reconheci minha existência em um pequeno povoado chamado Laranjeira (que nem no mapa aparece) do município de Lagarto, cidade do Estado de Sergipe. Em um pequeno "palácio/presente dado por Deus" (que ouvir meu pai falar quase todos os dias), ao qual chamei e ainda chamo de Lar, obtive as mais importantes influências, tornando-me quem sou, em que/quem acredito e, direciona minhas escolhas ainda hoje. Esse é o lugar onde tenho pessoas que pensam em mim, meu lar e para onde posso voltar.

Logo, despertou em mim a vontade de estudar. Por não existir a pré-escola no sítio, a diretora (a pedido do meu pai) permitiu que acompanhasse as aulas da primeira série sem ser matriculada. Todos os dias, religiosamente, meu pai avisava: "Aqui seu pai sou eu, na escola é o professor e a diretora. Se eu ficar sabendo de alguma coisa errada, você já sabe", "Nada de entrar no sítio dos outros, se eu saber, te acerto em casa" e outras tantas recomendações.

Na escola nunca me destaquei, nem fui a melhor aluna. Era tímida, não perguntava, não causava problemas aos professores, nunca tinha reclamações e sempre recebia elogios pelo comportamento. Amava ir à escola, talvez por ser o momento de largar a enxada e conhecer pessoas novas, ou porque realmente eu queria saber algo mais, o que o sítio e a rotina da roça não me proporcionavam. Uns ou outros, quiçá ambos, impulsionou-me a manter-me firme na escola, a não desistir, a não reprovar e a gostar de fazer as atividades de casa.

Todas as matérias fascinavam-me, apenas Português não me encantava. Passava séries e mais séries e o Português não se encaixava, não fazia sentido, contudo estudava-a. Matemática sempre foi minha matéria favorita, orgulhava-me quando os professores falavam na classe que minha família era muito boa na

disciplina e tirava sempre as melhores notas e, que eu não era diferente. Tudo isso faz sentido na atualidade, matemática eu vivenciava no trabalho diariamente, meu pai fazia questão de sempre perguntar por quanto deveríamos vender determinada safra para não termos prejuízo, ou pedia para calcularmos o valor total das diárias dos ajudantes (em tempo de colheita); éramos nós, os filhos, que dividíamos igualmente os afazeres da roça.

Até nas compras a ser realizadas para o sustento da família, meu pai fazia questão que uma filha ficasse responsável, a cada semana. Dizia ele: “Precisamos saber de tudo um pouco, não pode se criar uma mulher sem saber fazer nada.”, mas a melhor parte era: “Pegue a lista com sua mãe, compre tudo, o que sobrar é seu”. Tais palavras soavam como música clássica aos meus ouvidos e forçava-me a encontrar estratégias de comprar itens mais baratos e conseqüentemente, lucrar. Para isso, eu fazia pesquisa e anotava os preços de cada produto e depois comprava onde o valor era menor.

Os exercícios de tabuada eram os melhores momentos das aulas, era aquele momento em que eu sabia que seria a melhor, que era boa em alguma coisa. Entretanto, nos ditados de palavras, temia só de saber que era a próxima atividade, confirmando que o que fazia sentido era o que fazia parte da minha história.

Filha de agricultor e pais semianalfabetos, aprendi a falar a língua natural da roça, aquela que permitia minha comunicação sem ruídos, sem falhas, sem erros, sem críticas e eficaz nos contextos em que estava inserida. Meus primeiros anos de escola, não lembro de terem falado que minha fala era diferente, que precisaria fazer escolhas linguísticas e vocabulares; quem sabe se deva ao fato de estudar, até a 4ª série, em uma escola da zona rural, ao qual todos falavam “ingual” e dessa forma, todos estavam certos.

As aulas de Português eram as piores; as mais chatas; as que não agregavam em nada no meu eu estudantil, do meu ser social, como filha e como participante daquela comunidade rural. O Português era a vilã do desenho animado chamado “Escola”, e eu? Era somente a personagem coadjuvante que mal aparecia em cenas, se fosse retirada, não faria falta e, nem seria notada a ausência: essa era a realidade.

O mais importante aqui é perceber que naquela época, as regras gramaticais não faziam sentido, não tinham o porquê de ser; as regras internas da língua internalizada (necessárias na formação de frases completas e com sentido) era

suficiente para mim e, era com ela que me comunicava, os ruídos? Existiam apenas quando o assunto era as aulas de Língua Portuguesa.

Essa relação linguística complicada não durou apenas na época em que estudei na zona rural. Ao ir estudar na cidade, já que a escola do interior só oferecia o Primário, a relação só piorou; agora tinha que lidar com outro contexto social, com os preconceitos linguísticos, com o bullying linguístico. Enquanto no sítio nada era errado, na cidade o pouco que conseguia proferir soava errado a colegas de classe e aos professores; aqui já começaram a falar que eu falava errado, mas não por quê.

Lembro bem de não entender o porquê eu não falava igual aos colegas da cidade; porém, recordo-me perfeitamente quando, uma colega mais íntima, alertou-me que eu pronunciava a palavra “planta” errada, pois eu falava “pranta”. Naquele momento, meu mundo caiu; percebi que muitas das palavras que eu pensava usar perfeitamente estavam totalmente erradas.

Aquela explicação simples fez-me entender uma vida de equívocos e, a treinar na frente do espelho para melhorar a pronúncia do “L”. Depois de milhares de tentativas, com muito esforço, conseguir pronunciar corretamente o fonema em questão, mesmo que não perfeitamente.

Somente na faculdade, cursando Letras que descobri que minha dificuldade era na pronúncia do “L” de ponto de articulação alveolar (quando o som é formado no contato da ponta da língua com os alvéolos dos dentes) e, que ao formar um encontro consonantal imperfeito (“CL”, “BL”, “PL”, “FL” entre outros) dificultava a minha pronúncia. Tal dificuldade conhecida como dislalia, no meu caso: a dislalia funcional (ROSADO, 2020), agravada devido ser um problema familiar, recorrente, ao qual por motivo óbvio (aprendi a pronúncia já com a má articulação) o que me levou a continuar fazendo a troca do fonema “L” por “R” e não perceber até ser corrigida.

Por não ter acompanhamento fonoaudiólogo na infância, não consegui reverter por completo a dislalia, mas hoje a mesma não atrapalha na escrita e escuta do correto fonema, mas ainda convivo com a má pronúncia em diversos momentos. Toda essa história comprova que existe uma série de situações que impedem o aprendizado das formas de uso da nossa língua e que, muitas das vezes, é necessário apenas uma pequena intervenção, um explicar de outra forma, um preocupar-se com outro, um querer ajudar para quebrar barreiras, mudar posicionamentos, possibilitar novas visões, fazer as conexões com o já conhecido (AUSUBEL, 1982).

Prova disso foi a intervenção docente que mudou a minha vida, ao descobrir que tinha potencial a escrita e não sabia: um professor, chamou-me reservadamente e perguntou se eu não queria ter aulas de reforço de redação, no horário vago dele. Mesmo com muita vergonha e sem saber como reagir ao convite, aceitei e, uma vez por semana passei a entregar, debater e reescrever redações segundo as diretrizes daquele professor (a quem chamo carinhosamente de *Iruka Sensei*).

Iruka Sensei foi o primeiro a acreditar em mim, assim como foi o primeiro a acreditar em “Naruto”. Um simples gesto que significou muito e que me permitiu ter fôlego para continuar minha vida acadêmica. Uma lembrança tenho muito forte das orientações: quando meu *Sensei* me pedia para reescrever de outra maneira determinada frase, de forma mais organizada, trocando palavras e arrumando as ideias. Não sair tirando 10 nas redações, mas além de facilitar meu aprendizado, permitiu minha aprovação na faculdade de Letras dois anos após.

Graças a esse olhar diferenciado consegui ser aprovada na Faculdade José Augusto Vieira, pertencente ao empresário de mesmo nome. Por ser primeiro ano de existência, ofereceu 25% de bolsas vinculadas a própria faculdade; entre os critérios para obtenção da bolsa estavam: renda, morar em zona rural e nota da redação em seu vestibular. Os critérios encaixavam-se perfeitamente em mim e minha nota (9,0) que, exibi com muito orgulho, foi a maior responsável por conseguir a bolsa integral.

Foi a maior responsável por permitir-me a entrar em uma faculdade, algo distante para alguém com meu perfil: pobre, da roça e com uma base de conhecimento escolar fraca. A nota 9,0 (nove) na redação aumentou a minha autoestima, possibilitou que eu visualizasse minha potencialidade e deu-me forças para encarar uma faculdade. Aquelas aulas de redação que meu *Sensei Iruka* ofereceu-me salvaram-me. Quem achar exagero, não sabe o que é desejar entender, saber fazer algo, acreditar que não tem potencial para realizar e, encontrar alguém que te mostre o contrário. Eu tive e sei muito bem qual é sensação de alívio, alegria e gratidão.

Para ironia do destino, escolhi estudar Letras Português com Habilitação em Inglês. Sei que pode estar pensando ser loucura, fazer um curso de algo que sempre detestou e teve desempenho péssimo, mas foi exatamente o fato de não compreender a disciplina que me fez escolher Letras, entre as demais oferecidas naquele primeiro ano da Faculdade (História, Geografia, Administração e Letras), com o intuito de aprender o Português.

Digo que tudo concorreu para eu permanecer no curso: Primeiras disciplinas (Introdução a Literatura e Interpretação Textual) e seus respectivos professores, Fábio e Fabíola; disciplinas posteriores (Literatura brasileira e literatura inglesa) com Jaqueline e Ana Lúcia, respectivamente; professores que assim como *Iruka Sensei*, conseguiram explorar de mim o que eu tinha de melhor. Estas disciplinas além de me conquistarem, abriram caminhos para minha evolução e seus professores não me ignoraram.

Ainda era aquela menina assustada do sítio, mas agora conseguia perceber que possuía algum potencial, mesmo que ainda sofresse de complexo de inferioridade ao ponto de tirar a maior nota na primeira avaliação de Introdução a Literatura e sentir como se tivesse tirado nota vermelha. Não conseguiu entender? Explico-lhe: Tirei 8,8, a maior nota da turma, mas meu complexo de inferioridade era tão forte que não conseguir ver que 8,8 estava acima da média (7,0) exigida pela Instituição, precisei que, uma colega de turma, hoje amiga/irmã (Gilmara), chamasse minha atenção que eu tinha arrasado e que tinha tirado a maior nota da turma, deu-me parabéns e chamou-me a realidade (eu era boa em alguma coisa).

A faculdade propiciou-me as maiores alegrias daquele ano: eu era a melhor aluna de duas disciplinas (Introdução a Literatura e Interpretação Textual), e não era Matemática. Além disso, forçou-me a ler, a ler muito e todos os dias, a reler, a perguntar e a acreditar em mim. Pouco a pouco meus professores foram devolvendo-me a autoestima que nunca tive.

Este fato preparou-me para enfrentar as apresentações de trabalho e o medo de falar em público; estava melhorando minha autoestima, mas ainda falava, escrevia “errado” e percebia no olhar/comentários/risos de colegas que ainda falava diferente. Até que no quarto período, a professora de Língua Portuguesa, Cristina elogiou-me perante as duas turmas (A e B) do Curso. Não sei se ela tinha consciência das consequências das palavras dela, naquele momento, mas ao ouvir: “Muitos aqui são excelentes alunos, mas de todos os alunos que passaram por mim, nesta Faculdade, Marisete foi a que mais evoluiu, sua escrita melhorou, sua forma de falar é outra e a apresentação que ela acabou de fazer é a prova do quando, você Marisete evoluiu” Foram estas palavras que ela proferiu, e algumas outras, mas estas renovaram minhas forças e de fato, consumou minha autoestima.

A referida apresentação sucedeu meu pedido de autorização para desistir, feita a meu pai, dia anterior. Autorização negada da seguinte forma: “Minha filha, quem

negocia com Deus, jamais perde.”; essas foram as palavras do meu pai e o pedido dele para eu continuar. Continuei, mas as dificuldades enfrentadas (trabalhar e estudar) estavam pesando demais, então as palavras da professora Cristina chegaram no momento certo e foram bálsamos para o meu fardo. Isso porque minhas dificuldades não eram apenas com as disciplinas relacionadas ao Português, mas também, as voltadas a habilitação em Inglês.

Como pode ser observada, minha história de vida tem uma relação de ódio x amor com o Português, com a palavra, com o verbo; um ódio que se transformou em admiração, que me tornou quem sou hoje. O Português foi à conexão inesperada e improvável entre mim e a aprendizagem, entre o meu eu e o Verbo. E por que o verbo? Por ser ele a palavra mais importante na edificação de uma mensagem, oração e frase sejam orais ou escritas.

Explicada minha relação com a Língua Portuguesa, como o universo nipônico entrou em minha vida? Como já introduzido, o desenho animado sempre fez parte de minha vida e dava sentido a ela, servia de subsunçores para a minha aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982). As TVs abertas Rede Globo e SBT propiciaram o primeiro contato com *animês* (“Astro boy”, “Digimon”, “Dragon Ball”, “Mega Man”, “Pokémon”, “Yu-Gi-oh!” e “Naruto”). Amor que em tempo de faculdade foi deixado em segundo plano.

Todavia foi justamente nas aulas de Português que a admiração pelo desenho, em específico *animê* voltou a tomar formato: ao perceber que meus alunos assistiam, desenhavam e debatiam sobre os mesmos que faziam parte de minha infância e adolescência. Tal fato surpreendeu-me e aproximou-me dos jovens, responsáveis por inseri-lo em minhas aulas.

Ao comentar que assistir aos *animês* de que eram fãs, desenhavam, assistiam e debatiam; causei estranhamentos que logo foram transformados em admiração e assim, passei a ser chamada da professora que assiste e/ou gosta de mangá. Percebi que alunos e não alunos passaram a aproximar-se, a perguntar sobre *animês* que eu conhecia, se realmente assistia, se conhecia determinado personagem e seus poderes, qual o que mais gostava.

Sem perceber estava sendo direcionada pelos jovens a assistir mais. Ao assistir, lembrava-me dos comentários dos estudantes; gerava mais conversas nos corredores; passei a trocar a sala dos professores pelos corredores e pelas conversas acaloradas dos jovens, nos intervalos. Era direcionada a procurar e observar o

episódio comentado pelo jovem na escola e, a procurá-lo dias depois para dizer o que achei do mesmo. Sem consciência estava envolvida em uma ação que Macedo, Galeffi e Pimentel (2009) chamam de processo de totalização que acontece na esfera do pensamento formado/formante/formativo permitida graças as relações que aconteciam em um espaço e tempo (na escola e nos anos de 1998 até os dias atuais).

Fui reprovada por muitos colegas de profissão, mas isso não me afetada, de certa forma, já sabia que “[...] o excesso de ‘formalidades pedagógicas’ às vezes empobrece a formação do educador [...]” (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p. 168). Meu problema não era esse, era conseguir dar aula com os jovens falando, a todo o momento, dos *animês*, seus personagens e poderes. Para conseguir exercer o papel de professora, ao qual estava sendo paga, precisei criar estratégia e passei a trazer os comentários dos jovens para a explicação dos conteúdos. Então, se um jovem falasse do Zabuzá¹² e do quanto era muito forte, eu trazia seu nome como exemplo de substantivo e/ou o forte como adjetivo; além de chamar atenção para outros nomes de personagens e de pessoas reais e suas características como exemplos.

Quando percebi, minhas aulas estavam povoadas de personagens diferentes, provenientes de vários *animês* e desenhos animados, ano após ano. Mas a aula precisava continuar. Foi assim que o desejo dessa pesquisa surgiu: Quando tomei consciência que o gênero tinha invadido todas ou quase todas as minhas aulas, confirmada por relatos de jovens que perguntavam: “Professora, a senhora consegue colocar “Naruto” em tudo?” Ou quando pediam: “Explique utilizando “Naruto” (ou outro *animê* ou personagem específico) que fica mais fácil entender, professora.”.

Entretanto, o que fez defini-lo como foco de pesquisa foram os elogios e agradecimentos pelas minhas aulas, no ILBJ. A fama da professora que gosta do mangá e a comentários do tipo: “Falei ao meu colega da escola que a senhora ensina dando exemplo de “Naruto” e ele ficou curioso.”, “Professora, meu colega quer te conhecer, porque eu falei que estudo “Naruto” nas aulas de Português.”, “Professora, minha amiga achou “massa” a senhora usar “Naruto” em suas aulas.”, “Professora, desde que minha amiga falou que a senhora falava de Naruto nas aulas que quero você como minha professora.”, “ Ah! é a senhora que gosta de *animê*.”, “A senhora

¹² Ou demônio da Névoa, primeiro vilão a ser derrotado por “Naruto” no mangá.

conhece também o mangá de ‘Naruto’?” Outros; fizeram-me definir e ter certeza de que queria pesquisar “Naruto” na Educação.

A “Naruto” se deve a escolha dos títulos dos meus capítulos e, ao perceber que: “O ser humano também precisa de imagens, afetos, juízos, metáforas e conceitos para formar uma compreensão articulada de sua existência concreta [...]” (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p. 109), possibilitada pelos meus educandos. Assim como o seu *animê*/mangá é composto por Grandes Nações (representadas pelas Vilas), meus capítulos serão representados por elas que compõem o universo *Shinobi* (minha pesquisa).

Assim, como a primeira nação a ser apresentada no *animê*/mangá é a Vila da Folha, simboliza bem onde minha história iniciou, possibilitando o momento em que estou. Já as demais Vilas, são as partes que não podem faltar para que se construa a nação ninja (*Shinobi*), minha investigação. Assim como o *animê* não existira sem suas grandes e pequenas nações, minha pesquisa não existiria sem seus capítulos e subcapítulos.

Deste modo, começo a apresentar “meu jeito ninja de ser” disposta a captar a complexidade inerente aos mundos humanos dos meus jovens e ciente que “[...] é um dos cernes da constituição de um rigor outro [...]” (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p. 109), ao mesmo tempo em que estou aberta “[...] à diferença, às interações e conexões incontáveis.” (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p. 109) e, preparada a mudar nessa minha missão ninja.

4 - PAÍS DA ÁGUA E A VILA OCULTA DA NÉVOA: ROTEIRO METODOLÓGICO DELINEANDO O CAMINHO *SHINOBI*

É claro que leis e regras são importantes. Entretanto, elas não são tudo.
Yondaime - KISHIMOTO, M. *Naruto Clássico*. 1997.

Se o verbo é a parte mais importante que constitui uma língua, por ser o núcleo significativo, por definir e orientar as ações do ato comunicativo; este não a constitui arbitrariamente e nem sozinho. Mesmo sendo o possuidor de maior poder, precisa seguir regras, delineamentos e relacionar-se da melhor forma possível com os demais constituintes da língua, participar da compreensão do todo.

Assim como o verbo está para seus complementos, os conceitos norteadores estão para esta pesquisa; já que é necessário rever o que já se tem de estudos sobre o tema, métodos e metodologias que melhor se adequam aos objetivos e aos caminhos a serem traçados.

Esta seção, então é o responsável em explicar as estratégias e percurso metodológico dos caminhos aos quais denominei de *Shinobis* que direcionaram e apontam sentidos, qual/quais rotas seguir, desistir ou persistir. Aqui é delimitada a metodologia da pesquisa, bem como sua opção metodológica qualitativa, com base na pesquisa etnopesquisa-formação, de caráter descritivo que valoriza o contexto e as experiências particulares e coletivas, levando em consideração as características culturais; além de possuir a flexibilização e a possibilidade de reformulação processual quando necessário.

É aqui que o ensino do português/*animê*/mangá “Naruto” se entrelaçará com os conceitos necessários para seu entendimento, como estão sendo estudados, inseridos na educação em consonância as exigências da BNCC; além de entendê-lo como um resultado da desterritorialização, como gênero textual, como dispositivo inserido em uma hipermodernidade que caracteriza a sociedade contemporânea, no trabalho docente.

4.1- Os sete espadachins da Névoa: O desterritorializar da hipermodernidade

Iniciamos explanando como um produto da sociedade hipermoderna abordado por Lipovestsky (2004) que permite que uma produção cultural adversa faça parte da

cultura nacional, sem ser rejeitada, e sim o oposto: possuidora de um expressivo público, em sua maioria adolescente e jovem por todo o mundo, ao qual o Brasil aparece entre os primeiros desde 2017 (ABBADE, 2017) e em 4º colocado no ranking no site estrangeiro “Epic Dope” (SILVEIRA, 2021) entre os países que mais assistem *animês* ao redor do globo, atrás apenas do China, Índia e Indonésia.

O preço mensal de baixo custo, com adição de filmes, séries, documentários diversos; além de desenhos animados, *animês* de classificação para todas as idades, a *Netflix* é uma das responsáveis pela disseminação da cultura oriental do *animê/mangá* da atualidade, juntamente com outras plataformas de *streaming*¹³ como a *Crunchyroll* (lançada em 2012) especializadas neste gênero, acessada gratuitamente (acesso limitado e com propaganda), assinada de forma mensal ou anual. Sem esquecer-se dos diversos *sites*, *blog*, perfis de *Instagram* e *Facebook*, eventos locais/nacionais sobre a *animês* e mangás, específicos ou em geral. Páginas essas criadas, em sua maioria, por fãs, estudiosos e apreciadores do gênero; além da indústria de moda, brinquedos e colecionáveis que alimentam, mantém vivo o interesse e o engajamento.

Isso graças a constante evolução da sociedade, os avanços tecnológicos a globalização que nos permitiram estar, atualmente, na era da Segunda Revolução Moderna (hipermodernidade), ao qual o presente é o lócus da felicidade (LIPOVETSKY, 2004). Isso porque tanto o espaço quanto o tempo estão globalizados, juntamente com a perda das fronteiras que separavam as culturas locais.

Aqui entra a desterritorialização proveniente do mundo globalizado que através das telas transformou o mundo em um hipermundo, ao qual o tempo e o espaço não são mais locais (BERARDI, 2005). Tudo que acontece no mundo pode ser acompanhado instantaneamente, ao vivo, em tempo real; o que era local foi espalhado aos quatro cantos do mundo, permitindo seu conhecimento a todos, a qualquer momento, com direito a reprise, pausa e continuação no tempo desejado.

O que era distante passa a estar na palma da mão, o desconhecido passa a habitar em nossa casa, a fazer parte da família, a sentar-se à mesa e partilhar do nosso cotidiano, a ser íntimo. Assim, a cultura Japonesa adentrou no Brasil, se fez presente inicialmente com a imigração em 1908 em prol de interesses econômicos de

¹³ Plataforma de serviços, de transmissão de conteúdo (filmes, séries, desenhos, *animês*, mangás, livros, músicas) on-line sem a necessidade de *download* para acessá-los, ou seja, acesso direto pela plataforma.

ambos os países: Brasil, mão de obra e o Japão, diminuição Geográfica. Migrações responsáveis pelos primeiros contatos entre culturas distantes, que com o tempo foi fortalecida pela tecnologia e pela globalização.

Dessa forma, pouco a pouco a cultura preservada, heterogênea e particular de cada região, vai dando lugar a universalização, homogeneização, mas também ao hibridismo, a cultura mundo, que para Lipovetsky (2008, p. 09-10) “[...] significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultura e a universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas [...]” e, marca “[...] a era da formidável ampliação do universo da comunicação da informação, da mediatização [...]”.

O mundo tornou-se hipermundo (LIPOVETSKY, 2004), a cultura antes privada e particular foi disseminada, mas não igualmente. O *animê/mangá* foi uma das pontes de disseminação cultural japonesa ao mundo. Com suas características únicas e ao mesmo tempo universais conseguiu facilmente ser aceito mundialmente. O que iniciou com a intenção de resolver problemas da superpopulação serviu também para ampliação de influência cultural e econômica ao mundo: através de seus emigrantes, o Japão conseguiu inserir seus costumes, sua filosofia, suas crenças, sua culinária, sua arte-marcial, suas vestimentas no ocidente e, o que era visto com estranhamento foi sendo incorporado ao dia a dia de diversos países da América Latina, tendo o Brasil como possuidor da maior comunidade japonesa no exterior.

Diante desse cenário, a globalização veio para desterritorializar e eliminar fronteiras (LIPOVETSKY, 2004), fronteiras estas que impediam que as culturas se cruzassem, que uma absorvesse características da outra. Não podemos esquecer que esta assimilação ocorre, em sua maior intensidade e força, devido ao poder da cultura dita mais forte em relação a mais fraca, proveniente de fronteiras culturais e econômicas mais frágeis e, sem poder ir contra a globalização tendem a ser fortemente influenciada e muitas das vezes, eliminada.

Graças a essa fragmentação das fronteiras, o *animê/mangá* se expandiu ao mundo, chegando aqui no Brasil. Claro que o mangá que hoje conhecemos passou por várias transformações que veremos a seguir.

4.2 - Yagura¹⁴ e a Bizuu Sanbi¹⁵: animê/mangá, a origem de um poder

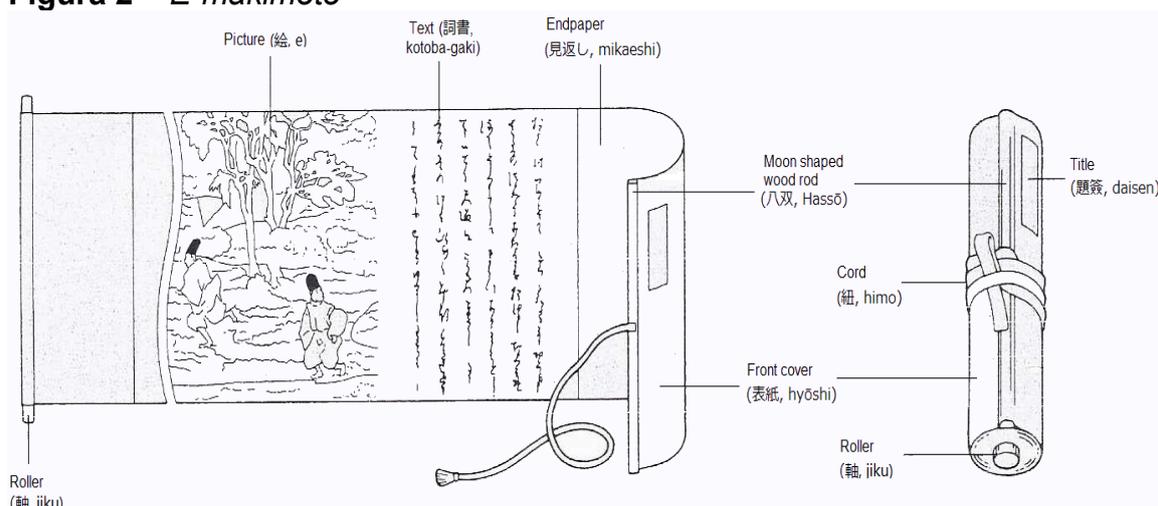
A origem do mangá remota a histórias com desenhos de animais que possuía caráter humano (*Chōjū Jinbutsu Giga* ou *Chōjū Giga* – ver Figura 1), contadas em pergaminhos (ver Figura 2) nos séculos XI e XII (ou século VII para alguns estudiosos), logo tornaram-se populares e eram conhecidos como *e-makimono*¹⁶. (FURUYAMA, 2008; GONÇALVES, 2018).

Figura 1 - Choujuu Giga: detalhe do rolo 1



Fonte: GONÇALVES (2018).

Figura 2 – E-makimoto



Fonte: FUSCO (2018).

¹⁴ Quarto *Mizukage* (líder da Vila Oculta da Névoa) que possuía a Besta de três caldas (Isobu).

¹⁵ Besta de três caldas que possuía o poder de criar uma névoa alucinógena que explora os medos da vítima, levando-as a enfrentá-los.

¹⁶ Nome dado a histórias desenhadas e pintadas em rolo de pergaminhos. Considerado tesouro nacional no Japão.

Através do artista Katsushita Hokusai (1760-1849) que o termo mangá foi utilizado pela primeira vez, bem como a produção das imagens em ordem sucessiva. Porém, foi Shumboko Ooka o precursor do primeiro livro de cartuns japonês e provavelmente, do mundo, mesmo ainda longe das características atuais. Somente em 1901, apareceria a história em quadrinhos japonesa com personagens estruturados em série e com falas, mas ainda sem balões e foram introduzidas por Rakuten Kitazawa (FURUYAMA, 2008).

Figura 3 – “Tagosaku to Mokubē” no “Tōkyō-Kenbutsu”: popular história de itazawa - 1902



Fonte: FUSCO (2018)

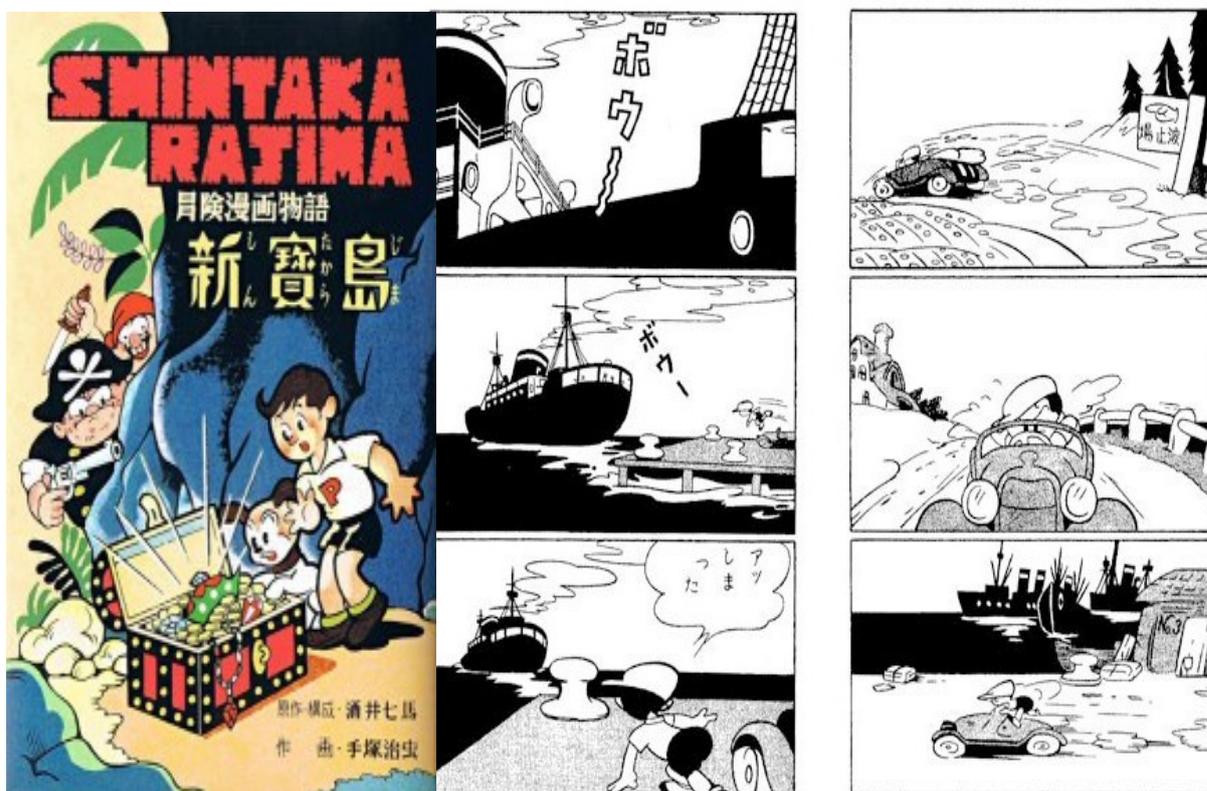
Seguindo a evolução humana, mas mantendo características específicas, o mangá passou das imagens caricatas de animais, sem balões, sem cores, som ou quadros, escritos em pranchas de madeiras ao mangá com influências dos *comics* americanos, com histórias completas e complexas, utilizando balões, organizadas em

quadros, impressos e, ganharam som e movimento no “animê” depois da abertura de seus portos no século XIX; já que o Japão se manteve isolado do mundo por muitos anos. É importante frisar que com a impressão, o mangá tornou-se ainda mais popular, abrangendo toda a população, o primeiro a utilizar esse método foi Harunobu Suzuki em meados do século XVIII, como afirma Furuyama (2008).

Com esse início tímido e simples, o mangá conseguiu unir os traços tradicionais de sua origem com as influências americanas, transformou-o em uma cultura marcante e importante internamente, ao ponto de existirem bibliotecas (*kashihon manga*) para alugar exemplares e assim possibilitar sua leitura a qualquer cidadão.

O estilo peculiar dos mangá atuais (olhos grandes e expressivos, pernas longas e traços marcantes) é de responsabilidade de Osamu Tezuka que desenhou a primeira obra longa, com 200 páginas; estabeleceu características novas de se desenhar presentes ainda hoje e, foi responsável por o fazer ser aceito e copiado pelos demais países, ao criar a indústria de *animês* no Japão. Por isso, é considerado o precursor fundamental, o *mangaká* mais famoso do Japão e o “pai do mangá moderno” (FURUYAMA, 2008; GODOI, 2016).

Figura 4 - Capa e página da obra esteia de Tezuka: “Nova Ilha do Tesouro” - 1902



Fonte: Tezuka em Inglês (2021).

É fácil perceber que o mangá foi evoluindo com o tempo e adquirindo características singulares e únicas até tornar-se o que é conhecido hoje; além de propiciar o aumento de sua produção, de seus temas, diversidade classificativa e sua disseminação ao mundo. Contudo, Mesmo depois de ser conhecido, expandido e adaptado por americanos e europeus, continua possuidor de uma secularidade japonesa que permite qualquer pessoa distinguir os mangás do Japão aos de qualquer outra nacionalidade.

Com a evolução do mangá surge o anime ou *animê*. Resultante da animação do mangá, o *animê* foi o maior responsável pela rápida expansão e conhecimento desta arte japonesa no ocidente; já que foi através dele que o mangá popularizou-se mundialmente. O primeiro *animê* japonês foi criado em 1907, contando a história de um menino marinheiro (ver Figura 5), segundo Godoi (2016), seu criador é desconhecido.

Figura 5 – “Katsudō Shashin” (imagem em movimento) animação mais antiga do Japão



Fonte: MACHADO (2015).

A televisão foi o principal meio de divulgação, tendo “Astro Boy” como clássico, estreante nas mídias de massa, alcançando um grande sucesso mundial. Importado para os Estados Unidos da América do Norte (EUA) propiciou versões americanas, europeias e brasileiras que fizeram um estrondoso sucesso como “Yu-gi-oh”, “Digimon”, “Pokémon”, “Naruto” e “Dragon Ball”.

Figura 6 - Animês “Yu-gi-oh”, “Digimon”, “Pokémon”, “Naruto” e “Dragon Ball”



Fonte: LIMA (2015)

No Brasil, tal influência iniciou-se com a chegada dos imigrantes, mas foi depois da Segunda Guerra Mundial que o mangá se difundiu, já que a quantidade de imigrantes aumentou. Por ser comum a leitura de mangá no Japão, os imigrantes que aqui chegaram trouxeram consigo seus exemplares, por fazer parte de sua cultura, com intuito de lazer e como forma de manter viva sua língua. O primeiro mangá, a ser publicado, em solo brasileiro, foi “o Lobo Solitário” (ver Figura 7) em 1988, inaugurando a era da influência nipônica no Brasil (GOTO, 2011).

Figura 7 - Capa brasileira e japonesa do mangá Lobo Solitário



Fonte: BLOG BBM- Biblioteca Brasileira De Mangás (2019).

No entanto, diferente do Japão, no Brasil o *animê* conseguiu maior êxito. Hayakawa (2008), adida cultural da Embaixada do Japão no Brasil, em um levantamento realizado, mostra que os mangás chegaram aqui trazidos, publicados e consumidos pelos *Nikkeis*¹⁷ que posteriormente produziram livros sobre a técnica do desenho japonês. No Brasil, ao contrário do Japão, o *animê* divulgou e ampliou o mercado do mangá no país.

Segundo Hayakawa (2008, [s/p]) já na década de 70 há o “Início dos estudos acadêmicos sobre mangás, publicação de artigos sobre mangá em jornais de associações acadêmicas e em jornais de língua japonesa.”, além de artistas nipo-brasileiros que apontavam no ramo das Histórias em Quadrinhos (HQs), utilizando o *animê* como expressão, a exemplo de Júlio Shimoto, Claudio Seto e Paulo Fukue.

Na década de 80 o mangá e o *animê* ganharam força, demonstrada com a criação da primeira Associação Brasileira de Desenhista de Mangá e ilustrações, ao qual propiciou o desenvolvimento e promoção de atividades voltadas a estes gêneros.

Porém, foi na década de 90 que o *animê*, em especial, se firmou de vez no país e se popularizou, graças à exibição de “Cavaleiros do Zodíaco” (ver Figura 8) em 1994, pela extinta Rede Manchete, chegando a alcançar 14% de audiência. Pesquisas e estudiosos são unânimes em dizer que este foi um fenômeno de público e vendas que marcou, fortaleceu o gosto pelo *animê* e mangá no Brasil, com auxílio de uma massiva campanha de marketing. (HAYAKAWA, 2008).

Figura 8: *Animê* Cavaleiro do Zodíaco



Fonte: SALLES (2021).

¹⁷ Imigrantes e descendentes japoneses nascidos fora do Japão.

A popularização da Internet no Brasil, também auxiliou na disseminação dos gêneros, já que facilitou de maneira rápida a troca de informação entre os fãs, pesquisas e seu consumo. Junta-se a isso a venda de produtos licenciados pela Bandai (produtora de animação e detentora dos direitos da animação) que somando a rápida aceitabilidade do *animê* ocasiona um “boom” da cultura nipônica no Brasil.

Fato perceptível no meio acadêmico: com a primeira tese de doutorado sobre mangá escrita pela então professora Dra. Sônia Luyten, autora hoje, de livros e artigos sobre o tema abriu caminhos para outros estudos de mesmo teor. Com o aumento de exposições anímicas pelas redes de televisões e consequente aumento de mercado, a popularização foi inevitável.

Com o século XXI e difusão da banda larga o número de espectadores de *animês* aumentou significativamente, o que reverberou na leitura de seus respectivos mangás, seja pela Internet ou através da leitura física. Para Hayakawa (2008) a rápida difusão foi possível graças a existência de tradutores (maioria *Nikkeis*) por meio de *fansub* e *scanilation*¹⁸.

A facilidade de acesso e compartilhamentos permitiram que o *animê* e o mangá fossem rapidamente assimilados, difundidos e, alcançassem um grande público. A TV aberta, também teve sua responsabilidade, no entanto, muitos dos *animês* que aqui foram televisionados já eram conhecidos por um seleto grupo jovem que os acompanhavam on-line e, que já participavam de grupos de fãs destes, a exemplo de “Naruto”.

Vendo o futuro promissor do gênero, editoras brasileiras, a exemplo da Editora Abril (1970), Animanga (1988), JBC (1992) e Conrad (1993) apostaram na indústria e, passaram a publicar obras seguindo as características nipônica; estas últimas referências na publicação de quadrinhos e, responsáveis por trazer ao Brasil traduções de histórias populares, de sucesso no mercado como “Cavaleiro do Zodíaco”, “Dragon Ball”, “Naruto”, “One Piece” e várias outras que fazem sucesso ainda hoje. A editora Panini (2002) é atualmente a maior no ramo de mangá do Brasil,

¹⁸ *Fansub*: legendas que os fãs colocam por conta própria, uma livre tradução dos espectadores. Normalmente é feito por um grupo de voluntários constituído por equipe de tradução, equipe de revisão e equipe de editoração. No dia seguinte ao da transmissão no Japão, já circula na Internet a versão com *fansub*.

Scanilation: ato de um fã publicar um mangá na Internet colocando tradução feita por ele. Neologismo formado por *Scan+translation* Ato de um fã publicar um mangá na Internet colocando tradução feita por ele. Neologismo formado por *Scan+translation*. (HAYAKAWA, 2008, [s/p]).

presente nas mais diversas bancas de jornal e lojas especializadas, possui em seu catálogo produções de sucesso como “Naruto”, “One Piece” e “Pokemon”.

Com o crescimento mercadológico proveniente do sucesso, eventos como convenções, reuniões, encontros, festivais, feiras e concursos de fantasias passaram a serem criados, sejam locais ou nacionais, tendo o “Anime *Friends*” como um dos maiores realizado no país, que acontece em São Paulo. Jovens e adultos comparecem fantasiados de seus personagens de *animê*/mangá favorito, muitas das vezes reproduzindo cenas; comprando roupas, figuras de ação, objetos personalizados ou simplesmente apreciando, conhecendo pessoas que os entendem e ficando por dentro das novidades e atualizações do mundo Otaku¹⁹.

Esse tipo de evento e similares acontecem o ano inteiro pelo país como: Anime Island (ES), Animextreme (RS), Sana Fest (CE) (DANSHI, 2016); como também eventos que abrangem demais experiência vinculada a esse nicho (vídeo-games, filmes, séries, histórias em quadrinhos, concursos, participações especiais de ídolos de todos esses seguimentos): *Comic Com Experience – CCXP* (PE), *Pixel Show* (SP), *Brasil Games Show* (SP), *Campus Party* (SP), *Fest Comix* (SP), Festival Internacional de Quadrinhos (MG), *Anime Summer* (SP), *Gamepólita* (BA), todos inspirados por festivais japoneses de mesmo cunho. (MELO, 2017).

De todos, CCXP merece destaque por realizar, em tempo de pandemia e, por conseguir organizar um evento totalmente on-line com mais de 150h de conteúdo. Com o tema: *CCXP WORLDS: A JOURNEY OF HOPE* (MUNDOS CCXP: Uma Jornada de Esperança) seus organizadores conseguiram a primeira edição digital do festival de cultura pop do mundo. Para isso, contaram com 05 palcos, mais de 50 títulos inéditos, mais de 1000 artistas, concurso de *Cosplay*²⁰, *lives* pelo *Facebook*, com momentos de interação dos fãs com atores, roteiristas, desenhistas, produtores, dubladores, *youtubers* e celebridades de Hollywood a exemplo de Gal Gadot, James Gunn, Penélope Cruz, Irmão Russo, Zendaya, Vince Vaughn, Neil Gaiman²¹. Isso

¹⁹ *Otaku* Termo japonês usado para se referir a fãs, com interesse especial em *animês* e *mangás*, no Brasil.

²⁰ *Cosplay* é a arte de se transformar em um personagem, para isso são utilizados: maquiagem, interpretação, fantasia e demais técnicas. Quem interpreta o personagem é chamado de *Cosplayer*.

²¹ Respectivamente: atriz e modelo israelense, intérprete da Mulher Maravilha; roteirista, diretor, produtor, ator e músico americano; atriz espanhola, primeira intérprete a ganhar o Óscar de melhor atriz coadjuvante -2009; Anthony Russo e Joseph v. Russo, cineastas, produtores de cinema, roteiristas, atores e editores de cinema (Marvel); Zendava Maree Stoermer Coleman, atriz, cantora, compositora, dançarina, dublador e modelo norte-americana; Vicente Anthony “Vince” Vaughn, ator, roteirista, produtor, comediante americano e; Neil Richard Mackinnon Gaiman, autor britânico de romances, contos, bandas desenhadas e roteiros.

transmitidos a 139 países, para se ter uma ideia do alcance do evento, em 2019, 280 mil pessoas se fizeram presente, em um espaço físico de 115 mil m² (CCXPWORLDS, 2020). Outros eventos também foram transmitidos on-line, mas com menor complexidade.

Além de reproduzirem cenas específicas e impactantes de seu mangá/*animê*, os *cosplayers*, são legiões de fãs que amam, seguem, reproduzem e interessam-se pela cultura pop japonesa no geral (*animê*, mangá, vestimenta, músicas, festivais, culinária e língua) e, até estudam, dedicando muitas horas a essa cultura, por isso, são denominados de *otakus* aqui no Brasil. No entanto, este termo tem valor negativo, por se referir a pessoas antissociais, fechadas em seu mundo, um grande problema social, no Japão, que leva muitos jovens ao suicídio.

É fácil perceber como a evolução foi generosa com este gênero e como a Cultura Pop Japonesa conseguiu espalhar-se pelo mundo, inclusive pelo Brasil. Talvez os deva ao fato de as plataformas de *streaming* aumentar, consideravelmente, o número de filmes e *animês* em seu catálogo; além de atualizar episódios dos já disponíveis.

Por ser uma cultura consumida não somente por instrumentos físicos, mas em grande parte por meios virtuais, em diversas plataformas oficiais ou não, o mangá e o *animê* possuem maior possibilidade de alcance em todo o mundo, já que podem ser lidos e/ou assistidos em páginas de papel ou em tela, na palma da mão, no horário que desejar, repetir, pausar e alternar entre capítulos/episódios.

No Japão, o mangá tem um valor considerado baixo que possibilita toda a cultura de leitura ser realizada em todos os lugares; lá é comum ver seus habitantes lendo em metrô, praças, escolas, parque lojas específicas para leitura (fato confirmado com uma colega que vive no estado de Toyota, cidade do Japão). Já no Brasil, o valor de um capítulo de mangá custa entre R\$ 15,90 até R\$ 94,90, com uma média de R\$ 28,65 em 2020 (BLOG BBM, 2021). Fato que dificulta sua aquisição por uma considerável parcela da população que muitas das vezes precisa escolher entre o lazer e pagar as contas.

O poder de alcance dos *animês* japoneses pode ser visto na quantidade de publicações realizadas no Brasil em 2020, que mesmo em ano de crise sanitária e econômica alcançou o número de 425 volumes de mangás (Panini – 335, JBC - 50, NewPOP – 23, Devir – 07, PN – 06, Darkside – 03 e Todavia – 01), sem contabilizar reimpressões. Entre eles estão as obras: “Naruto”, “Boruto” (“Continuidade” de

“Naruto”), “One Piece”, “One-punch Man”, “Demon slayer”, “Ataque dos Titãs”, “Dragon Ball” e “Pokemon” (BLOG BBM, 2021). Segundo a mesma fonte, não há dados sobre o número de vendas destes, aqui no Brasil, já que não existe empresa que tenha se debruçado ou interesse por estes dados e, as editoras responsáveis pelas publicações não costumam divulgar tais dados por questões estratégicas.

Além das publicações impressas, foram registrados um total de 12 volume de publicação em formato virtual, por quatro editoras brasileiras (JBC, Panini, Pipoca & Nanquim e Todavia). Mais uma vez “Naruto” encontra-se entre as obras publicadas apontando seu potencial de preferência, confirmado também nas publicações realizadas no ano de 2021. (BLOG BBM, 2021).

Tais dados levam-nos a inferir que se há publicações e estas vêm aumentando conforme o passar dos anos, significa que possui consumo, pessoas estão comprando e conseqüentemente os lendo. Assim, o mangá contribui para o desenvolvimento da leitura no Brasil (como no Japão); horizontes interpretativos, significações, ressignificações que levam em consideração a língua e a cultura local, interesses nacionais e pessoais concretizam-se em consumo, interações, interpretações, inferências, decodificações e aprendizagens (CRUZ, 2021). Mas onde entra o *animê* nesta história e qual sua importância?

Escrito por Masashi Kishimoto, o *animê* “Naruto” foi lançado no Brasil em 2007, no mês de maio, pela Editora Panini. Já fazia sucesso no Japão e era publicada pela revista *Weekly Shonen Jump* e pela Editora *Weekly*, ambas famosas no Japão. No entanto, foi graças à exibição de seu *animê* na TV aberta brasileira (SBT) que, de fato, permitiu a estrondosa popularidade no Brasil, repercutida nas vendas de seus mangás e, sendo o maior sucesso em 2007 a 2010.

Fato que o levou a ser relançado em versão mais econômica (“Naruto” *Pocket*), a ser o primeiro mangá a ganhar o prêmio *Quill Award* em 2006 pela sua excelência de escrita e edição, a levar o prêmio de melhor marca jovem/adulta-2021, no evento *Licensing Com*²², desbancando marcas como *Disney* e *Big Brother* (JIBACK, 2021) e a reinauguração de uma loja oficial também este ano pela *JBox*²³ (LARC, 2021).

É fato, que até hoje, “Naruto” encontra-se em destaque em muitos outros países, evidenciado pela terceira publicação (“Naruto” *Gold* – Publicação de luxo) aqui

²² Evento promovido pela EP *Goup* que tem como objetivo produzir conteúdo, eventos e mentoria voltados a setores de licenciamento de marcas e personagens.

²³ Portal direcionado a divulgação da cultura pop japonesa.

no Brasil e pela publicação de “Naruto” *color* (impressa só na Itália) ambos pela Panini, mas esta, em parceria com “*La Gazzeta Dello Sport*” italiana. Portugal e França são outros países que têm “Naruto” como destaque, este o tendo como o mangá mais vendido por muitos anos e aquele tendo “Naruto” como uma das obras com mais volume editado (BLOG BBM, 2018; 2019; 2021) e, a Argentina apenas em 2019, lançou 19 volumes, também pela Panini.

Outro fato que evidencia o destaque de “Naruto” é a publicação de *datatables*²⁴, “[...] outros mangás da franquia, “Naruto” *gaiden*, “Rock Lee” e a primavera da Juventude e “Boruto” (atualmente em publicação) [...] (BLOG BBM, 2019, [s/p])”; sem esquecer da *light novel*²⁵ “*The Last: Naruto The movie*” em 2019. Válido lembrar, também, que “Naruto” foi a primeira experiência, com assinaturas de mangás, da editora Panine, no Brasil, juntamente com o mangá *Fullmetal Alchemist* da JBC em 2007.

Em 2008, segundo o Blog BBM (2018) o mangá “Naruto” até 2021, possuía uma tiragem mundial de 235 milhões de cópias impressas, sendo que desse, 140 milhões de origem japonesa e, 95 milhões espalhadas pelos demais países, ou seja: “[...] 40% dos volumes das obras foram publicadas fora do Japão”. (BLOG BBM, 2018, [s/p]).

Como pode ser observada, a obra “Naruto” tem uma forte audiência e influência em muitos países propiciando um mercado crescente. O que nos leva a afirmar que gerações nasceram e cresceram assistindo esta obra e seus personagens, fato que possibilitou o surgimento e aumento de fãs rapidamente, a exemplo do Brasil. Público este, ávido por informações e produtos voltados ao mesmo.

4.3 – *Fulton e Youton*²⁶: O poder revelado pela globalização

O *animê*/mangá conquistou o poder de disseminação e de influência devido à globalização e o conseqüente processo de desterritorialização (tratado na subseção

²⁴ Livros que contêm informações e detalhes não revelados ou deixados claros no mangá ou no *animê*, tanto de seu enredo como curiosidade, características de seus personagens.

²⁵ “[...] são romances ilustrados geralmente no estilo anime/mangá, compilados de revistas ou sites na internet” (WIKIPÉDIA, 2020, [s/p]).

²⁶ Poderes da quinta *Mizukage* (Líder da Vila da Oculta da Névoa), que usam, respectivamente, a técnica de liberação de ácido altamente corrosivo capaz de derreter qualquer material e a técnica liberação de lava capaz de criar um rio de lavas, queimar e solidificar qualquer inimigo. Ambos responsáveis pela mudança no regime político e militar do País da Água.

4.1) que propiciou a utilização de um bem cultural (oriental e japonês), ser importado para um país ocidental, culturalmente oposto e, que segundo Berardi (2005) faz o indivíduo sentir-se feliz, alimentado pelo sistema mercadológico, continue imerso e promovendo a constante alimentação desse sistema capitalista. Assim a desterritorialização para Berardi (2005), e aqui trabalhada, possibilita à hibridização cultural responsável pela dissolução das fronteiras e de sua identidade cultural.

Foi graças ao ciberespaço criado pelo advento da Internet iniciada na metade dos anos 90 (Terceira Revolução Industrial), a chamada Revolução digital, que tais mudanças globais foram possíveis. Essas transformações originou o esfacelamento fronteiriço (desterritorialização), culturais das nações e, permitiu o surgimento de novas formas de interações, comunicações, produções, acordos, transações e negociações jamais pensados séculos anteriores.

A globalização não é um processo ao qual alguém possa se opor, não é uma opção política voluntária à qual seja possível qualquer pessoa ficar na oposição. É um plano de desterritorialização no qual nos encontramos sem possibilidade de volta. (BERARDI, 2005, p. 146).

Pesquisadores como Lipovestsky (2008) encaram essas transformações provenientes do hipercapitalismo elementos de uma cultura-mundo²⁷ de cunho econômico e cultural (que nos interessa aqui) que orienta todas as atividades sociais, mas não coloca o indivíduo como “escravo” inerte; mas como: “[...] o instrumento de sua consolidação como elemento de afirmação da identidade dos grupos e dos indivíduos desejosos de valorizar sua diferença.” (LIPOVESTSKY, 2008, p. 116), chegando até a afirmar que a globalização mercantil é mais imaginária que real.

De uma forma ou de outra, a globalização é vista como algo inexorável e, ambos apontam a necessidade de reflexão e de conhecimento desse sistema capitalista para que se possa munir a sociedade de “armas” intelectuais que a levem a: “[...] fazer com que os excessos do mercado não acabem com a diversidade.” (LIPOVESTSKY, 2008, p. 131), sendo a melhor forma de garantir o pluralismo cultural.

Conhecendo essa realidade e seguindo essa lógica, proveniente da desterritorialização cultural (BERARDI, 2005) e da cultura-mundo (LIPOVESTSKY, 2008), que o *animê*/mangá “Naruto” foi inserido no ensino de língua materna (português): cientes dessas inerentes reconfigurações e das necessidades de

²⁷ Desterritorialização cultural de Berardi (2005).

transformá-las em aprendizado significativa, real e adaptável a nossa realidade; sem necessariamente precisar substituir a nossa identidade, já que:

As telas não são responsáveis pelo grau de cultura ou de incultura que veiculam. É a utilização que se faz delas que está em pauta. Ignorá-las equivale a desligar-se do mundo tal como ele é, quando elas podem ser, por uma política que as otimize, um meio privilegiado de enriquecer os indivíduos e civilizar a cultura-mundo. (LIPOVESTSKY, 2008, p. 184).

Seguindo o raciocínio é preciso fazer das informações capturadas nas telas (tecnologias) um bom uso, sem necessariamente temê-las ou negá-las. Assim, trabalhar com o *animê/mangá* “Naruto” colabora com o conhecimento de outra cultura, como também possibilita, os jovens, a reafirmar a sua, visualizar e refletir sobre o universo, negociar significações, fazer mediações. Mesmo sendo proveniente do novo ciclo do capitalismo (hipercapitalismo), permite que o indivíduo seja autônomo, responsável e consiga estar conectado com o mundo.

Isso não significa que as consequências negativas (desorientação, angústia, baixa autoestima, desestabilização de identidade individual, manipulação, empobrecimento da comunicação) apontadas por Berardi (2005) e Liposvestsky (2008) sejam esquecidas, mas implica em trabalhar mais uma forma de resistir. Se o “conhecimento é poder” reconhecendo outras culturas teremos o poder de lutar contra as manipulações, defender nossa identidade e decidir unir ou não determinados interesses, codificar, recodificar, subtrair significações e, escolher o porquê, onde e como realizar suas ressignificações. Em seu texto por uma outra globalização, Santos (2006, p. 114) ratifica neste processo globalização/mundialização a importância do lugar como determinante.

Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.

Aqui a sala de aula é um “lugar” como espaço de resistências. Reforça a perspectiva de Santos quando desloca do eixo das práticas políticas centradas no dinheiro para novas práticas políticas centradas no ser humano. É com o desejo de construir possibilidades de novas práticas de poder, que o Português será ofertado, utilizando para isso como dispositivo pedagógico (*animê/mangá* “Naruto”),

proveniente das “telas”, analógicas ou digitais, eletrônicas ou impressas, com o intuito de aperfeiçoar, privilegiar, enriquecer as leituras dos jovens participantes dessa pesquisa, ao passo em que os apresento a uma “cultura-mundo” e seus processos de desterritorialização.

Dispositivo entendido e relacionado ao que prepara, ao método e procedimento de pesquisa fundado nas contribuições de Macedo (2010), ao qual auxilia aos educandos e educadora uma compreensão mútua, já que trabalhar com um elemento estrangeiro, com características específicas e distintas da nossa; requer que este seja flexível, adaptável a nossa realidade, as necessidades observadas no percurso e nas relações professora/pesquisadora-alunos, alunos-professor/pesquisadora, alunos-alunos. No conceito proposto por Agamben (2009, p. 40), o dispositivo é, “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. Neste sentido, seguimos o entendimento de Macedo (2020) quando aponta que um dispositivo não pode ser encarado como acabado e eterno, mas visto como dinâmico, flexível, maleável e possuidor de movimento que permite encontros diversos.

O *animê*/mangá “Naruto” não é brasileiro, não possui raízes nacionais e nem características estéticas, linguísticas e culturais brasileiras. Então por que investir em uma cultura externa, se existem gêneros nacionais parecidos que poderiam substituir facilmente o *animê*/mangá “Naruto”?

De fato, sim, mas não facilmente. Existem gêneros que podem e devem ser utilizados para o ensino de Língua Portuguesa, com ou sem influência nipônica que poderiam ser inseridos; no entanto, tais não conseguem ser aceitos facilmente pela parcela jovem como a cultura pop atual. A legião de fãs e sua aceitabilidade são inquestionáveis, o que aponta para a possibilidade de sua adaptação de uso. Além do mais, “O que já não fará sentido é continuar programando políticas que separem aquilo que acontece na Cultura - maiúscula daquilo que acontece nas massas - na indústria e nos meios massivos de comunicação”. (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 287).

Se a questão negativa desse uso é o fator do consumo debatido e criticado por muitos filósofos como Berardi (2005), em contrapartida não podemos deixar de perceber que “[...] nem toda forma de consumo é interiorização dos valores das outras classes”. (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 289). Aliás:

Não se trata apenas de medir a distância entre as mensagens e seus efeitos, e sim de construir uma análise integral do consumo, entendido como o conjunto dos processos sociais de apropriação dos produtos'. [...] O espaço da reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas enquanto lugar de interiorização muda da desigualdade social. [...] O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 289).

Se recair na aculturação as dúvidas de seu uso, é bom lembrar que possuímos inúmeras identidades, adotadas conforme a nossa necessidade (HALL, 2015); facetas estas formadas no processo identitário que desde infância foi e é influenciado pelas mídias em geral, que sempre ditaram o que consumimos, nossas opiniões, ideologias, o que vestir, como se comportar, em que acreditar e como visualizar o mundo a nossa volta. O que mudou na atualidade é que tais forças não são locais, nem somente nacionais, mas globais.

É válido afirmar ainda que o *animê*/mangá será utilizado como dispositivo mediador, para além de uma perspectiva de desumanização. Aqui procuramos resgatar a crítica enquanto potência transformadora e reconstrutora das subjetividades, como ponto de partida para conectar a leitura, as regras gramaticais, a importância de estudar, o estímulo e a vontade de estudar ao conhecimento de mundo que os jovens estudantes já possuem (cultura nipônica) e assim, possibilitar uma aprendizagem significativa, ou seja: “Naruto” possui a função de um organizador prévio “[...] a servir de ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que ele deve saber, a fim de que o material possa ser aprendido de forma significativa [...]” (MOREIRA, 1999, p. 155; AUSUBEL, 1982).

Aprendizagem significativa vista como:

[...] um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ou seja, este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel define como conceito subsunçor, ou simplesmente subsunçor, existente na estrutura cognitiva do indivíduo. A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz. (MOREIRA, 1999, p.153).

Ausubel (1982) chama atenção ainda para o fato de a nova informação relacionar-se de maneira não literal e não-arbitrária ao conhecimento prévio existente. Baseado na evolução digital e tecnológica atual, na existência do subsunçor (cultura nipônica) e na necessidade da ancoragem dos novos conhecimentos é que o *animê/mangá* tem sua utilização amparada.

Para termos uma ideia do poder desse subsunçor, em 2016 somente o mercado de *animê* movimentou em torno de 02 trilhões de ienes (71,55 bilhões de reais), em 2019 cerca de 2,51 trilhões de ienes (130 bilhões de reais) segundo dados da *Association Of Japanese Animations (AJA)*, contrariando as expectativas dos próprios autores do relatório, por acreditarem que o declive no número da natalidade japonesa, o encolhimento do mercado interno e leis mais duras japonesas iram afetar negativamente a indústria do *animê*. Comprovaram também que o grande responsável por esse 15,1% de aumento foi a sua distribuição via Internet, segundo os eventos ao vivo, já citados, e que no ano de 2020 aconteceram on-line. (UGGIONI, 2019; 2020).

É necessário perceber que evoluir é imprescindível, manter-se intacto e intocável não teria permitido nós, seres humanos, chegarmos a descobertas atuais. A própria língua ensina-nos que o que não evolui, morre; o que não permite abertura ao novo, a evolução e negociações culturais são eliminadas. Isso não quer dizer que devemos esquecer o que é originalmente nosso, ou aceitar sem reflexões qualquer influência advinda do outro, mas possuir habilidades e capacidades desenvolvidas para fazer as negociações necessárias e precisas, segundo a realidade e necessidade pessoal, local, regional ou nacional, como já afirmado.

Negociações que são “[...] lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural [...]” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 292) que possibilita que o receptor não seja apenas “[...] um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor.” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 287). Não devemos fechar os olhos para as influências eminentes e concretas; mas preparar e potencializar, em nossos estudantes, as estratégias e processos de negociações necessárias para a reflexão crítica e o consumo mais adequado e imprescindível para essa convivência; logo que o desenvolvimento atual é irrevogável e inexorável.

Para isso, negar a existência das influências das demais culturas ou ignorar não é a saída mais lógica e sensata a adotar. É nítido que a forma como nos comunicamos, interagimos, negociamos e reagimos não são mais as mesmas de

décadas. É fácil percebermos não seguimos as mesmas regras do passado, nem a mesma forma, principalmente, neste momento de quarentena e distanciamento social que passamos: os abraços foram substituídos por punhos e cotovelos; o carinho por palavras e gestos distantes, as conversas íntimas e visitas acaloradas por vídeo chamadas, as confraternizações e festa por *lives*.

Esse processo mostra que a inovação vista por alguns como um problema para as relações presenciais, serviu para unir e manter viva a esperança, o contato, as interações cotidianas. A tecnologia e as possibilidades digitais não destruíram a intimidade, as emoções, o olho no olho, mas propiciou um continuar de vida que não seria possível sem ela, ou pelo menos seria muito mais dolorosa e de difícil enfrentamento. No entanto, ao saber ou ser possível seu aprendizado permitiu com que a população se utilizasse desse dispositivo, à sua realidade e necessidade, diminuindo distâncias, eliminando o espaço-tempo e mantendo laços.

Em consonância a essa situação, seria natural que a forma de aprender e ensinar acompanhasse tais mudanças. Contudo não é o que tem acontecido. O que vemos é a polarização de quem aceita ou detesta a tecnologia, que a coloca como salvação ou destruição das práticas educativas, principalmente as escolares. Esquecendo que ambas podem ser possíveis, desde que não ignoremos a capacidade humana de adaptar-se e adequar-se às instâncias do momento.

As estruturas profissionais, sociais, culturais, educacionais, emocionais e pessoais foram modificadas; hábitos alterados e tudo influenciado pelo crescimento das tecnologias digitais e a globalização que eliminou o espaço-tempo. Hoje sites, aplicativos, *blogs*, *podcast*, redes sociais e celulares impulsionam a sociedade a adaptar-se, evoluir juntos e, a fazer uso dessas em sua vida cotidiana. Quem não consegue seguir o ritmo são abandonados ou encarados como retrógrados e estagnados. Este é o poder que deve ou não ser usado a favor da educação, um ato que pode tonar-se potência.

4.4 - Kimimaro Kaguya²⁸: A nova *Kekkei Genkai*²⁹ da BNCC

²⁸ Personagem de Naruto, único sobrevivente do poderoso clã do País da Água (Clã Kaguya) e possuidor de uma *Kekkei Genkai* rara.

²⁹ Poder ou habilidade genética herdada somente por linhagem sanguínea.

A evolução tecnológica móvel é defendida como sendo a segunda natureza vital humana (SANTAELLA, 2013). Mas mesmo fazendo parte do universo e da natureza humana, a educação ainda não consegue inserir em sua prática tais avanços, evoluir seus métodos, redefinir suas estratégias e fundir a cultura educacional com as novas culturas tecnológicas, principalmente coerentes ao universos vivido pelo jovem atual, como pressupõe a BNCC (2018) que evidencia para a disciplina de Língua Portuguesa o trabalho com diversas narrativas e usos da linguagem que possibilitem o aluno participar da sociedade de forma crítica e criativa.

A BNCC (2018) orienta a utilização de gêneros diversos e específicos para cada etapa/ano, explorar as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), que permita a compreensão de seus princípios, funcionalidades para um uso responsável, criativo e adequado da linguagem em diferentes contextos e segundo as necessidades. Para os anos finais do Ensino Fundamental, ela direciona as aulas para um despertar da autonomia e do protagonismo dos estudantes que irão ingressar no Ensino Médio, sugerindo dez competências gerais: Mobilização de conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania.

Fortalece o que os PCNs já defendiam: a centralização do ensino nos textos e gêneros textuais, ou seja, na contextualização e no aliar da gramática com o uso social da língua. Claro que a BNCC por ser mais recente amplia o conceito de gêneros textuais por conta da tecnologia e suas implicações já debatidas acima, por isso, acrescentou o uso dos textos multimodais, as questões de multiculturalismo ao qual o *animê*/mangá “Naruto” esquadra-se.

Tanto os PCNs quanto a BNCC organizam os conteúdos em grupos bem semelhantes, diferenciando-se apenas no acréscimo da semiótica por aquela. Ambas apontam o estudo para a língua escrita e oral, sua leitura, produção textual e análise, no entanto, a inclusão do estudo dos signos nos processos de significação é algo novo, mas necessário no mundo de espaços virtuais, mudanças tecnológicas e culturais que vivenciamos.

Outro avanço proveniente da BNCC que se aproxima do proposto desta pesquisa é a questão da relação das práticas de uso da língua e, de sua reflexão com intuito de levar os estudantes a um empoderamento/habilidades/potência com o uso da língua e adquirida no processo. Para isso, a contextualização das práticas da

linguagem é levada a sério e considera os campos: da vida cotidiana, da vida pública, das práticas de estudo e pesquisa e, do campo artístico e literário.

Trabalhar nessa realidade exige do professor uma postura crítica, investigativa, de parceria e negociações com os alunos que o permita conhecer a realidade linguísticas destes alunos, seus gostos, suas percepções e assim poder contextualizar sua aula com os contextos reais daqueles aos quais focamos nossos esforços em pró da aprendizagem. Realidades essas que servirão de subsunçores para os novos aprendizados desejados, no nosso caso aqui a diversas possibilidades da Língua Portuguesa.

Entre as diversas exequibilidades possíveis e disponíveis está o *animê/mangá* “Naruto”, que possuidor de um exército de fãs, convive e vive diariamente com suas “multinarrativas” em forma de: mangá, *animê*, personalizados, músicas, conversas, interações, jogos, comunidades, grupos, encontros institucionalizados e redes sociais especializados. Surge com potencial visível e pronto a ser testado, adaptado e reformulado segundo as conveniências.

Se a educação ocorre em lugares que fazem sentido aos jovens, a possibilidade, de eles entenderem a importância da aprendizagem para a vida, das relações anímicas com o processo de aculturação, escolhas e negociação é bem maior; além de fortalecer sua disponibilidade e vontade de aprender. Para isso, é necessário treinar o olhar do jovem para ver múltiplos ângulos e quem sabe a criar uma nova forma de ler o mundo, de criar alternativas, ou ao menos, pensar sobre. Agora imagine tudo isso aliado a aprendizagem da Língua Portuguesa: é o colocar a BNCC (2017) em prática.

A partir dessas possibilidades é possível utilizar o *animê/mangá* “Naruto” como dispositivo potencializador da Língua Materna? Partindo do pressuposto que este pode contribuir na aprendizagem do português de forma significativa é que foi traçado o foco central dessa pesquisa: compreender se e como ocorre esta contribuição. Para isso é importante seguir lei, regras³⁰ (métodos, metodologia) que não são tudo, mas são indispensáveis, em razão da necessidade de uma ordem, de um direcionamento que conduza a pesquisa por uma rota organizada, de pensamento científico, a adotar escolhas pertinentes em busca do saber.

³⁰ Usados aqui como referências as leis e regras que devem ser seguidas fielmente e rigidamente por um *Shinobi*.

5 - PAÍS DA TERRA E A VILA DA PEDRA: NO CAMPO DE BATALHA NINJA – A MUDANÇA DE PERCEPÇÃO *SHINOBI*

“É verdade que tudo que queremos não virará realidade, mas o que precisamos fazer sempre deve começar como um desejo.” Might guy.
Miht guy - KISHIMOTO, M. *Naruto*. 1997

Nesta seção são apontadas as inter-relações analisadas e os *feedbacks* recebidos pelos jovens participantes da pesquisa, seu nível de envolvimento com o dispositivo; se houve ou não uma aproximação dos jovens com a disciplina; se os mesmos demonstraram empenho, vontade, ânimo, persistência e motivação nas atividades propostas, devido a utilização do *animê/mangá*, em relação ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Com o desejo (aprender português não entendido na escola) escolhi Letras; com mais um desejo (ajudar alunos, que como eu, não via sentido no Português) seguir minha intuição e experiência e incluir “Naruto” em minhas aulas; foi através do desejo que iniciei e insistir na busca de técnica e conhecimento científico e foi por mais um desejo que aliei o gênero *animê/mangá* “Naruto” aos conhecimentos científicos e, será por meio de desejos que ainda aceitarei várias outras missões ninjas.

Não é inutilmente que Berardi (2004, p. 29) afirma que: “[...] o desejo é a força que põe em movimento todo processo de transformação social, toda mutação do imaginário, toda transferência de energia coletiva”. Desejos que me proporcionaram a observar as mudanças de postura perante a disciplina de meus educandos, a ver o possível potencial do gênero, a ouvir e conseguir ser ouvida, levada a sério. Assim, foi que a percepção negativa da Disciplina de Português e conseqüentemente de seus educadores foram desafiadas.

O acreditar em uma transformação levou a uma mudança de ação que por consequência alterou comportamentos e gerou produtos, estes simbolizados pelos dados obtidos neste trilhar *shinobi* e retratados em letras, experiências e informações que serão expostos cientificamente a partir de então.

Questionários foram utilizados para obter informações que me possibilitasse conhecer o jovem, seu perfil pessoal e aprendizagem/uso da Língua Portuguesa, bem como sua aquisição após os dois meses e meio no Módulo de Português com a metodologia anímica.

O primeiro questionário nomeado “Início de uma História” tinha a responsabilidade de permitir-me conhecer o perfil dos jovens, seu conhecimento gramatical e de uso da língua, como também seu saber sobre o *animê/mangá* “Naruto”. O segundo questionário detinha responsabilidade colher informações sobre seu aprendizado no Módulo de Português, conquistado nos 2 meses e meio em que conviveram comigo e minha metodologia e assim possibilitar o confronto de dados e análises. Ambos com perguntas abertas e fechadas e sem obrigatoriedade para respondê-los, nem de identificação para que os permitissem ter segurança em relação a suas identidades e pudessem ser sinceros e reais em suas respostas.

Os jovens que viveram e construíram comigo esta experiência, 108 no total e responderam ao questionário I (Início de uma História), o mais velho tem 25 anos (0,9 %) (este por completar 25 anos após o período de inscrição) e o mais novo 13 anos (0,9 %); o maior número de jovens encontra-se com 17 anos (25,9%), 16 anos (16,4 %), 15 anos (16,7 %) e, 18 anos (13%); os demais (73,8 %) encontram-se com idade de 14 (0,9%), 19 (8,3%), 20 (10,2%), 21 (1,9%), 22(1,9%), 23 (0,9%). A única idade que não se fez presente da faixa etária atendida pelo ILBJ foi 24 anos.

Desses 66,7% são mulheres, 32,4% homens e apenas um (a) jovem se identifica como não binário. Todos provenientes de escola pública, 80% estudam em escola estadual, 7,4 % em escola municipal e 19,4% já concluíram o Ensino Médio; distribuídos no Ensino Fundamental Maior (5ª série - 4,6%, 6ª série – 4,6%, 7ª série - 5,6%, 8ª série – 5,6%, 9ª série – 11,1%) e no Ensino Médio (1º ano – 13%, 2º ano - 21,3% e 3º ano – 14,8%).

O fato de possuirmos mais jovens no 9º ano (Fundamental) e no Ensino Médio chamou a atenção e levou-me a perguntar se já conheciam o ILBJ e o motivo de não terem entrado antes. Entre as 66 respostas, 95,5% já conhecia o ILBJ, e os motivos de terem entrado somente este ano foram:

Quadro 3 - Motivos de terem entrado somente em 2020 no ILBJ

Motivos	Percentual	Algumas respostas
Não conhecia o ILBJ.	4,5%	“Não sabia que existia” “Não conhecia”
Não passou em seleções anteriores.	19,6%	“Não consegui entrar em anos anteriores.”; “Tentei 3 vezes e só ano passado consegui.”

Falta de interesse.	22,7%	“Não queria estudar não professora.”; “Não tinha interesse.”; “Só queria dormir, professora”.
Excesso de atividade / responsabilidade	12,1%	“Quando pensei em estudar em duas escolas, desistir”; “Muitas coisa para minha cabeça”.
Falta de perspectiva para o futuro	13,7%	“Não pensava no meu futuro na época”; “Não sabia o que queria da vida”
Não possuir conhecidos no ILBJ	4,5%	“Não tinha ninguém conhecido que estudava aqui”
Questões financeiras	12,1%	“Não tinha dinheiro da passagem”; “A coisa estava preta em casa”
Prefeitura não possuir parceria com o ILBJ	7,6%	“A prefeitura não dava o ônibus nesta época”.
Questões de saúde	3,7%	“Passei quase 3 anos de tratamento” “Estava passando por uma doença.”
Pandemia	1,5%	“Conheci em 2019 por uma amiga, mas a pandemia me atrapalhou”.

Fonte: Diário de bordo da pesquisadora (2021)

O desejo de fazer parte do ILBJ requer ultrapassar barreiras. Mesmo não conseguindo entrar pelas seleções (19,6%), eles insistem a fazer parte do ILBJ, objetivo dificultado pelas questões financeiras (12,12%) que os impedem de vislumbrar uma oportunidade no ILBJ, de conseguirem ser selecionados e não conseguirem continuar por conta das passagens, faltarem às aulas por não terem como chegar ao ILBJ, precisarem trancar e tentar voltar no ano seguinte e, terem que trabalhar para ajudar no sustento familiar.

É forte perceber que os motivos que mais atrasaram a participação dos jovens no “Projeto Conectando com a Vida” foram as vagas insuficientes para os interessados, a falta de perspectivas futuras e a precária situação financeira. Três vertentes ligadas por questões sociais, já que a procura pelo curso do ILBJ deve-se não somente ao trabalho realizado, mas por ser ofertado gratuitamente à comunidade carente, público este com poucas oportunidades devido justamente a o baixo poder aquisitivo.

Ainda tem a realidade de jovens que conhecem o ILBJ, morarem em outro município e não terem condições de fazer parte da instituição por falta de investimento de prefeituras em relação ao transporte (7,6%). Ao visar tais situações que parcerias foram realizadas, com prefeituras de Itaporanga, Estância, São Cristóvão, Riachuelo

e Areia Branca, as quais se responsabilizam com o transporte dos mesmos, desde a inscrição, matrícula e dos respectivos dias de curso e/ou oficina.

Outro fator preocupante e que não deixa de estar vinculado aos anteriores é o excesso de responsabilidade dos jovens, citados como um dos motivos que os impediram de estudar antes no ILBJ. O jovem atendido, economicamente vulnerável e, por isso, são obrigados a acumularem atividades (12,1%) entre elas cuidar da casa para os pais trabalharem, cuidar de irmãos, cozinhar, lavar, levar irmão a escola, estudar, ensinar banca escolar, trabalhar, cuidar de avôs. Com tantos afazeres o tempo livre para se dedicarem à escola ou a algum curso torna-se quase nulo.

O fato juntamente com as respostas leva-nos a entender que com o passar dos anos, o jovem vai motivando-se, de alguma forma, a estudar, a buscar mais conhecimento e alternativas para ingressar no mundo do trabalho, levar mais a sério os estudos e a buscar por mais cursos. Tal conclusão é confirmada com as respostas, dos mesmos, sobre o que você espera do ILBJ, dos módulos que irão estudar: “Mais conhecimento (86,4%) e consegui um jovem aprendiz ou um emprego” são as que predominam (95,5%).

Tal desejo levanta questões econômicas e sociais duras: É necessária complementar a renda familiar, possuir poder aquisitivo não propiciado pela falta de condições familiar, adquirir a liberdade financeira, melhorar a qualidade de vida, ir morar em uma casa melhor (jovens que moram em Vila que compartilham banheiro), “libertar-se” de madrasta e padrastos, realizar sonho de morar só e, “Não comer mais ovos na vida” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 15/04/2021).

Tal situação, também foi confirmada pelo número alto de jovens que não conseguiram seguir as aulas on-line por não possuírem celulares e Internet, possuírem celular sem suporte para o *Meet*, possuírem um único aparelho (da mãe) para dois ou três filhos estudarem (na escola e no ILBJ), aparelhos que foram roubados ou quebraram e não possuíam condições de adquirir outro em um curto espaço de tempo e, outras questões.

Da parcela que possuía celular (mesmo que da mãe, emprestado da tia, madrinha, vizinho) e Internet, por *wi-fi* ou dados móveis (própria ou não), não podemos esquecer-nos das dificuldades enfrentadas: Celular sobrecarregado, não conseguir ou não poder visualizar imagens e vídeos enviados pelo grupo de *WhatsApp*, não suportar o *Meet*, aparelho roubado ou quebrado, qualidade de conexão ruim e falta de um local minimamente adequado para assistir as aulas.

Como já relatado, os jovens atendidos pelo ILBJ são jovens carentes, provenientes das periferias aracajuana e cidades vizinhas, por esse motivo possuem responsabilidades extras, sem esquecer-se da divisão de trabalho por gênero: Em um semestre de aula, foi constatado que dez meninas eram responsáveis pela casa enquanto suas mães trabalhavam, duas tinham como responsabilidade a cozinha, mas suas mães não trabalhavam e seis cuidavam de seus irmãos mais novos ou sobrinhos, e duas recebiam um valor para cuidarem de filhos de vizinhos.

É importante frisar que esta constatação foi realizada sem perguntas específicas, foram observadas por situações delicadas em momento de aula: barulhos feitos pelas crianças, necessidade de sair da aula para realizar alguma tarefa doméstica, gritos, xingamentos, palavras de baixo calão, briga, choro, música alta. Em todas as situações, os jovens pediam desculpas e estavam visivelmente constrangidos e envergonhados com a situação. Ainda houve casos de justificativas para não abrir câmera ou respondido a um questionamento por estarem realizando algumas tarefas para seus familiares, estavam acontecendo situações embaraçosas no momento, ou vergonha pelo local que estavam.

Para visualizarmos bem a situação: uma *Kunoichi* pediu no privado para ser liberada de abrir a câmera por estar assistindo aula no banheiro, por ser o local mais silencioso da casa; outra ao abrir o áudio para responder um questionamento feito em sala, foi xingada e chamada de inútil, irresponsável, que não servia para nada (pela mãe). Esta ainda pediu desculpa a mim e a turma pelo barulho e justificou: “minha mãe é assim mesmo [...]”.

A situação deixou todos paralisados e o que pude fazer foi falar: “Não se preocupa, minha querida, quem de nós já não foi chamada de irresponsável pelos pais? Adulto é difícil de lidar. Eu mesma não fazia nada direito. Quebrava tudo que colocava em minhas mãos e só dava prejuízo.”; naquele momento, ela riu e pareceu sentir-se aliviada por não ser a única; outros também relataram que já tinham passado por algo parecido, rimos e continuamos a aula.

No fim da aula, pedi para ela ficar alguns minutos a mais para conversarmos um pouco, a mesma relatou escrevendo (já que não poderia falar por conta da presença da mãe) que ela era responsável por tudo da casa (cozinha, faxina, ajudar os dois irmãos nas lições da escola, lavar, passar e estudar), a mãe fazia a feira e bebia; além de chamá-la de inútil todos os dias. Perguntei se tinha algum motivo para

sua mãe tratá-la assim, a mesma pediu para responder depois, porque precisava terminar o almoço e a mãe já estava perguntando: “Essa aula não acaba hoje não?”.

Esse episódio aconteceu às 11h15min, ou seja, faltavam ainda 15 minutos para a aula acabar. À noite (22h33min), horário que tinha acabado os afazeres do dia, a jovem falou comigo no privado, perguntou se poderia desabafar e contou-me um pouco de sua vida: filha mais velha, não conheceu e nem sabe quem é o pai, mãe viciada em álcool e sem emprego fixo, trabalha quando quer (já que consegue trabalhar como diarista facilmente), recebe bolsa família, trata todos os filhos como empregados e culpa-os de sua situação de miséria³¹.

Esta, no final do Módulo, procurou-me para agradecer os conselhos, o aprendizado, por mostrar que não deveria desistir nem continuar desanimada e que as escolhas dela poderiam fazer toda diferença em sua vida. A mesma ainda me fez uma promessa de que iria continuar a estudar e iria se esforçar ao máximo para na formatura dela e ela dizer: “Professora toda boa e mais um pouco eu consegui. A senhora vai ver...”. É admirável a resiliência em meio a tanta dificuldade (financeira, psicológica, familiar, emocional).

Esse não foi o único desafio enfrentado nas aulas. Houve *kunoichis* e *shinobis* que pediam licença para sair mais cedo ou para sair e voltar minutos depois, para poderem ir à farmácia, à mercearia e/ou à casa de vizinho e parente comprar, pegar algum produto, ou passar algum recado para seus pais/avôs. Ao serem indagados sobre quem realizaria tal atividade se a aula fosse presencial, os mesmos respondiam que as mães, avôs ou esperariam eles/elas voltarem da escola. A maioria esperava a aula acabar para realizarem a tarefa, mas alguns pediam desculpas e iam mesmo assim e, três ainda relataram que foram ouvindo a aula pelo fone. Um desses fez questão de abrir a câmera e dizer que: “profi., não deixo sua aula por nada. Vim comprar açúcar pra minha vó i pra não perde nadinha de sua aula vim com o celular, veja...” (DIÁRIO DE BORDO, 14/07/2021).

³¹ Perguntou como era minha relação com meu pai e como eu reagia quando levava nome de irresponsável e que não fazia nada certo. Este momento foi tenso, pois afirmei já ter passado por situações assim, para ajudá-la naquele momento, realmente quebrava tudo que colocava em minhas mãos e dava prejuízo, mas nunca fui chamada de irresponsável pelos meus pais. Por conta da “mentira didática” ao qual chamo as mentiras vistas como necessárias para ajudar alguém, ou “mentira do bem”, respondi colocando-me no lugar e pensando nas vezes que meus pais falaram frases que me afetavam negativamente, tentando mostrar que dói, é incompreensível, mas podemos dar a volta por cima e provar que estavam errados. A conversa foi longa, pesada, mas “reconfortante” segundo a *Kunoichi* que agradeceu e afirmou continuar firme nos estudos para poder ter uma vida diferente da mãe.

Como poderia brigar com um ninja desse? Rir, agradei pelo respeito a minha aula e ao final da aula o orientei a evitar tal ação, mas o mesmo explicou que a avô precisava do açúcar naquela hora e só tinha ele para ir comprar. Ao ser questionado sobre quem compraria se ele estivesse presencial na aula, o mesmo riu e falou: “Ah, fessora, aí seria outra coisa, mais eu tô aqui e posso ir.” (DIÁRIO DE BORDO, 14/07/2021). Veja que não é somente a família que não tem noção do quanto a falta de concentração e atenção nas aulas impede a aprendizagem acontecer.

Essa situação levou outros ninjas a dizerem que também já tinham feito ações parecidas e, alguns afirmaram atrapalhar o entendimento da aula, que precisavam pedi para repetir a explicação ou que nem ouviam o que a professora tinha falado.

Foi em meio a esse universo que o *animê*/mangá “Naruto” foi inserido. Nas conversas que tive individualmente com cada ninja, anotadas no diário de pesquisa, fiz questão de colocar o personagem Naruto como exemplo e assim levá-los a perceber que o mesmo sofreu *bullying*, era visto como inútil, o “burro” da classe, que não tinha amigos, possuía muitas dificuldades de realizar as tarefas escolares, era humilhado e xingado por quase todos da Vila, não conhecia seu pai ou sua mãe, desejava ter uma família para o esperar ao voltar da Academia, ficava triste e sentia muito tudo isso, mas nunca se permitia ficar deprimido por muito tempo, acreditava que tudo iria mudar. Para isso, acreditava em si mesmo, treinava mais que todos, persistia e sorria.

Assim, como a ficção (baseada na vida real) deveria manter-nos focados em objetivos, perseverantes, resilientes e eternos estudantes. E como Naruto, Sasuke, Sakura, Hinata, Ino, Rock Lee, Choji e outros personagens, deveríamos aceitar desafios, acreditar em nosso potencial, esforçar-nos e evoluir; cada um em seu tempo, como cada um dos personagens citados, utilizando nossos “poderes” específicos, travando nossas lutas, enfrentando nossos medos e superando nossos limites. Afirmações clichês, pode estar pensando, mas para muitos dos meus ninjas soavam como um estímulo a mais.

Independente de qual cidade sergipana pertencia se, Aracaju (60,2%), Nossa Senhora do Socorro (25%), São Cristóvão (9,3%), Barra dos Coqueiros (0,9%), Estância (0,9%), Laranjeiras (0,9%), Riachuelo (0,9%), Lagarto (0,9%) ou Maruim (0,9%); foram direcionados a perceberem que somos brasileiros e o que mais nos unem não é o futebol, mas a língua. Temos características únicas e diversas, problemas nacionais e locais e, tudo representado pela nossa língua e que, por isso,

o português/brasileiro estava internalizado em cada um, seja na nossa forma de falar, pensar, agir, resolver os problemas; formava-nos e está em tudo ao nosso redor, fato confirmado por Hall (2003, p. 357) “[...] a realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada pela linguagem ou através dela.”, e a linguagem por nós utilizada é a Língua Portuguesa.

Tal afirmação os levou a estranhar e a questionar rapidamente: “professora, como assim o português está em tudo?” (DIÁRIO DE BORDO, 11/04/2021), “Até nas outras matérias?” (DIÁRIO DE BORDO, 12/07/2021), “Explica esse negócio direito” (DIÁRIO DE BORDO, 11/07/2021). Ao serem levados a pensarem se a nossa comida, nossa dança, nossa música, nosso sotaque, nosso folclore, nossos hábitos, são os mesmos de outros países; se ao consumismo algo estrangeiro, fazemos do nosso modo ou seguimos fielmente a forma de uso do outro país:

“Não é igual não, porque pizza comemos de garfo e faca, yakisoba não comemos com os pauzinhos”; “É mesmo professora, por isso um gringo falando português a gente logo percebe”; “Eles fala engraçado...”; “No hambúrguer colocamos um monte de coisa dentro, coisas que o deles não tem”; “Professora a senhora não tem o que fazer não? Porque parar para ver essas coisas, meu Deus! Nunca que eu ia ver isso”.; “Verdade professora”, eu mesmo nasci em São Paulo, morei lá até meus 11 anos e até hoje ainda sofro bullying por causa do meu sotaque”; “Imagine se um de nós for morar nos Estado Unidos, só de olhar nossa cara ia saber que somos de fora”; “Se algum dia for morar fora do Brasil, não largo meu cuscuz por nada.” (DIÁRIO DE BORDO, 14/09/2021).

Estes foram alguns dos comentários. Começaram a perceber que mesmo que fossem morar em outro estado ou país seria muito difícil apagar o regional e/ou o nacional dentro de si; a decodificação do que consumismo e interpretamos não é homogênea (HALL, 2003), isso aliado ao fato de que “Tudo está conectado e atado com tudo. Não há nenhuma essência isolada [...] Nem o corpo nem o pensamento seguem um modelo linear. [...]” (HAN, 2019, p. 19). As duas culturas: a natural e a absorvida passam a coexistir, consequência do mundo hipermoderno e da desterritorialização, já mencionadas.

Também conseguiram fazer relação com o *animê*/maná “Naruto”:

“Em Naruto dá pra ver isso no uso da bandana, né professora?” ; “Na forma de luta também”; “Nos tipos de comida, a Folha mesmo tinha o lamen que Naruto tanto gostava”; “É mesmo, o ‘Curry da Vida’ que Rock Lee tanto gostava...”; “As roupas que os ninjas de cada aldeia

usava faz perceber de onde cada um é, não é professora?"; "Como fazemos e comemos a comida japonesa também é diferente..." (DIÁRIO DE BORDO, 13/09/2021).

O português foi tomando nova forma, ampliando-se e tornando-se mais abrangente, não somente vista como regras gramaticais e, mesmo não conhecendo *animê* (5,6 %) ou mangá (34,3 %), não conhecendo o *animê* ou mangá "Naruto" (12,9%) ou não ter assistido o *animê* "Naruto" (39,9 %) passaram a fazer parte do ambiente, seja questionando sobre o que queria dizer determinada palavra, quem era tal personagem, o que significava objetos específicos e, eram auxiliados por mim e pelos 65,7% que sabiam o que era mangá, 94,5% que conheciam o que era *animê*, e pelos 87,1% dos que reconheciam o *animê* ou mangá "Naruto" e 60,2% que já assistiu o *animê* "Naruto".

Deste número podemos tirar algumas conclusões: o *animê* é mais conhecido que o mangá (apenas 12% afirmaram já ter lido o mangá de Naruto), aqui no Brasil³² e, conseqüentemente mais consumido, diferentemente do Japão (como mencionado no capítulo anterior). Mesmo quem nunca assistiu "Naruto" o conhece, já que apenas 12,9% afirmou não conhecer "Naruto" em comparação aos 39,9% dos que afirmaram nunca o ter assistido, ou seja: 27% dos jovens reconhecem "Naruto" mesmo sem ter assistido e; apenas 7,4% sabem o que é *animê*, mas não reconhece "Naruto" como *um*. Ainda há aqueles que afirmam não conhecer, mas ao serem apresentados a sua imagem ou episódios lembraram-se de que já o tinha assistido.

Mesmo sendo de conhecimento da maior parte dos jovens, poucos professores utilizam esse gênero em suas aulas, já que apenas 10,2% dos jovens afirmaram já ter tido aula com uso do *animê* ou mangá em sala de aula, mesmo 8,3% afirmando que já foram usados outros tipos de desenhos/animação.

Durante as aulas 01 *Shinobi* e 02 *Kunoichi* afirmaram não gostar do gênero *animê*/mangá e 02 *Shinobi* não gostar de "Naruto"; porém não dificultaram ou se opuseram a estudarem com ele. Um deles, apenas fazia questão de dizer exemplos de vários outros *animês* "melhores" que "Naruto" a exemplo de: "Dragon Ball" (o seu favorito), "Fullmetal", "One Piece", "Attack on Titan", e "Demon Slayer". Dentre esses, uma *Kunoichi* afirmou que tentaria assistir depois do Módulo para ver se entendia melhor e se via tudo que falávamos em sala.

³² Confirmando a pesquisa feita por Cruz (2020).

Uma das *Kunoichi* que afirmou detestar o gênero e não suportar mais ouvir falar confirmou não ter gostado das aulas utilizando “Naruto”, mas a mesma também falou que: “É duro admitir, mesmo assim, tenho que dizer que como a senhora ensinou ajudou a entender melhor o assunto [...]” (DIÁRIO DE BORDO, 26/08/2021). Esta era a única que fazia questão de dizer que suportava “Naruto” na força do ódio, essa também precisou repetir o módulo por excesso de falta, no entanto, avaliou o ensino do Português no ILBJ como ótimo e fez questão de se identificar no questionário final, mesmo não sendo necessário.

Ao serem direcionados a responderem o questionário, foi deixado claro que não precisavam se identificar e que não continha perguntas nesse viés. Mesmo assim, muitos fizeram questão de colocar seus nomes, fatos específicos que o/a identificava: “Eu te amo, chata! E irei sentir muita a sua falta, infelizmente. 🤔” – fazia questão de me chamar de chata, “[...] vc vai sentir orgulho de mim, achei q n ia gosta de vc mas te admiro, e vejo no fundo do meu coração q vc [...] me verá, linda, forte, uma mulher maravilhosa, e por mais de eu ter sido a que mais discordou de vc, eu sei que vc me ama, te amo ass: [...]” – amava discordar de tudo que eu falava, tivemos ótimos debates, “[...] aqui e Corinthians ❤️👊❤️.” – O que queria me converter ao Corinthians, “[...] Jamais esquecerei a Senhora uai!” – a única jovem que usava a interjeição ‘uai!’, “[...] Sei que já sabe quem eu sou kkkkk 🗣️!” – Emoji que sempre usava e dizia que o representava, “[...] OBS: eu sei que senhora é minha tia kkkkkkkkkkkkk ass: pé de banana” – Situação ocorrida em sala (QUESTIONÁRIO II, 2021); assim faziam questão de dizerem quem são e deixarem suas marcas pessoais.

O gênero foi aceito como instrumento, estranhado e questionado como seria tal uso, mas à medida que as aulas avançavam seu uso era normalizado e quando não era relacionado ao conteúdo, perguntavam: “Não vai ter ‘Naruto’ hoje?”, “Gente! Que milagre. A professora não falou de ‘Naruto’ hoje.”, “Verdade, o que aconteceu, professora?” (DIÁRIO DE BORDO, 04/05/2021).

Além disso, um fato prendeu minha atenção: mesmo com a organização feita pelos professores de uma hora de aula, as minhas aulas sempre ultrapassavam e muito; com essa atitude não estava indo de encontro as diretrizes, pois ficou acordado também, que caso precisasse e sentisse que a turma estava acompanhando a explicação, a aula poderia se estender. Mesmo com duração maior de aula, os jovens ao voltar do tempo destinado a resolução de atividade queriam ficar mais on-line,

conversando, tirando dúvidas do *animê*/mangá “Naruto”, pedindo conselhos, querendo saber minha opinião em assuntos específicos.

Quando eu insistia em dizer que a aula tinha acabado e que eles estavam dispensados; muitos faziam drama dizendo:

“A professora não quer ficar com nós”; “Pode expulsar, professora”; “É assim, quando a gente gosta das aulas, expulsa a gente”; “Professora não quer ficar com a gente não é?”; “Olha pra professora, querendo ficar livre da gente”; “Culpa da senhora, deu ousadia, agora aguenta”; “vá bater seu ponto e volte para conversar conosco”; “isso mesmo, nós esperamos a senhora voltar.” (DIÁRIO DE BORDO, 04/08/2021).

Mesmo não podendo estender muito o tempo determinado para finalizar a aula, estes momentos eram maravilhosos, pois aqui eles pareciam estar falando com uma amiga e não mais com uma professora, já que a aula acabara. Dentre os comentários os que mais me chamavam atenção eram os que relacionavam a ficção a sua realidade, a suas vidas: “Quantos ‘Narutos’ tem por aí, sem pai, sem mãe lutando para ser alguém, é profundo isso.”; “Mas tem muitos que não conseguem.”; “Por isso que não devemos desistir, não é professora?”; “[...] voltei a assistir, professora e minha nossa! Tem muita coisa da vida real.”; “Nunca pensei de ver tantas coisas da minha vida e de português em ‘Naruto’ e olhe que já assistia, professora [...]”; “Não estou acreditando que estou gostando de ‘Naruto’, estou até me vendo, culpa da senhora”. (DIÁRIO DE BORDO, 03 e 04/05/2021).

Alguns jovens pediam licença para sair por terem aula da escola regular; outros ficavam e as conversas eram acompanhadas de muitas risadas, dicas, explicações, desabaços, conselhos e sugestões de ambos os lados (professora-alunos, alunos-professora, alunos-alunos). Era o espaço livre e sem obrigatoriedade, talvez, por isso, era espontâneo, autônomo e leve.

Uma amiga do trabalho reclamava por atrasar o nosso almoço, tentava explicar a situação e a mesma só dizia: “Tá, mas precisa atrasar nosso almoço?”. Era pressionada de ambos os lados, mas sinceramente: Perceber que os jovens estavam gostando das aulas e vendo a importância de estudar, conversar e ouvir opiniões diversas era e é MARAVILHO, não tem preço.

Era nesse momento que recebia sugestões de episódios para usar em sala de aula, de outros *animês* para estudar; queriam conhecer-me, quem sabe ver se eu tinha coisas em comum com eles, com familiares; mas de uma coisa é certa: Lembro muito

as mães de muitos deles. Em todas as turmas que por mim passaram, pelo menos um (a) jovem afirmou que minha forma de falar, ver o mundo, aconselhar e explicar lembrava suas mães ou avós.

Houve casos que os pais e avós passaram assistir minhas aulas, até a participarem fazendo comentários do tipo: “Isso mesmo professora, não dê mole a esses meninos não”; “Concordo, professora, eu sempre falo isso aqui em casa” (DIÁRIO DE BORDO, 19/07/2021); “Esses meninos de hoje acham que tudo é como eles querem professora” (DIÁRIO DE BORDO, 27/09/2021); “Já vai terminar as aulas da senhora? Vou ficar com saudades”. (DIÁRIO DE BORDO, 01/05/2021).

Diferente de relatos que ouvir sobre a tentativa de controle das aulas, ou da tentativa de avaliar o professor da rede particular, os pais que “participavam” de minhas aulas (mesmo sem eu saber), participaram involuntariamente, seja para controlar o estudo do filho, porque a cozinha era o melhor lugar para estudar por conta do sinal da Internet, pelo pequeno espaço livre da casa, ou simplesmente por curiosidade. Não tive maiores problemas com tais “interferências”.

Na escola, mesmo não conseguindo, em muitos momentos, entender as regras gramaticais, os jovens afirmaram aprovar o ensino da disciplina nas escolas (QUESTINÁRIO I, 2021), pois 74,1% opinaram por ótimo ou bom aprender português em sua escola, contra 25,9% que afirmam ser regular, péssimo ou não conseguir aprender. Mesmo assim, demonstraram-se interessados em aprender a Disciplina de Português de maneira diferente (76,9%), enquanto que 21,3% afirmaram que gostaria a depender da maneira.

Tal aprovação do ensino público, da Língua Portuguesa pode ser surpresa, no entanto, tal resultado deve-se ao fato dos jovens vincularem sua resposta a sua visão sobre a importância de se estudar a disciplina: “Não é bem que achamos bom o ensino, é que o problema de não aprender é nosso e não da escola” (DIÁRIO DE BORDO, 03/05/2021).; “ Os profis ensina nós que não entende mermo” (DIÁRIO DE BORDO, 29/04/2021); “ Saber escrever e ler é muito importante pra vida” (DIÁRIO DE BORDO, 26/04/2021); “ Só qui a gente não consegue intender, parece que as fessora fala grego que a gente não entende nada com nada...” (DIÁRIO DE BORDO, 22/06/2021).

Em conversas informais em sala de aula surgiram elogios as minhas aulas e as dos demais professores do ILBJ e como era diferente das suas escolas. Por estar acompanhando os resumos dos resultados dos questionários, chamou atenção o fato

deles aprovarem o ensino do Português e mesmo assim, afirmarem não aprenderem, não entenderem o que os professores explicam, não conseguirem acompanhar a metodologia do educador e, aprender mais no ILBJ do que na escola.

Esta inquietação levou-me a questioná-los oralmente como eles avaliariam o ensino do Português em sala de aula e, que dessem uma nota para o ensino que tiveram até agora nas escolas. Fiz isso em todas as turmas e fui anotando as respostas dadas espontaneamente; apenas certifiquei que mais de 50% dos jovens participassem, obtendo assim, 68 notas. A maioria classificou como ruim e menos de 20% (dos que responderam) deram nota maior que 7.

Aproveitei o momento e mostrei o resumo das respostas dadas por eles até então e que o resultado era diferente do que eles afirmavam em sala. Como justificativa, logo falaram que o ensino dado pelos professores no geral era bom e que gostavam, mas que não conseguiam entender, sendo assim o problema não estava nos professores, mas neles; além do mais reafirmaram as dificuldades citadas no questionário e relatadas anteriormente.

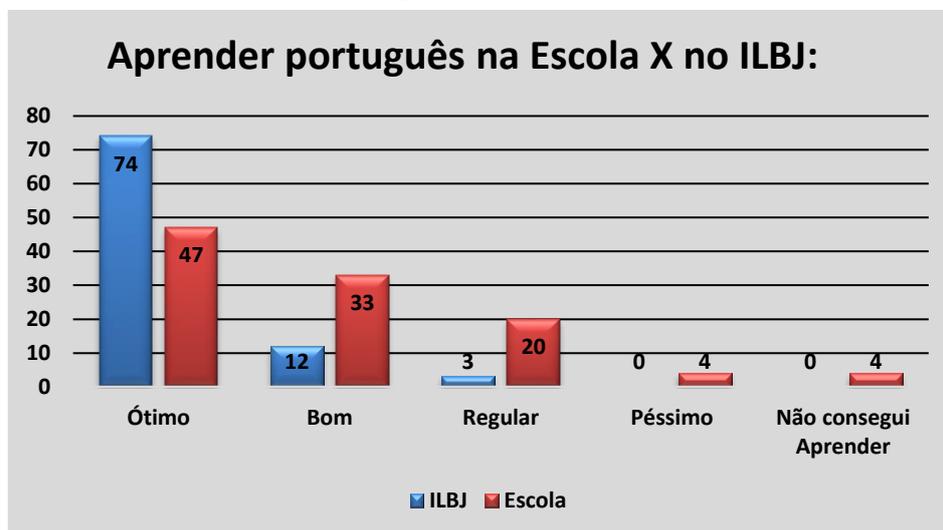
Tal situação leva-nos a inferir algumas possibilidades: 1) A resposta a determinada pergunta é muito influenciada pelas visões pessoais e de interpretação do participante; 2) A importância que o objeto envolvido na pergunta tem para o entrevistado, também interfere em sua resposta; 3) Sempre que possível é válido utilizar perguntas inter-relacionadas e conectadas para permitir validar a consistência dos dados; 4) Os jovens mesmo não aprovando a forma do ensino de língua portuguesa de forma massiva, reconhece sua importância; 5) Os jovens intitulam-se como os responsáveis pelo não aprendizado dos conteúdos da disciplina, mesmo conscientes das dificuldades que os impedem de aprender.

O que comprova tal compreensão são os motivos do não aprendizado do português, citados em pergunta abertas Professor/método de ensino (29,6%), falta de interesse/atenção/dificuldade pessoal (18,5%), doenças ou problemas funcionais (5,6%), dificuldade com a disciplina e suas regras em geral (11,1%), falta de organização física e pedagógica (1,9%); os que afirmaram não possuir dificuldades de aprendizagem (19,4%); outros (13,9%).

Um dado que colabora para confirmar a conversa informal de sala de aula está no Gráfico 1, abaixo. Mesmo com a aprovação do ensino nas escolas (Questionário I - Início de uma História), quando perguntado como foi aprender português no ILBJ (Questionário II - O Fim para o Recomeço), sua aprovação cresceu 22,5% (Soma

ótimo e bom) em relação a escola; sem deixar de frisar que nenhum jovem citou péssimo ou não conseguiu aprender (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 - Aprender Português na escola é? No ILBJ foi?



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Seguindo esta mesma linha, ao serem questionados se houve ou não uma mudança com a Disciplina de Português no ILBJ, em relação à escola 76,4% afirmaram terem modificado positivamente sua relação com o Português; sendo que deste 53,9% afirmaram passar a gostar da disciplina no ILBJ; 22,5% que perceberam uma melhoria de sua relação com o Português mesmo ainda não a amando e, 21,3 % que afirmaram não terem mudado sua relação por já gostar da disciplina. Neste dado temos mais um indicativo do dado anterior: se 74,1% afirmam positivo o ensino público do Português, como 53,9% afirmam terem passado a gostar da disciplina no ILBJ? Aqui entra a importância do afrontar os dados.

Este número também colabora para fortalecer a afirmativa de que a aprovação, do primeiro questionário, deva-se ao entender sua importância e ver-se como culpado do seu não aprendizado. Perceba que ao subtrair 53,9% do valor geral de aprovação temos como resultado 20,2%, número bem próximo dos que reafirmaram já gostarem da disciplina (21,3%) e, por isso mesmo, sua relação com a disciplina não mudou.

Com isso, podemos afirmar que as conversas em classes não ficam aquém dos números e, que a relação de negociação, troca e confiança entre a educadora e seus educandos foi realizada; além do mais os dados qualitativos demonstraram-se nesta

pesquisa mais eficazes e concretas que o quantitativo, por levar em consideração o momento de fala, os aspectos linguísticos e emocionais das respostas.

De maneira geral, menos de 03 meses (tendo dois encontros por semana) consegui melhorar, positivamente, mais de 70% dos jovens e sua relação com o ensino da nossa língua mãe; além de permiti-los a perceberem por si que são capazes de aprender as regras gramaticais e tudo que possa envolver a língua:

“Por incrível que pareça, os desafios pelos quais tive de enfrentar. No início do Módulo, confesso que era o que eu mais temia, chegando a duvidar que conseguiria. Porém, agora percebo que é necessário que sejamos desafiados para que possamos desenvolver confiança em nós mesmos e descobrir nossas habilidades.” (KUNOICHI, QUESTIONÁRIO II, 2021).

“Além do português em si, a perseverança, a resistência e as lições de vida. Pela primeira vez, não só aprendi a matéria, na qual um dos meus maiores problemas é manter o foco, como também entendi que tá tudo bem fazer as coisas no meu tempo, eu sou capaz e não preciso me comparar a ninguém.” (QUESTIONÁRIO II, 2021)

“Marisete foi a primeira professora a mim incentivar a querer ter um projeto de vida, a querer ser melhor por mim também e a gostar de português um pouco!” (KUNOICHI QUESTIONÁRIO II, 2021)

“Achei a metodo de ensinar interessante, prático, fácil de aprender e de entender a língua portuguesa.” (QUESTIONÁRIO II, 2021)

“[...] sobre as aulas que foram usadas o anime de Naruto mesmo eu não curtindo muito pude compreender e aprender muita coisa com ele.” (QUESTIONÁRIO II, 2021)

“[...] eu consegui aprender com a forma dela trabalhar com o anime Naruto e a forma dela explicar os conteúdos é inexplicável”. (QUESTIONÁRIO II, 2021)

Essas afirmações demonstram a mudança de postura perante a disciplina no Módulo de Português, bem como a importância de se aliar algo já conhecido ao “objeto” que será apresentado, ou seja: Um subsurçor que conecte o que é de conhecimento ao que deverá ser conhecido, adicionado a sua zona de conhecimento. Nesta experiência educacional o que fez esse papel foi o *animê*/mangá “Naruto”.

Mas pode surgir a dúvida: como os que não conhecem a narrativa anímica conseguiria fazer tais conexões? Aqui entra a importância do professor, das relações, das comparações e do quanto conhecido é o dispositivo escolhido para ser usado

como subunçor. Ausubel (1982) já apontava para essa necessidade de planejar a aula com cuidado, para que a aprendizagem ocorresse por descoberta.

Ao professor então caberia focar e cuidar de seu trabalho (a aprendizagem dos seus alunos) com esmero, vislumbrando propiciar a melhor aprendizagem. Para isso, precisa levar em consideração que “O ser humano tem a capacidade criativa de interpretar e representar o mundo, não somente de responder a ele.” (MOREIRA, 1999, p. 15); deixar de ver o aluno somente como um elemento da comunicação e passar a focar em como capta o conteúdo, acumula e forma o conhecimento.

Como resposta a isso, na atividade de leitura (ao qual escolhiam um livro para ler e o apresentaria no fim do módulo, utilizando as possibilidades da língua e sua criatividade, com intuito de convencer seus colegas a lerem seu livro) obtive como forma de conhecimento: poesia, músicas autorais, paródias, *gifs*, desenhos autorais, imagens, vídeos, *slides*, *podcasts*, *Tik Tok* e apresentações orais. Entre as apresentações, muitas delas traziam o *animê/mangá* “Naruto” como referência, mesmo se tratando de uma narrativa diferente.

Outro fato interessante é que quando foram desafiados a apresentarem de forma criativa e diversa, a reclamação surgiu como um exame, mas ao explicar que o desafio era justamente para prepará-los para as necessidades futuras, para possíveis desafios que a vida iria colocar em seus caminhos e, para permitir a aprendizagem de novas formas de linguagens (muitas delas já trabalhadas durante o módulo – *Podcast*, vídeo, *gifs*, memes, imagens, desenhos, mangá, *animê*); bem como para o mercado de trabalho (entrevista de emprego) e para a vida; a maioria concorda, mesmo ainda afirmando ser difícil, que sou rígida, que gosto de vê-los queimando neurônios.

Mesmo, não encarando a atividade como fácil, encarando-me como rigorosa, não deixam de negociar: “Então, não importa o que vamos fazer, vamos ter a nota?” (DIÁRIO DE BORDO, 18/05/2021); “Quer dizer que qualquer, qualquer jeito que escolher a senhora vai aceitar?” E “Seja simples ou não, grande ou pequeno, rápido ou demorado, desde que seja criativo?” (DIÁRIO DE BORDO, 18/05/2021); “E se for *Tik Tok* que a senhora não gosta?” (DIÁRIO DE BORDO, 12/08/2021); “Que tal, escolhermos uma forma para todos?” (DIÁRIO DE BORDO, 16/08/2021); “Podemos chamar participações especiais?” (DIÁRIO DE BORDO, 18/10/2021); “A ideia é conquistar a turma ou a senhora?”; “ok, aguarde, só não pode dizer que não serve depois”. (DIÁRIO DE BORDO, 19/10/2021).

Os desafios vistos como difíceis, chatos, que me tornaram chata e rígida para muitos, permitiram-no ver sua capacidade depois, tanto que deixaram na pesquisa registrado o quando eles os ajudaram a evoluir, a perceberem que eram capazes e que era necessário:

“No início do Módulo, admito que fiquei meio chateada por ter me escolhido como uma das principais no Conto de Fadas, mas hoje percebo que a senhora sabia o que estava fazendo. Meus sinceros e eternos agradecimentos. ♥♥♥” (QUESTIONÁRIO II, 2021).

“Muitas vezes ela nos forçava (no bom sentido) a ser criativos e desafiar a nós mesmos, não aceitava que nós desistisse essa parte foi boa vendo agora no final do módulo mas na época eu ficava um pouco estressada.”. (QUESTIONÁRIO II, 2021).

O que chamaram de desafio era a exigência de apresentações utilizando as possibilidades da língua, diferente da “apresentação leitura” tão comum na escola, orientava-os a escolherem uma entre as infinitas possibilidades de gênero e tipologia que poderiam vir combinadas ou não; além de utilizarem dispositivos e aparatos tecnológicos que desejassem e fosse possível seu uso no ILBJ.

O simples fato de não aceitar leitura os deixavam apavorados, com o sentimento de impotência ao afirmarem:

“Não tenho criatividade”; “Isso me falta”; “Nasci desprovido disso, profe.”; “Nesse negócio aí pode me dar zero”; “Nem sei que isso.”; “Já sei que tomei zero”; “A criatividade passou longe do meu berço quando nasci, professora”; “Lá vem a professora com esse negócio de pensar diferente, já sei bem onde isso vai dar.”. (DIÁRIO DE BORDO, 10/08/2021).

E quando os apoiava dizendo que eles conseguiriam, mas precisavam tentar, serem ousados e fazerem descobertas, os mesmos logo respondiam:

“A historinha é essa”; “Lá vem a professora com conversa bonita pra enrolar nós”; “A senhora falando assim parece fácil”; “A senhora não vai mudar mesmo de opinião, não é?”; “Vem, se a gente apresentar diferente e não for muito lá essa coisa, já teremos nota, não é?”. (DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Como é perceptível, a questão da nota os obrigava a tentar e, já negociarem caso o resultado não fosse muito bom. Isso porque, segundo muitos deles a timidez atrapalhava; sabiam e organizavam o que dizer, mas na hora tudo sumia da mente;

não eram bons em mexer com celular, nos aplicativos para fazer algo diferente; ou que não estavam acostumados a fazerem apresentações e além do mais:

“Na real professora é seguinte: Não somos acostumados a apresentar assim na escola, lá pegamos o assunto, dividimos cada uma a sua parte, decoramos e cada um lê a sua parte para a professora na frente dos colegas. A CDF (toda sala tem um ou uma) é que pega a parte maior e explica mais, ela também é quem organiza a apresentação e divide as partes e na hora organiza tudo. É assim que segue a maioria das apresentações; quando muda um pouquinho é quando o professor faz um júri e coloca dois grupos, um para defender e outro para criticar, mesmo assim vira uma bagunça muitas vezes. Aí é difícil sair desse vício, né professora? (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Este é o momento que o professor é chamado de chato, exigente, que não tem dó dos alunos. Aqui a importância do planejamento e o cuidado de sua organização, apontado por Ausubel (1982), é colocado a prova, já que o professor precisa ter claro os objetivos traçados no planejamento, o porquê de usar cada estratégia; afora sua experiência docente que gera saberes na prática que o confirma, justifica e o permite unir aspecto pessoais e profissionais, ou seja, uma experiência de identidade para Tardif e Lessard (2009), em prol de uma melhor aprendizagem, aqui a aprendizagem significativa.

Como teoria cognitivista de aprendizagem, tais delineamentos pendem para a cognição e intenções dos processos mentais. Aponta para a organização e complementação do conhecimento na estrutura cognitiva já existente, é exatamente esta estrutura pré-existente em cada educando que mais influencia a sua aprendizagem (AUSUBEL, 1982). Sabendo disso, fica a cargo do professor descobrir e apropriar-se desse conhecimento prévio ou realidade do estudante, aproveitar tal cognição e conexão para levar ao novo conhecimento pretendido.

A criatividade exigida era a respeito do que eles já sabiam, tinham experienciado no módulo, sua junção ou não, escolhas feitas levando em consideração os critérios de avaliação: Leitura, organização, persuasão e criatividade. Quando o jovem utiliza “Naruto”, “Dragon Ball” ou “One Piece”, na sua propaganda para conquistar seus colegas de classe, estar utilizando-os como subsunçores para alcançar seus objetivos: alcançar a nota máxima ou a melhor possível e, mesmo que não esteja para ele claro, estará aprendendo.

O que já faz parte do cotidiano e do espaço de vivência do aluno serve como ponta pé para o entendimento do novo. No entanto, tal ancoragem não pode ser feita arbitrariamente, precisa ser organizado, adequado, claro, disponível cognitivamente, acessível, funcione como elo de ligação ao novo (AUSUBEL; MOREIRA, 1982.), e se esse vier em forma das novas tecnologias, coerente com o universo juvenil atendido, pode ser considerado um dispositivo estratégico que segue as diretrizes defendidas pela BNCC:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. [...]. (BRASIL, 2017, p. 19).

Mesmo não sendo uma escola regular, o ILBJ possui a mesma finalidade defendida pela BNCC; além do mais aponta a possibilidade de uso desse dispositivo na sala de aula de diversas escolas nacionais.

Já conhecia a BNCC e quando fui apresentada ao processo de aprendizagem significativa, percebi que já o aplicava em sala de aula e sua eficácia tinha nome, poderia ser explicado e melhorado como processo. Tinha encontrado um *sensei* metodológico.

Um discípulo sem mestre que é apresentado ao seu *sensei*, assim sentir-me ao ser apresentada ao processo de aprendizagem significativa de Ausubel e a BNCC. Passei a ver que o que fazia em sala, encaixava-se com a teoria ausubeliana, que poderia ser explicada cientificamente e, que explicava o uso do *animê*/mangá “Naruto” nas minhas salas de aula. Isso, devido ao conhecimento prévio dos meus jovens com o gênero, por fazer parte de suas vidas.

Mas, e os jovens que não conhecem? A própria teoria ausubeliana indica o caminho: utilizar o conhecimento da estrutura cognitiva dos mesmos. Quem não conhece desenho animado? Mesmo que não seja o trabalhado especificamente, este servirá de elo entre o que o jovem já sabe (os desenhos, os super-heróis, os vilões, os planos maquiavélicos, o bem vencendo o mal, a trama narrativa), ao *animê*, ao mangá e conseqüentemente a “Naruto” e sua utilização como subsunçor. Ou seja: utilizamos do subsunçor (o que o aluno já conhece) para que conheça o *animê*/mangá

“Naruto”; conseqüentemente, este servirá de subsunçor para os novos conhecimentos.

Sabendo disso, a organização das aulas foi feita para que “Naruto” fosse sendo conhecido e reconhecido durante o processo, seja nas escolhas dos episódios, na introdução da história, de explicações realizadas pelos colegas que já consumia e gostava, ou pelas conversas, comparações realizadas em classes.

Utilizando a intimidade e proximidade dos desenhos animados, da influência nipônica atual, do consumo *K-pop*³³ (apresentada pelos meus alunos), ao qual permitirá que o conteúdo, as conversas e compartilhamentos de experiências (os novos conceitos) sejam assimilados, modifiquem os conceitos, modifiquem-se assimilando o novo e, assim criar um outro conceito. O conhecimento é ampliado e permitirá que seja usado como subsunçor para outras estruturas futuras. Isso, também implica que quando mais estrutura cognitiva tivermos, mais subsunçores teremos e conseqüentemente maior probabilidade de aprendermos novos conceitos.

Não podemos esquecer também que a aprendizagem significativa é particular, o mesmo subsunçor servirá para cada jovem de maneira diferente. Isso porque cada um carrega as significações dos desenhos, do *animê* e mangá de forma pessoal, inerente as suas vivências e experiências. O papel do subsunçor “Naruto”, então é ser um dispositivo de possibilidades, de conexões para novos aprendizados e de forma personalizadas, já que cada um o utilizará segundo seus conhecimentos prévios e suas significações pessoais.

Aprendizados não somente voltados a competência gramatical da língua, mas a tudo que o envolve como ser humano que vive, interage, convive, precisa constantemente fazer negociações de sentidos e, ao mesmo tempo desenvolver-se. Foi através do subsunçor “Naruto” em forma de *animê* e mangá que as aulas de Português tomaram formas, ampliaram possibilidades e modificaram relações, seguindo as diretrizes da BNCC (2018).

Mesmo que a Disciplina de Português não esteja entre as disciplinas que mais gostam na escola para 78,1% dos jovens, estes veem importância de estudar a nossa língua e, que mesmo que não tenhamos alcançado números positivos em provas avaliativas, estes possuem o desejo de aprender. Podemos também inferir que novas formas de aprender o português é bem-vinda, 83,3% concebem a ideia de usar o

³³ Abreviação para música pop coreana.

animê/mangá “Naruto” ótima ou boa, contra 13,9% regular e apenas 2,8% ruim ou péssima ideia, antes da pesquisa ser aplicada. Sua aprovação foi para 91% que considerou a ideia ótima ou boa, 9% como regular e 0% ruim ou péssima, no fim do módulo (O Fim para o Recomeço).

Em uma pesquisa realizada pelo *Instagram*, com participação nacional de todos os estados, inclusive com uma participação de Portugal, Cruz (2020) constatou que 96,2% dos entrevistados gostavam do gênero *animê* e 77,6% do mangá; é fácil a detecção que o *animê* e mangá fazem parte da vida dos jovens brasileiros e que, portanto, serve de subsunçor para novos aprendizados. Tal pesquisa surgiu com o instigar de respostas a uma enquete pelo *Instagram*, ao qual perguntava: “O que é *animê* pra vc?” As respostas apontaram desde o auxílio a enfrentamento de doenças emocionais, a fator de incentivos a vida; respostas estas que serviram de base para a elaboração das perguntas realizadas no questionário inicial desta pesquisa.

Além das alternativas fechadas à disposição para resposta, ainda foi deixada a possibilidade de acréscimo, para permitir que os jovens tivessem liberdade de expor suas reais impressões sobre o *animê* em sua vida. Além das confirmações das respostas, obtivemos algumas diferenças dos jovens como: 42,6% afirmou não significar nada, 37% “Minha vida/parte de minha vida”, 6,5% “Melhor coisa que inventaram”, e 1,9% “Tudo para mim”, 12% outros. Mesmo com índices diferentes, as respostas provam que mesmo em um público considerado vulnerável e de baixa renda, o gênero, também é visto como diversão e uma visão emocional.

Todo esse panorama serviu de base para vislumbrar um resultado positivo para os objetivos aqui traçados e assim, tornar o ensino da Disciplina de Português mais significativo e conseqüentemente mais atrativo, divertido e participativo.

Com essa realidade iniciei minhas turmas, o desafio maior (on-line) levou-me a precisar de maior atenção e a fazer diferente, com desejo de realizar minha tarefa, da melhor forma possível. As primeiras aulas foram povoadas de reclamações de como as aulas estavam sendo conduzidas nas escolas públicas, isso quando estava acontecendo, já que cada escola procurou manter as aulas segundo seu entendimento e adequando a sua realidade. No entanto, houve escolas que demoraram muito a realizar alguma intervenção e, com isso, os jovens ficaram sem aulas, sem atividades e sem saber quando/como voltariam a estudar.

Ainda foi relatado que a forma como as atividades eram enviadas (em um único grupo, com turmas diferentes) atrapalhava e dificultava a realização das mesmas. Não

é de estranhar, imagine ser colocado(a) em um grupo de *WhatsApp* com turmas, disciplinas diferentes, com atividades postadas todos os dias. Peguei jovens que não estavam preocupados e acreditando passar sem fazer as atividades, já que sua escola não estava cobrando tais resoluções. Outros que tentavam fazer, mas não conseguiam e quando questionavam, não recebiam respostas, com raras exceções:

“Professora, pra falar a verdade, tem professores bons, que estão preocupado com a gente, mas a maioria não responde nossas pergunta. Mais como fazer, professora, sem saber nem o assunto? Tá uma loucura, estou preste a ficar doida. Inda tem a internet que não presta. Vô na casa de minha tia e lá que baixo todos os devês que os professores passou, mais são tantas coisas que não dá pra saber o que do 6, 7 ou se é de outra turma. Já chorei, minha mãe disse que vô morrer, mais o que eu faço, professora?” Escrita no chat do *meet*. (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 19/04/2021).

Esta fala representa uma boa parte dos comentários coletados em sala de aula; reclamaram muito sobre as aulas on-line, do cansaço, de não suportarem mais. Dos jovens assistidos por mim, apenas dois falaram que preferiam aulas on-line que presencial; ao serem questionados sobre os motivos, um deles respondeu: “Pô fessora, é mais fácil passar, respondemo de qualquer jeito, o que vale mermo é se entregou a fessora, eu entrego quase tudo, não quero nem sabe se é de minha turma ou não, mando.”; o segundo jovem afirmou que não precisar sair de casa era o máximo, mas que o aprender os conteúdos não era o mesmo, pois a Internet não ajudava nem a dele e nem a do professor.

Em resumo: os jovens afirmaram não suportar mais aulas on-line e, meu módulo era mais horas em frente a um celular para mais aulas e com mais uma especificidade (não era obrigatório). Tal situação levou-me a colocar-me no lugar deles, já que também passara por um ano de estudos on-line e conseguia entender bem o cansaço, a apatia e a vontade da volta às aulas presenciais. No caso deles tinha mais uma agravante: Eles não estavam tendo aulas on-line, estavam apenas recebendo as atividades por grupos de *WhatsApp* e raras explicações ou explanação das dúvidas.

Meu módulo tinha a notória função de ser diferente, de ter algo a mais. Certa vez, uma jovem perguntou-me como aprendi a ser professora, se foi a faculdade; respondi rapidamente que foi a experiência, contudo esqueci de dizer naquele momento que também fui inspirada por bons professores. Por cada um de nós

passaram e quem sabe ainda passem vários professores, porém cada um com suas peculiaridades; uns nos marcam positivamente, outros negativamente e alguns passam sem grandes relevâncias. No meu caso, aprendi com cada um deles, mas aplico em minhas aulas as características daqueles que foram fundamentais em minha aprendizagem.

Ao lembrar-se desse fato, refleti sobre as aulas on-line que tive e no algo a mais de algumas delas que me fazia ficar 4 horas e ainda querer mais; o que faltava nas aulas que isso não acontecia. Algumas respostas foram rápidas: as que mais agradaram foram as que mais tiveram relevância para minha formação profissional, as que não iam de encontro com meu ver o mundo e as que faziam sentido.

Ao fazer o planejamento e a cada aula, o fazer sentido, o porquê estudar cada conteúdo, o porquê de “Naruto” estar sendo vinculado era exposto e quando não era, alguns jovens interrogavam-me ou eles mesmos respondiam. Trabalhei para que cada aula fosse a melhor possível, que meus meninos e meninas participassem o máximo, que trouxessem exemplos próprios e que percebessem o quão gratificante é aprender.

Entre as minhas falas, algumas se repetiam como mantra: “Precisamos pagar o preço dos nossos sonhos.”, “Estudar tem que ser para a vida e não apenas para passar de ano.”, “O que tenho feito por mim?”, “Quem pensa diferente?” “Português está em tudo e posso provar.”, “Errar é necessário para aprender.”, “Português não é a vilã da história, mas nossa melhor amiga.”; essas intercaladas por frases do *animê/mangá* “Naruto” como: “Se você não gosta do seu destino, não o aceite.”. Em vez disso, tenha a coragem de mudá-lo do jeito que você quer que ele seja”, “Desista de me fazer desistir!”, “Com trabalho duro, um fracassado consegue até mesmo superar um gênio”. Estas eram repetidas pelos jovens em muitos momentos da aula, querendo (ou não) dizer que estava entendendo.

Não estava afirmando que tudo é possível, nem que algo era impossível, mas mostrando que tudo deve ser conquistado e que para isso é necessário querer, buscar, lutar, persistir e fazer a nossa parte. Estudar português, não é difícil, muito menos impossível, todavia faz parte de nossa vida, necessitando apenas refinar e conquistar maiores possibilidades de seu uso.

Desde a primeira aula, foram desafiados a levar um aprendizado novo, esse aprendizado poderia ser gramatical ou não; o importante era ter consciência do que estava levando. Ao fim da aula, eram questionados sobre o que levariam de novo; além das dúvidas da atividade realizada no dia.

Era nesse fim de aula, que os mesmos revelavam a mudança de percepção da disciplina, desde encontrá-la em “Naruto”, a perceber que memes, *gifs*, e eles próprios estavam imersos no português, eram portugueses: “Aprendo mais em uma aula sua que minha vida toda na escola”; “Nunca pensei na vida que iria passar a gostar de português” (DIÁRIO DE BORDO, 14/07/2021).; “Pra falar a verdade eu nunca que fui entender português, na realidade nem sei como passava. ”, “nunca gostei de português, agora não estou amando, mas já consigo suportar” (DIÁRIO DE BORDO, 02/08/2021). Além de:

“Vô ser sincera com a senhora, nas aulas de português nunca entendi era nada, tudo parecia inglês para mim, e o pior não só pra mim não tenho certeza que uma ou duas pessoas da sala entendia, o restante passava na cola, na sorte o sei lá o que.” (DIÁRIO DE BORDO, 30/09/2021).

Uma aula em particular que obtive muitos comentários desse tipo foi a de Morfologia, este assunto foi incluindo no planejamento este ano a pedido das professoras do Módulo. No entanto, esta ideia surgiu em uma reunião, ao qual a gestora orientou-nos a focar nas dificuldades dos jovens com a escola. Sendo conhecedoras da importância desse conteúdo para a compreensão de vários outros; além da situação ao qual as aulas estavam sendo conduzidas remotamente, por julgarmos necessário para a situação da educação neste momento pandêmico e por sabermos que é um conteúdo importante para o entendimento de vários outros.

Neste conteúdo específico ouvir relatos agradáveis aos ouvidos de qualquer professor:

“Que aula essa de hoje, entendi coisas que nunca pensei que entenderia”; “Melhor aula da minha vida, puxa vida! Eu entendi um assunto de português...”; “Nunca tive uma aula para eu entender o assunto de português como essa.”; “Que aula, professora, que aula! Eu consegui aprender... como é bom, como é bom entender.”; “Puxa a vida! Como eu não aprendi isso na escola? Professora a senhora é demais viu?”; “Como a senhora diz: Português não é difícil, pode ser chata as vezes, ou não temos a base para entender, mas realmente não é difícil.”; “o conseguir aprender fez até o Português tornar-se fácil”. (DIÁRIO DE BORDO, 14/07/2021).

É ótima a sensação de dever cumprido; essa é daquelas aulas que o professor volta para casa aliviado e radiante, feliz da vida com a aprendizagem de seus alunos e com a certeza que sua aula realmente foi boa.

O resultado não foi somente por conta de minha explicação ou por ser uma professora excepcional, mas pelo vínculo, confiança e negociação realizada entre mim e os meus jovens, citada por Martin-Barbero (2006) e Tardif e Lessard (2009). O resultado parte do não esquecer que “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos.” (TAEDIF; LESSARD, 2009, p. 31), acrescentaria neste conceito o fato do professor ser um humano, também e, como tal não é inerte a tudo que acontece ou deixa de acontecer em sua aula e com seus alunos, principalmente no tocante a aprendizagem.

Com auxílio do dispositivo “Naruto” consegui convergir meus educandos a desejarem estudar nossa língua e a verem que não é tão difícil como acreditavam, pois os mesmos afirmam reconhecer sua importância. Passamos a buscar interesses linguísticos e colaborar, entrar em consenso em prol da aprendizagem; interação e colaboração mediada pelo gênero *animê/mangá* “Naruto”, provando que o professor sozinho não consegue ensinar, pois precisa:

[...] lidar com um ‘objeto humano, um ser humano sempre, ao menos em parte subtraído à ação do trabalhador. Mais que isso, o trabalhador precisa contar com uma certa participação de seu ‘objeto’ para atingir seus objetivos. Essa participação dos alunos está no centro das ‘estratégias de motivação’ que emprenham uma boa parte do ensino. Os alunos vão à escola porque são obrigados [...] uma das tarefas mais difíceis e constantes dos docentes é transformar essa obrigação social em interesse subjetivo. (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 67-68).

É essa subjetividade despertada através do *animê/mangá*, já que cada jovem recebe, vincula, interpreta e absorve o enredo e trama de maneira diferente, baseado em suas vivências e necessidades, seja identificando-se com o que lhe falta, com o que lhe é semelhante, com o que deseja, com experiências marcantes e/ou reconhecer parentes, amigos e conhecidos em determinadas cenas e/ou personagens.

“Naruto” é esta ponte subsunçora que permite que o professor atravesse de sua “Vila” (antigamente intocável) a “Nação” dos seus alunos (por muito tempo não povoada por estanhos intelectualizados). Ao apresentar a narrativa como exemplo de utilização da nossa língua, o Português abriu portas para novos entendimentos:

“Já conhecia Naruto, já existir vários episódios por causa do meu irmão que não para de falar de Naruto, ouve todos os raps, tem desenhos,

mas nunca passou na cabeça de ser português. Agora quero assistir com outros olhos pra ver se é isso mesmo.” (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 14/04/2021).

O novo olhar não será direcionado apenas a narrativa, mas ao português, a sua aprendizagem, a forma como encara a disciplina, sua relação com ela e com o mundo.

Contrariando Tardif e Lessard (2009, p. 23) quando falam que “[...] as interações cotidianas entre os professores e os alunos constituem relações de trabalho, quer dizer, relações entre trabalhadores e seus ‘objetos de trabalho’”, meus jovens há um bom tempo deixaram de ser apenas meu ‘objeto de trabalho’, passaram a ser meu objetivo e momentos de partilhas e aprendizagem mútua.

Nesta relação, todos podem e devem falar, sugerir, questionar, concordar, discordar, dado que não existem apenas uma verdade, principalmente quando não se discute as ditas verdades universais, não se pode esquecer que “Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional” (BRASIL, 2013, p.17). Liberdade que todos tinham e deveriam usufruir.

Visões podem mudar a depender do ângulo de visão: para essa percepção foi utilizado o personagem, Itachi Uchiha (ver Figura 9) considerado vilão que com o desenvolvimento da narrativa, revela-se um salvador; além do borrifador de álcool (ver Figura 10) em ângulo diferente, o que visto pela câmera do computador ajudava a criar a imagem perfeita para se entender a diferença do olhar em vários ângulos. O vaso visto pelo seu fundo era uma circunferência, visto por cima era uma circunferência com um retângulo branco central e assim mudava seu formato a cada ângulo modificado.

Figura 9 - Itachi Uchiha: Mocinho ou vilão?



Fonte: Konohadobrasil, 2021.

Figura 10 - Ângulos de um mesmo objeto



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2021).

Essa ação foi repetida algumas vezes e em uma dessas, uma jovem fez a seguinte observação: “professora, engraçado. A senhora já fez isso algumas vezes, utilizou até as mesmas palavras, mas eu vim entender o que a senhora queria dizer agora” (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 2021), mostrando que a mesma explicação, o mesmo exemplo é recebido e compreendido de forma diferente pelo educando, pois este precisa fazer as conexões necessárias para seu entendimento, e estas para serem realizadas necessitam de subsunçores que o receptor possui; além da disposição para realizar tais relações e da aceitação ou não da ideia exposta pelo professor. (TARDIF; LESSARD, 2009).

O objetivo da comparação era mostrar aos alunos que nem sempre estamos errados, nem sempre o que vemos como errado realmente está, mas apenas estamos encarando-o por um ângulo distinto. Seja os problemas, os objetivos, o Português ou qualquer outra disciplina, a dificuldade de aprendizagem ou o ponto de vista de determinado assunto.

Se por um lado, o número reduzido de jovens por turma foi o retrato cruel da realidade de acesso à tecnologia (celular, Internet, computador); por outro precisei aplicar meu próprio exemplo e ver a situação por outro olhar: o número permitiu que todos pudessem ser ouvidos, desde o início da aula até seu fim, fazia questão de perguntar a cada um, pelo nome; como estava seu dia, como foi seu fim de semana, se tinha entendido, se tinha certeza que tinha entendido. Uma atitude simples, mas que fez diferença.

Percebi que ao jogar um questionamento e deixar livre para quem desejar responder, participar do debate não engajava os mais calados, tímidos ou os

medrosos de errar; no entanto quando a mesma pergunta era feita a todos, utilizando pontos diferentes, ou apenas uma palavra distinta a participação era 100%. Volto a dizer que tal ação era possível por ser poucos alunos em classe. Sendo assim, a aula era composta por todos, sem exceção e, mesmo aqueles que falavam que concordavam com tudo que o colega disse, teria que dizer por que concorda e por que não discorda.

Comentários do tipo:

“Deixa eu falar o que acho logo, de qualquer forma terei que falar mesmo.”; “Por que minha opinião é tão importante?”; “Podemos realizar uma organização de participação para não ficar 3 ou 4 querendo falar ao mesmo tempo?”; “Professora, podemos usar a ordem alfabética, o que acha?”. (DIÁRIO DE BORDO, 28/07/2021)

E no diálogo:

Shinobi – Eu penso igual e ela porque temos opiniões igual.

Hokage – Vocês concordam em tudo?

Shinobi – Sim.

Hokage – Então quer dizer que você, assim como ela, concorda que o Flamengo é o melhor time do Brasil?

Shinobi – Aí não. É apelar demais. Tá bom, em algumas coisas somos iguais. E, o melhor time é o Palmeiras. (DIÁRIO DE BORDO, 04/10/2021)

Mostram que com o passar de algumas aulas os jovens começaram a pedir para participar logo, seja para ficar livre do comentário, por vontade de expressar sua opinião, para discordar ou concordar, ou acrescentar detalhes a fala do(a) colega(a). Independente do motivo, todos terminavam expondo sua opinião sobre a aula, seja em momentos interpretativos, sobre a aula do dia, o que levaria para sua vida, e o que mais desejassem falar.

Ainda tinham os que iam além, questionava, fazia relações e utilizava-se de “Naruto” e ações para argumentar, negociar datas de entrega de atividade, notas, episódios a serem assistidos, a sugerirem conteúdos para o ensino. As perguntas repetitivas: Entendeu? Posso seguir? Tranquilo? “*All right*”? Entendeu mesmo? Já posso fazer pergunta? Feita a cada um, permitia com que o jovem conseguisse dizer se tinha ou não entendido, ou ver em seus olhos, sinais faciais que estavam com dúvidas ou não.

Para isso, fizemos um acordo para os tímidos conseguirem demonstrar que não estavam entendendo: franzir a testa, fazer careta, coçar a cabeça, piscar o olho, entortar a cabeça para o lado, colocar o indicador em posição de pensamento. E assim alguns faziam. Uma aluna em especial, procurou-me e disse que quando eu fazia a pergunta se estava entendendo ou não, ela não conseguia responder e só conseguia rir, então informou que quando ela risse muito da minha pergunta era porque não estava entendendo. Outra deixou claro que sua forma de dizer o não entendimento era bater repetidamente a caneta na cadeira ou na mesa ao qual estudava.

Ainda teve os que utilizaram frases do *animê* como forma de pedi para repetir a explicação:

“Professora, não sei o que está havendo, mas vou fingir que sei”; professora estou que nem o Naruto: perdidinho da silva”; “Estou ganhando para Naruto pouco.”; “Vou fingir ser Kakashi, mas estou mais para Guy³⁴. (DIÁRIO DE BORDO, 07/10/2021).

Também houve quem utilizasse do *animê* para confirmar seu entendimento:

“Agora sou a Sakura³⁵, professora”; “Agora deixei de ser Naruto, obrigada professora *hokage*.”; “Já posso mudar de nível ninja professora”; “Estou no top 10 agora, já chego no top 05, o malandro aqui está ficando bom no negócio” (DIÁRIO DE BORDO, 14/07/2021).

Percebendo esta mudança, comecei a anotar os nomes dos jovens que demonstravam ser mais tímidos de cada turma, estes a cada aula tinham maior atenção: fazia questão de iniciar as participações por eles, de incluir seus nomes em exemplos positivos que dava em sala e a encorajá-los a posicionarem-se. No final de cada módulo fiz uma avaliação pessoal das mudanças visíveis e, de maneira geral, percebi evolução.

Além dessa postura, outro ponto que vejo como preponderante para a mudança do jovem tímido é a “Versão do Conto de Fadas”. Este é um subprojeto de fim de módulo, ao qual cada turma fica a cargo de criar um roteiro, baseado em um conto de fadas e trazer a realidade, para isso escolhem um tema social e buscam refletir, chamar atenção ou apontar problemas sociais conhecidos.

³⁴ Sensei do time 09, composto por Rock Lee, Neji Hyuga e Tenten.

³⁵ Personagem que faz equipe com Naruto e Sasuke, a inteligente e esforçada do grupo.

Nesta atividade, os jovens ficam responsáveis por quase tudo: escolha do (os) contos de fadas, do tema a ser debatido, produção do roteiro e figurino. Este último não é permitido alugar ou comprar, mas utilizar-se de peças que possuem. Ao professor cabe nortear a construção e melhorias do roteiro, chamar atenção para a exposição de determinados temas e assim não colaborar para manter estereótipos e comportamentos preconceituosos, ajudar na encenação das falas e posicionamentos no palco; e no meu caso fazer a divisão dos personagens a cada educando.

Mesmo que as três educadoras trabalhem o mesmo planejamento e sigam a mesma ordem e objetivos, todas possuem liberdade de adequar a sua aula a sua prática educacional. Sendo assim, eu sigo a premissa que o jovem que possui maior dificuldade é o que mais precisa da minha atenção e a ser desafiado. Com este pensamento, a escolha das personagens é feita seguindo um critério pessoal: Os principais serão os mais tímidos que irão encenar.

Tal regra é repassada na primeira aula, quando apresento a disciplina e as regras de convivência, bem como as atividades que iremos executar durante o módulo. Ao saber disso o medo fica claro nos olhos dos tímidos; logo, colegas falam: “Que bom, então falarei pouco.”, “Fulano se prepare”, “Então é fulano ou ciclano”. Pois quando não é o primeiro módulo, a turma já sabe quem são os mais tímidos e logo apontam que deverá ser tais personagens.

Sigo esta lógica por alguns motivos: 1) Não sou professora de teatro e nem tenho curso e formação para exigir, orientar e cobrar qualidade de encenação teatral; 2) O maior objetivo da apresentação é o trabalho em equipe, o trabalhar a produção e leitura, a criatividade, o senso crítico, **DESENVOLVER O PROCESSO COMUNICATIVO**; processo esse dificultado pela timidez e o medo de falar; 3) Não buscamos qualidade de encenação, mas superação de limites e medos; 4) É importante mostrar que os jovens são capazes; 5) Acredito assim como Shön (1992) que como professora, preciso acreditar em meus alunos e ajudá-los a irem além do que acreditam, e a possuírem a confiança que arrasarão.

Para isso, o desafio é mostrar que o/a escolhi porque acredito que é capaz de exercer o papel eficazmente, o dou a responsabilidade de fazer o seu melhor, de esforçar-se, buscar superação; o permito e o apoio a dar um passo enorme a sua evolução comunicativa. Com o roteiro produzido e finalizado em mãos, na maioria das vezes, a turma já sabe quem será a personagem principal, e a pessoa tímida acostuma-se com o fato que será destaque.

Com isso também, quebra-se a velha forma de escolha por beleza, por já saber que o jovem possui boa desenvoltura para a atividade, por ser filha de alguém influente ou por gostar. Dar-se a oportunidade de ser desafiado (a), desafiar-se, lutar com os medos, enfrentar a timidez e perceber que pode vencê-los. Tais afirmações são comprovadas por fatos que se repetem a cada ano e a cada turma:

“Professora, obrigada por acreditar em mim, por mim escolher. Nunca pensei que seria escolhida para ser princesa, logo eu. A senhora mostrou que sou capaz, que consigo, posso ir mais longe e que o medo não precisa me travar, mais ser enfrentado e vencido. A senhora não tem noção do que significou para me esta peça sou outra depois, não deixei de ser tímida, mas hoje sei que consigo, graças a senhora.” (QUESTIONÁRIO II, 2021).

Colegas de trabalho já me perguntaram se não tenho medo do jovem travar, ter um “chilique” no palco, ou sair correndo de lá; respondo que não e que não acontecerá isso porque realmente confio uma missão que sei que eles (elas) conseguem exercer. Muitos me procuram e perguntam:

“Se eu travar, professora?”; “Se eu não conseguir?”; “Escolha outra pessoa.”, “Eu não vou conseguir, professora.”; “Eu não quero falar tanto assim não”; “[...] professora eu vou cair dura no palco”. (DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Minha resposta é quase sempre a mesma: - Quem viajou ao futuro e voltou para te dizer isso? Se eu não confiasse no seu potencial não o/a teria escolhido. Agora quero uma resposta sua: você vai encarar e provar para você mesmo (a) que é capaz ou vai desistir e ficar sempre com a dúvida que poderia ter se surpreendido e arrasado?

Depois da resposta, muitos ainda indagam: “Mas se eu travar, professora?” “E se eu não conseguir?” como resposta sempre têm: - Você tentou e deu o seu melhor, para na próxima oportunidade estar mais preparado para enfrentar as dificuldades, mas isso não vai acontecer. E até o momento que escrevo, não tive jovem que travasse e não conseguisse terminar a apresentação, que após não desejasse fazer uma nova peça e, que não venha agradecer-me por confiar e por não ter trocado seu papel.

Por confiar uma responsabilidade a eles e por eles perceberem que eu poderia escolher qualquer outra pessoa, mas o/a preferir e acredito que conseguem,

acreditam, tentam e não desistem. Quando veem o resultado, a felicidade fica estampada no rosto de cada, visíveis em forma de lágrimas, tremedeira nas pernas, mãos suando e geladas, sorrisos e boca tremendo, abraços e agradecimentos verbais.

Uma apresentação que marcou bastante foi da *Kunoichi* que sempre se negou a utilizar o áudio ou a câmera no *Meet*; suas participações eram sempre pelo *chat*. Porém, nas aulas reservadas ao ensaio e apresentação da versão do conto de fadas, presenciais, percebi qual era o motivo: A jovem possuía gagueira. A chamei para conversar e confirmou ser esse o motivo do se negar a ser ouvida, pediu desculpa por não ter revelado e implorou para eu tirá-la do papel principal, pois segundo ela, não conseguiria e não era capaz de fazer o papel.

O pedido foi negado e o desafio foi lançado:

Você tenta, se esforça o máximo, seus colegas vão esperar o tempo que for necessário para você falar e na apresentação, eu prometo que ninguém vai rir de você e se rirem eu assumo a responsabilidade e você pode me culpar, mas você precisa tentar provar que pode. (DIÁRIO DE BORDO,25/05/2021).

Com medo e sem acreditar a mesma ainda justificou: “Eu nunca fiz nada assim, eu não sei como fazer, eu não sei falar [...]” (DIÁRIO DE BORDO,25/05/2021). Como resposta obtive:

Como não sabe falar se está falando comigo agora? E como sabe que não consegue se ainda não tentou? Essa é uma ótima oportunidade de você fazer o que nunca fez e provar para você, que você pode e vai conseguir. Confie em mim, você vai conseguir, do seu jeito, no seu tempo e, com ajuda minha e de seus colegas de turma. (DIÁRIO DE BORDO, 25/05/2021).

A turma era composta por seis integrantes, não tive problema algum com os colegas. Todos, sem exceção, concordaram em esperar ela falar, em ajudá-la no que pudessem e, assim fizeram. No ensaio presencial, ela ainda quis desistir, chorou, mas falou que iria por mim, por eu ter confiado nela e não queria me deixar triste ou me desapontar. A cada ensaio bom e a cada acerto, eu e os colegas a parabenizava, falava que estava ficando bom e que ela iria arrasar.

No dia da apresentação, fizemos um último ensaio e ela estava confiante, mesmo ainda com medo de travar na hora. Os colegas se reuniram e conversaram

entre si que da forma que saíssem a peça, estaria maravilhoso, pois todos tinham dado o seu melhor, que não tinham desistido e caso algum errasse ou esquecesse a fala, o outro ajudaria. Este momento, foi realmente mágico, vi meus alunos (as) trabalhando realmente em equipe, pensando no outro, no grupo: “[...] um por todos e todos por um [...]”.

Antes da apresentação, com a turma de informática no auditório (as demais turmas, continuavam on-line), fiz questão de dizer que a apresentação da noite me dava um orgulho peculiar, pois eles iriam assistir a versão da superação. Expliquei a importância de aceitar desafio e de superar nossos próprios limites, que naquela noite, uma personagem provou para mim, para a turma e provaria para todos ali presente que somos muito mais capazes do que imaginamos. relatei também sobre a dificuldade de fala da colega e aproveitei para pedi-lhe atenção, respeito e reflexão sobre a peça, e ao final, voltaria para saber o que todos acharam.

Não tem como não se emocionar, mesmo agora ao escrever. Minha *kunoichi* arrasou, não travou, não esqueceu as falas e decorou todas as falas e ao terminar a peça foi aplaudida de pé, com gritos e emoção por parte da plateia. Saiu do palco chorando e abraçada pelos colegas; não perdi a oportunidade e gritei: Arrasou, minha menina, arrasou. Eu falei que você conseguiria, não falei? Arrasou, parabéns. Ela correu do palco, me abraçou ainda chorando e agradeceu por confiar nela.

Muitas apresentações emocionaram, mas esta, em especial, trouxe a certeza da essencial importância de acreditar em meus alunos (as) e minha responsabilidade de ajudá-los a perceberem que podem e devem desafiar-se, vencer desafios e a evoluírem.

Não estou afirmando que todas as apresentações ocorreram perfeitamente; acontece de tudo um pouco: Personagem que falta; que se esquece de trazer o figurino; falas que são puladas, modificadas; cenas que deveriam acontecer e não acontecem; personagem que fala baixo, rapidamente; entradas em cenas antes ou depois da hora devida, parar um pouco para pensar na fala que esqueceu, risadas fora de hora; mas a apresentação continua e finaliza. Por isso, expliquei a minha visão dos objetivos da apresentação.

O foco não é formar atrizes e atores, nem lançar estrelas de cinema; mas dá oportunidade de crescimento, de desafio, de superação, de enfrentamento e sucesso. E mesmo que aquele jovem tímido fale baixo e poucas pessoas na plateia ouçam; para aquele jovem a experiência é rica e única:

“[...] pela primeira vez na vida eu fui escolhida para fazer algo, para fazer um príncipe, logo eu, eu mesmo, foi demais, nem acreditei quando terminei que tinha conseguido. Professora a senhora realmente é boa e mais um pouco.” (DIÁRIO DE BORDO, 21/10/2021).

Este momento é rico em evolução, comprovado pelos jovens no questionário II, ao afirmarem que o ser desafiado (a) e a apresentação do conto de fadas, estavam entre o que mais gostaram no Módulo:

“De ser desafiada, de aprender o português de forma diferente tirando lições de vida.”; “As resenhas com a professora a peça que agente fez e as atividades.”; “As aulas, apresentação, atividades, projetos e o conto de fadas.”; “O Conto de fadas foi a parte mais divertida.”; “O conto de fadas e as atividades!”; “A peça.” (QUESTIONÁRIO II, 2021).

Percebam que todo o trabalho e coragem de enfrentar seus medos foram praticados por eles, mas acreditam que fui eu que os fiz apresentar, não travar, não cair no palco. Isso porque não possuem confiança em suas capacidades, faltam-lhes coragem para arriscar, perceber que errar faz parte do processo de aprender, a apresentação prova que estão errados e que são capazes.

Na Disciplina de Português ainda tem o agravante que é o medo de falar errado:

“[...] e se eu falar algo nada a ver, e se eu falar errado?”; “Vou virar o palhaço da sala, não vão perder uma oportunidade para tirar onda.”; “Melhor ficar com minha opinião para mim de que passar vergonha na frente de todos” (DIÁRIO DE BORDO, 16/08/2021).

Não afirmo que os jovens tímidos saíram desinibidos, mas que estes não deixavam de apresentar suas opiniões; o medo de falar já não os paralisava e nem precisava que a professora insistisse para isso. Mesmo os que mantinham suas características de acanhamento conseguia expor sua opinião; isso é um avanço significativo.

Tal percepção só foi possível, por planejar as aulas, por ter a mentalidade que este é flexível (ESTEBAN, 2010), por conseguir se aproximar e conquistar a confiança dos jovens, por mudar meu olhar sobre a educação, sobre como aprendem e permitir que negociações acontecessem, negociações que o permitiram participar da aula e não somente ouvirem a aula (MARTIN-BARBERO, 2006).

Para isso é necessária uma intimidade, uma fidúcia que foi intermediada pelo *animê*/mangá “Naruto”. Em muitos momentos, a ordem do planejamento foi mudada, a atividade trocada e o rumo da aula conduziam a aprendizagem ou era conduzido por ela: A flexibilidade em prática.

O fato de ter sido uma aluna com dificuldade em português, além de tímida também permitiu que os jovens percebessem que poderiam evoluir: se alguém que odiava Português e era a pior aluna da disciplina se tornou professora da mesma, eles também poderiam:

“Eu lembro da senhora já ter falado isso em sala. A senhora é literalmente a prova viva de que eu também consigo. Tenho é sorte de ter alguém me alertando para isso.” (KUNOICHIS, DIÁRIO DE BORDO, 07/10/2021).

Outro dado que fortalece a mudança de percepção foi a aprovação do ensino do Português no ILBJ por 96,6% dos jovens afirmando ser ótimo ou bom e apenas 3,4% classificando como regular. Ao contrário do aprender Português na escola, aqui os jovens não encaram seu aprender como algo péssimo ou que não conseguem, o que aponta para a melhoria de seu entendimento e de sua visão da disciplina.

Voltado a relação com o Português, os mesmos reafirmaram sua aprovação no questionário II; além de confirmarem a mudança de percepção da disciplina já que: 53,9% afirmaram passar a gostar da disciplina no ILBJ, 22,5% ter melhorado sua relação, mesmo ainda não gostando, ou seja, o Módulo de Português conseguiu influenciar positivamente 76,4 % dos jovens. Esta pergunta em específico, também reafirma a aprovação do ensino público levando em consideração sua importância, já que 23,6% responderam não ter mudado sua relação com a disciplina por já gostarem dela.

A aceitabilidade da metodologia não foi um fenômeno isolado, mas relações complementares, planejada, revisada e flexibilizada no processo e pelo processo; em “[...] um trabalho cujo não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores.” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 35). Os jovens foram conduzidos à participação pelo subsunçor que já existia em suas estruturas mentais (“Naruto”) responsável pela escolha de participar e não somente de estar presente em aula.

Em todas as aulas on-line tínhamos atividades a serem realizadas no dia, no fim de cada módulo fiz a avaliação quantitativa da participação geral e obtive o resultado de 80,9% de respondentes das atividades pontualmente (todas elas); enquanto que 93,3% realizaram todas as atividades, incluindo os que entregaram com atrasos e apenas 6,7% dos jovens que concluíram o módulo ficaram sem responder alguma atividade proposta.

A participação como pode ser observada nesta seção ocorreu de diferenciadas formas e de maneiras particulares: ao responder as atividades propostas e disponibilizadas no *Google Sala de Aula*, ao responder perguntas, ao perguntar, ao dar exemplos, ao aceitar desafios ou desafiar, ao negociar, ao enfrentar os medos, ao correr riscos de errar, ao continuar na aula mesmo depois do fim da mesma, ao permitir-se surpreender-se e surpreender a professora, ao confiar na professora, ao confiar em si mesmo (a), ao utilizar personagens/frases/imagens de “Naruto” para demonstrar seu entendimento ou não e, ao ressignificar seu entendimento referente ao *animê* e a sua própria aprendizagem.

Por ser conhecido, por fazer parte de sua estrutura mental, por abordar temas variados e presentes na vida juvenil como: insegurança, autonomia, crescimento pessoal, desafios, medos, aspirações, ambições, consumo, casamento, namoro, opção sexual, suicídio, enfrentamento de problemas (timidez, depressão, ansiedade, problemas pessoais, amorosos e familiares); criam um vínculo, identidade e abertura para a aprendizagem. Os personagens dos *animês/mangás* são representações do mundo real, com brigas, conflitos e reconciliações que levam o jovem a se verem, a sentir-se representados, compreendidos:

“Aquela frase do primeiro dia, parecia que foi feita para mim, quando a senhora leu e mandou no chat a frase eu até me assustei, parecia que a senhora sabia o que eu estava passando e que eu precisava ouvir aquelas palavras, daquele jeitinho. Pensei até em perguntar a senhora se a senhora conhecia minha família, mais não tinha como a senhora conhecer, minha família nem em Aracaju moro. E a senhora mesmo falou que é de Lagarto e não conheço ninguém de lá. Foi demais professora e me ajudou muito. Comecei a gostar do seu módulo naquele dia.” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 26/08/2021).

A frase referida foi planejada para o primeiro dia de aula (acolhimento), escolhidas e retiradas de falas marcantes e cheias de significados de alguns personagens de “Naruto”, ambas voltadas à importância do autoconhecimento, do

acreditar em si mesmo, da persistência, do pagar o preço pelos nossos sonhos, do foco, da disciplina, do esforço e do enfrentar desafios.

Frases que seriam deixadas nas cadeiras (APÊNDICE B), antes dos jovens adentrarem em sala, porém por conta das aulas on-line, foram substituídas pela escolha de um número (01-50), cada um escolhia um número e a professora lia e escrevia no *chat*. Em seguida cada um se apresentava (nome, algo que ama e odeia, sonho para o futuro) e dizia o que entendeu da frase escolhida. Esta atividade foi a dinâmica quebra-gelo e a frase escolhida era um desafio a ser colocado em prática na vida.

Outra atividade sequencial e colaborativa a anterior foi o vídeo referente ao Rap do personagem [Rock Lee do Canal do YouTube “7minutoz”](#)³⁶ e o [primeiro episódio do animê “Naruto”](#)³⁷ com o intuito de fortalecer os temas abordados nas frases e servir de introdução para apresentação do *animê*/mangá “Naruto”, analisar seu conhecimento e explicar o estudo a ser realizado.

Este início era o termômetro tanto para a visualização da aceitação inicial do dispositivo, quanto para perceber seu grau de conhecimento e, assim, traçar os caminhos necessários para possibilitar a sua aplicação nas demais aulas; já que o jovem precisaria compreender e dar significado as atividades propostas, sem esquecer que estávamos em um espaço virtual.

Mesmo em um período pandêmico, de muitas aulas remota/on-line, de perdas e sofrimento, de distanciamento e quarentena; as aulas de português on-line e seu dispositivo “Naruto” proporcionou uma transformação de percepção da disciplina, do aprender as regras e possibilidade da nossa língua; além de auxiliar em questões pessoais voltadas a timidez, ao sentimento de inferioridade, autoconfiança, medo, frustração e, a necessidade de errar para aprender como vistos anteriormente.

O dispositivo conectou e uniu educandos e professora, educando e educandos; enfraqueceu o medo de perguntar, de encarar desafios e transformou a percepção do Português de uma parcela considerável o que permitiu uma aproximação dos jovens com a disciplina. Além de provarem em formas de comentários e respostas de questionários, terem se empenhado a evoluírem no módulo, aumentarem seu ânimo

³⁶ Rap que conta a história de motivação frente aos desafios do personagem Rock Lee. Disponível em: <<https://youtu.be/XwAzVXBjvNo>>. Acesso em 05 jan. 2022.

³⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/FZIn7BkTjuM>>. Acesso em 05 jan. 2022.

para estudar, desejarem persistir e sentirem-se com maior motivação tanto no quesito pessoal, como em suas responsabilidades estudantis.

Nesta seção vimos o dispositivo Magá/*animê* e seu potencial no auxílio da mudança de percepção negativa em relação ao estudo e entendimento da nossa língua, através de dados coletados por dois questionários, por gravações repassadas ao Diário de Bordo e anotações feitas diretamente no Diário de Bordo; vimos também as inter-relações e os *feedbacks* dos jovens participantes da pesquisa, bem como seu nível de envolvimento com o módulo e com o dispositivo pedagógico. No entanto, será na seção a seguir que veremos quais atividades e como foram realizadas para que possibilitasse a obtenção desses resultados e de outros.

6 - PAÍS DO TROVÃO E A VILA DA NUVEM: AS ESTRATÉGIAS DA HOKAGE PARA O CAMPO DE BATALHA NINJA

"Um professor treina seus alunos e ao mesmo tempo aprende com eles. Só com respeito mútuo e crescimento, é que se consegue uma verdadeira relação entre professores e alunos."
Hiruzen Sarutobi (Sandaime)- KISHIMOTO, M. **Naruto Clássico**. 1997.

O caminho *Shinobi* de um professor seja na ficção ou na realidade, muitas vezes duro, não pode estar dissociada do respeito e crescimento mútuo, já que é a partir de relações, negociações, trocas, questionamentos e exposições de ideias diversas que a aprendizagem acontece. É nessa inter-relação que o professor exerce seu papel ("missão ninja"), aprende e evolui em sua hierarquia ninja.

No entanto, ao ascender como educador, este não se faz só, é justamente a ascensão de seus alunos que o eleva; fato constatado não somente na educação, mas em qualquer relação humana, ou formamos-nos sós? É o andar juntos, focados em objetivos com fio comum que as negociações acontecem, acordos são firmados e a aprendizagem prevalece.

Se pensarmos em valores humanos universais de amizade, empatia, respeito, amor, honestidade, justiça, liberdade, solidariedade e tolerância, todos são criados e fortalecidos através da aprendizagem, aprendizagem passada de geração a geração através das famílias, dos tutores, dos mestres, dos "senseis", da escola, das experiências, da vida. Princípios estes tão importantes e em fissuras atualmente, que precisou da BNCC (2017) chamar atenção e direcionar o ensino-aprendizagem a estas habilidades.

Foram tais preceitos humanos fortemente presentes no gênero *animê/mangá* que chamaram a atenção do eu pesquisadora, suscitou minha curiosidade e levou a questionamentos. Isso encaminhado por experiências de vida pessoais, profissionais e estudantis. No entanto, tais valores não estão soltos na atmosfera e disponíveis para colheita, precisam ser construídos, cada um de sua forma, precisam ser aprendidos. Mas como e onde aprender? Com tudo que nos rodeia. Aprendemos ao viver, através do contato, das relações e qualquer oportunidade que possa nos formar como humanos, de cunho cultural, emocional, social, econômico, filosófico e linguístico. Este último, foco nesta pesquisa.

Sabemos que a comunicação é inerente ao ser humano e, esta, por sua vez, torna-nos seres essencialmente sociais e, é justamente nesta sociabilidade que a aprendizagem acontece. O instrumento responsável pela maior socialização, a língua, não pode ser ignorada, pelo contrário, deve ser foco de estudos e atenções que propiciem visualizações e entendimentos múltiplos desta que nos torna quem somos, como pensamos e como organizamos pensamentos.

Aqui chegamos à convergência necessária para entendermos o porquê de não podermos separar o ensino linguístico aos valores humanos: são intrinsecamente conectados. Um dos *senseis* do personagem Naruto (Jiraya) já advertia ao seu discípulo Kakashi Hatake quando este ainda era jovem, a importância da socialização:

[...] Você não conversou com ninguém hoje, conversou? Sabe... As pessoas devem conversar todos os dias, mesmo sobre assuntos pequenos. Ou então, o coração cresce sério e sombrio. Conversar com os outros ajuda a formar laços e faz que a gente se sinta grato por estar vivo. É assim que nós, humanos, somos. [...] (KISHIMOTO, 2007, [s/p]).

Tal união deve-se ao fato de ser através da língua que aprendemos a ser, quem seremos, como nos comportaremos, como agiremos, como aprenderemos e conseqüentemente como visualizaremos o mundo ao nosso redor. A língua então, deve ser aprendida e utilizada com a maior eficácia possível para que a aprendizagem também seja efetivada o máximo possível. Mas para que serve o estudo de sua gramática, já que conseguimos nos comunicar bem sem estudar ou entender qualquer regra gramatical?

Comunicar-se sim, sem usar regras gramaticais não. A própria estrutura da língua é regra gramatical, mesmo que não se precise saber sua classificação ou função. Mas entender sua formação, classes, funções e infinitas possibilidades amplia seu uso, habilita a construção de estruturas complexas, aumenta o vocabulário e conseqüentemente melhora a capacidade de entender e se entendido (objetivo maior da comunicação); além de ampliar nossa faculdade de questionar o mundo, a imaginação, a criatividade, a leitura, a escrita e a interpretação que em conjunto podem formar o cidadão conhecedor de seus direitos e deveres, conhecedores e praticantes natos dos valores humanos (BRASIL, 2018).

Sendo assim, o estudo da nossa língua como um todo (gramática normativa e internalizada) não pode ser dissociado dos princípios humanos que a LDB (2018)

defende. Como representante de ambas, foi escolhido o *animê/mangá* “Naruto”, exemplo de uso linguístico nacional e estrangeiro que convergem em si regras gramaticais e valores humanos universais importantes na formação.

Como brasileiros temos como referência a língua portuguesa e, esta, como todas as outras é carregada de signos, significantes e significados universais e peculiares. Aqui entra os subsunçores, são eles que nos ajudam a realizar conexões neurais, a criar novas conexões, a substituir conexões, deixar espaços e possibilidades para futuras vinculações.

A metodologia iniciou a ser aplicada antes mesmo de a pesquisa ser colocada em campo, dado que a professora precisou, antes de tudo, pensar em seu fazer pedagógico, nos objetivos traçados, nos possíveis caminhos e aberturas futuras; além de preparar-se para as surpresas da sala de aula, de cada turma e turno; sem deixar de lado a situação pandêmica, dificuldades e situações que os jovens estariam, provavelmente, a passar e que influenciariam, diretamente, no andamento de cada aula, sua posterior aprendizagem e a relação com a disciplina e professora.

O fato de ter proximidade e intimidade com o instrumento proposto dava-me a segurança em seu domínio e em seu uso, no entanto, a certeza que nenhum instrumento ou metodologia deve ser fechados em si, permitia-me preparar-se para as possibilidades (inconvenientes ou oportunidades) inerentes ao processo.

Iniciei esse meu processo visualizando a reprovação do instrumento pelos jovens e qual deveria ser minha reação, minha negociação. O que deveria dizer, fazer se algum jovem, mesmo que em pouco número ou apenas um, se negasse a trabalhar, assistir aos episódios, ler os capítulos, e até mesmo rejeitar minhas ponderações para negociações?

No processo de planejamento, estes e outros questionamentos foram sendo feitos a mim, com o intuito de reduzir e antever problemas que poderiam ocorrer, construir estratégias de enfrentamentos, resolução de conflitos, negociação e meios para sua solução. Com esse constante debate interno que construir meu planejamento (já descrito).

Sempre tive maior respeito pelos estudantes que por mim passaram, entretanto quando me coloquei a fazer um planejamento, de certa forma, pessoal e que iria conter objetivos que queria alcançar e, que para isso era necessário que os meus jovens validassem; o meu olhar muda. Nunca me neguei a planejar, acredito ser de grande importância e responsabilidade seu uso e construção, mesmo assim, ao direcionar

meus alunos (as) a um caminho, escolhido por mim (mesmo que proveniente de minhas experiências com eles) a responsabilidade aumentou e o desejo de ver em prática, mas agora organizado para um fim, transformou a minha visão, aumentou o meu empenho e tornou mais prazeroso o meu trabalho.

O trabalho quadruplicou, mas aqui percebi a diferença de fazer algo por querer e fazer por ser obrigada. A escolha de usar o instrumento, estudá-lo, propiciar seu uso, confrontá-lo e fundi-lo ao meu objeto de trabalho (Língua Portuguesa) partiu de mim, esta não foi sugerida ou forçada por uma diretora, por uma coordenadora ou por sistema educacional. Isso fez toda a diferença.

Minha metodologia e método foram e são responsabilidade pessoal, livre e o mais importante: torna-me feliz e satisfeita em utilizá-los. Escolhi deixar em minhas intuições e experiências profissionais servirem de suporte para o planejamento de algo maior: objetivos definidos com base no meu público e baseado na aprendizagem significativa.

Minhas aulas seguiam um planejamento anual, sem muitos detalhes, com objetivos gerais da disciplina. Possuíam minha participação, mas não meu foco, minha dedicação como essência, era uma participação da disciplina, não uma participação pessoal, que envolvia o meu eu interior e crítico-reflexivo. Fazia porque era minha responsabilidade, era paga para isso e como profissional não deixaria de exercer minha função.

Mas quando escolhi e decidi trabalhar com “Naruto” não era somente uma obrigação, função, mas uma decisão minha, realizada com auxílio do outro (todos os jovens que foram e são meus alunos), mas minha. Este fato levou-me a pensar sobre a formação de professores e o porquê de muitos de meus colegas não aceitarem, não gostarem e negarem-se a participar de planejamento, formações e experiências diversas.

Não fomos ensinados na faculdade a planejar em conjunto, a negociar nossas ideias, a arriscar em nossas intuições e, se fomos não serviram concretamente para a realidade de sala de aula (local de processos espontâneos, diversos, mutáveis e dinâmicos). O planejamento fechado, a que fomos apresentados nos engessa, facilita nosso trabalho, mas corta nossa criatividade, nossa empolgação inicial da profissão e conseqüentemente, transforma-nos em repetidores do que disseram ser a forma de ensinar.

Se uma vez ou outra atualizamos o planejamento é por pressão externa, mas não algo interno, pessoal, do conjunto. Em resumo: falta o desejo pessoal, a escolha individual e o colocar o seu íntimo no planejamento, em suas aulas. O que falta a estes meus colegas, foi propiciado a mim com “Naruto”.

Cada aula, cada atividade, cada escolha de episódio que analisarem a seguir, possui não somente a exigência da minha instituição, da minha gestora ou empregador, mas meu eu entranhado em cada escolha e isso fez, faz parte de todo esse trabalho.

6.1 Análise dos dados: *Justsu* Multiclone da Sombras

A análise realizada da metodologia e atividades, bem como dos dados obtidos dar-se-á não seguindo a ordem da descrição das atividades e do planejamento; já que em muitos momentos tal ordem foi modificada para melhor atender à necessidade do jovem ou da conjuntura. No entanto, caro leitor, “a ordem dos fatores não altera o produto”, permitindo-lhe assim perceber o mais importante: a aplicação, os resultados de tais atividades e o *feedback* dos jovens. É importante frisar ainda que algumas atividades serão mais focadas e descritas por terem propiciado maior experiência de aprendizagem, educativa e por terem recebido dos jovens um maior retorno de sua eficácia ou não.

Antes de qualquer atividade do dia, fazia questão de perguntar como estava cada jovem e/ou como foi seu fim de semana, seu dia anterior. Ato simples que fez diferença para os jovens:

Só queria agradecer por todo aprendizado que a senhora proporcionou a gente, de uma maneira que compreendêssemos bem. E agradecer também por perguntar todos os dias como a gente estava, pode parecer que não era nada de mais, mas não são todos que tem a preocupação de saber como a gente está. A senhora é uma excelente professora, uma das ou talvez a melhor que tive. Tenha a certeza que a senhora acrescenta muito na vida de seus alunos. A senhora é muito engraçada, por mais triste e péssimo que tenha sido o dia anterior de alguns dos alunos da senhora, pode ter certeza que a senhora conseguiu arrancar alguns sorrisos deles, e meu também. Gratidão💖! (QUESTIONÁRIO II, 2021).

Tal ato pretendia sentir a turma, se estavam abertos a aprendizagem. Servia para acordá-los quando a aula era pela manhã, para brincar e relaxá-los um pouco

quando estavam agitados, animá-los com alguma brincadeira caso estivessem tristes ou desanimados. Em cinco aulas, precisei adiar um pouco o início da aula, para ouvir uma música, contar alguma história de superação, frase motivacionais e até vídeos engraçados que os ajudassem a aliviar o peso que estavam carregando.

Que bom que conversou com agente, professora, a sala parecia que estava em um velório, nem parecia a turma animada de todos os dias, soltaram a mandiga. Depois da música e da conversa, já mudou tudo, sorrisos e brincadeiras até surgiram. Mostra que fez efeito. Não sei se teríamos conseguido entender a aula se não tivemos relaxado logo no início. Foi muito bom!. (KUNOICH, DIÁRIO DE BORDO, 07/10/2021).

O primeiro contato com os jovens foi conduzido pela aula “Acolhimento e Apresentação da Disciplina” (Aula 01 – Descrição da atividade) que tinha como foco a interação inicial com os jovens e com a turma, perceber seus conhecimentos sobre o *animê*/mangá, apresentar as regras de convivência e o Módulo (atividades, foco, subprojeto – Conto de fadas), a professora e a pesquisa a ser realizada. Além de ter as primeiras percepções da turma: grau de timidez, capacidade de atenção, idade, série, perspectivas futuras, se conhecem ou não o *animê*/mangá “Naruto”.

Essa aula foi pensada para acolher, apresentar e ser apresentada, deixar claro como seria o Módulo, sua professora e quais atividades seriam trabalhadas; além de aplicar o quebra-gelo. Para isso fez uso de frases retiradas de “Naruto” proferidas por seus personagens durante a sua trama e que são repetidas por fãs, disseminadas em redes sociais, sites, *blogs*. Com a frase conseguiria perceber a capacidade interpretativa dos alunos, de memorização, dificuldade de se expressar, timidez, bem como suas reações.

Presencialmente, seria mais fácil perceber tais características dos mesmos, bem como suas reações, já que o olhar, a postura de falar e sentar-se, o posicionar a cabeça, o demonstrar estar ou não confortável e outras nuances ajudariam a analisar e formar um perfil do jovem. No on-line, tais características ainda estavam presentes, porém reduzidas e escondidas pelas telas.

Na primeira turma, por não se conhecerem e estarmos on-line, a frase escolhida não foi dedicada ao colega (como pensado inicialmente), por sentir que a escolha das frases para si surtiu um efeito positivo. Apenas em uma das turmas a frase foi dedicada ao colega escolhido, isso porque, o jovem que iniciou a dinâmica citou que a frase não parecia muito com ele ou não tinha entendido direito.

Aproveitei a deixa e o orientei a escolher alguém que acreditava ser a pessoa dono (a) da frase. Ele disse rapidamente que escolheria alguém que não conhecia para não parecer que estava dando indireta e assim o fez; os demais seguiram esta lógica e a atividade seguiu normalmente.

O interessante desse quebra-gelo é que mesmo on-line foi possível perceber quem eram os mais extrovertidos. Esses tendem a se colocar como voluntários, a falarem mais sobre suas frases, a comentarem sobre as dos colegas, a escreverem mais no *chat*, a comentarem sobre o personagem ao qual a frase pertence. Já os introspectivos, os comentários, se resumem em: “Achei interessante a frase”, “Gostei da minha frase”, “Muito boa a frase”, “Nem sei o que dizer, professora”.

Aqui foi possível perceber aquele jovem que fica calado, fala pouco, mas quando é instigado revela-se como extrovertido ou o introvertido que não consegue ir além do responder pequenas frase: “Concordo com a frase, professora” ou “A frase falou tudo”. Permite, também, refletir sobre como conduzir a aula e determinados acontecimentos de modo que permita que tanto este, como aquele participem, compartilhem entendimento e discordância de ponto de vista, a reflexão que levará a uma ação. Como resultado dessa atividade foi obtido resposta do tipo:

Puxa vida, professora!!!!!! tava precisando ouvir estas palavras hoje, professora. Muitas vezes queremos desistir por tá cansada, não acreditar que podemos conseguir, não ter mais forças e não ver saída. Esta frase de Naruto caiu como uma luva, mostra que devemos ser forte e não desistir, ainda fala pra mandarmos o outro desistir de tentar nos fazer desistir. Foi uma tapa na cara que estava precisando. [...] (KUNOICH, DIÁRIO DE BORDO, 13/04/2021).

Já ouvir e li estas frases de “Naruto” muitas vezes, no Face, no Instam, no grupo de animes que faço parte agora que percebo que eu não entendia o que queria dizer. Acho que via apenas pela zoação, por achar bonito, entender que o que queria dizer, nada. Nunca tinha parado pra ver a dor com esse sentido pior que é verdade [...] vejo isso nos Brothers. Agora tou doido para colocar essa frase e o que ela significa no grupo e mostrar que eles não sabe demais. Vou me achar com isso [...] (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 22/06/2021).

Esta frase é uma verdade, inicialmente eu não entendi muito bem, mais depois que [...] falou e a senhora explicou fez muito sentido e tem muito a ver com minha vida. E são frases de desenho animado, que muitos não dão valor, inclusive eu [...] (KUNOICH, DIÁRIO DE BORDO, 02/09/2021).

Ação essa baseada na decodificação das frases feita aliada ao conhecimento do *animê*/mangá “Naruto”, em razão de “[...] O funcionamento dos códigos no lado da decodificação, irá frequentemente assumir o status de percepção naturalizada. (HALL, 2003, p. 393); quando naturalizamos algo, tornamos o que estrangeiro, diferente, alheio em algo nosso e habitual, nacionalizamos em nosso interior. Em outras palavras tornamos o estranho que não fazia parte da estrutura mental) em significativo, ao ampliar e reconfigurar as ideias pré-existentes (AUSUBEL, 1987).

Perceptível e registrado no diário de bordo, importante para a pesquisa por possibilitar o registro das conversas do *chat*, de comentários realizados pelos jovens ao falarem e, ao anotar percepções da pesquisadora e professora o que reafirma seu status de ator/autor (MACEDO, 2006).

As gravações realizadas da maioria das aulas ajudaram e complementaram as informações do Diário de Bordo, por possibilitar que comentários maiores e diversos fossem registrados com maior rigor e fidelidade; além de permitir que as aulas continuassem sem interrupções. Ao término de cada aula gravada, assistia e fazia as devidas anotações dos comentários e situações vistas como atos/potências, muitas delas utilizadas como referências nesta pesquisa. Não foi possível a gravação de todas as aulas devido as falhas constantes do aplicativo utilizado e de algumas incompatibilidades do mesmo com o computador utilizado e seus programas de suporte. Mesmo assim, com auxílio do colega da área de informática (Elivan Piedade, professor do ILBJ), conseguir gravar a tela da maioria das aulas e serviu de um importante suporte para o Diário de Bordo.

Foram testados cinco programas para esta finalidade, porém o que mais adequou-se as necessidades e realidade do momento foi a extensão fornecida gratuitamente pelo *Google Chrome* na *Chrome Web Store*³⁸: “*Screen Recorder*”, que permitia gravar a tela, o áudio e, também escolher alternar a forma de gravação. O lado ruim dessa extensão foi não propiciar a rolagem da barra de tempo para ver determinada cena.

As gravações foram realizadas com autorização de todos os jovens envolvidos e, explicado a sua utilização. Os mesmos chegaram a perguntar se colocaria as fotos dele no meu trabalho, e se fosse, escolhesse as fotos que eles/elas estivessem bonitos e não fotos “bugadas”³⁹. Foi explicado que não iria expor as gravações e nem

³⁸Loja online de aplicativos e extensões do *Google* direcionado ao *Google Chrome* ou *Google Apps*.

³⁹ Gírias para fotos feias, com erros, defeitos, mal tiradas.

as imagens dele, serviria para analisar nossas aulas e como informações para confirmar ou refutar, fortalecer ou não os meus pressupostos; além de dados científicos que seria registrado no Diário de Bordo.

Diário indispensável na etnopesquisa-formação por permitir ser uma memória extra e possibilitar o professor/pesquisador lembrar fatos de seu envolvimento na transformação tanto pessoal como de seus alunos. Isso porque a etnopesquisa-formação encaminha o pesquisador a uma conscientização perante o processo de vivência, tanto em sua prática docente, quanto em sua prática científica.

A ideia da frase era reflexiva, e obtive como resultado não somente reflexões, como também, identificações pessoais, motivações, dificuldade de se expressar, timidez; tanto que nenhum jovem demonstrou não gostar da frase: houve o que não se identificou com a frase (mencionado anteriormente), os que não conseguiram interpretar as frases, mas que ao serem auxiliados por colegas e/professora afirmaram gostar e entender, servindo assim para o objetivo ao qual foram pensadas.

No processo de interação, precisei mobilizar os saberes adquiridos profissionalmente, as experiências somadas e a minha prática, resultado desse processo para atingir a aprendizagem significativa dos meus jovens, e também, permitir-me um autodesenvolvimento, em uma espécie de formação pela práxis que nunca estará completa: Assim, ao elaborar seu diário, o pesquisador constitui-se um sujeito entre outros sujeitos, humaniza-se, dialetiza-se, ao aceitar a lógica do inacabamento que, qualquer teoria coerente do sujeito, deve exercitar (MACEDO, 2006). Tornando-se assim, um dispositivo investigativo particular e de foro privado, mas construído pelo eu (professora/pesquisadora) e pelo o outro (jovens/atores pesquisados).

Mesmo acreditando no meu dispositivo e já tendo experiências positivas, não tem como não sentir um “frio na barriga”, um questionar-se: “Será que os jovens ainda assistem, gostam de “Naruto”?, “Como será a reação de cada um?”. Isso por gostar de *animê*, mangá e de desenhos animado desde criança e muitas das vezes o amor deixa-nos com algumas percepções da realidade distorcida e direcionadas as nossas intenções pessoais. O diário entra aqui como o catalizador dessas emoções exacerbadas, já que possibilitou-me avaliar e confrontar a posteriori tais impressões, e assim, compreendê-las com maior rigor, aqui entendido como: “[...] a rigidez necessária para que algo possa se sustentar e consistir, durar e permanecer idêntico a si mesmo em sua forma”. (MACEDO, 2009, p. 15).

Nessa interação professor/aluno/aluno/professor mediado por “Naruto” e aplicado in loco consente o imperativo da descrição reflexiva ao qual está alicerçada a etnopesquisa-formação (MACEDO, 2016), que unifica o espaço, antes distintos entre os participantes (alunos) e pesquisador (professora).

Nesta primeira aula, além de algumas falas questionadoras: “Como se dará isso, professora?”, “Vamos esperar para ver”, “Amo Naruto, mais nunca pensei em estudar com ele.”, “Não poderia ser outro não?”; obtive afirmativas impulsionadoras: “Puxa! Meu sonho, professora.”, “A senhora é demais.”, “Já gostei da senhora.”, “Paraaaa tudo, gente! Como assssim? Tuuuudo de bom, uau!”, “Agora falou minha língua.”. Isso na primeira turma.

A partir da segunda turma, já sabia que pegaria “[...] a professora do *animê*”; colegas ou o professor do outro módulo já tinha comentado, mas os comentários que expressavam “[...] preciso ver para crer” ainda pairava no ar: “Professora, estou louca para saber como a senhora faz isso.”, “Quando o professor me falou eu não acreditei. Perguntei ao meu colega que foi seu aluno e ele confirmou, fiquei logo com vontade de estudar com a senhora para ver como era isso, gente!”; mostrava suas expectativas.

O medo de rejeição tinha passado, mas a responsabilidade de atingir as expectativas dos jovens aumentava. Neste primeiro contato também deixei claro que eles, elas deveriam sugerir episódios e atividades para as aulas e se encontrassem memes, *gifs*, reportagens, o algo que lembrasse as nossas aulas, estavam livres para compartilhar; bem como em propor mudanças nas aulas e, que tais sugestões seriam colocadas a turma para analisarmos juntos sua pertinência.

Tal sugestão era necessária para permitir a liberdade de negociação e a participação deles para com o Módulo; além de propiciá-los certa autonomia. Foi aqui também que decidimos quando a câmera e áudio seriam habilitados. No geral, não os obrigava a ficarem de câmera ligada, mas chegamos uma decisão de que seria elegante e educado abrir a câmera para responder, comentar sobre algo e, que se tivessem algum problema que os impedissem de assim fazer, deveria ser comunicado a professora. Tal decisão baseou-se na qualidade de conexão dos jovens atendidos; conexão esta, motivo de muitos terem sido forçados a perderem aulas, assistirem metade da aula e/ou a abandonar o curso.

Poucos jovens negaram-se a abrir a câmera e quando algum assim fazia já mostrava sua timidez ou algum problema pessoal: Celular com câmera sem funcionar

ou muito ruim, local com barulho ou inapropriado para o estudo, áudio sem funcionar, fones que possuíam chiados, Internet lenta (Problemas estes relatados pelos jovens durante as aulas). Muitos desses jovens não demonstravam desconforto em ligar a câmera, muitos até reclamavam de suas Internets que não os permitiam “mostrar sua beleza”.

Esta atividade em especial, mesmo sendo a responsável por apresentar-me os jovens e ser apresentada a eles, trouxe-me a certeza do quanto o professor influencia seus alunos. Mesmo a educação e seus representantes não tendo o status “[...] de verdadeiros atores, e não o de simples técnicos ou de executores das reformas da educação com base numa lógica burocrática [...]” (TARDIFF, 2012, p. 243) é o professor peça fundamental na vida escolar dos estudantes, de qualquer escola. Tinha a certeza que o professor possuía esse poder, mas não fazia ideia do quanto era esse poder.

Como sempre conversei e fui levada a conversar com meus alunos, percebia que os influenciava a gostar da minha disciplina, a estudar porque gostava de mim e, via esta influência quando faziam questão de mostrar-me suas notas, que tinham melhorado e/ou terminado o ensino médio, passado em uma faculdade, ou conseguido um emprego. Entretanto, foi em reflexões com meu *Sensei* Ronaldo (Kakashi *Sensei*) que percebi sua abrangência, comprovada na prática com meus jovens em 2021, do ILBJ.

Além do meu olhar diferenciado, a minha postura perante a capacidade de influência que tenho sobre meus jovens foi transformado, acredito que tomei ciência de sua amplitude e da minha responsabilidade “[...] neste mundo de práticas, sentidos e significados complexos [...]” (MACEDO, 2016, p. 1530). Entendia a influência como uma força positiva ou negativa e visível aos olhos, ignorava o que não era perceptível e a capacidade humana de se fazer com o outro dinamicamente. Para mim, a influência acontecia, mas não com todos. Hoje sei que influencio todos, mas não da mesma maneira, por isso, é minha “missão ninja” influenciar da melhor forma possível.

A primeira aula, da primeira turma, possuía duas alunas que nunca tinham assistido “Naruto”, conheciam por ouvir falar, mas que não tinham “parado para assistir”. Por conta dessa situação, decidir alterar a ordem das atividades do dia e iniciei com o primeiro episódio e não com as frases para ajudá-las a entender o *animê* e permitir participações sobre a narrativa posterior.

Assim que o episódio terminou as jovens comentaram: “Bateu uma vontade de assistir muito grande”, a outra logo complementou: “Já amei esta professora, não conheço, mas já amei”. Além de perceber que a troca foi positiva, o episódio mostrou o poder de influência. Jovens que já conheciam a narrativa anímica, mas nunca tiveram curiosidade, desejo de assistir, através de um episódio afirmam querer assistir e já amar a professora que acabou de conhecer. Olha o poder da educação, do professor.

Este primeiro contato foi necessário para deixar clara a pesquisa, o uso do dispositivo; além das atividades que seriam desenvolvidas durante o módulo: Mapa mental, Projeto de Vida, exercícios do *Google Sala de Aula*, horários das aulas, uso do grupo do *WhatsApp*, Versão do Conto de Fadas e do livro a ser escolhido e lido por cada um.

Aqui percebi uma grande dificuldade para entender o Mapa Mental e o Projeto de Vida, naquele a dificuldade era de síntese do que acabara de estudar, já neste a maior dificuldade foi em se imaginarem no futuro: “Como assim?”, “Não penso nisso não.”, “O que vie está bom.”, “Só sei quero ter dinheiro”, “Não ligo pra isso não, profe.”, “ Não consigo pensar nisso.”, “É muito difícil pensar nisso.”, “ E vou lá saber como serei, o que quero ser, quem sou. Meu Deus do céu.”. Mesmo compartilhando a tela do *Paint*⁴⁰ e criando um exemplo de Projeto de vida, simulando algumas possibilidades, os mesmos não conseguiram ver-se nos exemplos.

Devido a isso, precisei retomar tal explicação no fim de mais duas aulas, sem esquecer de explicações no grupo do *WhatsApp* e através de perguntas no privado. O Mapa Mental também foi retomado, postado exemplos prontos, fiz e refiz exemplos em momentos de aula e, mesmo assim, seu entendimento foi demorado. Tanto o Projeto de Vida como o Mapa mental precisaram ser retomados em três aulas para que os jovens conseguissem construir os seus e, mesmo assim, muitos precisaram de um momento extra para seu completo entendimento.

Para resolver tal impasse, foi sugerido por uma aluna a darmos continuidade na aula e no final, os jovens que estivessem com dúvida, a tiraria. A sugestão foi acatada e a partir dessa turma, foi assim que as explicações extras e necessárias seguiram. A ideia foi tão aceita que em todo fim de aula, os jovens já reivindicavam o “momento tira dúvidas com a Marisete” (isso em duas turmas). Tais momentos

⁴⁰ Software incluso no sistema operacional *Windows* da *Microsoft*, possibilita a criação de desenhos básicos e edição de imagens.

transformaram-se em dúvidas pessoais, curiosidades e pedidos de conselhos com o passar das aulas. Em outras turmas, as conversas pós-aulas viraram nosso ponto de encontro para rir, falar sobre *animês* e seus personagens; ora comparações com a realidade, com suas vidas.

Nestes momentos lúdicos e recheados de aprendizagem faziam-me refletir sobre o que os jovens que ali estavam e os que pediram desculpa por não poderem ficar (por terem responsabilidades a cumprir) buscavam, almejam em minhas aulas, em mim como profissional e para as vidas deles. Jovens que muitas vezes definir como não desejosos de estudar e aprender, estavam bem a minha frente, pedindo atenção, ser ouvidos e mediavam a conversa sobre diversos assuntos (por eles elegidos) com certa maestria, eram os que tanto professores desejam ver em suas aulas.

Ao escrever no diário, registramos fatos momentâneos, emoções reais e passageiras, reações de momento, que a ser lida, analisada posteriormente, revelam-se adversa do momento da escrita. Foi justamente, relendo o diário, reassistindo as aulas e as respostas dos meus jovens que passei a questionar-me: O que falta nas aulas de Português? O que falta na educação brasileira? Eis a pergunta de bilhões de reais. E o mais importante: o que eu, como professora posso fazer pela educação dos jovens que passarem por mim?

Quando sonhamos com uma educação melhor e de qualidade, pensamos em realizar proezas extraordinárias, projetos revolucionários, no entanto, não me vejo como uma revolucionária, sou antes de tudo uma aluna assustada que ousou (pela ironia do Destino) tornar-se professora da sua pior disciplina. Mas, mesmo sendo clichês para muitos, percebi que preciso fazer o pouco que consigo; mesmo que não seja perfeito, que não saia em jornais e que não ganhe prêmios, preciso continuar a procurar o que falta nas minhas aulas e, assim, quem sabe contribuir com a educação que a BNCC (2018) defende e, principalmente: a que o nosso país precisa.

Não há como mergulhar na educação, sem certa paixão. Não uma paixão exasperada, mas a convicta que podemos fazer a nossa parte, ou pelo menos devemos tentar fazer. Para conquistarmos nosso status não somente como dimensão da profissão, como prática erudita e os diversos saberes articulados, mas como conhecedor de “[...] conhecimentos relativos à ciência da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.” (TARDIFF, 2012, p. 39). Experiências estas adquiridas na prática.

Concordo com Tardiff (2012) quando afirma que o professor deve ser reconhecido como sujeito do conhecimento e que para isso, nós professores devemos ser autores da nossa ação, do nosso próprio discurso. Entendo também, agora o que de fato significa esta autoria, percebi ao pensar no planejamento dessa pesquisa: Cada detalhe, cada escolha, cada decisão, cada melhoria, cada desfaz/refaz, cada ajuste, cada adequação, e cada troca foi pensada, refletida por mim. E mesmo que precisasse da aprovação de minhas colegas, estas também estavam em minhas reflexões aliás, o planejamento não seria (como não foi) aplicado somente por mim.

Percebi ainda que as impressões pessoais são, muitas vezes, influenciadas pelo nosso gostar ou não gostar, pelo nosso concordar ou não, pela importância que damos a determinada ação (escolhas, objetos e tomadas de decisão); pois como já dito, desenvolver e trabalhar algo que gostamos e que fizemos parte desde a sua origem a sua aplicação faz toda diferença. Isso pode ser comprovado com as percepções diversa das minhas colegas de trabalho que ao aplicar o mesmo planejamento e com um público possuidor de características semelhantes não captaram as mesmas nuances.

Como já explanado, ambas não possuíam um contato direto com a narrativa anímica, foram de certa forma, levadas a aceitarem o uso do instrumento sugerido por mim; mas não possuíam o sentimento de pertencimento que faz diferença. Mesmo com a flexibilização de sua aplicação, a característica do ser autor não fazia parte da ação educativa dela. Este fato diferencia tantos os resultados, como as percepções e tomadas de decisões em classe, sem esquecer-se das negociações essenciais, também já debatidas.

Sendo assim, ao pedi um *feedback* de avaliação da aprendizagem relacionada ao uso de “Naruto” das demais professoras, aqui nomeadas *Hokage* Kurotsuchi e *Hokage* Mei Terumi⁴¹:

Ao iniciar o primeiro dia de aula, apresentando a nova proposta do Módulo de Português, que trazia um novo formato: trabalhar o Projeto de vida, baseado em ensinamentos/mensagens do Anime Naruto/ herói ou heroína e, sempre que possível, atrelar a mensagem trazida na narrativa deste personagem para os conteúdos do referido Módulo. Após apresentar a história e as classes ninjas, apresentar e falar sobre Naruto, os poucos alunos que conheciam e se interessavam pelo assunto gostaram bastante da ideia, os olhos brilharam ao saber que

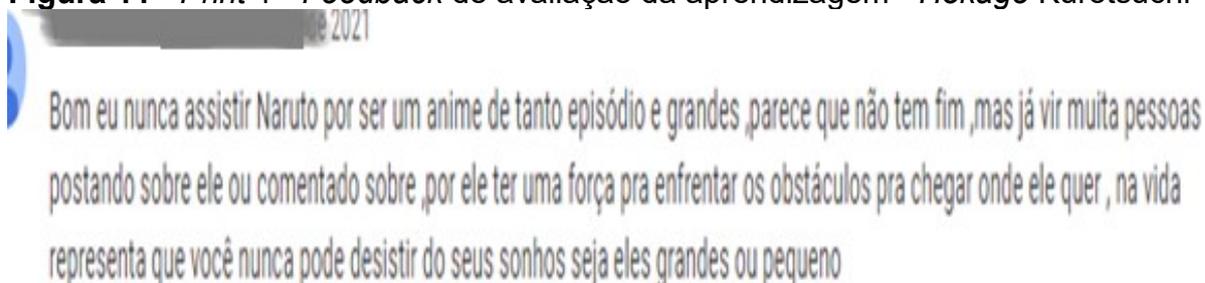
⁴¹ Respectivamente: 4ª *Tsuchikage* (Líder da Vila da Pedra) e 5ª *Mizukage* (Líder da Vila da Névoa).

o anime/mangá sairia da animação para fazer parte das nossas aulas e os ajudaria a pensar num objetivo de vida.

Imaginei que a recepção fosse a melhor possível para a geral, porém, fiquei surpresa, pois outros tantos jovens, em sua maioria, tinham ouvido falar, mas não tinham o menor interesse, haviam assistido um ou nenhum episódio do referido personagem. Ainda assim, por fazer parte do planejamento do Módulo, durante os dois meses e meio, muitas conversas versaram sobre Naruto, quando possível, ocasionalmente, exemplos que reportavam à narrativa eram dados. Pessoalmente, penso que foi válido, apesar de a gente já trabalhar com a ideia de superação, resiliência, objetivo de vida, realização de sonhos etc. Deu uma repaginada atrelando personagens ao fazer didático/pedagógico. (HOKAGE KUROTSUCHI, 2021).

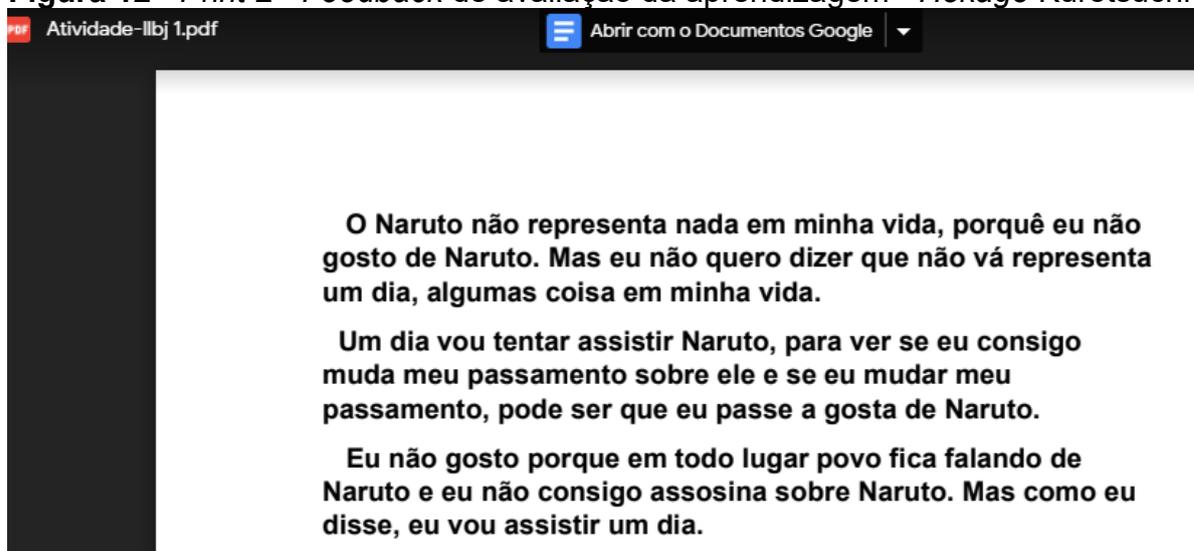
Junto com suas percepções enviou *prints* de atividades recebidas dos jovens que demonstram a influência, que o não possuir intimidade com o instrumento e/ou não acreditar no mesmo pode afetar no rigor das nossas impressões; além de deixar claro o quanto um olhar científico e coletas de dados reais e concretos podem confirmar ou refutar percepções pessoais:

Figura 11 - Print 1 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi



Fonte: Arquivo da Pesquisadora (2022).

Figura 12 - Print 2 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi



Fonte: Arquivo da Pesquisadora. (2022).

Figura 13 - Print 3 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi

██████████ 2021

Já conhecia o anime Naruto, mas nunca senti uma vontade imensa de assistir e saber sobre o menino que todos falam. Eu tenho um irmão que gosta muito das músicas, história dele, e afins. Quando eu via ele assistir empolgado me dava curiosidade e então ia assistir junto com ele, era muito divertido... A mensagem que Naruto me traz é que nada se consegue sem esforço, é preciso que haja perda de algumas coisas para ganhar outras, o quanto é importante saber lidar com a derrota. Não é algo que eu amo de paixão mas que deixa um ensinamento e tanto.

Fonte: Arquivo da Pesquisadora. (2022).

Figura 14 - Print 4 - Feedback de avaliação da aprendizagem - Hokage Kurotsuchi

██████████ 2021

Nunca tive o interesse em assistir a animação Naruto. Não me atraiu muito, e também nunca tive o tempo em pensar sobre assistir o anime.

Meu primo é muito fã, ele me fala muito bem sobre Naruto, e um dia pretendo começar a assistir, mas por agora não, pretendo concentrar meu foco aos estudos.

Fonte: Arquivo da Pesquisadora. (2022).

Mesmo afirmando que a maioria dos jovens não conhecia e se interessava por “Naruto” “[...] os poucos alunos que conheciam e se interessavam pelo assunto [...]”, a *Hokage* Kurotsuchi apresenta *prints* em que todos os jovens afirmam não assistir, mas deixam claro que conhecem e que também: “[...] já vir muita pessoas postando sobre ou comentando sobre[...]” (Figura 11), “[...] todo lugar povo fica falando de Naruto [...]” (Figura 12), “[...] saber sobre o menino que todos falam. Eu tenho um irmão que gosta muito das músicas, história dele, e afins [...]” (Figura 13), “[...] Meu primo é muito fã, ele me fala muito bem sobre Naruto [...]” (Figura 14).

Na Figura 13 é perceptível a afirmação de não ter interesse de assistir, mas em seguida fala que assistia com seu irmão e que era divertido, indicando que a mesma assistia e até gostava do *animê*. Já as Figuras 12 e 14 afirmam ter interesse de assistir, as Figuras 11 e 13 revelam perceber a mensagem de estímulo, do enfrentar obstáculos e nunca desistir, o lidar com a derrota e a importância do se esforçar.

Quando é afirmado na Figura 12 nunca ter assistido por ser um *animê* grande, quase sem fim e debatido em todos os lugares, permite a interpretação de que o número de conhecedores é grande e por ser a fala de um jovem, pode-se inferir que, as pessoas que debatem sobre, também sejam jovens; público do ILBJ.

Já a *Hokage* Mei Terumi afirmou que trabalhar com “Naruto” para ela foi:

Em todas as turmas, a proposta de trabalho com base em Naruto foi muito bem aceita, às vezes, um ou outro nunca havia assistido ou não sabia do que se tratava.

Na verdade, eu que queria ter o conhecimento de todos os capítulos para explorar mais a ideia de Naruto neles. A maioria já assistiu ou estava assistindo aos episódios e tinha conhecimento de que ele foi um menino negligenciado e que precisou superar muitos obstáculos para conquistar seus objetivos. Bati muito nessa tecla quando eles iam fazer o projeto de vida.

O problema que os alunos reconhecem o que precisam fazer para avançar, mas falta coragem. Eles desistem muito fácil de tudo. E muitas vezes, eles partem de ideias mirabolantes de riqueza fácil. Também bati na tecla do controle das próprias emoções que hoje é de fundamental importância para avançarmos na vida.

Enfim, Naruto pode se tornar de fato uma ferramenta pedagógica muito rica. Pelo menos comigo o episódio do carteiro foi o mais proveitoso de todos. (HOKAGE MEI TERUMI, 2021).

Esta ainda relatou que ao comentar, em outra instituição que estava trabalhando com “Naruto” no ILBJ, seus alunos ficaram eufóricos a perguntar sobre e, que ficou admirada ao ver uma *kunoichi* tímida participar da conversa questionando sobre e ao final da aula a procurar para relatar que tinha objetos de coleções como a capa da *akatsuki*. Isso no início do ano.

Como é perceptível, três educadoras, utilizando um mesmo planejamento, com público de características peculiares obtiveram percepções diversas: *Hokage* Kurotsuchi pensa ter sido válido seu uso por ter dado uma repaginada ao fazer didático/pedagógico, mesmo não observando tanto interesse por parte dos seus alunos; enquanto a *Hokage* Mei Terumi reconhece “Naruto” como um possível dispositivo pedagógico rico pela sua aceitabilidade; além de perceber a necessidade de maior conhecimento do *animê*/mangá para poder ampliar o seu uso.

Já sabendo dessas mudanças de percepções e de seu pouco conhecimento com o gênero que o planejamento precisava ter flexibilidade, para permitir que ambas pudessem ter a sua autoria, colocarem sua identidade tratada por Tardiff (2012) em

suas aulas, mesmo utilizando um planejamento “pronto”. Assim tanto eu, como elas ou qualquer outro professor poderia sentir-se autor, dono, parte de seu fazer pedagógico, assim reconquistaríamos o status que é nosso por direito.

Esse tornar-se autor é um processo conquistado na prática, com os alunos, com os erros, com os acertos que se tornam experiência e volta a ser prática, refletida, experimentada, adaptada, reavaliada, que volta a ser experiência e prática, um “*loop infinito*”. Mas para isso, precisamos sentir-se parte.

Trabalhar com *animê* e mangá não foi somente um trabalho burocrático imposto a mim de cima para baixo, mas uma sugestão pessoal, adaptada a realidade institucional, forjada à minha identidade e tendo-me como autora. Essa é a grande diferença, o que comprova a veracidade da afirmativa:

O problema, [...], não é que os professores sejam inflexíveis, mas que a grande maioria das reformas educacionais – inclusive as dirigidas pela tecnologia – são implementadas sem o envolvimento ativo dos próprios professores. Uma reforma educacional duradoura, segundo Cuban, deve envolver os professores como agentes de liderança, não só como consumidores ou distribuidores de planos vindos de outro lugar. (BUCKINGHAM, 2010, p. 41).

Como já afirmado, o *animê/mangá* é um dispositivo que tem significado para mim e para meus jovens o que facilitou as negociações e a comunicação entre nós. Por ter sido idealizado por mim e baseado em vivências de sala de aula tornou-me agente de liderança, fez-me mais que uma simples consumidora; além de ser pensado levando em consideração a prática educativa e o gosto do público jovem atendido. Com isso, percebe-se que o estar envolvido no desenvolvimento, na escolha e diretamente ligado a metodologia, ao dispositivo faz o professor sentir-se parte, permite-o possuir o status de Tardiff (2012) e ser agente de liderança apontado por Buckingham (2010).

Fazer parte da construção é mais significativo do que ser meramente um executor. Ao pertencer criamos identidade com o produto construído, sentimo-nos parte e torna-se gratificante participar e visualizar tomar forma, em sua prática; mas ao ser imposto ou simplesmente apresentando um modelo a ser seguindo, o ato de aplicar o que não se fez parte do processo tornar-se, muita das vezes, vazia. Por não nos identificarmos, por não possuir nossa realidade e necessidade ou por não compreendermos os objetivos e a importância. No entanto, o que diferencia em ambas

é o tonar-se parte, o refletir, o ser autor, o ser agente ativo, não somente do processo de aplicação, mas de sua idealização.

Esse sentimento esteve muito presente em minhas aulas, a energia direcionada a aplicação do planejamento, mesmo que seguindo uma estrutura pré-existente, foi diferente e com mais intensidade. Nesta pesquisa estou focando em provar uma ideia, um discurso próprio, para isso, precisei desprender tempo, fazer pesquisa, buscar experiências vividas, organizar, fazer escolha, antecipar situações e estar aberta as diversidades e flexibilidade necessária; contudo em prol de um projeto em que participo ativamente e não somente expectadora ou executora. Essa é a grande diferença.

Não se pode esquecer que o gostar do instrumento escolhido, a significação que este tem para si e para o outro, também faz diferença. O fato de gostar do *animê*/mangá fortalece a intimidade e a identificação, porém o processo seria prejudicado se o público alvo não compartilhasse do mesmo sentimento. Por isso, que a educação é uma troca, negociação, um oferecer e receber, uma conexão.

Por mais que minhas colegas possam e devam acrescentar o seu eu na aplicação do planejamento, as mesmas não tiveram o mesmo sentimento de pertencimento; A) Ambas não possuíam um contato com o gênero *animê* e nem mangá; b) Uma delas não gostava do gênero; c) Uma delas não via com bons olhos as narrativas escolhida; d) Foi uma “imposição” institucional o uso do mesmo planejamento para todas as professoras; e) Por não terem intimidade e não gostarem do gênero, não sentiam confortáveis em sugerir mudanças. Dessa forma, o vínculo com o dispositivo foi diferenciado da pesquisadora. Todas seguiram a responsabilidade, o planejamento, o empenho, a assiduidade semelhante; mas o status foi diferenciado.

Passei a compreender que com o meu aluno, o mesmo acontece: Se ele não se identifica com a aula, não ver sentido, lógica e uma conexão neural entre o que ele gosta, conhece e reconhece como importante, não haverá entendimento e o conhecimento pretendido não ocorrerá. Aqui descobrir que tanto a formação do professor, quanto a aprendizagem do aluno precisa ter CONEXÃO. Conexão essa estudada e defendida por Ausubel (1982) e continuada por Moreira (1982; 1999; 2011).

Mas não qualquer conexão, várias que faça parte do “[...] conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende.”

(MOREIRA, 2011, p. 13). Por isso, o gostar da professora, sem ao menos conhecê-la: “Se gosta de Naruto, não é uma professora chata e ruim.” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 30/08/2021) foi facilitado. “Naruto” já era um símbolo significativo no jovem que foi despertado para facilitar a aprendizagem do português e, bem sabemos que simpatizar com o educador já é um passo positivo para que isso se concretize.

Para continuar a ancorar o conhecimento linguístico precisei manter as aulas, os conteúdos fazendo links com a narrativa anímica, isso porque, não poderia esquecer os 7,4% que não reconhecia “Naruto” como um *animê*, ora que é necessário acioná-lo como subsunçor e assim este “[...] ficará mais rico, mais elaborado, terá novos significados [...]” (MOREIRA, 2011, p. 15) que fará do *animê*/mangá “Naruto” ser compreendido não somente como arte anímica, enredo fílmico; mas também a área linguística.

Por isso, as interações a cada aula com o dispositivo eram necessárias, “Naruto” estava sendo utilizado para servir de ideia-âncora com o novo conhecimento: O português, uma área que através da interação com subsunçor (“Naruto”) passará a ter significado e, este mesmo português representado pelos conceitos, conteúdos estudados tornar-se-á mais compreensível. Quanto maior o conhecimento prévio e o envolvimento do aprendiz com o subsunçor, maior será a probabilidade, de o novo conhecimento alcançar o significado de ancoragem na interação, passar a ser um novo subsunçor para outras conexões e conseqüentemente novas aprendizagens significativas.

Parece repetição, mas é justamente essa “repetição” que fez meu eu educadora observar que mesmo sendo o mesmo dispositivo, a mesma aula, a mesma energia, os jovens a recebiam diferenciada, faziam suas conexões íntimas e na maioria das vezes, de forma não detectáveis. Com essa ideia seguir a próxima atividade.

Foi a repetição de fazer, refazer, pensar, repensar que me levou a vislumbrar o uso do Projeto de Vida este ano, devido a situação pandêmica, a falta de perspectiva observada em anos anteriores, necessidade de reflexão sobre a autoria de nossa vida, da identidade com o que nos cercam e dos anseios pessoais. O intuito era permitir um momento pessoal de reflexão sobre a vida, sonhos, objetivos de curto e longo prazo e suas responsabilidades.

Sendo assim, em cada fim de aula, era disponibilizada uma pergunta para reflexão seguindo a ordem a seguir:

Quadro 4 - Projeto de vida

Ordem	Reflexão
1	Que ninja sou e qual quero ser?
2	O que o ninja que escolhi ser na aula passada precisa mudar, melhorar, desenvolver durante o ano?
3	Sabendo o que é preciso melhorar para esse ninja tornar-me, o que posso fazer para melhorar?
4	Quais meus pontos fortes e fracos que podem me ajudar ou atrapalhar a conseguir alcançar meus objetivos?
5	Como posso reverter/eliminar meus pontos fracos/negativos e fortalecer meus pontos fortes positivos?
6	O que consegui melhorar e em que ponto preciso focar?
7	Alguém pode ajudar-me a desenvolver a habilidade que necessito? Como faço para ter essa ajuda?
8	O que levo da aula de hoje para minha vida? *
8	O que ainda impede de realizar as melhorias que quero e preciso?
10	É válido pensar no meu projeto de vida (expectativas para o futuro...)?

Fonte: Descrição das atividades da pesquisadora. (2021).

Enquanto a ordem dos conteúdos foi modificada, a ordem das perguntas continuava a mesma, já que algumas delas eram continuações da reflexão anterior. Entre as perguntas reflexivas a única que seguia a aula e conseqüentemente mudada a sua ordem foi a de número 08: Esta aula (AULA 08– Narração/Autobiografia), além de trabalhar com os textos narrativos, seus elementos e características, também focava no lembrar fatos vividos, o autoconhecimento e reflexão de influências recebidas da família, seus gostos e preferências para assim, perceberem que somos um somatório de acontecimentos e escolhas.

Com isso, buscou-se trabalhar a importância da família, da resiliência ao ponto que criava uma ponte com suas vidas, ao mostrar que: “As leituras que você faz surgem da família em que você foi criado, dos lugares em que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas [...]” (HALL, 2003, p. 378), levá-los a perceber que somos resultados de influências vivenciadas. O Projeto de Vida e a aula 08 seriam complementares nesta perspectiva.

Esta aula foi trabalhado o [rap de Naruto Uzumaki](#) do Canal do *YouTube* “7minutoz”, ao qual conta a história de vida de Naruto e sua resiliência para se manter

firme em seus objetivos de ser *Hokage*, junto com o curta metragem [“Vida Maria.”](#) Foi uma aula que houve bastante participação, com exemplos dos avôs, dos pais e de escolha pessoais; já que ambos focam em histórias pessoais, focando em sonhos e nas dificuldades enfrentadas, no desejo de realizações e diferentes oportunidades.

Enquanto o rap apresenta uma história triste de luta, persistência, motivação, superação, coragem, força e realização; Vida Maria encaminha as interpretações para as repetições de ciclos de vida e comportamentos perpetuados de geração a geração, experiências vivenciadas que determinam valores e podem determinar a construção do indivíduo. No entanto, ambos, realidade dos jovens, seja o desejo de manter-se forte, obstinado diante de seus sonhos e a esperança para não desistir, seja, visualizando a realidade de familiares, de um possível futuro não desejável e também, das marcas familiares que carregam.

É engraçado né professora, a gente assiste “Naruto” e vai si vendo lá dentro, não só a gente... Ver nosso pai, nossa mãe, pessoas que conheço e explica muita coisa. Mostras muitas coisas, pra não desistir, continuar em frente mesmo com as derrotas e dificuldades, pra gente acreditar em nós mesmos. Faz ver o que não via antes, o que não sabia, o que eu não entendia. É uma loucura, mas loucura boa, reveladora, assustadora também; uma mistura de tudo junto. Ai! eu amo Naruto, ele é tudo de bom. Rsrrsr. (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 19/07/2021).

Sem falar dos personagens [...] casa um com sua história de vida, com suas habilidades e com seu jeito de aprender. Kakashi perdeu o pai muito cedo e vivia só, perdeu seus melhores amigos para a guerra, tinha tudo para ser do mal, mas continua do bem, é da hora! Naruto não chegou nem a conhecer seus pais, era odiado por todos e nem sabia por quê. Neji era forçado a servir a família principal assim como a geração passada como Maria José. A gente consegue ver nossa história lá dentro, consegue ver tudo e muito mais agora com as aulas. Percebo agora que tenho muitas coisas dos meus pais e quem nem eu imaginava e que se eu não focar nos meus objetivos eu vou seguir o ciclo da minha família. Não quero isso para mim, e por isso mesmo vejo que tenho que persistir e fazer escolhas diferentes, assim como em “Naruto [...]”. (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 28/09/2021).

Esta aula serviu de um reforço do Projeto de Vida, já que os permitiram ver que o ciclo de vida tende a se perpetuar, que é mais fácil seguir uma trajetória traçada do que desbravar novos caminhos, no entanto, ao sugerir novas rotas, preços serão cobrados e cabe a cada um de nós percebermos que conseguiremos pagar, se aceitarmos pagar. Para cada trajetória e viagem o preço é diferente e o peso da

jornada também, mas a escolha de persistir, desistir ainda se encontra em nossas mãos.

O fato de podermos nos deparar com situações que não temos muitas escolhas também foi colocado, sem deixar de pensar nas escolhas anteriores que levaram a tal situação acontecer, a exemplo de uma gravidez indesejada, resultado de uma não prevenção/proteção ou a falta de conhecimento necessário.

Se lutando, estudando e buscando uma vida melhor já é difícil, se não fazer nada, não vai melhorar mesmo. Porque esperar por ganhar na Mega-sena não é a melhor saída não. É melhor estudar de verdade, como a senhora fala, e pagar o preço alto que a vida cobra. Por isso é bom a gente parar e pensar em nosso futuro. Nunca tinha parado para pensar e agora vejo que faz muita diferença. (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 27/09/2021).

No planejamento o Projeto de Vida seria apresentado à turma no fim do Módulo, assim como o mapa mental e o livro. No entanto, ao expor a sugestão de apresentação, alguns jovens externalizaram a compreensão de ser algo íntimo, de pretensão futura e a sua necessidade de manutenção privada; tal entendimento foi repassado à turma que escolheu manter o Projeto de Vida como “um mistério pessoal” (KUNOICHIS, DIÁRIO DE BORDO, 2021). Sendo assim, foi trocada a forma de apresentação para *Podcast*, que deveria ser enviado pelo Google Sala de Aula em sua respectiva turma, à professora.

Esta expressão dos jovens levou-me a reflexão das formas de participação existente em sala. Nós professores costumamos esperar ou pontuar as participações realizadas sobre o conteúdo em forma de exemplos, comentários, concordância, comparações e raras vezes na discordância. Vêm meus jovens e participam modificando meu planejamento, pensado, repensado, refeito várias vezes, chamando atenção de algo que mesmo sendo professora com experiência e julgando entender o que melhor seria para a turma, não conseguir ver: Projeto de Vida é algo íntimo que nem todos concordam em compartilhar.

Surge aqui, a participação em forma de sugestão, melhorias das aulas, apontar o que não serve para o momento, para o tipo de atividade, para o seu eu pessoal. Mesmo pensando e repensando várias vezes cada atividade, não tinha chegado à conclusão, simples, de ser algo tão pessoal que não deveria ser compartilhado. Aqui de fato percebi-me no processo de autoformação defendida pela minha metodologia e representada por Macedo (2006), Nóvoa (2004).

Em cada encontro nosso, a cada relato feito, seja por narrativas orais, escrita no *chat*, mensagens de *WhatsApp* no grupo ou privado, conversas nos intervalos ou resposta nos questionários possibilitou-me pensar no que sou como professora e do que posso ser, pensar no que já realizei e acertei, produzir e não serviu, como reagir a cada situação, ou seja, da minha aprendizagem construída, reconstruída ao longo da minha vida pessoal e especialmente, profissional, uma vez que não era ser professora meu objetivo.

Isso porque “A nossa matéria são as ‘pedras vivas’, as pessoas, porque neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: formar é sempre formar-se.” (NÓVOA, 2004, p. 14). Minha vivência com os jovens levou-me a ir além de Nóvoa, pois neste campo, os professores devem ser vozes verbais ativa, passiva e reflexiva: o sujeito professor forma (exerce a ação) é formado (sofre a ação) e forma-se nesse processo (pratica e sofre a ação).

Os jovens continuam questionando como seria sua apresentação. Seguindo o momento de participações, pedi-lhes que dessem sugestões. Logo escolheram a apresentação oral, afirmando ser mais fácil. Aqui entrou meu poder de negociação. Como já tínhamos tido: apresentações em forma de Power Point, música autoral, paródias, vídeos, bricolagem de imagem e/ou textos, desenhos, encenações e debates; surgiu a ideia no momento de negociação de acrescentar aos dispositivos o *Podcast*, que não fazia parte do planejamento, mas acrescentaria a aprendizagem mais uma possibilidade de uso da língua.

Como não seria compartilhado com os colegas, foram desafiados a seguir esse caminho novo, desconhecido, já que poucos conheciam ou tinham ouvido falar quatro jovens. Argumentaram que era difícil, não saber fazer, não ter celular bom, não conseguir baixar aplicativos para gravar áudio e: “A senhora gosta de inventar coisa né?”, “Lá vem ela, vamos aceitar logo, ela já tem o plano todo em mente. Kkkkkk”, “Professora a senhora gosta de ver a gente loucos né?”; “Sei, está aplicando a função apelativa, já saquei. Nos rendemos, profe.” Mesmo com essas “acusações”, aceitaram e ainda fizeram-me prometer que eu não seria tão rígida na avaliação do *Podcast*, já que seria a primeira vez que cada um faria e estavam aceitando meu desafio:

Ok, ok, mas só tem uma coisa, Hokage Marisete, a senhora terá que pegar leve na hora de avaliar. Aceitamos sua proposta indecente de

professora, mas ganhamos o que em troca? Sei que será o conhecimento (o que todo professor fala), já sabemos, mas o que mais? Não é a senhora mesmo que fala que nada é de graça? (KUNOICHIS, DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Interrogação aplaudida e complementada com: “Isso mesmo, superconcordo”, “E agora professora?”, “Essa foi profundo.”, “Como minha professora fala: Concordo em número, gênero e grau com ela”. A turma que esta pergunta surgiu esperou atentamente minha resposta:

Primeiro, parabéns por usar minhas palavras contra mim, mostra que estão aprendendo, fico muito feliz. Segundo, além do conhecimento (que não é pouca coisa), cada um de vocês sairá do Módulo de português com mais uma possibilidade de uso da Língua, e para que isso servirá? O permitirá dominar uma ferramenta nova, que já está em uso nas redes sociais, em sites, plataformas digitais e que já faz parte do nosso cotidiano, mas que vocês nem faziam ideia que existia. Então além de ajudá-los a se atualizarem, estarão se preparando para o mercado de trabalho, melhorarão sua habilidade de comunicação, escrita e edição de áudio; poderão utilizar essa ferramenta para criarem áudios de estudos na escola; sem esquecer que estarão criando algo próprio, com sua cara, seu jeito e único. Em resumo só ganhos. Estão satisfeitos ou ainda precisam de mais motivos? (HOKAGE, DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Ainda propus que se ao final, estivesse errada, eu produziria um *Podcast* pedindo desculpas e assumindo o erro (usaria o mesmo dispositivo sugerido a eles/elas). Mas logo responderam pelo *chat*: “senhora venceu, professora, já sabemos que tem razão. Mesmo sabendo que todos aqui adorariam ver esse *podcast* rrsrrsrs”, “Em resumo: Fomos vencidos mais uma vez”, “Vencidos não, convencidos né professora? kkkkkk”. Seguir explicando como fazer um *podcast* e o que deveria conter em suas produções:

Quadro 5 - Instruções de produção do *Podcast*

	Para ajudá-lo na criação do <i>Podcast</i> :	O que não pode faltar:
1	Escolha um Tema/título para seu <i>podcast</i> ;	Foi válido pensa na sua vida?
2	Organize uma introdução (Nome, Instituição, tema...);	Se foi válido, em que foi válido?
3	Defina os participantes do <i>podcast</i> . (Irá precisar de participantes ou não?);	Percebeu alguma mudança ao refletir sobre a vida e o futuro?

4	Crie o roteiro com as falas. (Escreva um roteiro do que irá falar);	Encontrou alguma dificuldade nas perguntas do Projeto de Vida?
5	Faça o ensaio para a gravação;	O que mais desejar acrescentar.
6	Faça a gravação em um ambiente com pouco ruído;	—
7	Edite seu podcast. (Pode colocar fundo musical e efeito sonoro)	—
8	Pode baixar aplicativos ou utilizar o gravador de áudio do próprio celular;	—
9	Não esqueça de um fechamento (Despedida, um “até o próximo programa” ...)	—

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

Além dessas instruções, houve também, explicações particulares e revisões das produções a pedido de muitos, antes da entrega. Dos jovens que terminaram o Módulo comigo (89), apenas um jovem não produziu o *podcast*, mesmo assim, por faltar algumas aulas devido a problemas da Internet (segundo o mesmo). As maiores dificuldades relatadas pelos jovens foram o barulho de casa e/ou vizinhança no momento da gravação e o fato de não terem habilidade com edição. No entanto, este último conseguiu resolver ao pedir ajuda a amigos ou a familiares, e refazendo várias vezes.

Ouvir cada um dos *poscasts* e em todos, com rara exceção houve o relato da dificuldade de pensar em quem são, definir e traçar metas, saber como começar a buscar pelos seus objetivos, como focar, como direcionar suas atenções e esforço na direção certa e, principalmente como não desistir.

Outra questão muito presente no projeto de vida foi à menção a “Naruto” e a necessidade de persistir: “Percebi que preciso seguir os passos de Naruto e só parar quando conseguir realizar meu sonho... Não será fácil, eu já sei disso, mas se eu não tentar, não lutar, não irei conseguir”, “[...] decidi colocar a coragem de Naruto na minha vida, decidir ser a Sakura, ela era fraca, mas resolveu provar para todos que poderia ser forte e parar de chorar, meu foco então é ser uma Sakura da vida real [...]”, “[...] ser *Hokage* não é fácil, não é para qualquer um, então descobrir que preciso pagar o preço do meu sonho e que para se tornar o líder da minha felicidade eu preciso parar de procrastinar, esse é o meu maior inimigo agora.[...]”. (KUNOICHS, SHINOBI, PODCAST, 2021)

Em um desse, o *Shinobi* relata como o pensar sobre sua vida ajudou a ver o que estava a deixar de fazer, o que atrapalhava em seu sucesso futuro, este ainda relata a descoberta de pessoas que poderiam ter ajudado, mas que nunca tinha enxergado. Em outro uma *kunoishi* utiliza-se de um poema para se expressar que por ser muito longo e contiver trechos que a identifica foi-lhe suprimido partes:

[...] Necessitei pensar mais em minha vida
De certo modo, pensei que não era necessário
Visto que presumia que já sabia
Quem era eu e o que queria.

Estava enganada ao pensar
Que seria fácil realizar tal tarefa
Até vim a primeira pergunta.
Quem sou eu?
Logo respondi repentinamente,
Ao ler o que havia escrito,
Percebi que não era eu
Quem eu achava que era,
Era o que os outros achavam que eu era.

Desde então, vi refletindo
QUEM REALMENTE SOU?
Ainda não consigo responder
Tal pergunta de forma concreta,
Entretanto eu compreendi
O mais importante:
Meus erros não me definem,
Nem tão pouco
O que as pessoas afirmam que sou.

Pensar sobre minha vida
Trouxe um novo sentido a ela
Me trouxe mais vontade de viver,
Conviver e aprender
Me ajudou a enxergar
Que eu sou forte e perspicaz.
Conheço agora meus pontos fracos,
Não digo que nenhum momento irei errar,
Jamais!

Desde então, aprendi como errar
E a melhor forma de acertar.
Se você errar?
Não deve se amargar
E em um canto ficar,
Muito pelo contrário,
Não pare e aprenda com o erro,

Que desde o começo
Está ensinando como chegar

Se você não errar?
Como saberá a forma de acertar?

Entenda quem você é
Para que tudo aconteça da forma que você quer
Nem sempre acontecerá da forma que deseja
As coisas não são tão lindas como as borboletas
Contudo, errando você aprende
Mas não é sempre errando
Que você entende

E você ouvinte:
Aconselho você a acordar
Não será sempre
Que terá oportunidade
Para a sua vida mudar
Você pode se arrepender
De não ter aproveitado
Os processos e aprendido
Com as dificuldades

Se estiver com medo
Vá com medo mesmo
Não tenha medo de errar
Porque se não sua vida
Pode acabar

E não ter tentado acertar [...]
(KUNOICHIS, PODCAST, 2021).

Além de poemas, os jovens utilizaram encenações de entrevistas, *influencer* digital, monólogo, canal de dicas, tira dúvidas de internautas; com auxílio de convidados, voz robótica; com e sem fundo musical; outro fez utilizando a imitação das vozes de Madara Óbito, este foi organizado como um diálogo entre os dois vilões do *animê/mangá* “Naruto”. Independentemente da forma escolhida, todos conseguiram produzir, não precisei produzir o “meu *podcast*”.

Mesmo com as dificuldades de ambiente, de dispositivo tecnológico, de habilidade citada, conseguiram realizar a tarefa e passaram com êxito pela atividade. Fiz questão de parabenizá-los pelo desafio cumprido e por não desistirem de tentar.

Enviei resposta para cada *podcast*; ação que eles agradeceram, pois segundo eles, provei que dei atenção a cada trabalho realizado e não fiz como muitos professores: “[...] essa provou que leu mesmo, não fez como o professor que

pede, não ler e quando nós pergunta (ops) perguntamos alguma coisa ele desconversa e pronto depois dá a nota que quer por cara.[...]", "[...] sua atitude foi maravilha, me sentir importante, a professora comentou no meu *podcast*, ai que lindo, obrigada profe 🍷", "Nem acreditei que a senhora tinha mesmo ouvido, amei o comentário, guardarei para sempre suas palavras, professora". "Véi, o comentário da profi no meu *podcast* foi maneiro demais, brigadoooo profi." (DIÁRIO DE BORDO, 04/11/ 2021).

Agradecimento como esse que me levaram a pensar como os jovens estão carentes de atenção, de cuidado e de respeito. Esse fato lembrou-me de que este hábito de escrever pequenas frases nas provas, atividades e trabalhos surgiu através de minha professora de Literatura Brasileira, na Faculdade José Augusto Vieira. Ela fazia questão de escrever em cada prova: "Mb, parabéns" (muito bem, parabéns) quando a nota era muito boa; Bom, mas pode ser Mb" quando era boa a razoável e; "Pode ser melhor" quando ficava abaixo da média.

É bom lembrar que a média era 07, e ao ver uma nota abaixo desanimava qualquer um. No entanto, a ler a frase o estudante sentia uma torcida positiva da professora. Lembro-me bem como amava ver o "Mb" em minha prova, para isso, fazia de tudo para ter estas letras escritas nela. Hoje percebo que foi bom para mim, melhor ainda, ter somado tal atitude a minha prática, meus alunos agradeceram e minha prática ganhou.

Tal situação leva-me a perceber também, que o professor influencia não somente seus educandos, mas o futuro profissional que ele se tornará; além do ser humano que ele escolherá ser. Sem perceber, e quem sabe, sem ter essa intenção, esta professora, Jaqueline Sensei inspirou a professora que hoje sou e que ainda me tornarei. E foi afirmações como:

O principal é nunca desistir dos meus sonhos e pagar o preço de cada um. Aprendi muito conteúdo que tinha dificuldades na escola, aprendi a ser uma pessoa melhor, tanto nos estudos, como na minha vida, sei que tenho muito que aprender, mas nunca vou esquecer cada aula que eu passei, cada assunto que aprendi. (QUESTIONÁRIO II, 2021).

Permitiram-me constatar que o professor influencia além da sala de aula: o gostar de sua disciplina; a importância que seus alunos dão a sua aula/disciplina; a forma como encaram a sua vida, seus sonhos, as dificuldades e seu enfrentamento;

a ter foco; a perceber a constante necessidade de aprendizagem; a valorizar cada aprendizado; a não desistir e a confiar em si mesmo:

[.] Além do português em si, a perseverança, a resistência e as lições de vida. Pela primeira vez, não só aprendi a matéria, na qual um dos meus maiores problemas é manter o foco, como também entendi que tá tudo bem fazer as coisas no meu tempo, eu sou capaz e não preciso me comparar a ninguém. (QUESTIONÁRIO II, 2021).

Nas falas e reclamações dos jovens sobre as dificuldades de pensar em sua vida e em quem são, expõe a dificuldade de traçar metas, de pensar no futuro e na dificuldade de vislumbrar melhores condições de vida. Mesmo que não seja atribuições de um professor, este pode estar contribuindo para que seus alunos percebam a importância de traçar metas, vislumbrar possíveis caminhos, e focar em objetivos e, assim estará transformando a obrigação de estudar em um interesse subjetivo (TARDIF; LESSARD, 2009). Para isso, o mesmo autor aponta que as participações dos alunos devem estar no centro das estratégias de motivação que concebem uma parcela significativa do ensino.

O uso do dispositivo aqui defendido possui características (já citadas) que fortalecem tais estratégias de motivação e auxiliou-me a participar da evolução dos meus jovens não somente em relação aos conteúdos gramaticais, mas no interpretar o mundo a sua volta, as dificuldades cotidianas, do ato de estudar, de buscar objetivos, de persistir e de vislumbrar possibilidades.

O principal é nunca desistir dos meus sonhos e pagar o preço de cada um. Aprendi muito conteúdo que tinha dificuldades na escola, aprendi a ser uma pessoa melhor, tanto nos estudos, como na minha vida, sei que tenho muito que aprender, mas nunca vou esquecer cada aula que eu passei, cada assunto que aprendi. (QUESTIONÁRIO II, 2021).

As estratégias de motivação citada por Tardif e Lessard (2009), estiveram sempre presentes em minhas aulas através de “Naruto” e sua narrativa repleta de lições de vida, com seus personagens que apresentam erros, defeitos, medos, preguiça, tédio, problemas como qualquer jovem; mas que enfrentam suas adversidades com coragem e com auxílio dos amigos, dos estudos (treinos), do muito esforço para provar que são melhores do que os outros acham e, até mesmo do que acredita.

Não tínhamos episódio e/ou capítulos em todas as aulas, mas as frases que escolheram lá no início se faziam presentes em suas mentes; a relação do *animê/mangá* conhecido e/ou aprendido em sala com suas vidas passaram a ser feitas; a inspiração para seguir em frente mesmo com todas as adversidades direcionava-se a personagens debatidos e povoarem nossas aulas por intermédio de exemplos de suas experiências diárias:

Esse fim de semana lembrei da senhora [...] estava fazendo o exercício da escola e já não aguentava mais, pensei logo em deixar tudo e ir mexer no celular, pensei no que Naruto faria no meu lugar. Levantei, tomei um copo de água, pedi força a Deus e voltei a estudar. (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 25/08/2021).

Ontem me sentir Naruto preste a liberar a Kurama, professora. Acredita que meu irmão rasgou a folha com o dever da escola? [...] Fiz o que a senhora falou: respirei fundo e não agir com a raiva para não se arrepender depois. Não espanquei meu irmão não, mas ele também não saiu bem, falei a mainha e ela bateu nele. Fui vingado sem precisar fazer nada rrsrsr [...]. (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 14/10/2021).

Estou tentando manter o foco de Sakura e não desistir. Mas que a escola está tirando minha paz, está. Como prometi, professora eu tentarei dar o meu melhor e fazer o que estiver no meu alcance, se eu não conseguir pelo menos eu tentei, não é professora? (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 20/10/2021).

Vou vencer todas as dificuldades, vou me formar, fazer faculdade, conseguir minha casa, independente, vou conseguir meus sonhos e ainda vou dizer: Professora viu que eu consegui? Vou dá orgulho a minha mãe e provar que não sou o que muitos dizem que eu sou, a senhora vai ver, professora, a senhora vai ver. (KUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 04/11/2021).

Por meio desse produto desterritorializado, a estratégia de motivação era aplicada e levada a vida, aplicada cada um a seu modo e segundo sua necessidade. Com isso, meu trabalho docente não focaliza somente na gramática, mas nas habilidades em pauta da BNCC (2018) e já citadas; além de dar a chance de perceberem que a educação tem uma importância econômica, política e social e não está dissociada delas.

Perceber tais relações por parte dos meus meninos e meninas traz-me a esperança de dias melhores tanto na educação, como na vida como um todo do nosso país. Sempre acreditei e acredito que é a partir da educação que horizontes se ampliam, e quando falo em educação, não me restrinjo à educação dos bancos

escolares, mas a toda forma de aprendizagem e obtenção de conhecimento. Parafraseando a bíblia: “O Conhecimento (a verdade) liberta”, é essa liberdade que a educação escolar precisa focar.

Liberdade esta, sempre presente nas aulas: os jovens tinham autorização e eram levados a expor seu pensamento, independente se este contrariava ou não a opinião da professora e/dos colegas. As opiniões e ponto de vista diferente foram apresentados como importantes para conhecermos mais ângulos do mesmo assunto e assim conhecermos outras possibilidades de percepção, tanto voltados ao dispositivo, quanto a interpretação de mundo: “[...] aprendi e vou continuar aprendendo é expressar minhas opiniões e respeitar a dos outros [...] eu consegui ouvir e ser ouvido em uma conversa bastante agradável.” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 22/07/2021).

As aulas que utilizei episódios para introduzir, exemplificar e/ou conduzir a explicação de conteúdo foram mais dinâmicas e participativas. Como dito na explanação da metodologia, a ideia inicial era utilizar o “Naruto” em todas as aulas, porém com a sugestão de minhas colegas utilizarem o mesmo planejamento, alguns conteúdos foram separados dessa conexão, para facilitar o entendimento e aplicação pelas mesmas.

Mesmo não sendo a ideia inicial, tal desconexão com o *animê*/mangá permitiu-me confirmar o aumento de questionamentos e intervenções realizadas por aulas. Tal afirmação pode ser constatada nos números obtidos em duas aulas:

Quadro 6 – Intervenções e Questionamentos com/sem “Naruto”

Turma Kakashi	Aula 02: Comunicação e Função da linguagem	Aula 05: Dificuldade Ortográfica
Intervenções	25	05
Questionamentos	08	01

Exemplos	<p>1) “Já assistir este episódio algumas vezes, mais nunca tinha visto isso aí não”</p> <p>2) “Pois, nunca iria imaginar que Rock Lee gritando em um microfone fosse uma função da linguagem”</p> <p>3) “Quando batemos no microfone para ver se ele está ligado é função fática, professora?”</p> <p>4) “Professora, a senhora fica catando esses exemplos quando assiste?”</p>	<p>1) “Professora pode explicar de novo o que é homófono?”</p> <p>2) “Repare que presepada, para onde vai esse mote de seção?”</p> <p>3) “Isso aí nem minha vô usa, professora.”</p> <p>4) “Pois, já vi que num sei escrever é nada mesmos, o que eu achava de um jeito é de outro. Professora, a senhora está dando um nó na minha cabeça [...]”</p>
Turma Guy	Aula 03: Variação Linguística	Aula 06: Acentuação e Novo acordo Ortográfico
Intervenções	28	12
Questionamentos	05	07
Exemplos	<p>1) “Me sentir um espião agora. Gostei professora, manda mais. [...]”</p> <p>2) Em qualquer país que fala português tem variação linguística também, professora?</p> <p>3) [...] Professora, esses nove países que têm português, estuda como a gente?”</p> <p>4) “Se um português de Portugal vier para cá, vai se dar mal [...]”</p>	<p>1) “Para que foi inventar essa mudança? Para complicar nossa vida, só pode ser.”</p> <p>2) “Oxe! Existia trema? Pois, nunca usei”</p> <p>3) “Só gostei de uma coisa nessa mudança: Escrevia um monte de coisa errada e agora está certa.”</p> <p>4) “Mas eu já vi em muitos lugares Aracaju com acento no “u”, professora [...]”</p>

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Os dados acima foram retirados de duas turmas distintas e assim possibilitar a comprovação das impressões já obtidas em turma anteriores. É fácil perceber o aumento significativo das participações nas aulas com a utilização de “Naruto”; além de ficar nítido que os tipos de comentários e perguntas realizadas nas aulas são mais focados no conteúdo e/ou no *animê*; já os comentários e questionamentos realizado nas aulas sem seu uso são mais voltados a reclamações, mesmo que ainda dentro do tema da aula; o que nos permitem perceber que “[...] cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um sistema semiótico de sentidos múltiplos e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo” (BRASIL, 2017, p. 59), ou seja, o ato linguístico é um processo socialmente, historicamente construído.

Os jovens tendem a ter curiosidade como consigo selecionar os exemplos usados, se em tudo que assisto de “Naruto” eu vejo as regras de português, se já assisto para encontrar as referências ou se é algo natural. Além disso, ainda tem o fato deles se assustarem por nunca terem observado tais relações, sem esquecer que com o andar das aulas, os mesmos começam a perceber exemplos e fazerem questão de comentar em sala: “Professora vi um meme que só lembrei da senhora, de Naruto”; “Os personagens de ‘Naruto’ falam tudo certinho, tava assistindo um episódio que Naruto pergunta a Sakura aonde ela vai e ele usa certinho, eu lá louca pra ele falar errado pra eu dizer a senhora rrsrsrs [...]” (DIÁRIO DE BORDO, 19/05/2021).

“Naruto” passou a ser minha referência direta. Tudo que envolvia a narrativa fazia-os lembrar de mim, de minhas aulas e quase todos os dias, exemplos, curiosidades e perguntas sobre o universo do *animê*/mangá trabalhados eram trazidos a aula, e claro, eram aproveitados.

Para que essa interação fosse realizada por todos, é que o dispositivo foi aplicado mais efetivamente e com episódios nas quatro primeiras aulas. Como já foi apontado, poucos jovens não conheciam o *animê*/mangá, mesmo assim era preciso que alguma estratégia fosse realizada para apresentar a narrativa a estes, permitir-lhes adentrar no universo do dispositivo para que pudessem seguir significativamente o entendimento das aulas com sua conexão.

E assim foi feito: A primeira aula serviu para apresentar a disciplina e a professora; frases, perguntas e o [primeiro episódio](#)⁴² foram incluídos para perceber quem já conhecia ou não o dispositivo; além de permitir o primeiro contato ou contextualizar a narrativa e seu uso que seria realizado nas demais aulas. Aula já detalhada anteriormente.

A aula seguinte segue com mais dois episódios, além de trechos de outros cinco, para servir de exemplos de funções da linguagem, quanto para aumentar o conhecimento daqueles que não possuíam intimidade anímica. Ademais a aula iniciou com um jogo de adivinhação utilizando objetos do *animê* como aquecimento mental e assim, mais uma vez torná-lo reconhecido por todos. Em virtude das aulas on-line e do tempo de aula organizado pela instituição, os jogos que seriam trabalhados on-line não ocorreram, no entanto, tais atividades foram substituídas por atividades no *Google Sala de Aula*.

⁴² Disponível em: <<https://youtu.be/FZln7BkTjuM>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 15 - Atividade substituta do jogo da Função da Linguagem

Fixação da Aprendizagem

Comunicação e Função da Linguagem.

⋮

Não faz esta cara que estou vendo. Vamos lá!

Teste do Microfone

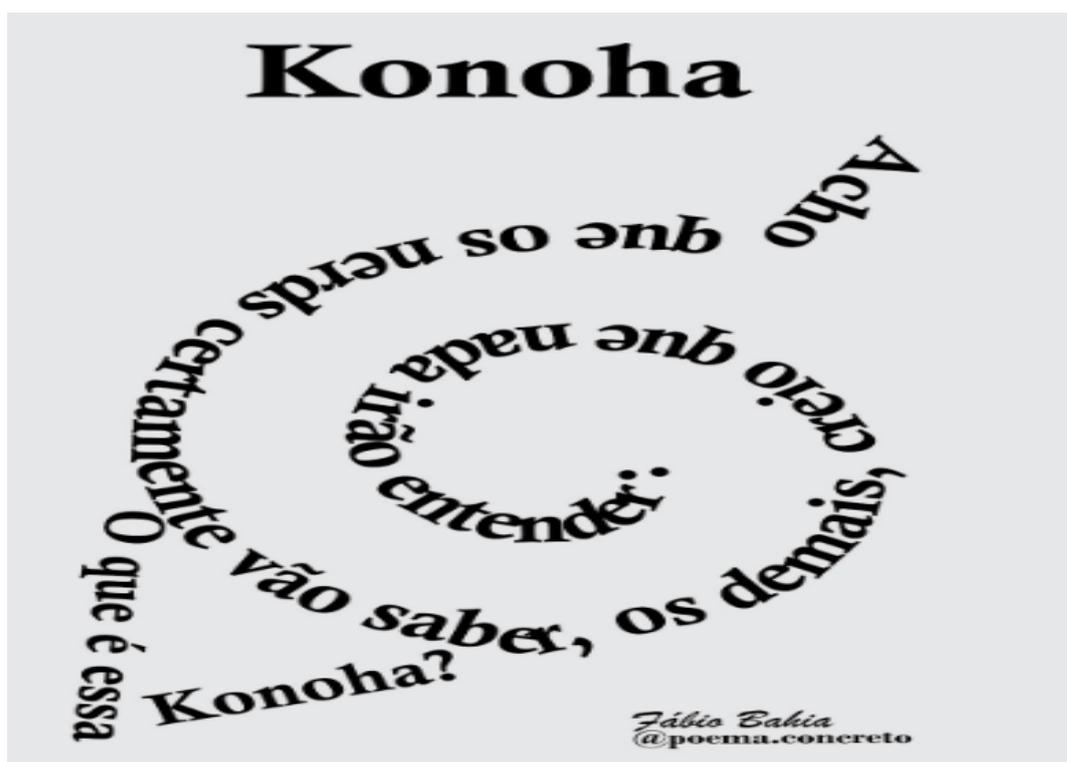
📄 🗑️



O print anterior foi retirado do episódio 18, do animê Naruto Shippuden e, mostra o personagem Rock Lee fazendo o teste do microfone sem fio com seus companheiros de equipe. Sabendo disso, podemos classificar a imagem (Teste do microfone) em qual Função da Linguagem?

- Referencial ou Informativa
- Emotiva ou Expressiva
- Poética
- Fática
- Conativa ou Apelativa
- Metalinguística

Nome completo: *



A imagem anterior é um poema que retrata a Vila da Folha (A principal vila do animê/mangá "Naruto"). Para fazer isso, o autor escolheu as palavras e as escreveu no formato do símbolo da Vila (uma folha), com isso ele se preocupou com a estética do poema. Sendo assim, qual Figura de Linguagem ele aplicou em seu poema? *

- Referencial ou Informativa
- Emotiva ou Expressiva
- Poética
- Fática
- Conativa ou Apelativa
- Metalinguística

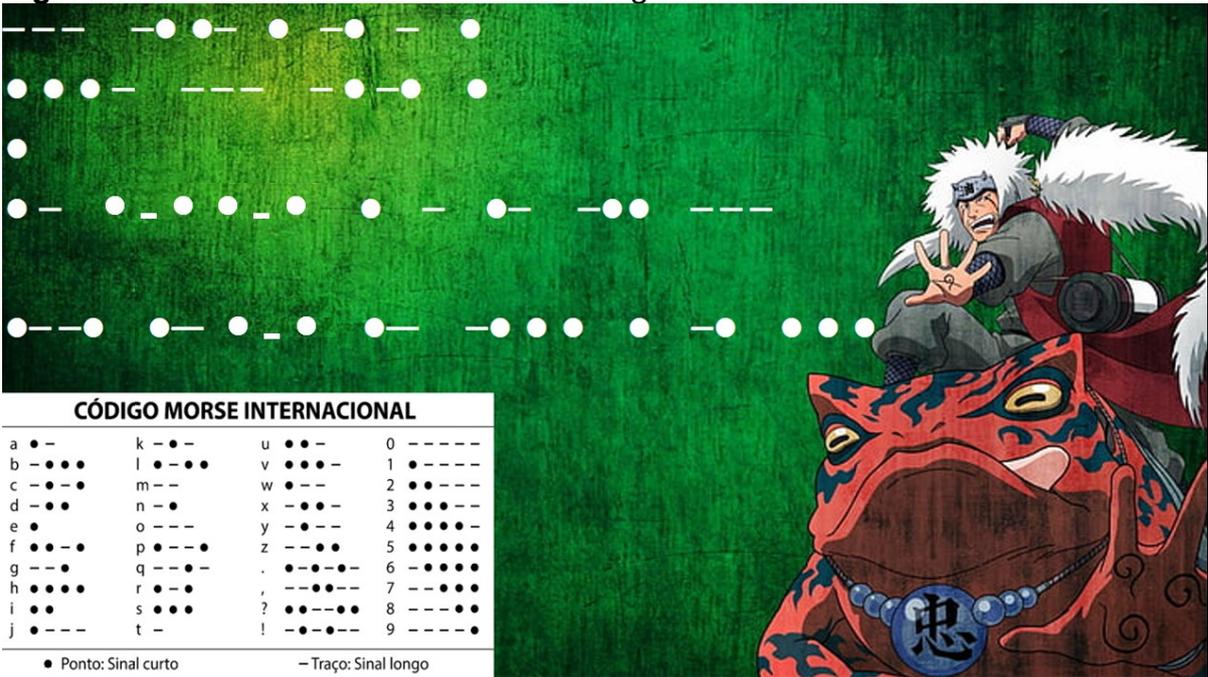
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Para esta aula o jogo foi adaptado para um questionário, ao qual o conteúdo foi reforçado e avaliado sua aprendizagem utilizando cenas retiradas ou vinculadas ao *animê/mangá* "Naruto". Tal exercício contava com as possíveis respostas corretas para que os jovens pudessem verificar suas respostas e os mesmo deveriam reportar seus possíveis equívocos e suas dúvidas na volta a sala do *Meet* e a professora, nos momentos tira-dúvidas.

A aula 03 (Variação Linguística) o aquecimento mental deu-se por uma provocação: a imagem Jiraya foi apresentada a turma como a chave para o sucesso. A imagem em questão tinha a frase: "Oxente! Você é arretado. Parabéns" em Código Morse, bem como o alfabeto e seu código correspondente.

A ideia era afixar tal imagem na sala, em lugar bem acessível e exercitar a curiosidade, levá-los a tomarem decisões individuais e ser um desafio; por ser on-line, foi utilizada como provocação. É válido lembrar que a provocação foi feita e sua imagem afixada nas respectivas salas do *Google* Sala de aula com o título: "Decifre-me ou eu te devoro!", lá deveriam colocar sua decodificação.

Figura 16 - Decifre-me ou te devoro! – Código Morse



CÓDIGO MORSE INTERNACIONAL			
a ●●-	k ●●-	u ●●-	0 ----
b ●●●	l ●●●	v ●●-	1 ●---
c -●●	m --	w ●--	2 ●●--
d -●●	n -●	x -●●-	3 ●●--
e ●	o ---	y ----	4 ●●●-
f ●●-●	p ●-●-	z --●●	5 ●●●●
g ---●	q --●-	.	6 -●●●
h ●●●●	r ●●●	,	7 ---●●
i ●●	s ●●●	?	8 ----●
j ●---	t -	!	9 -●---

● Ponto: Sinal curto - Traço: Sinal longo

Fonte: Disponível em: <<https://e-como-se-faz.blogspot.com/2021/06/jiraya-wallpaper-as-50-melhores-imagens.html> Grifo da pesquisadora>. Acesso em: 05 jan 2022.

As turmas tiveram uma participação de 79,6%, seja comentando ser difícil, está faltando letras ou colocando a tradução que tinha encontrado. É bom informar que a imagem foi lançada como provocação, mas não era considerada uma atividade e nem atribuída nota. Entre estes comentários estavam: “Me sentir o detetive agora rrsrs”, “O baguio é doido, consegui, sou fera.”, “Acho que consegui, se estiver certa vou usar para fofocar com amigas sem minha mãe saber”, “Essa foi fácil, manda outra.”, “Obrigado professora, amei a frase.”, “Tem alguma coisa de errado, está faltando letras” (DIÁRIO D E BORDO, 14 e 15/09/2021).

Assim como a BNCC (2017), minhas aulas buscavam oportunizar condições de participação na sociedade de forma significativa, principalmente no tangente a linguagem. Para isso, foram apresentados os gêneros *animê* e mangá que fazem parte da realidade; além de poderem ser usado para desenvolverem habilidades linguísticas, necessária ao convívio social, no âmbito profissional, almejadas pelas escolas e ansiadas pelos jovens.

Seguindo essa lógica, esta aula, como a que seguiria, foi lecionada como desafios a serem cumpridos. Nesta os jovens deveriam conhecer as estratégias do inimigo (Variações Linguísticas) com auxílio da explicação da professora, para no fim da aula participarem das reuniões com os cinco vilões *Kages*⁴³ e descobrir os vilões

⁴³ Nome genérico dado para se referir aos líderes das aldeias do *animê*/mangá “Naruto”.

infiltrados (as variações não correspondentes com cada questão) que ameaçam a paz do mundo ninja.

Figura 17 - Atividade - A Missão Ninja: Manter a paz das 05 Nações.

Missão pela Paz das 05 Nações

Reunião 04: Não poderíamos deixar de fora o treinamento ninja e nossos exercícios estratégicos. Para não haver equívoco sugerimos uma senha secreta.

Variação Linguística: participem da Reunião e descubra quem é o intruso.

Neste exercício, você precisa encontrar qual opção não está seguindo a variação linguística das demais opções. Ao descobrir a que se diferencia das demais, você estará encontrando o inimigo infiltrado e salvando a vila de guerra. Boa sorte na missão!



- Kage 01: Sim, que tal: "Você é um avião".
- Kage 02: Muito fácil, melhor: "Isso é uma baleia".
- Kage 03: Vocês gostam de complicar "Ranço" é melhor.
- Kage 04: Vamos ficar no meio termo: "Não sabe bulhufas".

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Dessa forma, o jovem foi levado a compreender as variações linguísticas para defender a manter a paz entre as 05 grandes nações ninjas e buscando "[...] oferecer ferramentas de transformação social por meio da apropriação dos letramentos da letra e dos novos multiletramentos, os quais supõem maior protagonismo por parte dos estudantes, orientados pela dimensão ética, estética e política". (BNCC, 2017, p. 497).

Esta atividade (Figura 17) ocorreria em cinco espaços diferentes (Sala de aula, espaço de convivência, recepção, memorial e sala de leitura) aos quais os jovens visitariam e encontrariam os detalhes da reunião em forma de texto e imagens, mas on-line os espaços foram substituídos por questões na atividade via formulário *Google* (cada questão representava uma reunião). Cada questão continha imagens referentes a reuniões dos *kages* e as alternativas em forma de diálogos.

Utilizando imagens (Figuras 17, 18 e 19) e *gifs* (Figura16) para explicação e para chamar atenção da evolução de cada linguagem ao longo do tempo, das diferenças entre elas, suas intenções, focando sempre na língua portuguesa, os jovens foram direcionados a perceberem as diferentes formas de linguagem (verbal,

não verbal, mista, sonora, sinestésica, anímica, “internetês”, Libras, regionais, culturais, sociais), chamando atenção para a constante transformação não somente da nossa língua, mas também das vestimentas (figura 18), modo de pensar, dispositivos tecnológicos (Vídeo), alimentar e dos personagens “Naruto” (Figura 19). E assim como a BNCC (2017), direcionar o ensino/estudo da linguagem a proporcionar experiências significativas na mídia impressa, digital ou analógica.

Figura 18 - Gifs - Variação Linguística



**Va, va, va-riação o
quê?**

Fonte: Disponível em: <https://aminoapps.com/c/naruto-shippuden-online/page/blog/medo/BWga_Wpswu5xxB6EzNJ7NKKBQ4mBgKkE2ji1>. Acesso em 05 jan. 2022. Grifo da pesquisadora. (2022)

Figura 19 - Imagens - Variação Linguística



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/783626403892869810/>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 20 - Vestimentas 1970 - Variação Linguística



Fonte: Disponível em: <<https://evolucaodamoda.weebly.com/moda-na-preacute-histoacuteria.html>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 21 - Evolução dos personagens de “Naruto” – Variação Linguística



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/435864070185802179/>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Esta aula seguiu ao estilo de uma missão ninja: No *animê/mangá* “Naruto”, todo ninja recebe missão segundo sua graduação. Antes de sair para qualquer missão, seja ela fácil ou difícil, o ninja recolhe toda e qualquer informação sobre o inimigo que irá enfrentar, bem como característica da região que irá, para assim construir estratégias que o possibilite completar a missão com maior eficácia e segurança de sua equipe.

Ao final de cada missão, também é feito um relatório, em que descreve todo o percurso e tomada de decisões que culminavam no resultado obtido. Assim, parti dessa estratégia para levar os jovens a recolherem o máximo de aprendizado sobre a Variação Linguística em momento de aula e conseguirem resolver a avaliação da aprendizagem final (a missão).

Mesmo sendo on-line e em forma de questionário, o trabalho em equipe, o pensar no outro e o avaliar a situação como algo que afeta a todos foram mantidos. Para isso, foram levados a se comunicarem, não como forma de cola, mas como tira dúvidas, esclarecimentos de pontos não entendidos ou em dúvidas e, assim junto com o colega chegarem ao denominador comum. Tal sugestão foi dada a duas turmas apenas para possibilitar uma comparação de acerto com a turma ao qual tal estratégia não foi aplicada. Como resultado obtivemos:

Quadro 7 - Média de acertos com e sem interação com os colegas

Turma Kakashi	Média/acertos / 5
Sem interação	3,6
Turma Guy	Média/acertos
Com interação	4,4
Turma kurenai	Média/acertos
Sem interação	3
Turma Sarutobi	Média/acertos
Com interação	3,2

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Tal estratégia funcionou, pois, as notas das atividades não eram levadas para a nota geral, o que era avaliado era a participação e a aprendizagem. Por isso, no fim de cada aula, os jovens voltavam a sala do *Meet*, retirava as dúvidas, questionava, apontava suas dificuldades, indicava suas decepções em errar determinada questão.

Ou seja, a atividade era para que cada um avaliasse o seu aprendizado e não para imprimir uma nota no boletim.

Ao perceber que a nota que tirassem na atividade serviria de uma avaliação pessoal e apontamentos de melhorias, o temor de errar e a necessidade de cola conseqüentemente diminuiria. O exercício não servia para apontar erros, mas apontar onde cada um precisava melhorar e tirar dúvidas. Sendo assim, ao orientar que debatesse com o colega as questões em que não sabiam ou estavam com dúvida foi possibilitado que um colega ajudasse o outro a entender o conteúdo, o que a questão pedia, porque determinada questão era ou não a certa.

As duas turmas em que tal experiência foi aplicada, houve um crescimento de acerto e, ao serem indagados se a conversa com o colega auxiliou no entendimento das questões e das respostas certas, obtive: “Ajudou muito, estava com dúvida da segunda, mas quando falei com [...] consegui perceber que o *Kage* 04 era o que estava no passado, e os outros utilizavam a fala atual [...]”, “Diferente de cola que a gente pede a resposta e pronto, eu pedi ajuda a [...] e ela explicou porque não poderia ser a que eu estava pensando e eu entendi e mudei a resposta que iria colocar. Sabe professora, muitas vezes na escola erramos não é porque não entendo a explicação, mais porque nos passamos [...]”; além do diálogo abaixo:

Shinobi: - Fiquei desconfiado, professora.

Hokage: - Desconfiado? Por quê?

Shinobi: - Sendo a senhora rígida como é, deixando a gente colar, colar, professora. Tinha que ter alguma coisa errada. Cheguei a comentar com [...]. pensei, pensei e saquei porque a senhora fez isso. Esperta a senhora viu?

Hokage: - [...] Por que acha que eu permitir essa “cola”?

Shinobi:- Porque não é cola, né Marisete?

Hokage:- Se não é cola, é o quê?

Shinobi: - É uma cola sem ser cola, na verdade...Deixa eu explicar direito: Se não vale pontos os acertos e nem os erros ... se o que vale é participar e tentar ver se entendeu a sua explicação, não tem motivo de só marcar. Até porque estamos aqui por queremos alguma coisa. A senhora não mostra nossa nota a ninguém e ainda nos obriga a dizer o que não entendeu e o que achamos da atividade. Pegar a resposta pelo colega não tem sentido, seria idiotice. [...]

Hokage: - Então quer dizer que eu deixei colar, mas por não ter motivos para colar, ou seja, não ter nota para os acertos, não tem lógica em colar?

Shinobi: - Bem isso, pensei, fiquei com medo de perguntar a [...] uma dúvida e a senhora ter aprontado alguma. Foi quando [...] falou que não tinha como a senhora saber quem nos ajudou sem a gente falar.

A senhora fez a gente fazer uma pesquisa com o colega. Bem espertinha.

Hokage: - Na realidade, espertos foram vocês que perguntaram as dúvidas e buscaram juntos as respostas. (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 14/09/2021).

“Assim é bem melhor, sem pressão” continuou uma *kunoichi*. Por esse motivo, a interação com o colega obteve uma resposta positiva, tanto na média de nota, quanto na tirada de dúvidas no final da aula. Não estou afirmando que nenhum aluno tenha colado de fato (pegado a resposta pelo colega e marcado), mas este faria mesmo que eu falasse que era individual. O que fez a diferença mesmo foi o fato de a atividade possuir nota, não para classifica-los em bons ou ruins, mas para deixar claro em qual questão tiveram dificuldade, se essa dificuldade foi por não compreender o conteúdo, a pergunta ou simplesmente uma falta de atenção.

Outra atividade que seguia o modelo de missão ninja foi a aula 04 (Figuras da Linguagem), nesta as figuras de linguagem (Sinestesia, catacrese, antítese, pleonasma, hipérbole, paradoxo, metáfora, onomatopeia, prosopopeia, ironia, eufemismo e comparação) foram apresentadas como inimigas que deveriam ser capturas no fim da aula. Para ajudá-los na captura, foram apresentados seus poderes (conceitos e exemplos) que os possibilitassem reconhecê-las.

Figura 22 - Instrução da atividade - Figuras de Linguagem

TURMA - Português
MANHÃ - TER E QUI - MANHÃ - SEG E QUA - Profª. Marisete

Instruções Trabalhos dos alunos

FIGURAS DE LINGUAGEM

100 pontos

- Formem duplas e no máximo equipe de 3 ninjas;
- Organizem suas estratégias segundo seus conhecimentos;
- Cada equipe trará uma prisioneira (figuras de linguagem) de cada;
- **Cuidado: Existem cúmplices disfarçadas para enganar vocês;**
- Vocês terão 30 minutos para formarem a equipe e trazer as prisioneiras que conseguirem;

OBS.: Não poderá sobrar ninja sem equipe. O mínimo de integrantes por equipe será 02 e máximo 03. Se uma ou mais equipe for a campo e sobrar algum integrante, todos falharão na missão.

Lembrem-se que todos devem enviar a resposta com os nomes da dupla ou trio.

Dúvidas: No grupo do WhatsApp

3 png Imagem

4 png Imagem

1 png Imagem

2 png Imagem

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Tal atividade seria realizada nas dependências do ILBJ. Frases, textos, imagens seriam espalhadas pelo ILBJ e os jovens em dupla teriam que buscar exemplos para cada figura de linguagem que estudamos, mas antes de sair a campo na captura, os mesmos deveriam seguir as instruções abaixo:

Quadro 8 - Instruções para Missão Ninja

Instruções da atividade
Soubemos por fontes seguras que as “inimigas” (FL) estão escondidas no ILBJ, nas coordenadas: Recepção, corredores, espaço de convivência, cyber e sala de leitura.
• Formem equipes de 03 ninjas ;
• Organizem suas estratégias segundo seus conhecimentos;
• Cada equipe trará 01 prisioneira de cada ;
• Cuidado: Existem cúmplices disfarçadas para enganar vocês;
• Vocês terão 30 minutos para formarem a equipe e trazer as prisioneiras que conseguirem;
OBS.: Não poderá sobrar ninja sem equipe. O mínimo de integrantes por equipe serão 02 e máximo 03 . Se uma ou mais equipe for a campo e sobrar algum integrante, todos falharão na missão.

Fonte: Descrição das atividades - arquivo da pesquisadora. (2021).

Por ser on-line, as dependências da instituição foram substituídas pelas paredes virtuais, as imagens, frases e textos que estariam espalhadas, foram anexadas na atividade e em dupla deveriam retirar das 25 imagens, exemplos para as 12 figuras de linguagem estudadas. No entanto, as regras continuaram as mesmas: antes de enviarem a atividade, os nomes das duplas ou trio deveriam ser enviados no grupo da turma, assim, verificaria se ficou alguém sem equipe e/ou enviaram antes de formarem a equipe. De todas as turmas, apenas uma não conseguiu seguir todas as regras, já que duas duplas enviaram a atividade respondida antes que todos os colegas tivessem equipes e as identificassem no grupo da turma.

O fato em questão, foi debatido em classe e refletido sobre a necessidade de pensar no outro, do trabalho em equipe, a capacidade de se colocar no lugar do outro, argumentar, partilhar informações, buscar soluções (formarem duplas pelo *WhatsApp*, ligação, formando grupos, pelo *Meet*), cooperação, responsabilidade e experienciar situações que irão enfrentar na vida; além de entender o que faltou para que a atividade fosse realizada sem prejuízo dos colegas.

Como possíveis impedimentos citaram a falta de respostas de alguns colegas no grupo, que mesmo sendo perguntado se estavam ou não em uma equipe, não responderam, e também, o não se atentarem em perguntar se todos estavam em grupos para depois enviar a atividade. Admitiram que faltou organização, uma liderança e um pensar no outro. Alguns afirmaram ter entendido o motivo das regras: “[...] a atividade era justamente para avaliar a nossa capacidade de trabalho em equipe, e nós tivemos tudo, menos trabalho em equipe. Cada um pensou na sua dupla e não nos colegas, por isso deu nisso [...]”; “Professora, sei que fizemos [...] a senhora pode nos dar mais uma chance para refazer a atividade? Se todos aceitar, é claro [...]” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO, 08/09/2021). Uma nova chance foi dada e a atividade realizada. No entanto, a nota não tinha o mesmo valor.

Desde o começo do Módulo, ficou acordado que eu receberia as atividades em atraso, porém, a cada dia de atraso o valor da atividade sofreria um decréscimo de 1 ponto. Isso para fazer jus a quem entregou pontual, valorizar a pontualidade e ainda dar oportunidade aos que por ventura não conseguiu realizar em tempo hábil.

A resposta dessa atividade deveria ser enviada via *Google Sala de aula*. 15 jovens (13,4%) acertaram todas as figuras de linguagem capturada; 20 (17,8%) erraram 1 figura de linguagem; 40 (35,6%) erraram apenas 2 figuras de linguagem e 14 (12,5%) erraram 3 das figuras de linguagem estudada. Sem deixar de chamar atenção que não houve equipe com mais de 3 figuras de linguagem classificada erroneamente. Entre as figuras que mais propuseram dificuldade de entendimento: paradoxo (26,7% - 30 jovens), sinestesia (23,1% - 26 jovens) e catacrese (19,6% - 22 jovens); enquanto 30,6% apresentaram erros nas demais figuras de linguagem. Por isso foi importante o segundo momento de aula, por permitir tirar dúvidas, intensificar explicações, fortalecer a aprendizagem.

A aula 05 (Dificuldades Ortográficas e Semânticas) foi também, uma das aulas que utilizei “Naruto” para sua explicação e exemplificação. Com auxílio de Slides, a aula iniciou com imagens de diferentes *Kunais*⁴⁴ (Imagem 16, 17, 18 19 e 20) servindo de aquecimento mental e permitir a relação de sentido com os parônimos e homônimos a serem trabalhados, ao salientar as diferenças entre as ferramentas, mesmo sendo a mesma arma.

⁴⁴ Arma ninja utilizada para atacar a longa distância.

Figura 23 - Kunai Tradicional



Fonte: Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/u1yYAGqSz9yEmSXc8>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 24 - Kunai Gigante



Fonte: Disponível em: <<https://universoanimanga.blogspot.com/2013/01/lista-de-armas-de-naruto.html>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 25 - Kunai Curva



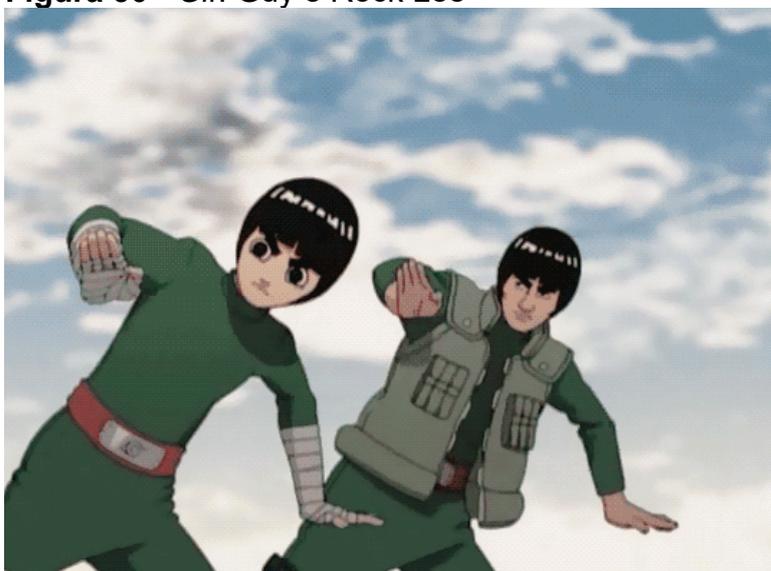
Fonte: Disponível em: <<https://universoanimanga.blogspot.com/2013/01/lista-de-armas-de-naruto.html>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 29 - Tirinha: Vendo o pôr do sol



Fonte: Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/32880147>>. Acesso em 05 jan. 2022.

Figura 30 - Gif: Guy e Rock Lee



Fonte: Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/isBd1z95Paz7JcyS9>>. Acesso em 05 jan. 2022

Com essa introdução a aula seguiu com auxílio de imagens retiradas do *animê*/mangá entre outras para explicação e exemplificação das diferenças ortográficas e semânticas dos parônimos e homônimos: Uso dos porquês, onde x aonde, mal x mau, mais x mas, sessão x seção x cessão, agente x a gente x há gente, coser x cozer, meia x meio, grama, fragrante x flagrante, viagem x viagem, cinto x sinto, cumprimento x comprimento, tráfego x tráfico, calda x cauda, cerrar x serrar, acento x assento, cesta x sesta x sexta, estar x está x esta e dar x dá, etc.

A aula foi finalizada com o bingo dos parônimos e homônimos (Figura 31) e não foram realizados o jogo “parônimos e homônimos”, nem o Jogo da Forca por questão de tempo, estarmos on-line e qualidade dos aparelhos dos jovens. Como não estávamos presencialmente, as cartelas foram enviadas em forma de imagem para

cada jovem em mensagem privada e assim os permitirem participarem da atividade. Para marcarem as palavras sorteadas que estavam em sua cartela, os jovens repassaram os nomes de suas cartelas para uma folha a parte e teve aqueles que conseguiu marcar no próprio celular. O mais importante é que todos os presentes participaram da atividade. A professora cabia o papel de sortear as palavras através de números fornecidos pelo sistema on-line.

Figura 31: Bingo - Dificuldades Ortográficas

BINGO DOS PARÔNIMOS E HOMÔNIMOS			
CÉPTICO	CHEQUE	PAÇO	SERRAR
SESSÃO	ARROCHAR	DESCRIÇÃO	SERVO
Aprendeu?	CALDA	ARROXAR	ARREAR
AONDE	SINTA	MAU	ESTAR

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

Por ser em forma de bingo, a avaliação de aprendizagem dessa atividade foi realizada tanto observando os erros cometidos pelos jovens que afirmavam “bingar” e tinham marcado um parônimo/homônimo diferente do já sorteado, seja no jovem que não completou a cartela, mas todas as palavras contidas nelas já tinham sido sorteadas: “Isso é injusto eu deveria ter ganhado. Fui atrapalhar logo cauda de rabo. Tou revoltada, mereço prêmio de quase ganhar, professora...” (IKUNOICHI, DIÁRIO DE BORDO, 07/07/2021).

A aprendizagem real desse conteúdo também foi analisada ao ler as autobiografias e contabilizar a quantidade de equívocos em relação aos parônimos e homônimos estudados. Dos erros mais comuns, a diferença mas/mas, onde e aonde foram os mais observados, seja por seu uso frequente ou seja pelo não entendimento. Das 115 autobiografias (89 jovens que terminam o módulo comigo, o que mudaram

de turno ou dia e os que abandonaram por algum motivo pessoal) lidas 15,7% (18 erraram o uso do “mas” e/ou “mais”, 10,4% (12) o uso do “onde” e/ou “aonde”. Este último impulsionado pela falta de percepção que ambos devem ser utilizados apenas para indicarem lugar físico.

O baixo índice de erros das dificuldades ortográficas estudadas deve-se, talvez, ao fato de os terem alertado que os desvios seguidos, de conteúdos estudados, seriam observados para perceber em qual ponto precisariam melhorar e como parte da avaliação quantitativa. Em escritas posteriores no *chat*, grupo de *WhatsApp* e em comentários do *Google Sala de Aula* foi observado um maior uso erroneamente do que os encontrados nas autobiografias; ao serem questionados, os mesmos logo defendiam-se dizendo que escreveram sem pensar e sem revisar, mas que sabiam a diferença e muitos fizeram questão de provar que sabiam dizendo sua diferença: Mas - porém, mais – quantidade.

Esta aula, além de tirar dúvidas e ampliar a percepções de parônimos e homônimos trouxe também a percepção que muitos erros cometidos pelos jovens dar-se por falta de revisão textual e/ou por não importarem-se em errar (falta de atenção). Uma *kunoichi* chegou a dizer: “Professora o que vale é entregar a atividade, responder e receber o visto do professor [...]” (KUNOICHU, DIÁRIO DE BORDO, 15/04/2021), “[...] escrever e pensar se a palavras que escrevi é certa ou errada demora demais, não tenho paciência não [...]” (KUNOICHU, DIÁRIO DE BORDO, 18/10/2021), “O importante não é ser entendido? Então tanto faz ser mais com i ou sem i rrsrsr” (KUNOICHU, DIÁRIO DE BORDO, 12/07/2021).

Ao serem levados a pensar na nota e em sua redução em caso de uso inadequado das dificuldades ortográficas, e acentuação (principalmente), os mesmo tiveram maior cuidado com a escrita e procuraram errar o mínimo possível; alguns afirmaram tirar dúvidas no “tio *Google*”, recorrer aos resumos contidos no seu mapa mental e com pessoas próximas (pai, mãe e irmãos).

Esse fato leva a deduzirmos que é necessária uma exigência e cobrança maior da escrita e suas regras gramaticais, já que a língua não se encontra desassociada do âmbito econômico, profissional e social. A própria BNCC (1998) admite sua importância, mesmo apontando a necessidade de trabalharem-se outras nuances linguísticas.

Quanto maior conhecimento da língua culta e sua estrutura linguística, maior e melhor seu uso, maior a capacidade de escrita e comunicação; melhor analisada e

preservada é a língua, conseqüentemente, melhor será seu uso. São as regras que nos permitem escrever, ler, interpretar, fazer inferências e comunicarmo-nos claramente, de forma precisa; possibilita-nos persuadir, informar, expor opiniões, trocar informações e muitos mais. E mesmo que não seja a única forma de aprender a língua e utilizá-la esta é a forma mais exigida em nossa vida diária, concurso, provas em geral, profissional e nas relações interpessoal.

O que não é cobrado, “punido” com redução de nota ou chamado atenção não é visto como importante pelos jovens. Se não é importante e conseguem passar de ano, mesmo escrevendo fora das regras gramaticais, para que se esforça para aprender? O que é visto como objetivo na escola é passar de ano:

Shinobi A: - Os professores nem ler, professora, acha mesmo que ele vai saber que eu escrevi pra e não para, que meu mais tem i ou não tem i? Não professora, eles dá o visto e pronto, o que vale é ter feito atividade.

Hokage: - Ok, mas vamos dizer que vocês foram chamados a uma entrevista de emprego e lá é pedido que escrevam uma redação [...]

Shinobi A : - Todos estão [@#&*] professora. Mas (sem i), porque como a senhora já falou é só substituir por porém [...], o que a gente quer é passar de ano, não reprovar, não pensa nas conseqüências depois.

Shinobi B: Para falar a verdade, professora eu nunca pensei no futuro, minha intenção na escola era passar e ficar livre da escola e para mim eu já conseguiria um emprego para ganhar dinheiro. Vim pensar no meu futuro com esse projeto de vida da senhora [...] (DIÁRIO DE BORDO, 18/10/2021).

O escrever em telas, de forma abreviada que possibilite maior dinamismo de comunicação, também contribui para o aumento da percepção da falta de necessidade da escrita correta e de suas regras; sem esquecer da dificuldade de entendimento de suas normas que desestimula e diminui a vontade de estudar e aprender. “[..] A coisa é braba professora, na redação da escola coloquei pq no lugar de porque e só percebi quando recebi a redação com o pq circulado de vermelho, é como minha mãe fala costume de casa levamos pra praça.” (SHINOBI, DIÁRIO DE BORDO,15/04/2021), “É automático, em qualquer lugar que a gente escreve quer escrever como no zap, é uma loucura [...]” (KUNOISHI, DIÁRIO DE BORDO,29/09/2021).

É perceptível que o escrever segundo as normas gramaticais não é visto como importante para os jovens e que estes só se esforçam a escreverem “certo” se forem pressionados e/ou advertidos da sua penalização. Ao observar essas características passei a revisar o significado de parônimos ou homônimos com ortografia ou semântica divergentes em aula e sempre chamar atenção para a sua correta utilização; bem como explicar a ambiguidade gerada no sentido da frase pelo equívoco cometido. Mesmo percebendo uma melhoria, desvios continuaram a serem observados.

A aula 06 (Acentuação Gráfica – Novo Acordo Ortográfico), aula 07 (As Classes Gramaticais), aulas 09 (Noções Gerais em Concordância Verbal e nominal) não tiveram suas estruturas alicerçadas no dispositivo defendido, para facilitar o uso do planejamento pelas três educadoras, como já elencado. No entanto, na aula 06 a leitura apenas de um capítulo do mangá escolhido pela turma foi utilizado para observação de sua acentuação; nas aulas 07 e 09, frases com contexto anímico foram inseridas para reforçar a explicação na aula. Assim, merecem destaque a aula 07 ao qual rendeu elogios e aprendizagens detalhadas no capítulo 5 e o único jogo on-line aplicado como atividade de fixação e confirmação da aprendizagem, produzido e compartilhado pela educadora através da plataforma *Wordwall*⁴⁵ (ver Figura 32).

Figura 32 - Confirmação da Aprendizagem - Classes Gramaticais



Fonte: print do jogo disponibilizado aos jovens - Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

⁴⁵ Plataforma on-line que possibilita a criação de jogos e atividades personalizadas através de modelos pré-prontos de forma rápida, prática e gratuita. Além de possibilitar o compartilhamento.

Por conta do tempo reduzido de cada aula e não aumentar a quantidade de atividades a ser realizadas extraclases dos jovens por questões já relatadas, esta atividade não foi aplicada em todas as turmas, no entanto, dos 51 alunos que responderam, obtiveram porcentagem de acerto de 82,3%. Nas turmas em que o jogo não foi a atividade, foram levados a compartilhar a turma exemplos das classes gramaticais, retirados das respostas das perguntas feitas no início da aula como aquecimento mental, discriminadas logo abaixo (Quadro 9).

A aprendizagem dessas turmas foi contabilizada contando a média de erros por turma: Em todas as turmas, os maiores erros de classificação concentraram-se nas classes de conjunção, preposição, advérbio e pronome, entretanto os maiores índices de acertos foram os substantivos, adjetivos, numeral e artigo; a interjeição foi pouco utilizada nos textos produzidos.

Como não foram tabelados todos os erros e acertos, por serem muitas palavras classificadas por cada jovem, a análise focou-se na turma como um todo e em seus maiores acertos como pode ser observado no Quadro 9, abaixo:

Quadro 9: Ordem de acertos Kakash X Guy X Kurenai

Turma Kakashi	Classe gramatical > acerto	Classe gramatical < acerto
	Substantivo; Adjetivo; Numeral; Artigo; Verbo.	Preposição; Conjunção; Pronome; Advérbio.
Turma Guy	Classe gramatical > acerto	Classe gramatical < acerto
	Substantivo; Adjetivo; Verbo; Numeral; Artigo; Verbo.	Conjunção; Pronome; Preposição; Advérbio.
Turma Kurenai	Classe gramatical > acerto	Classe gramatical < acerto
	Artigo; Adjetivo; Numeral; Substantivo	Preposição; Pronomes; Conjunção; Advérbio; Verbo.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

A ordem das classes gramaticais na tabela representa a ordem crescente de acertos e de erros em relação a sua classificação da atividade. Fica muito claro perceber que o substantivo, adjetivo, numeral, artigo e verbos foram as classes gramaticais mais compreendidas, enquanto que preposição, conjunção, pronome e advérbio foram a que mais apontaram falha em seu entendimento. Sem esquecer de apontar que apenas uma turma (*Kurenai*) o verbo ficou entre as classes gramaticais que menos foi compreendida pelos jovens.

Tais resultados repetiram-se em todas as turmas, apresentando sutis diferenças por conta que as classes gramaticais foram explanadas somente de forma conceitual, focando em sua função e não em suas classificações. Perceba que conjunção, preposição, advérbio e pronomes são melhores compreendidas e visualizadas ao estudar com maior detalhe seus tipos e não somente seu conceito.

No entanto, o tempo e o objetivo da aula, não permitiam focar em seus tipos, mas em servir de base que os possibilitassem entender o conteúdo com maior facilidade ao ser estudado na escola e fortalecer seus subsunçores para a aprendizagem de sintaxe e outros conteúdos.

De todos os jovens que enviaram a atividade, não houve quem classificasse erroneamente mais de 50% das palavras classificadas o que, particularmente considero um dado positivo e representativo de uma aprendizagem significativa. A classe gramatical interjeição não foi contabilizada por ser utilizado por apenas dez alunos, impossibilitando sua análise e classificação na ordem descrita acima sem erros de análise.

Além do início de costume, a aula seguiu com uma conversa sobre a importância de estudar a morfologia e seu papel para entendimento da sintaxe e da concordância nominal e verbal. Posteriormente, foram direcionados a responderem 08 perguntas (Quadro 10) sobre o objeto escolhido por cada jovem (objeto que o/a representasse e solicitado na aula anterior).

Quadro 10: Perguntas sobre o objeto escolhido

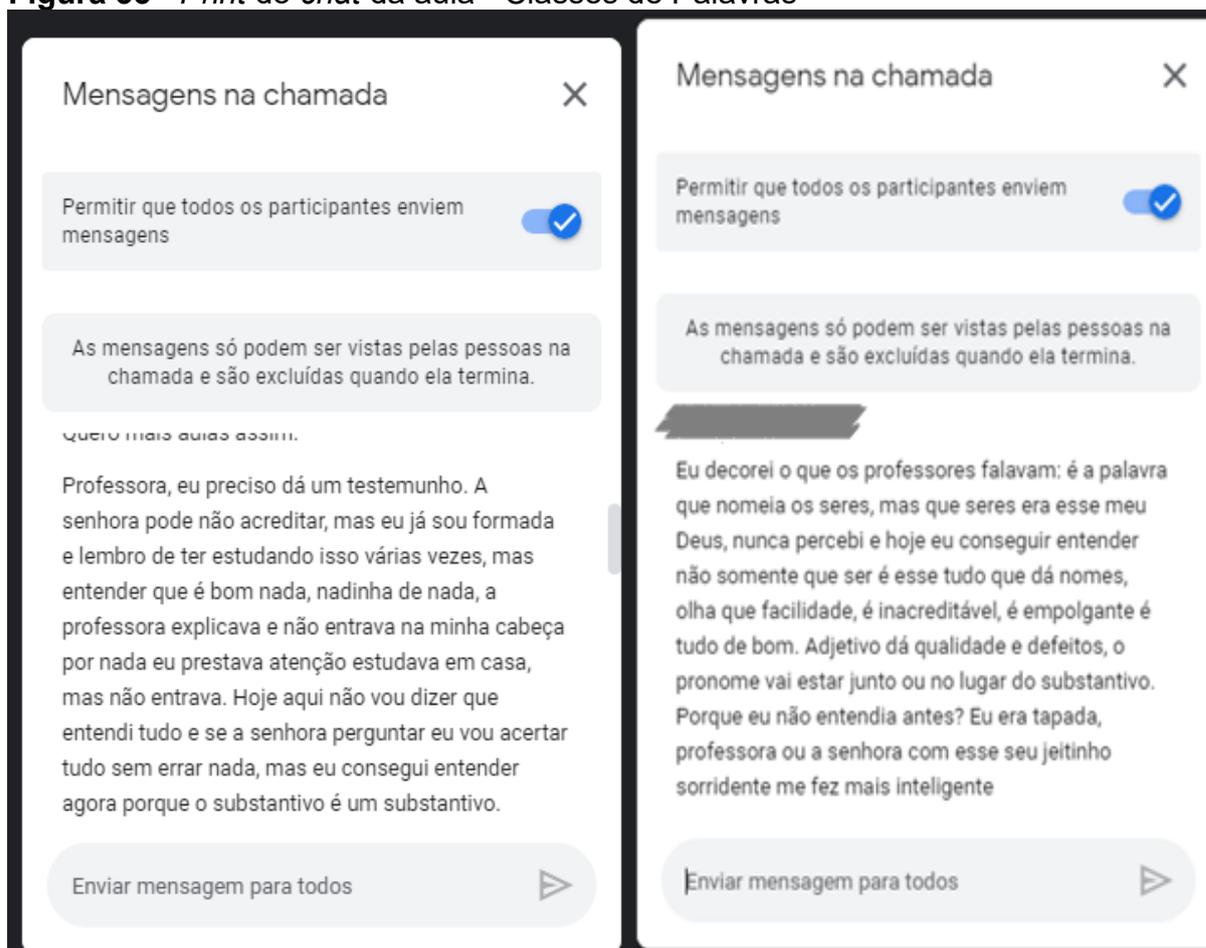
Perguntas
1-Que objeto você trouxe?
2-Quais são as qualidades e defeitos?
3-Por que te representa/identifica?

4-O que faz dele (objeto) especial?
5-O objeto que você trouxe é composto por quantas partes?
6-Forme duas frases utilizando o objeto que você trouxe.
7-Junte essas duas frases.
8 -Se você perdesse esse objeto, qual seria sua reação?

Fonte: Descrição das atividades - Arquivo da pesquisadora. (2021).

O intuito das perguntas era fazê-los utilizar as classes gramaticais em suas respostas e assim possibilitá-los a verem concretamente seu uso, ao tempo em que compreendessem sua aplicabilidade e conceito. Esta aula foi uma das que mais deixaram os alunos eufóricos e contentes por verem que conseguiam entender as classes gramaticais:

Figura 33 - Print do chat da aula - Classes de Palavras



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2021).

A aula em questão não foi gravada, por isso, foi tirado *prints* de alguns comentários dos jovens para possibilitarem serem reescritos no diário de bordo. A

mensagem do *chat* (Figura 33) chamou atenção pela sua extensão e pelas confirmações dos demais colegas que escrevendo ou falando ratificaram ter entendido as classes gramaticais e que estavam achando fácil.

Esta aula deixou-me muito feliz, mas ao parar para analisar as respostas, comentários dos jovens, fiquei a indagar-me: Será que o não entendimento do conteúdo pelos jovens deveria a pouca maturidade intelectual no momento do estudo, falta de atenção, aversão à disciplina/educador ou a forma de explicação do professor? Tentei voltar ao tempo de escola e lembrar os motivos que dificultaram o meu aprendizado.

Lembrei-me de uma professora do Ensino Fundamental que explicava muito bem (era a impressão que ela passava para mim), mas que eu não entendia nada do conteúdo; assim como a *kunoichi* citada acima (Figura 33), estudava em casa, fazia os exercícios, mas internalizar o conteúdo não acontecia. Conseguir aprender anos após, já na faculdade e sozinha, pois a academia subentendia que por estar em um curso de letras, já sabia morfologia e demais conteúdos gramaticais.

Neste momento, percebi que no fundamental eu não tinha a maturidade intelectual para aprender, devido à falta da base necessária. Não é à toa que a gramática inicia suas páginas pela fonologia e pelo signo linguístico, para depois seguir pela morfologia e sintaxe, ou seja, para se compreender morfologia é importante ter em nossa estrutura cognitiva, os subsunçores necessários, entre estes e a fonologia. Utilizando este mesmo raciocínio é fácil perceber que para entender adjetivo é imprescindível compreender antes o substantivo, já que aquele caracteriza este; o mesmo acontece com o pronome e artigo que se relacionam diretamente com o nome (Substantivo).

Assim, o jovem que não conseguir ter o nome como subsunçor não conseguirá adicionar significados (conhecimentos) referentes a adjetivo, artigo e pronome. Dessa forma, a aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982) não ocorre, impossibilitando também que novos subsunçores sejam criados e, que possam ser usados como âncora para outros conhecimentos.

A situação aparentemente simples e sem importância, se não for resolvida, tende a tornar-se um problema, a piorar ao longo do tempo, até tonar-se insuportável, a conhecida “bola de neve”. Neste meio termo, o jovem começa a ver-se como “burro”, a sentir-se o pior aluno da classe, o olhar-se como incapaz e desmotivar-se pelo

estudo da disciplina. Aqui que entra as afirmativas que Português é difícil, não serve para nada, não faz sentido e tantas outra que ouvimos.

O que começa como um fragmento minúsculo e trivial torna-se a razão do desânimo e aversão da aprendizagem de nossa língua mãe e de tudo mais que dela assemelhe-se como a leitura, interpretação e escrita. Então, o que eu fiz de diferente para meus *shinobis* e *Kunoichis*?

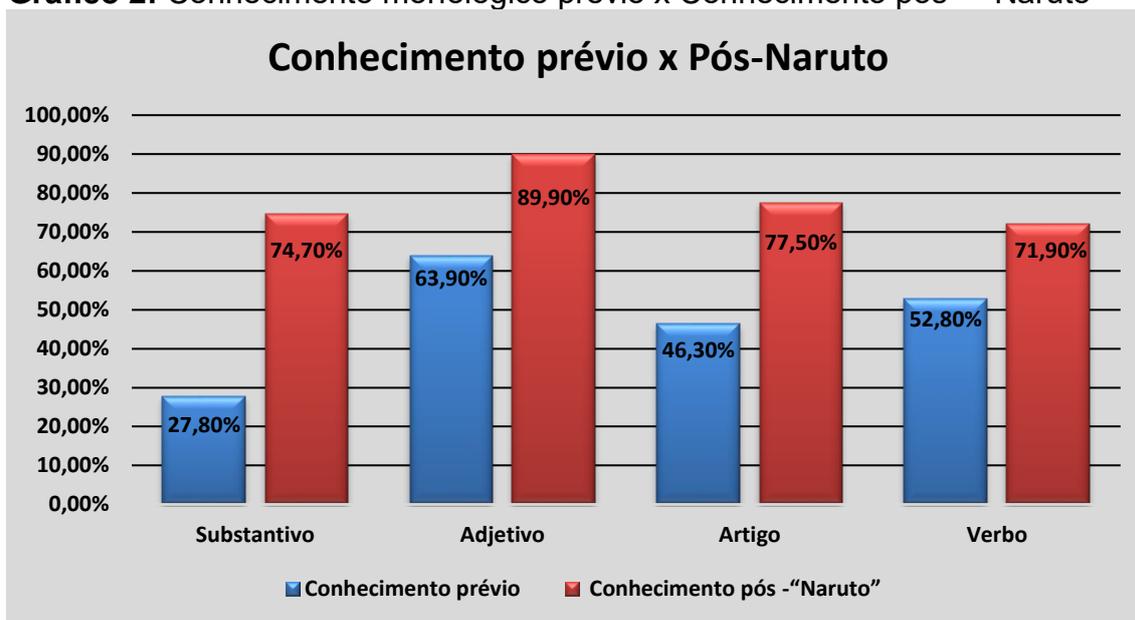
Ao voltar a estudar a gramática, no período de faculdade, o que me permitiu entender a morfologia foi exatamente estudar a gramática inteira novamente. Iniciei da primeira página: desde a explicação do que é a gramática, do signo linguístico, do nosso aparelho fonador, passando por morfologia e sintaxe, até chegar à estilística.

Foi na prática e na luta de entender conteúdos gramaticais não internalizados na escola, para não reprovar nas disciplinas do curso de letras que percebi o que me faltava: a base. Assim, a cada conteúdo a ser trabalhado, antes de iniciá-lo faço uma revisão dos assuntos necessários para entendê-lo.

Para melhor compreensão: para um aluno entender acentuação ou a nova ortografia, é primordial que este saiba identificar a sílaba tônica; classificá-la em oxítone, paroxítone e proparoxítone; além de dominar ditongo, hiato e monossílabo tônico. Não adianta ensinar acentuação sem antes ter a certeza que os jovens compreendem tais informações. É esse o subsunçor base para a aprendizagem e, foi essa técnica que utilizei em minhas aulas para propiciar a maturidade intelectual, essencial para internalização do conteúdo, criação e transformação de subsunçores que prepararão meus educandos para outros aprendizados.

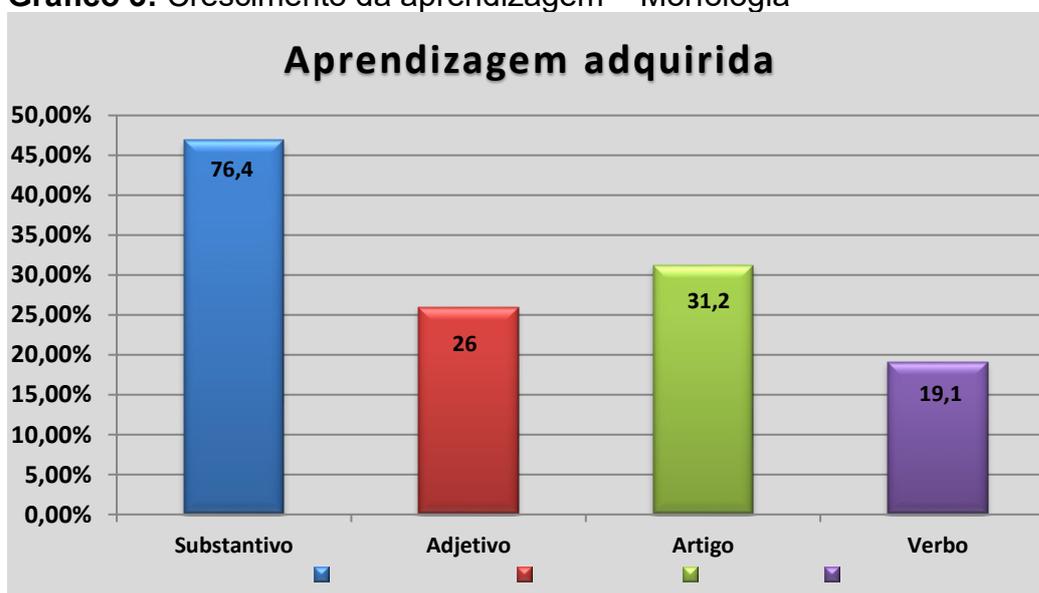
Ao mostrar que as palavras relacionam-se, que não são jogadas aleatoriamente, que possuem uma dependência estrutural e que podem fazer referências a outras palavras, é dar alma ao corpo vazio. Ao perceberem que as palavras que usam do cotidiano não deixam de serem exemplos morfológicos, mesmo escrito e/ou pronunciadas incorretamente, mesmo que não façam parte da gramática normativa, a disciplina de Língua Portuguesa não fica tão distante das suas realidades.

Ao fazer uma comparação do que os jovens trouxeram de conhecimento (dados do questionário I) com o adquirido no Módulo (dados do questionário II), é possível perceber o crescimento em todas as classes gramaticais, comparação vista no Gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2: Conhecimento morfológico prévio x Conhecimento pós – “Naruto”

Fonte: Dados da pesquisa – Questionário I e II. (2021).

Ao fazer a diferença entre os conhecimentos obtidos o seguinte crescimento:

Gráfico 3: Crescimento da aprendizagem – Morfologia

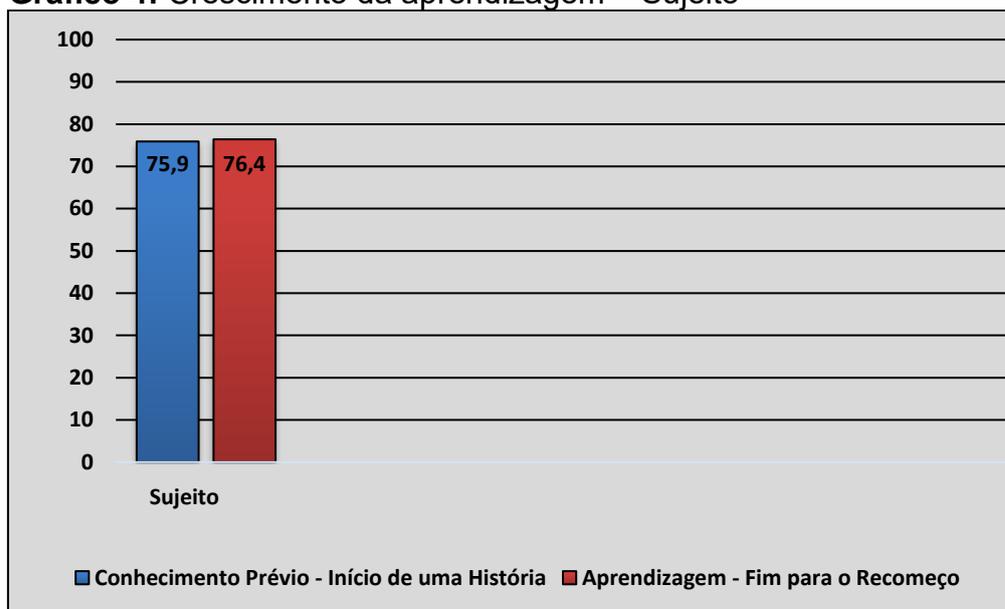
Fonte: Dados da pesquisa – Questionário I e II. (2021).

Além desse crescimento, o segundo questionário avaliou ainda o crescimento de aprendizagem das classes gramaticais: numeral (91% de acertos), interjeição (71,9% de acertos) e pronome (69,7% de acertos). Como professora desejaria maior aprendizagem e pôs-me a pensar como poderia ter potencializado a aprendizagem dos meus jovens; no entanto, ao lembrar-me das dificuldades enfrentadas pelos

educandos devido a pandemia, da falta de conexão, lugar adequado para estudar, estes números soam como uma vitória significativa.

Um dado interessante concebido com a comparação dos dois questionários é o referente à classificação do sujeito:

Gráfico 4: Crescimento da aprendizagem – Sujeito



Fonte: Dados da pesquisa - Questionário I e II (2021).

Como fica claro, a diferença do conhecimento prévio para a aprendizagem pós-Naruto foi pequena (0,5%), isso se deve ao fato do assunto não fazer parte dos conteúdos específicos trabalhado no planejamento, porém o mesmo faz parte da revisão utilizada como organizadores prévios da aprendizagem para o conteúdo Concordância Nominal e Verbal.

Dados estes resultados da ancoragem necessária ao entendimento que foi apresentada, aumentando assim a probabilidade de entendimento do conteúdo e outros que venham a ser apresentados, pois:

[...] Na aprendizagem significativa há uma interação entre o novo conhecimento e o já existente, na qual ambos se modificam. À medida que o conhecimento prévio serve de base para a atribuição de significados à nova informação, ele também se modifica, ou seja, os subsunçores vão adquirindo novos significados, se tornando mais diferenciados, mais estáveis. Novos subsunçores vão se formando; subsunçores vão interagindo entre si. [...] (MOREIRA, 2011, p. 130).

Moreira continua a apresentar a educação significativa de Ausubel:

Na aprendizagem significativa, o novo conhecimento nunca é internalizado de maneira literal, porque no momento em que passa a ter significado para o aprendiz, entra em cena o componente idiossincrático da significação. Aprender significativamente implica atribuir significados, e estes têm sempre componentes pessoais. Aprendizagem sem atribuição de significados pessoais, sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa. (MOREIRA, 2011, p. 130).

O que carregamos como conhecimento prévio, como experiência interfere diretamente na nossa aprendizagem, por isso, cada um aprende de forma particular. No entanto, conhecendo ideias e conceitos pré-existentes na nossa estrutura cognitiva é possível organizar material que podem servir de organizadores prévios e auxiliar na manipulação da estrutura cognitiva (AUSUBEL, 1982) ou, mais precisamente uma ponte cognitiva, para suprir a falta de conhecimento prévio adequado (MOREIRA, 2011).

Para essa falta de conhecimento prévio adequado que minhas revisões serviam, para isso partia do conhecimento de no mínimo 87,1% do *animê*/mangá “Naruto”, mínimo, pois estamos desconsiderando aqueles que afirmaram não conhecer, mas ao serem apresentados aos seus episódios lembraram-se que o conhecia e que já o tinha assistido.

Com esse gênero desterritorializado conseguia resgatar o conhecimento adormecido ou não compreendido anteriormente e necessário a nova aprendizagem. Os questionamentos, as frases motivacionais, dinâmica, desafio, curiosidade, alongamento, imagens, *girfs*, memes e provocações que antecederam os conteúdos foram utilizados para servirem de ponte, tanto o relembrar assuntos estudados, possibilitar a aquisição do conhecimento prévio; quanto para a percepção das relações desses com o conteúdo a ser estudado a seguir.

Por isso, foram utilizados antes do material de aprendizagem do conteúdo principal para facilitar a assimilação deste. Tais dispositivos escolhidos são considerados organizadores prévios na ótica da Teoria ausubeliana por:

[...] Para Ausubel (1980), organizadores prévios verdadeiros são aqueles destinados a facilitar a aprendizagem significativa de tópicos específicos, ou série de ideias estreitamente relacionados. Os materiais introdutórios utilizados para facilitar a aprendizagem de vários tópicos (e.g., capítulos ou unidades de estudos) denominam-se *pseudo-organizadores prévios*. (MOREIRA, 2011, p. 109).

Cada conteúdo teve seu organizador prévio correspondente, para assim facilitar o entendimento do jovem, direcionando-o a assimilar e ser capaz de reter as informações que serão apresentadas subsequentes; além de fortalecerem o conhecimento prévio. Isso não quer dizer que sempre foram eficazes para o que foram propostos, mas que foram pensados, organizados e aplicados para servirem de subsunçores adequados para a aprendizagem do conteúdo.

Mesmo assim, quando um jovem afirma não mais assistir “Naruto” da mesma forma, que se lembra das aulas de Português ou de determinado conteúdo em capítulos/episódios de “Naruto”, fica nítido que se os organizadores prévios, selecionados não serviram para a aprendizagem significativa do conteúdo, no mínimo, o propiciou a aumentar seu número de subsunçor disponível para as próximas aprendizagens.

Porém, para que a aprendizagem significativa ocorra não é necessário apenas os organizadores prévios, os subsunçores válidos, a vontade e disposição do professor, mas da negociação de significados entre este e seus alunos. Cabe ao professor apresentar significados de consenso com a comunidade através de materiais didáticos, (se necessário) apresentar-lhe de outra forma os mesmos significados e avaliar o significado captado.

Já ao aluno cabe verificar se o captado é o mesmo significado do professor, ao mesmo tempo em que o devolve e o mais importante: “decidir se quer aprender significativamente ou não.” (MOREIRA, 2011, p. 98), pois mesmo sendo uma responsabilidade recíproca, tal decisão não cabe ao professor.

Então, é nessa lógica ora dialógica, ora monológica que a aprendizagem acontece. Mas é importante não esquecer que para aprender significativamente: “[...] o aluno tem de manifestar uma disposição de relacionar, de maneira não-arbitrária e não-literal, à sua estrutura cognitiva, os significados que capta dos materiais educativos, potencialmente significativos, do currículo.” (MOREIRA, 2011, p. 99).

Isso leva a crer a essencialidade de negociação de significados entre o professor e seu aluno para que a aprendizagem significativa aconteça. Naruto, seus *senseis* (Kakashi Hatake, Jiraya, Iruka Umino e Yamato “Tenzo”), seus companheiros de equipe (Sakura Haruno e Sasuke Uchiha) e seus amigos (Shikamaru Nara, Choji Akimichi, Rock Lee, Gaara, Hinata Hyuga, Neji Hyuga, Shino Aburame, Kiba Inuzuka, Ino Yamanaka, Sai, entre outros) facilitaram o contato necessário para que essa

negociação acontecesse da melhor forma possível, com base na realidade do momento e das turmas por mim lecionadas. Isso quer dizer que em outra realidade, outras turmas e outros professores, a negociação seria diferente, já que reuniria outra conjuntura.

Negociação defendida por Ausubel (1982), abordada por Martin-Barbero (2006), Tardif e Lessard (2009) e Esteban (2010), cada um em seu foco, mas a apontar sua substancialidade para a interação seja ela social, cultural ou educacional. Em ambas é necessário a confiança, intimidade já que:

Todos se fazem e refazem na trama simbólica das interpelações, dos reconhecimentos. Todo sujeito está sujeito a outro e é ao mesmo tempo sujeito para alguém. É a dimensão viva da sociabilidade atravessando e sustentando a dimensão institucional, a do "pacto social". (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 304 -305).

Por isso que a colaboração e o trabalho em conjunto da pesquisadora e os jovens, apontado por Esteban (2010) é fundamental. Ainda para o mesmo, ao estudar esse processo pelo seu interior, leva a significados e percepções concretas e diretas dos atores que participam da pesquisa. Deixa de ser apenas o discurso do professor que afirma que faz e acontece, para centrar-se nas vozes provenientes dos jovens e captadas in loco.

Foram essas vozes que me fizeram parar diversas vezes para analisar minhas aulas, as respostas dos questionários, os resultados obtidos nos exercícios e o que poderia ser feito; sem esquecer-se de permitir a colaboração e opiniões dos jovens. Para alguns pode parecer que a aula não tinha uma direção ou norte, mas o planejamento mesmo que inicial e flexivo serve, exatamente, para nortear e apontar um rumo da aula; porém nunca fechado e acabado, pois “Um professor reflexivo tem a tarefa de encorajar e reconhecer, e mesmo de dar valor à confusão dos seus alunos” (SHÖN, 1992, p. 85).

O diário de bordo, as gravações realizadas das aulas foram dispositivos catalizadores dessas nuances, já que passou ser meu segundo olho e ouvido; meu arquivo confidencial. Analisar o antes e depois dos jovens, as reclamações para realizar tarefas, as negociações para maiores prazos e facilidades de execução e/ou troca de atividade mostrou-me o quando é necessário desafiar e confiar em nossos jovens.

Pensei na educação como um todo, comparei a minha época de estudante (sem saudosismos), aos relatos de muitos jovens sobre suas aulas e escolas, cheguei à conclusão de que o que faltava em minha época e ainda falta nas escolas brasileiras é justamente desafiar os jovens, focar na importância da disciplina e, a todo o momento, motivá-los. Motivação essa não facilitando sua aprovação, passando o aluno por ele ser quieto na sala e não dar trabalho, mas levando a perceber que com um pouco de esforço e foco, consegue realizar qualquer atividade. Atividade voltada ao uso da tecnologia, da interpretação, de leitura ou das regras gramaticais.

Os jovens através do questionário II avaliaram-me como professora e a metodologia utilizando o *animê*/mangá “Naruto” e assim inverter os papéis de aluno sendo avaliado e a professora que avalia. A aprovação da minha metodologia com a nota 9,1 e do meu ser professora com a nota 9,7 só aumenta a minha responsabilidade de continuar reflexiva em relação a que tipo de subsunçor desejo ser e levar para a vida dos jovens que comigo realizarem processos de experiências.

E desde já escolho continuar a refletir minha práxis, as negociações, a necessidade de confiabilidade mútua entre professora-educandos, meus erros/acertos, as idas/vindas, o planejar/ replanejar, o seguir fielmente o definido e estar aberta a flexibilidade; além da importância da conscientização da forte influência que exerço sobre meus jovens tornaram-me e intensificaram a responsabilidade que exerço na vida desses e dos futuros jovens que em minha trajetória profissional passarem, já que posso considerar-me parte dos subsunçores necessários nesta conexão mental com os novos aprendizados.

7 – PAÍS DO VENTO E A VILA DA AREIA - RESULTADOS DA ALIANÇA SHINOBI: CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Eu dei o meu melhor para fazer as escolhas certas. Eu acreditei que o destino havia guardado isto para mim. E finalmente... Eu achei ter feito a coisa certa. Mas talvez eu estivesse errado novamente. Sim... Eu acho que ainda estou no meio de minha jornada."

Jiraiya - KISHIMOTO, M. **Naruto Shippuden**. 2007.

É fato que o período pandêmico desafiou a amplitude e a funcionalidade do dispositivo aqui estudado, no entanto, ao mesmo tempo permitiu explorar novas percepções e confrontá-las; possibilidades de reflexões ampliadas. Confirmou um produto da desterritorialização, adverso de a cultura brasileira ser utilizado como dispositivo potencializador da aprendizagem da língua portuguesa sem perda da identidade nacional. Sem esquecer que mesmo em um período pandêmico, de aulas remotas/on-line, distanciamento, perdas e sofrimentos, as aulas de português com seu dispositivo proporcionaram uma transformação de percepção da disciplina, do amplificar o domínio das possibilidades da língua; serviu de suporte para o enfrentamento de questões socioemocionais com a timidez, o sentimento de inferioridade, a falta de autoconfiança, o medo, a frustração, o errar para aprender.

Isso por estar presente nas conexões neurais dos jovens; conectar e unir educando/educador; dissolver o medo de perguntar, encarar desafios e permitir mudança de percepção; além de contribuir na autonomia, empenho, responsabilidade, persistência e motivação dos jovens colaboradores, voltados a sua vida estudantil como pessoal.

Nesse sentido, o estudo almeja contribuir para uma aprendizagem significativa por representar uma conexão existente entre o subsunçor *animê*/mangá "Naruto" e o conhecimento da língua materna; já que o que não é possuidor de sentido, não tem lógica e é carente de conexão neural. Sendo assim, "Naruto" tornou-se uma possível ligação entre o sentido dos jovens, presente em cada um, e o conhecimento pretendido do português.

Nessa perspectiva, "Naruto" foi implementado como dispositivo subsunçor, por ser símbolo significativo do jovem e, assim ampliar as visões e suas potencialidades; dado que cada um internaliza as informações e faz suas conexões intimamente, detectáveis ou não. Assim, a cada vivência por meio de conversas pessoais, em

grupo, escritas, mensagens de *WhatsApp* em grupo ou privada, resposta dos questionários, olhares e gestos levou-me a refletir, avaliar minhas ações, a repensar, modificar, aceitar novos direcionamentos, a montar-se e desmontar-se sempre que necessário.

E foi nessas idas e vindas que o dispositivo *animê/mangá* “Naruto” demonstrou-se ser potencializador da aprendizagem significativa da língua materna (Língua Portuguesa) nesta pesquisa. A partir dessa experiência, atentamos que mesmo em péssimas condições de acesso à tecnologia, os colaboradores, pertencentes às redes de ensino municipal e estadual demostram-se possuidores de persistência e vontade de fazer parte desse experimentar; negociaram, aceitaram desafios, desafiaram e ampliaram suas significações, seus subsunçores.

Após seu processo de experiência, o ensino do português com a utilização do *animê/mangá* “Naruto” conseguiu transformar a percepção de 76,4% dos jovens em relação à disciplina positivamente, obteve uma aprovação de 96,6% dos jovens que classificaram o ensino como ótimo ou bom e apenas 3,4% como regular. A pesquisa qualitativa provou ser mais eficaz e fidedigna em relação à quantitativa, nesta pesquisa, justamente por levar em consideração o momento da fala, os aspectos linguísticos e emocionais não captáveis por números e estatísticas.

Voltado à melhoria de percepção da nossa língua, levou-os também a perceberem suas capacidades de aprendizagem das regras gramaticais e tudo que possa envolver a língua. Prova disso foram às diversas formas de linguagem utilizadas por eles para apresentarem e realizarem tarefas sugeridas e desafiadas; em função da aplicabilidade do *animê/mangá* “Naruto” como subsunçor, com o papel de ser um dispositivo de possibilidades, de conexões para novos aprendizados voltados a competência gramatical e tudo que o envolve como ser humanos que vive, interage, convive e negocia constantemente sentidos.

Dessa forma, “Naruto” como subsunçor possibilitou que as aulas de Português tomassem forma, ampliassem possibilidades e modificassem relações e, seguindo as diretrizes da BNCC. Isso por ser aceito como metodologia por 83,3% antes mesmo de ser aplicada a pesquisa e uma aprovação de 91% dos jovens que considerou a ideia ótima ou boa após a sua aplicação. O fato de a narrativa ser considerada como diversão e sob uma ótica emocional ajudou em sua aprovação e no tornar a Disciplina de Português mais significativa, conseqüentemente mais atrativa, divertida e participativa.

O estudo contribuiu também para o aumento do gostar da disciplina no ILBJ (53,9%), para melhoria de sua relação com o Português (22,5%); na participação das atividades, visto que, 80,9% dos jovens responderam todas as atividades pontualmente e apenas 6,7% ficaram sem responder alguma atividade proposta. Ademais, ao relacionar o conhecimento prévio ao novo conhecimento com a utilização de “Naruto” foi constatado o aumento da aprendizagem em todas as classes gramaticais (76,4% - substantivo, 31,2% - artigo, 26% adjetivo, 19,1% verbo). Sem esquecer que mesmo não sendo obrigatório responder o questionário final, 100% dos jovens assim o fizeram.

Para isso que as estratégias de motivação foram incorporadas nas minhas aulas através de “Naruto” e suas histórias de superação, lições de moral, e personagem “humanos” que erra, acerta, possui defeitos, qualidades e problemas, mas que enfrentam as diversidades com coragem e treinos (estudos) para provarem para si e para os outros que são capazes, habilidades em pautas da BNCC.

A significação do *animê*/mangá “Naruto” na vida dos jovens, portanto, assim como, na minha vida pessoal facilitou as negociações e comunicação nas aulas e fora dela, proporcionou-me ser agente de liderança, sentir-me parte do processo, possuidora de status e, juntos, construtores de aprendizagens significativas e pessoais.

A narrativa mimética tirou-me da zona de conforto de professora e teletransportou-me ao mundo dos meus jovens, forçou-me a mudar o ângulo de visão constantemente e a encarar o mundo pela ótica deles. Esse chegar mais perto, viver e conviver na mesma história, negociar, conquistar confiança e aceitação foram possíveis; o medo foi desafiado, a coragem surgiu e os desafios foram aceitos.

Assim, a pesquisa demonstrou que o estudo e o domínio da Língua Portuguesa são considerados importantes pelos estudantes e sua amplitude os assusta, mas não a ponto de negarem-se a estudá-la, a sofisticá-la. Por conseguinte, baseado na nota dada a mim (99,7) e a metodologia escolhida por mim (9,1) escolho seguir o caminho que muitas vezes os aconselhei: doar o meu melhor, compatível a minha realidade; se faço o meu melhor agora, segundo minhas possibilidades estarei fazendo a escolha certa.

Seguir meus desejos, intuições, planejamentos, interpretações, “meu jeito ninja de ser” e dei o meu melhor nas condições que me apresentavam. Se tudo deu certo, não sei, porém participei com o máximo de esmero, rigor e desejo que minha

profissão, reflexão e persistência propiciaram ao processo e, assim me transformei e acredito ter potencializado os subsunçores dos meus jovens em *kunoichis* e *shinobis*.

Negociação, confiança, vivência, empatia (Shinra Tensei)⁴⁶, persistência, compartilhamento, compreensão, vontade, resiliência, superação, aspiração, coragem, força, garra, esforços, reconhecimento, participação, envolvimento, percepções, planejamento, possibilidades, inspiração, foco, ousadia, desafio, evolução, “erros”, acertos, constância, finitude, infinidade e jornada são substantivos que nomeiam e simbolizam a fusão de *chakra* entre o eu pesquisadora/professora e meus jovens, resultante dessa pesquisa.

Nomes estes construídos e fortificados pelo dispositivo *animê/mangá* “Naruto” responsável pelo processo químico, físico, emocional e gramatical ocorrido não somente com os jovens, mas o ser chamado professora/pesquisadora Marisete.

⁴⁶ Poder capaz de manipular a força de repulsão de matéria. Usada por Nagato (Personagem de “Naruto”) com intuito de fazer a Vila da Folha sentir a dor e, segundo ele conhecer a paz. Aqui utilizada como sinônimo metafórico de sentir a dor do outro e assim entender o outro.

REFERÊNCIAS

7 MINUTOZ. **Rap do Naruto – O SÉTIMO HOKAGE/NERD HITS**. You Tube, 19 maio 2020. Disponível em: < <https://youtu.be/ObQMysW58NA>>. Acesso em: ago. 2020.

7 MINUTOZ. **Rap do Rock Lee (Naruto) – A FORÇA DA MOTIVAÇÃO/NERD HITS**. You Tube, 09 dez. 2018. Disponível em: < <https://youtu.be/XwAzVXBjvNo>>. Acesso em: jul. 2020.

ABBADE, J. **Brasil está entre os países que mais assistem anime no mundo**. Jovem Nerd, 2017. Disponível em:< <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-assistem-anime-no-mundo/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

AGAMBEN, G. 2009. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BARBOSA, J. G.; HESS, R. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e o seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011.

BBC News Mundo. BBC NEWS BRASIL. **A brutal modernização do Japão que empurrou milhões de imigrantes para a América Latina**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57877049>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

BERARDI, F. **A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy**. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

BLOG BBM- Biblioteca Brasileira De Mangás. **Memória: Há 12 anos mangá “Naruto” era lançado pela primeira vez no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://blogbbm.com/2019/05/17/memoria-ha-12-anos-manga-naruto-era-lancado-pela-primeira-vez-no-brasil/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BLOG BBM- Biblioteca Brasileira De Mangás. **Mercados Internacionais: os mangás lançados em Portugal em 2020**. 2021. Disponível em: < <https://blogbbm.com/2021/01/03/mercados-internacionais-os-mangas-lancados-em-portugal-em-2020/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BLOG BBM- Biblioteca Brasileira De Mangás. **Números do mercado brasileiro de mangás em 2020**. 2021. Disponível em: <<https://blogbbm.com/2021/01/05/numeros-do-mercado-brasileiro-de-mangas-em-2020/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BRASIL (2019). PISA 2018. **Relatório Nacional**. Brasília, DF: INEP/MEC.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

BUCKINGHAM, D. Cultura digital: educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3172/317227078004.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CCXPWORLDS. **CCXP Worlds revoluciona eventos digitais e as produções virtuais em 113 países com mais de 250 lives simultâneas**. 2020. Disponível em: <https://www.ccxp.com.br/media/CCXPWorlds_Balan%C3%A7oFinal.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUS, M. A. **Percepções Pedagógicas do Animê/Mangá “Naruto” no Instagram**. 2020.

CRUZ, M. A. **Significações e Resignificações dos Memes de Naruto em Período de Pandemia no Instagram**. 2021.

DANSHI. **Melhores Eventos de Animes do Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://otakubfx.com.br/melhores-eventos-de-animes-do-brasil/>>. Acesso em 20 jul. 2021.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In. BUNZEN, C; MENDONÇA, M.(orgs). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARINHAS, C. **Os três pilares do aprendizado**. 2018. Disponível em: <<http://inoveduc.com.br/tres-pilares-do-aprendizado/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

FURUYAMA, G. **Mangá e a Transmissão de cultura**: o exemplo de Rurouni Kenshin. São Paulo: Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa – Universidade de São Paulo, 2008.

FUSCO, F. In: TEMIZEN. 2018. Disponível em: <<https://temizen.zenworld.eu/paginezen/approfondimenti/il-disegno-giapponese-pt2>>. Acesso em: 11 set. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2017.

GODOI, S. **20 Curiosidades sobre anime e mangá que todo otaku deve saber**. 2016. Disponível em: <<https://www.coisasdojapao.com/2016/12/20-curiosidadessobre-anime-e-manga-que-todo-otaku-deve-saber/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

GONÇALVES, D. **Antiguidades – Choujuu Jinbutsu Giga: O Primeiro Mangá da História?**, 2018. Disponível em: Acesso em: 11 set. 2021.

GOTO, M. **Quando Surgiram os Primeiros Mangás e Animes?**. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quando-surgiram-os-primeiros-mangas-e-animes/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAN, B-C. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAYAKAWA, S. **Contexto do Mangá e do Animê no Brasil**. 2008. Disponível em: <<https://www.nippobrasilia.com.br/noticias/contexto-do-manga-e-do-anime-no-brasil/>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

INSTITUTO LUCIANO BARRETO JÚNIOR (ILBJ). **Projetos: conheça os projetos realizados pelo instituto**. [s/d]. Disponível em: <<http://www.ilbj.org.br/projetos>>. Acesso em: 01 de nov. de 2020.

JIBACK, R. **‘NARUTO’ LEVA PRÊMIO DE MELHOR MARCA JOVEM/ADULTA DE 2021 NA LICENSING CON**. JBox, 2021. Disponível em: <<https://teamcomics.com.br/os-paises-que-mais-amam-os-animes/>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

KISHIMOTO, M. **Naruto Shippuden**. 2007. Disponível em: < <https://subanimes.biz/episodio/2180/> >. Acesso em: 21 dez. 2021.

Konohadobrasil [Instagram], Acessado em 11 outubro de 2021, [Instagram]. Disponível em: <<https://www.instagram.com/konohadobrasil/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.

LIGHT NOVEL. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Light_novel&oldid=60043547>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LIL DOM. **Naruto clássico- episódio 1 “completo dublado”@lildomofc**. You Tube, 08 jun. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/FZln7BkTjuM>>. Acesso em jul. 2020.

LIMA, F. **10 animes que marcaram a nossa infância!**. 2015. Disponível em:
<<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-animes-que-marcaram-nossa-infancia-2.html>>. Acesso em 12 set. 2021.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A Cultura Mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Lisboa: Ed. 70, 2008.

MACEDO, R. S. **Compreender e mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro, 2010a.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica e multirreferencial**. Salvador: EDUFBA, 2010b.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MACHADO, M. **Katsudo Shashin: o anime mais antigo do mundo, assista!**. 2015. Disponível em: <<https://www.desenhoonline.com/site/katsudo-shashin-o-anime-mais-antigo-do-mundo-assista/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

MANGÁ. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mang%C3%A1&oldid=61816934>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In A. P. Dionísio; A. R. Machado & M. A. Bezerra (Orgs.), **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2005.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios as mediações**. Prefácio a 5ª edição. Rio de Janeiro, Edit. UFRJ, 2006.

MELO, V. **10 maiores eventos sobre o mundo geek no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://br.blastingnews.com/cultura/2017/07/10-maiores-eventos-sobre-o-mundo-geek-no-brasil-001815657.html>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem Significativa: a teoria texto complementares**. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. S. **Aprendizagem Significativa: a Teoria de David Ausubel**. São Paulo: Edit. Moraes, 1982.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora EPU, 1999.

NARUTO SHIPPUDEN. Direção: Celia Catunda e Kiko Mistrorigo. Manaus: Warner, 2015. 3 DVD.

NASCIMENTO, P. M. et al. **Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36561>. Acesso em: 03 jun. 2021.

Nova Ilha do Tesouro (Mangá). **TEZUCA EM INGLÊS**. 2021. Disponível em: <http://tezukainenglish.com/wp/?page_id=734> Acesso em: 12 set. 2021.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M. C. (Org.). **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

O que é o mangá?. **JBC**, [s.d.]. Disponível em: <<https://editorajbc.com.br/mangas/inf/o-que-e-manga/>> Acesso em: 03 nov. 2020.

OLIVEIRA, L. **LOJAS OFICIAS DE 'CAVALEIROS', 'NARUTO' E 'DRAGON BALL' RETORNAM AO AR**. JBox, 2021. Disponível em: <<https://www.jbox.com.br/2021/09/17/lojas-oficias-de-cavaleiros-naruto-e-dragon-ball-retornam-ao-ar/>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Parecer do Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica nº 17/2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 03 de julho de 2000**. Despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de 17/8/2001, Seção 1, p. 46. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

ROSADO, S. D. **ITAD – Instituto de apoio e Desenvolvimento**, Lisboa. 2020. Disponível em: <<http://www.itad.pt/problemas-escolares/dislalia/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SALLES, R. **Cavaleiros do Zodíaco: há 27 anos Brasil exhibia episódio da aclamada produção japonesa**. 2021. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/o-viral/2021/09/13037070-cavaleiros-do-zodiaco-ha-27-anos-brasil-exibia-episodio-da-aclamada-producao-japonesa.html>>. Acesso em: 12 set. 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SATO, C. A. **História da animação no Japão**. Cultura Japonesa. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/cultura-pop/historia-da-animacao-no-japao/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SÉ, E. V. G. **Tecnologia**: manuais de aparelhos devem ter linguagem multimodal. Portal Vya Estelar, 2008. Disponível em: <<https://vyaestelar.com.br/tecnologia-manuais-de-aparelhos-devem-ter-linguagem-multimodal/>>. Acesso em: 18 maio 2021.

SILVEIRA, I. **Os países que mais amam os animes**. TC Team Comics, 2021. Disponível em: <<https://teamcomics.com.br/os-paises-que-mais-amam-os-animes/>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. Ed. Rio Janeiro: Vozes, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UGGIONI, A. **Como anime é feito? Quanto custa um anime? Saiba TUDO (ou quase)!**. 2019. Disponível em: <<https://cupulatrovao.com.br/especiais/como-animes-sao-feitos-quanto-custa/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

UGGIONI, A. **Indústria de animes cresceu cerca de 15% em 2019, com destaque em mercado externo**. 2020. Disponível em: <<https://cupulatrovao.com.br/industria-de-animes-cresceu-em-2019/>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Repenser l'éducation: vers un bien commun mondial?** Paris, UNESCO, 2015.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Glossário de Terminologia Curricular**. Paris, Bureau Internacional de Educação da UNESCO, 2016a.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Educação para Cidadania Global: tópicos e objetivos de aprendizagem**. Paris,

UNESCO, 2016b.

VIDA MARIA. **Vida Maria**. YouTube, 01 jul. 2017. Disponível em: <
https://youtu.be/yFpoG_htum4>. Acesso em: jan. 2020.

WOLTON, D. **Pensar a Comunicação**. DIFEL82-Editorial, Elges - Portugal; 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. São Paulo: Bookman, 2001.

5. Mora em que cidade? *

Marcar apenas uma oval.

- | | |
|---|--|
| <input type="radio"/> Aquidabã | <input type="radio"/> Japaratuba |
| <input type="radio"/> Aracaju | <input type="radio"/> Japoatã |
| <input type="radio"/> Arauá | <input type="radio"/> Laranjeiras |
| <input type="radio"/> Barra dos Coqueiros | <input type="radio"/> Nossa Senhora do Socorro |
| <input type="radio"/> Boquim | <input type="radio"/> Pirambu |
| <input type="radio"/> Capela | <input type="radio"/> Ribeirópolis |
| <input type="radio"/> Carmópolis | <input type="radio"/> Santa Rosa de Lima |
| <input type="radio"/> Cristinápolis | <input type="radio"/> São Cristóvão |
| <input type="radio"/> Cumbe | <input type="radio"/> Siriri |
| <input type="radio"/> Divina Pastora | <input type="radio"/> Outro: _____ |
| <input type="radio"/> Estância | |
| <input type="radio"/> Itaporanga | |

SOBRE O ANIMÊ/MANGÁ

6. Sabe o que é animê? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Só ouvir falar
 Nunca ouvir falar

7. Sabe o que é mangá? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Só ouvir falar
 Nunca ouvir falar

8. Conhece o animê ou mangá Naruto? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Só ouvir falar
 Nunca ouvir falar

9. Já assistiu o animê Naruto? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Nunca ouvir falar
 Só ouvir falar
 Não conheço, mas gostaria de assistir

10. Já leu o mangá Naruto? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Só ouvir falar
 Nunca ouvir falar
 Não conheço, mas gostaria de assistir

11. Algum (a) professor(a) já usou animê ou mangá para ensinar? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não lembro
 Usou outros tipos de desenho/animação

12. O que significa animê/mangá em sua vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Faz parte da minha vida
 Não significa nada
 Minha diversão
 Tudo para mim
 Melhor coisa que inventaram
 Outro: _____

13. A ideia de usar o animê/mangá Naruto para aprender Português é: *

Marcar apenas uma oval.

- Ótima
 Boa
 Regular
 Ruim
 Péssima

CONHECIMENTO BÁSICO DAS REGRAS DO PORTUGUÊS

14. Aprender a disciplina de Português na escola é: *

Marcar apenas uma oval.

- Ótimo
 Bom
 Regular
 Péssimo
 Não consigo aprender

15. Gostaria de aprender a disciplina de Português de maneira diferente? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, com certeza
 Não, seria chato de qualquer maneira
 Depende da maneira
 Não, está ótimo da jeito que está

16. Gostaria de entender Português de "verdade"? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, seria um sonho
 Sim, porque português é importante
 Não, já aprendo o português facilmente
 Não, não vejo serventia para nada
 Não, não faço questão de aprender português

17. Para você quais foram os motivos que te levaram a não aprender Português na escola? *

18. Na frase "Naruto correu e caiu" Quem é o substantivo? *

Marcar apenas uma oval.

- caiu
 e
 correu
 Naruto
 Não faço a mínima ideia

19. Na frase "Sakura chorou muito" Quem é o sujeito da oração? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito
 Chorou
 Sakura
 Não faço a mínima ideia

20. Se eu dizer que você é "forte" estarei te dando um: *

Marcar apenas uma oval.

- Substantivo
 Adjetivo
 Advérbio
 Pronome
 Artigo
 Não faço a mínima ideia

21. "Ino comprou a sandália." Quem é o artigo desta frase? *

Marcar apenas uma oval.

- sandália
 a
 comprou
 Ino
 Não faço a mínima ideia

22. Quem é o verbo da frase: "O grande poder de Choji está em sua gordura." *

Marcar apenas uma oval.

- Gordura
 Sua
 Está
 Choji
 Poder
 Grande

23. O que da disciplina de Português, você gostaria de aprender de "verdade"? *

Marcar apenas uma oval.

- Interpretação
 Escrever corretamente
 Ler corretamente
 Sei de tudo que preciso
 As regras gramaticais
 Nada, não vejo serventia aprender Português
 Outro: _____

Muito obrigada pelas suas informações. Vamos juntos escrever uma narrativa/história diferente?

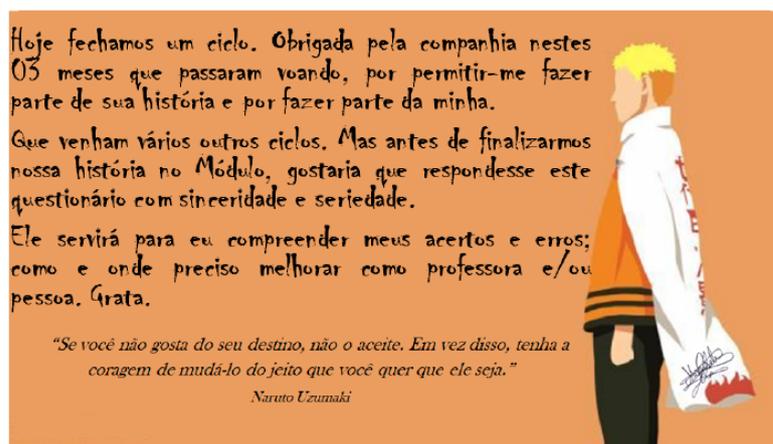
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO II – O FIM PARA O RECOMEÇO

O FIM PARA O RECOMEÇO

"Se tem um lugar onde pensam em você, esse lugar é o seu lar!"
Jiraya - KISHIMOTO, M. Naruto Clássico. 1997

*Obrigatório

OBRIGADA!



Dados Pessoais

1. Turma: *

Marcar apenas uma oval.

- B1
 B2
 J2
 M1
 M2
 U2
 C1
 C2
 N1
 N2

2. Sexo: *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino
 Outro:

Sobre o Animê/mangá "Naruto":



3. A ideia de usar o animê/mangá "Naruto" para aprender Português foi: *

Marcar apenas uma oval.

- Ótima
 Boa
 Regular
 Ruim
 Péssima

4. O uso do animê/mangá "Naruto", no Módulo de Português, te ajudou a entender melhor os conteúdos gramaticais? *

Marcar apenas uma oval.

- Claro, sem dúvida
 Sim
 Um pouco
 Não
 Ajudou em nada
 Piorou minha aprendizagem

5. O uso de "Naruto" nas aulas de Português te ajudou a: *

Marque todas que se aplicam.

	A entender melhor as regras gramaticais	A gostar da disciplina de Português	A gostar da professora	A entender melhor minha vida	A confiar mais em mim	A não desistir	A estudar mais	Não me ajudou em nada
Sim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. Hoje, o que significa animê/mangá "Naruto" para você? *

Marcar apenas uma oval.

- Faz parte da minha vida
 Não significa nada
 Minha diversão
 Tudo para mim
 Melhor coisa que inventaram
 Passou a fazer parte de minha vida
 Outro: _____

SOBRE O PORTUGUÊS



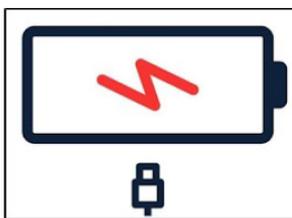
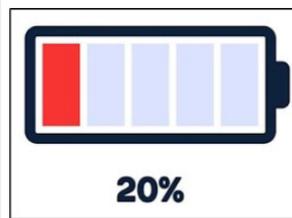
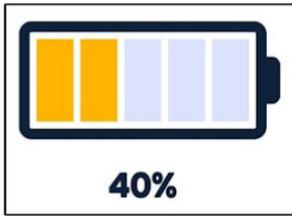
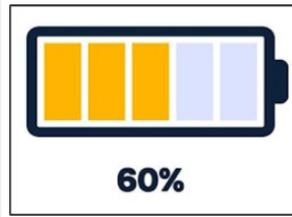
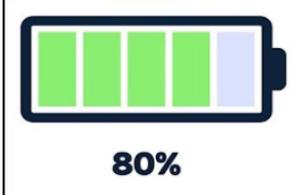
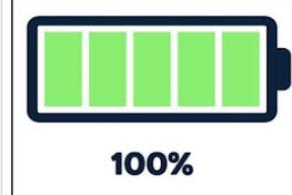
8. Aprender a disciplina de Português no Módulo de Português no ILBJ foi: *

Marcar apenas uma oval.

- Ótimo
 Bom
 Regular
 Péssimo
 Não consegui aprender

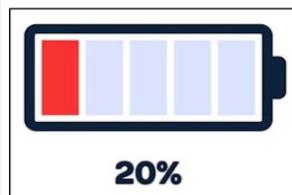
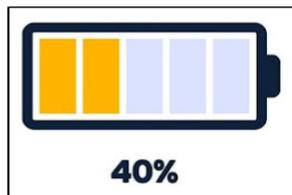
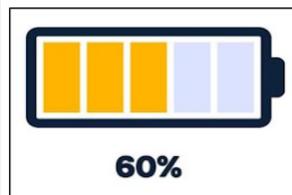
9. Comparando seu conhecimento inicial (antes do Módulo de Português) as bateria abaixo, qual seria seu conhecimento de português? *

Marcar apenas uma oval.

	
<input type="radio"/> Não sabia nada de português e precisava aprender tudo	<input type="radio"/> Sabia quase nada de Português e precisava aprender quase tudo
	
<input type="radio"/> Sabia um pouquinho de Português e precisava aprender muita coisa.	<input type="radio"/> Sabia muita coisa e precisava aprender muitas coisas também
	
<input type="radio"/> Sabia muito, mas ainda tinha algumas coisas para aprender	<input type="radio"/> Já sabia tudo e não precisava aprender mais nada

10. Comparando seu conhecimento agora (depois do Módulo de Português) as baterias abaixo, qual é o seu conhecimento de português? *

Marcar apenas uma oval.

	
<input type="radio"/> Não sei de nada de português e preciso aprender tudo	<input type="radio"/> Aprendi quase nada e ainda preciso aprender quase tudo
	
<input type="radio"/> Aprendi um pouquinho de Português, mas ainda preciso aprender muita coisa.	<input type="radio"/> Aprendi muita coisa e preciso aprender muitas coisas também

16. Na frase "Naruto chorou muito" Quem é o sujeito da oração? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito
- Chorou
- Naruto
- Não faço a mínima ideia

17. Classifique as frases em sua função da linguagem predominante: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Ela é toda boa e mais um pouco.	"Amor é fogo que arde sem se ver[...]"	O dicionário	Compre aqui, onde tudo é mais barato.	Alô! Está me ouvido?	Estudar previne o Alzheimer.
Emotiva ou expressiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Poética	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Metalinguística	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conativa ou Apelativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. O que você levará de aprendizado das aulas do Módulo de Português para sua vida? *

Avaliação da Professora:



19. Avalie a professora Marisete e a metodologia utilizada por ela para ensinar (Com "Naruto"): *

Marcar apenas uma oval por linha.

	0	1	2	3	4	5	6	7
Marisete	<input type="radio"/>							
Metodologia (Com "Naruto")	<input type="radio"/>							



20. Se pudesse mudar algo na aula ou na professora, o que mudaria? *

21. Este espaço é livre para escrever o que desejar. Fique à vontade:

OBRIGADA POR ESTAR COMIGO NESTA JORNADA -2021



<p>14- Após, refletir sobre a importância de ouvir, de perceber o outro e de olhar para si (autoconhecimento), o que chamou atenção no episódio assistido; se gostaram, entenderam a frase recebida e o que ela tem a ver com a sua vida; perceber quais relações serão realizadas com suas vidas; fazer uma ponte da dinâmica com o episódio assistido;</p> <p>14- Apresentar a disciplina e regras de convivência em sala, bem como as atividades a serem realizadas durante o Módulo:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Leitura e apresentação criativa de 01 livro escolhido pelo jovem; •Produção e encenação de uma versão de contos de fadas (ou de um animê/mangá); •Projeto de vida*; •Mapa Mental; •Questionários; •Subprojetos; • Conteúdos gramaticais; • 01 minutos de prancha em caso de atraso no horário de chegada, volta do intervalo (regra que se aplica também a educadora). <p>15- Explicar a pesquisa, o termo de consentimento e o questionário inicial (Online com perguntas referentes a idade e seu conhecimento sobre o Português);</p> <p>16- Lançar o desafio: Que ninja sou e qual quero ser?;⁵</p> <p>17-Aplicar o questionário online (No ILBJ ou em casa);</p>	<p>05 min.</p> <p>05 min.</p>	<p>jovem gosta e assim possibilitar as conexões com o conteúdo;</p> <p>⁴Desde o primeiro episódio do animê/mangá Naruto é possível ver as diferenças entre os personagens (alto/baixo, gordo/magro, o gênio/mediano; abaixo da média. Cores e formato de cabelos diversos, poderes focados relacionados as diferentes potencialidades do personagem). Ficar atenta para essas relações e como os jovens conseguem identificar-se.</p> <p>⁵ Com intuito de possibilitar a reflexão de suas vidas, visualizar seus sonhos, objetivos de curto e longo prazo, a necessidade de projetar o futuro, possuir uma perspectiva de futuro e, assim visualizar o que é preciso fazer para alcançar as metas traçadas e ambições. (Visto que os jovens atendidos pelo ILBJ, em sua maioria demonstram não ter objetivos e não vislumbrar um futuro) - <u>Final do Módulo (Que ninja me tornei? Estou satisfeito?..)</u></p> <p>OBS.: Todas as regras aplicadas aos jovens,</p>
--	---	---

		aplica-se também a educadora. * Anexo
AULA 02 – Processo de Comunicação e Função da Linguagem. 3h50		
<p>1- Iniciar a aula perguntando como os jovens estão e como foi seu dia anterior; bem como o alongamento conduzido pela professora que irá sortear um jovem para conduzir o alongamento na próxima aula (Fato que ocorrerá em todas as aulas);</p> <p>2- Dando continuidade com o jogo de adivinhação na lousa:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Dividir a turma em duas equipes: Equipe Gay e Kakashi; ¹⁻²; <p>4- Iniciar a aula com a atividade intitulada de “Deidara”:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cada equipe escolhe 03 representates; • O representante 01 de cada equipe irá desenhar na lousa 03 palavras sorteadas (uma de cada vez) <p>4- Iniciar a aula com a atividade intitulada de “Deidara”:</p> <ul style="list-style-type: none"> •O primeiro representante de cada equipe vem a lousa desenhar no quadro as 03 palavras sorteadas (uma de cada vez), os demais de sua respectiva equipe tentarão adivinhar qual palavra é;³ • O representante terá no máximo 03 minutos para desenhar as 03 palavras; •O tempo será cronometrado na lousa; •A equipe que conseguir acertar mais palavras no menor tempo ganha 01 ponto por palavra acertada. Sendo que cada palavra deverá ser desenhada uma por vez, mas podendo pular entre elas; •Qualquer utilização de linguagem que não seja o desenho implicará em desqualificação da equipe. <p>5- Finalizar a dinâmica com os representantes organizando as palavras no gráfico* de palavras de acordo com sua classificação: Naruto e Comunicação;</p> <p>6- Exibição do episódio 177 de Naruto Clássico -(1:43-20:29) <i>O carteiro e a troca de encomenda</i> e posterior conversa sobre a história, sua relação com a comunicação, ruídos, importância da comunicação, o que é comunicação; além do trecho do episódio 196 de Naruto Clássico (11:38-16:55) – Código morce. ⁴</p> <p>7-Questionar sobre a comunicação interna e externa em “Naruto” (Como se comunicam? Quais os instrumentos utilizados para a comunicação?...) Fazer referências a situações do animê como: Pássaro mensageiro, rádio sem fio, Câmaras de filmagem,</p>	<p>03 min.</p> <p>20min.</p> <p>19min.</p> <p>06:00min.</p> <p>30min.</p> <p>15min.</p> <p>60min.</p>	<p>¹Os nomes das equipes têm alusão a dois amigos e rivais do animê/mangá “Naruto”, que viviam em disputa para ver quem era o melhor; mas nunca perdiam o respeito, a amizade e admiração um pelo outro;</p> <p>²Sem necessidade de os jovens saírem de seus lugares, porém delimitando bem quem será equipe 1 e 2;</p> <p>³ Como o ILBJ possui Oficina de desenho, a escolha do desenhista a partir do segundo módulo será por sorteio, evitando que a escolha seja direcionada aos participantes da oficina.</p> <p>⁴Trabalha as competências 1,4, e 7 da BNCC, por possibilitar a conexão que levam os jovens a perceberem e valorizarem o conhecimento sobre a realidade de modo a usar/colaborar com a sociedade, por estar perante linguagens diferentes: mímica, HQS, verbal e não-verbal presente no físico e no ciberespaço e; por proporcionar-lhes a defenderem suas</p>

<p>Jutsus de telepatia, máquina de ampliação de leitura de mente, flauta demoníaca, dispositivo de comunicação e transmissão de Chakra e ao Time de Comunicação de Konoha: capitão Inoichi Yamanaka;⁵</p> <p>8-Mostrar que todas as formas de comunicação possuem uma intenção, uma função como pode ser observado na narrativa de Naruto;</p> <p>9-Fazer um breve histórico da comunicação: Desenhos em caverna- 3800 A.C.; Alfabeto sumério- 3200A.C.; Sinal de Fumaça -300A. C.; Pombo-correio- 2900A. C.; Posto de parada (cartas a cavalo)- 550A.C.; Impressão com Guttenber-1455; Código Morse-1837;⁶ Rádio-1890; Kinoscópio-1923; Satélite- 1957; Wold Wide Web- 1994, com auxílio de slides;</p> <p>8- Explicação da Função da Linguagem utilizando como exemplo o animê/mangá “Naruto”:⁷</p> <p>→Função fática – Teste do microfone – Ep. 18 Shippuden -Capítulo 263/mangá (11:24-14:28);</p> <p>→Função referencial - Informações sobre o selo que fecha a entrada do esconderijo (Ep. 18 Shippuden-Capítulo 262/mangá (5:59-8:18)</p> <p>→ Função poética – Poema do terceiro Hokage (10:56); Poema de Minato;</p> <p>→Função metalinguística - Quando Sakura explica para Naruto e Sasuke o que é o chakra e como concentrá-lo - Ep. 10 Clássico (11:00 - 12:09);</p> <p>→Função conativa ou apelativa: Naruto convence a Hokage Tsunade a mandá-lo a uma missão com a “bala de goma com castanha coberta com glacê de chocolate” Ep. 178 Clássico(5:36-6:53); Ep. 200 Shippuden – (00:00-3:00 e 04:35-07:02 (Apelo de Naruto);</p> <p>→ Emotiva – As várias frases marcantes de Naruto. (https://www.aficionados.com.br/frases-naruto/);</p> <ul style="list-style-type: none"> • A aula terminará com a atividade “revanche” : Utilizando as mesmas equipes da brincadeira inicial, fazer uma disputa da aprendizagem do dia, com as atividades online disponíveis no site Wordall: <p>1ª atividade: O representante 02 de cada equipe será o responsável por escolher e fazer a devida correlação dos exemplos dados a sua função da linguagem correspondente (Com auxílio da equipe); (https://wordwall.net/pt/resource/3382292/fun%C3%A7%C3%B5es-da-linguagem). Pontuação: 01 ponto a cada acerto.</p> <p>2ª atividade: O representante 03 de cada equipe classificará as frases segundo sua função da linguagem correspondente, com auxílio de sua equipe;</p>	<p>20min.</p> <p>35min.</p>	<p>ideias com fatos do enredo e a relacionarem com a realidade e fatos reais e assim conversar o outro de suas opiniões;</p> <p>⁵ O material a seguir pode ser utilizado como apoio em relação as tecnologias usadas no mangá e animê “Naruto”: https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Lista_de_Tecnologias;</p> <p>⁶ Na próxima aula será realizada uma atividade utilizando código morse para instigar a curiosidade...;</p> <p>⁷•Outros exemplos usuais e cotidiano devem ser somados a explicação, bem como sempre puxar dos jovens outros exemplos que eles lembram, conhecem e queiram compartilhar.</p> <ul style="list-style-type: none"> •Atentar-se para a possibilidade de conexões feitas pelos jovens dos exemplos utilizados com a vida real, com o conteúdo estudado e com o mundo que o cercam. <p>⁸Conseguir adquirir as habilidades para tornar-me uma “Chuunin” ou Continuo como “Genin” para adquirir maior experiência?</p> <p>⁹ Por ser o primeiro dia de construção do mapa mental; o tempo</p>
--	---	--

<p>(https://wordwall.net/pt/resource/3386367/fun%C3%A7%C3%B5es-da-linguagem). Pontuação: 01 ponto para cada acerto;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Somar as pontuações finais; parabenizar a todos pela participação e esclarecer possíveis dúvidas e autoavaliação⁸; <p>9- A aula terminará com a atualização do mapa mental e com mais uma questão reflexiva para a construção do Projeto de vida;⁹</p> <p>Projeto de vida: O que o ninja que escolhi ser na aula passada precisa mudar, melhorar, desenvolver durante o ano?</p>		<p>disponibilizado será maior.</p>
<p>AULA 03 - Variação Linguística, os níveis de linguagem. Preconceito social 3h50</p>		
<p>1- Antes de iniciar a aula fixar um cartaz em um local visível a todos, no momento que todos estejam em classe, com a frase “<i>Oxente! Você é arretado. Parabéns</i>” em código morse e, com o alfabeto e seu código morce correspondente. Não tecer comentários com os jovens¹, mas observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar as reações e aguardar possíveis perguntas, respostas dos jovens; • Se fizerem perguntas do tipo: O que significa? Para que isso? Não responder e desafiá-los a descobrirem por si; • Se falarem abertamente a frase decodificada, tirar alguns minutos (máximo 10 min.) para falar sobre a frase, a importância da curiosidade, do desafiar-se, tomar decisões...; • Se não houver respostas abertamente, no momento que a educadora achar pertinente, abre um espaço para instigar a respeito e levá-los a decodificar, fazendo a posterior conversa da OBS. <p>2- Iniciar a aula perguntando aos jovens como estão se sentindo e fazendo-os responder utilizando os gifs* referentes a Naruto espasto na lousa (triste, preguiçoso, apaixonado, bem, feliz, estressado, preocupado, indiferente...) e qual o motivo que os levaram a sentirem-se assim (escolhe o gif que te representa e dizer rapidamente por quê); bem como o alongamento realizado por um jovem que ao terminar, aponta quem iriar conduzir o alongamento da próxima aula;</p> <p>3- Apontar os gifs como uma das infinitas formas de comunicação verbal, não verbal e mista que sofreu transformação desde que foi criado em 1987; além da duas pronúncias (“JIF” e “GIF”) - Site de apoio:</p>	<p>01 min.</p> <p>05min.</p> <p>01 min.</p> <p>02 min.</p> <p>05min.</p> <p>05min.</p> <p>2h</p> <p>40min</p>	<p>¹A intenção é exercitar a curiosidade; provocar uma tomada de decisão individual; mobilizar atitudes e criar um desafio pessoal aos jovens; além de trazer algo referente a aula passada.</p> <p>²A aula seguirá como uma missão ninja: No animê/mangá Naruto, todo ninja recebe missão segundo sua graduação. Antes de sair para qualquer missão, seja ela fácil o difícil, o ninja recolhe toda e qualquer informação sobre o inimigo que irá enfrentar, bem como caracterisitca da região que irá para assim, construir estratégias que o possibilite completar a missão com maior eficácia e segurança de sua equipe. Ao final de cada missão, também é feito um relatório, em que descreve todo o percurso e tomada de</p>

<p>https://33giga.com.br/voce-sabe-qual-e-a-origem-do-formato-gif/);</p> <p>4- Questionar o que os Gifs têm a ver com a língua portuguesa, para que serve os gifs, para que serve a língua portuguesa, quais outras forma de linguagem/comunicação conhecem...;</p> <p>5- Complementar as respostas dos jovens explicando sobre a importância do domínio do Português, suas infinitas possibilidades de uso que nos permitem produzir sentido, expressar, partilhar informação (Experiência, ideias, sentimento etc. direcionado a um ou mais público específico), compreender e ser compreendido, resolver problema e, ter identidade;</p> <p>6- Chamar atenção para o fato da evolução de cada linguagem ao longo do tempo, das diferenças entre elas, suas intenções, focando na Língua Portuguesa;</p> <p>7- Com auxílio do PowerPoint, exemplificar as diferentes formas de linguagem (verbal, não verbal, mista, sonora, sinestésica, anímica, “internetês” Libras, regionais, culturais, social...), chamando atenção para a constante transformação não somente da língua portuguesa, mas das vestimentas, modos de pensar, dispositivos tecnológicos, alimentar e dos personagens de “Naruto”*: <ul style="list-style-type: none"> • Iniciar questionando se gostam de desafios; • Dar continuidade com a missão ninja: Manter a paz entre as 05 nações;² • Abordar o conceito e as variações linguísticas (de estilo, geográfica, social, de gênero, histórica, situacional, etária e regional), aproveitando o momento para deixar material para quem desejar saber mais sobre os falares do Sertão Nordestino, usar da interdisciplinariedade com as forma geométricas (ao irem na lousa escrever expressões regionais que conhecem); diferenciar epidemia, endemia e pandemia; bem como mostrar que variações e transformações não acontecem somente na língua, mas em tudo, já que: “No Universo nada se perde, nada se cria. Tudo se transforma” Lavoisier; •Levar os jovens a refletirem: Se até os personagens de ficção evoluem, o que evolui até o momento? •Finalizar com a avaliação da aprendizagem: Participar das 05 reuniões do kages, descobrir e prender os vilões infiltrados. •Receber os relatórios da missão (O vilão de cada reunião, o porquê de o escolher como vilão).³ </p> <p>8- Exibir os Podcasts* com os textos produzido pela educadora e lido por um mineiro, uma paulistana, uma</p>	<p>05min.</p> <p>05min.</p> <p>20min.</p>	<p>decisões que cuminaram no resultado obtido. Assim, partirei dessa estratégia para levar os jovens a recolherem o máximo de aprendizado sobre a Variação Linguística e conseguirem resolver a avaliação da aprendizagem final (a missão). Sem esquecer de exercitar o trabalho em equipe, o pensar no outro e avaliar a situação como algo que afeta a todos;</p> <p>³O jovem que trazer todas as inimigas infiltradas corretamente será convidado a falar um pouco sobre sua experiência na missão e será levado a se avaliar possuidor das competência de um “Jounin” ou se continua no nível de “Chunin”.</p> <p>⁴Neste momento ter sensibilidade de captar quais as interrelações do aprendizado com “Naruto” e como este facilitou ou não o entendimento do conteúdo; além da relação entre as variações linguísticas regionais reais com as estereotipadas. Perceber os preconceito linguísticos e sua melhoria com a reflexão voltada a Naruto.</p>
---	--	--

<p>sulista, uma baiana e uma macapaense para assim, perceber a diferença de sotaque real e não caricato como o repassado pelas mídias.⁴</p> <p>9- Assistir ao vídeo “Sotaque da Língua Portuguesa” e chamar atenção para as variações linguísticas da nossa Língua Portuguesa;</p> <p>10- Atualização do mapa mental;</p> <p>11- Projeto de vida: Sabendo o que é preciso melhorar para esse ninja tornar-me, o que posso fazer para melhorar?</p>		
AULA 04 – Figuras de Linguagem. 3h50		
<p>1-Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial</p> <p>3-A aula inicia segundo o modelo de “Missão Ninja” fazendo alusão ao animê/mangá “Naruto” com auxílio do PowerPoint:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nesta segunda missão, o jovens serão desafiados a capturar as Figuras da Linguagem (FL) que estarão causando terror na Vila do ILBJ; • Os jovens deverão capturar as FL e trazê-las a Vila da “Turma” e assim fazer o julgamento segundo a sua classificação; • Para realizar a missão os jovens serão direcionados a conhecerem as habilidades de cada FL e assim traçar a melhor estratégia para capturá-las (Sinestesia, catacrese, antítese, pleonasma, hipérbole, paradoxo, metáfora, nomatopeia, prosopopeia, ironia, eufemismo e comparação) em forma de imagens e relacionando seus exemplos e explicações aos personagens da animação e suas respectivas características; • A avaliação será realizada através da missão e sua execução segundo as orientações:¹ <ul style="list-style-type: none"> ● Soubemos por fontes seguras que as “inimigas” (FL) estão escondidas no ILBJ, nas coordenadas: Recepção, corredores, espaço de convivência, cyber e sala de leitura); ● Formem equipes de 3 ninjas; ● Organizem suas estratégias segundo seus conhecimentos; ● Cada equipe trará uma prisioneira de cada; ● Cuidado: Existem cúmplices disfarçadas para enganar vocês; ● Vocês terão 30 minutos para formarem a equipe e trazer as prisioneiras que conseguirem; <p>OBS.: Não poderá sobrar ninja sem equipe. Ó mínimo de integrantes por equipe serão 02 e máximo 03. Se</p>	<p>05:00min.</p> <p>3h</p> <p>20min</p> <p>20min.</p>	<p>A atividade pretende observar o trabalho em equipe, a capacidade de ouvir, argumentar, partilhar informações, autonomia, responsabilidade, cooperação, o fazer escolhas conscientes e desafios que irão enfrentar na vida; ao mesmo tempo em que auxilia na aprendizagem do português.</p> <p>²Autoavaliação: Tenho as habilidade necessárias para tonar-me um membro da “Anbu” ou permaneço sendo um “Jouunin” e adquiro maior experiência?</p>

<p>uma ou mais equipe for a campo e sobrar algum integrante, todos falharão na missão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das “inimigas” capturadas; • Finalizando com as apresentações das “prisioneiras” capturadas;² • Verificação das das prisioneira e explicação de possíveis dúvidas e equívocos. • Finalizando apontando as futuras missões; <p>4- Atualização do mapa mental;</p> <p>5- Projeto de vida: Quais meus pontos fortes e fracos que podem me ajudar ou atrapalhar a conseguir alcançar meus objetivos?</p>		
AULA 05 – Dificuldades Ortográficas e Semânticas 3h50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- Iniciar a aula com as imagens das diferentes Kunai (uma das armas ninja) questionando sobre as diferenças entre elas, salientando a diferença de cada uma mesmo sendo a mesma arma(Kunai);¹</p> <p>4- Em seguida fazer um paralelo com as palavras existentes em nossa língua que são muito parecidas na pronúncias e escrita, mas que possuem significados diferentes, utilizando-se da nuvem de palavras, das tirinhas e da analogia entre os personagens Gay e Rock Lee levando-os a perceberem o que há de diferente e igual nas palavras expostas na lousa e/ou dos personagens;²</p> <p>5-Seguir com a diferenciação entre os parônimos e homônimos com o auxílio do “mapa mental”;</p> <p>6- Instigar os jovens a lembrarem letras de músicas que contenham as palavras estudadas e/ou que sejam exemplos de parônimos/homônimos;</p> <p>7-Com auxílio de imagens explicar as diferenças ortográficas e semânticas dos parônimos e Homônimos: Uso dos porquês, onde x aonde, mal x mau, mais x mas, sessão x seção x cessão, agente x a gente x há gente, coser x cozer, meia x meio, grama, fragante x flagante, viagem x viagem, cinto x sinto, cumprimento x comprimento, tráfico x tráfico, calda x cauda, cerrar x serrar, acento x assento, cesta x sesta x sexta, cela x sela, tacha x taxa, russo x ruço, peão x pião, cavalheiro x cavaleiro, espectador x expectador, emigrar x imigrar, infração x inflação, soar x suar, concerto x concerto, censo x senso, cervo x servo, descrição x discricção, cheque x xeque, cassar x caçar, céptico x séptico, imergir x emergir, incerto x inserto,</p>	<p>05min.</p> <p>2h</p> <p>10min.</p> <p>15min.</p> <p>40min.</p> <p>15min.</p> <p>20min.</p>	<p>¹Permitir a relação de sentido com os parônimos e Homônimos.</p> <p>²Utilizar exemplos do dia a dia e do animê/mangá “Naruto” para contextualizar e introduzir o conteúdo Parônimo e Homônimo. Visualizar o entendimento advindo dessa analogia na percepção do valorizar características diferentes/peculiares e semelhante;</p> <p>³Utilizando as mesma equipe (Gay e Kakashi), escolher um representante de cada para ir jogar na lousa.</p> <p>⁴Conseguir experiência e conhecimento suficiente para ser um “Sanin” ou ainda preciso passar mais um tempo como “Ambu”?</p>

<p>absolver x absorver, espiar x expiar, acender x ascender, estar x está x esta e dar x dá;</p> <p>8-Fixar e avaliar a aprendizagem com o jogo online: Jogo 01: parônimos e homônimos³- Alternadamente a vez, cada representante escolhe qual parônimo ou homônimo completa corretamente a lacuna. Ganha a equipe que mais demonstrar dominar a semântica dos parônimos e homônimos.</p> <p>Jogo 02: Jogo da força - ⁴O segundo representante de cada equipe juntamente com os demais da equipe, tentarão descobrir a palavra da força, com auxílio somente da dica dada pelo jogo. Ganha quem acertar o maior número de palavras sem cometer o “suicídio” ou no menor tempo.</p> <p>9- Com auxílio de uma tabela, será explicado o conceito de pronomes e seus tipos, bem como os pronomes de tratamento e suas abreviaturas para servir de suporte para o Módulo de Informática ao trabalhar com os “Textos Oficiais”;</p> <p>•Representante escolhido pela equipe, de preferência diferente dos representantes de jogos já realizados. Nos dois jogos, os representantes se alternaram para jogar.</p> <p>10- Finalizando com o bingo dos parônimos e homônimos contendo palavras estudadas na aula e assim avaliar a aprendizagem;</p> <p>11- Pedir para os jovens postarem no google sala de aula imagens ou fotos com referência placas, comerciais, fachadas e/ou imagens que contenham palavras com erros de acentuação ou ambíguas (Palavras que serão complementadas, acentuadas corretamente na próxima aula; além de classificá-las segundo suas regras de acentuação e sua autoavaliação.⁴</p> <p>13- Atualização do mapa mental;</p> <p>14- Projeto de vida: Como posso reverter/eliminar meus pontos fracos/negativos e fortalecer meus pontos fortes positivos?</p>		
AULA 06 – Acentuação Gráfica - Novo Acordo Ortográfico 3h50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- A aula iniciará com a explanação a respeito da plataforma Google Classroom como instrumento pedagógico e sua utilização;</p> <p>4- Dando continuidade será lido com os jovens um ou mais capítulos do mangá “Naruto” escolhido (s) pelos jovens observando e chamando atenção para palavras</p>	<p>05min.</p> <p>10min</p> <p>30min</p> <p>10min</p>	<p>¹Outros tipos de textos podem ser utilizados para introduzir e apresentar o conteúdo aos jovens. Observar quais capítulos foram escolhidos e as motivações da escolha;</p>

<p>acentuadas, sem acentos, diferenças de pronúncia, mudança de significado e, deixando claro a importância de acentuar as palavras;¹</p> <p>5- Apresentar palavras sem acentos para a observação do porquê de acentuar e, para a percepção da diferença de pronúncia e significado, posterior acentuação das palavras pelos jovens com auxílio da professora;</p> <p>•Palavras que os jovens costumam ter dificuldades de acentuação e observadas durante o módulo e/ou palavras ao qual é comum erros de acentuação gráfica;</p> <p>6- Explanar as regras de acentuação e as mudanças ocorridas na Língua, nos países lusófonos, em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico com auxílio do PowerPoint;</p> <p>7- Finalizar com as imagens coletadas pelos jovens das propagandas, fachadas, imagens com palavras que fogem à norma de acentuação gráfica e posterior associação à regra a qual pertence?²</p> <p>8- Autoavaliação;³</p> <p>9-Atualização do Mapa Mental;</p> <p>10- Projeto de vida: O que consegui melhorar e em que ponto preciso focar?</p> <p><i>OBS.: Pedir aos jovens que tragam para a próxima aula um objeto que o/a represente, identifique-se de alguma forma (para uso na próxima aula).</i></p>	<p>2h</p> <p>20min.</p> <p>20min</p>	<p>²Chamar atenção para a importância de referenciar qualquer produto midiático usado como material de estudo, para apresentação, adaptação e/ou uso pessoal/coletivo desde que não seja de sua autoria.</p> <p>³Conseguir conhecimento suficiente para permanecer no Nível “Sanin” ou é melhor buscar maior prática como “Ambu”?</p>
AULA 07 – As Classes Gramaticais 3h50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- A aula iniciará com uma conversa sobre a importância de estudar e aprender as classes gramaticais (Por que e para que estudar as classes gramaticais?);</p> <p>4- Em seguida, os jovens serão direcionados a responderem as perguntas a seguir (individualmente), segundo o objeto trazido:¹</p> <p>•1-Que objeto você trouxe?²⁻³</p> <p>•2-Quais são as qualidades e defeitos?</p> <p>•3-Por que te representa/identifica?</p> <p>•4-O que faz dele (objeto) especial?</p> <p>•5-O objeto que você trouxe é composto por quantas partes?</p> <p>•6-Forme duas frases utilizando o objeto que você trouxe.</p> <p>•7-Junte essas duas frases.</p>	<p>5min.</p> <p>15min.</p> <p>20min.</p> <p>2h</p> <p>15min.</p>	<p>¹Na aula anterior (Acentuação); foi solicitado aos jovens que trouxessem, nesta aula, um objeto que os representassem, que se indentificassem...</p> <p>²Perguntas com o intuito dos jovens utilizarem as classes gramaticais em suas respostas e assim possibilitá-los a verem concretamente seu uso, ao mesmo tempo em que compreendem sua aplicabilidade e conceito;</p> <p>⁴A classe de palavra que perceber que não</p>

<p>•8-Se você perdesse esse objeto, qual seria sua reação?</p> <p>5- Posterior, será explicado o conceito de cada classe de palavra e a relação com as respostas dadas as perguntas realizadas;⁴</p> <p>6-A medida que forem dando suas resposta, fazer links com os objetos do mundo ninja, sua importância pessoa, os sentimentos envolvidos etc...⁵</p> <p>7-Como avaliação será realizado o jogo da memória com os personagens de “Naruto” produzido pela educadora:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por questões de logística e para evitar aglomeração, a divisão da turma seguirá a divisão inicial: Duas equipes (Gay e Kakashi); • Serão escolhidos 02 representantes por cada equipe;⁶ • O primeiro representante de cada turma virá a lousa e tentará encontrar os pares correspondentes. Quem iniciará será tirado no par ou ímpar. Assim, um dos representantes inicia o jogo e se acertar a combinação, continua a jogar até errar, passando para o representante da outra equipe que dará continuidade ao jogo. Este por sua vez também continuará a jogar até errar a combinação e passar a vez para o adversário; •Ganha quem conseguir formar o maior número de combinações • Se por um acaso, terminar empatado, deixa o desempate para a próxima atividade; • Pontuação: 01 ponto para cada combinação correta; <p>7.1- E o jogo das classes de palavras online (Neste jogo, os jovens irão ligar o exemplo dado a classe de palavra correspondente):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Neste, a tela inicial do jogo será exposta para a turma que em conjunto decidirão a classificação das palavras e, em seguida será passado para seu representante que terá que fazer a ligação das mesmas, corretamente, no menor tempo possível;; • Como as palavras se repetem e apenas uma pessoa poderá trabalhar com a lousa, para evitar a aglomeração, foi observado que o trabalho em equipe poderia ser utilizado. Para que a primeira turma ao ir a lousa não seja prejudicada, dar-se-á o tempo de 3 minutos para as equipes classificarem e orientarem sua/seu representante. Passado o tempo, os representantes serão levados a frente e o da equipe que estiver perdendo, dará início ao jogo. O representante da outra equipe, ficará de costas para a 	<p>15min.</p> <p>20min.</p>	<p>foi contemplada nas respostas e/ou não foi compreendida, deverá ser focada ao final das apresentações.</p> <p>⁵O intuito desse link é trazer e o e perceber a relação dos conceitos das classe gramaticais com os conceitos pré-existente na mente do jovem, para isso que que os objetos pessoais, de cunho afetivo e identitário servirá, bem como as relações com objetos, personagens, ações do mundo ninja e o afeto existente;</p> <p>⁶Preferencialente, representantes que ainda não participaram de atividade na lousa e assim permitir que todos participem.</p> <p>OBS.: No momento que o representante 01 estiver jogando, será proibido qualquer comunicação. A equipe que tentar burlar as regras será desclassificada e perderá 05 pontos.</p> <p>Posso tornar-me um “Hokage” ou continuo “Sanin”?</p>
---	-----------------------------	--

<p>lousa e iniciará sua classificação assim que o primeiro grupo finalizar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O segundo representante de cada equipe virá a lousa (iniciando pela equipe que estiver perdendo), fará as ligações segundo seu entendimento; • Ganha quem fizer o maior número de ligação, corretamente, no menor tempo; • Pontuação: 01 ponto para cada classificação correta e 02 pontos para a equipe que conseguir finalizar o jogo no menor tempo; • Atualização do mapa mental; • Projeto de vida: Alguém pode ajudar-me a desenvolver a habilidade que necessito? Como faço para ter essa ajuda? 		
AULA 08– Narração/Autobiografia 3h50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- A aula iniciará com provocações a respeito de: Quem sou? Qual minha cor favorita? Qual meu time de futebol? Um fato marcante em minha vida? Um cheiro que ficou? Um gosto marcante?</p> <p>• Não é obrigatório que sejam respondida, o intuito de tais questionamentos é servir de aquecimento para a aula, ao permitir uma reflexão sobre sua própria vida. No entanto, nada impede que elas sejam respondidas pelos jovens;</p> <p>4- Em seguida será exibido o “Rap do Naruto – O sétimo Hokage/Nerd” e o Curta Vida Maria;</p> <p>5- Posterior conversa sobre as duas narrativas e o que elas têm em comum;</p> <p>6- Seguir com a Atividade “Brincando de Imaginar”:¹</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuir 04 cartões para cada jovem e pedir que eles os enumerem (1-4); • No cartão 01 escrever em seu verso com uma palavra: um ninja/herói; • No cartão 02, um lugar; • No cartão 03, minha cor predileta; • No cartão 04, um cheiro que te traz recordações; • No cartão 05 e último, um sabor marcante • Criar novos nomes para cada palavra escrita. • Terminado essa fase, será solicitado que cada jovem crie uma história curta utilizando as informações dos 04 cartões. Ao criarem a história, os mesmos apresentarão a narrativa aos demais da turma. <p>5- Posterior serão explanados os elementos da Narrativa, as características do texto autobiográfico;</p>	<p>05min.</p> <p>05min.</p> <p>15min.</p> <p>20min.</p> <p>30min.</p> <p>15min.</p> <p>30min.</p> <p>20min</p> <p>1h.</p> <p>20min.</p>	<p>¹Esta atividade dará continuidade a reflexão sobre suas vidas, as influências que receberam da família, seus gostos e preferências; além de perceberem que somos um somatório de acontecimentos, vivências e escolhas; trará importância da família, a resiliência fazendo uma ponte direta com suas próprias vidas;</p> <p>³ Perceber a comparações realizadas pelos jovens, entres os personagens do animê (Naruto, Inari e Haku) com o curta (Vida Maria); além da conexão com suas realidades e, a ver que: “O que aconteceu com você até agora não é o que vai definir o seu futuro, e sim a maneira como você vai reagir a tudo que aconteceu...” Autor Desconhecido.</p>

<p>bem como mostrar a dinâmica como um exemplo narrativo e como é fácil produzir uma narração;</p> <p>6-Exibir os episódios 11 e 12 do animê (1:45-21:30/1:47-18:12) ou ler os capítulos 19 e 22 do mangá “Naruto Clássico”, como exemplo de narração;</p> <p>7-Debate sobre os episódios ou os capítulos lidos: O que entenderam? O que chamou atenção? O que tem de real a narrativa fictícia? O que Inari tem em comum com Naruto? Por que Inari, Naruto e Haku fizeram de diferente em suas vidas?³</p> <p>•Chamar atenção para o ser social nato que somos; das influências que absorvemos; das escolhas que achamos fazer, mas que apenas copiamos; da importância de quebrar o círculo vicioso que nos é imposto pelas influências sociais, familiares, econômicas e culturais; a responsabilidade e o peso das escolhas;</p> <p>8-Produção da Autobiografia;</p> <p>9-Atualização do mapa mental.</p> <p>Projeto de vida: O que levo da aula de hoje para minha vida?</p>		<p>Posso tornar-me um “Hokage” ou continuo “Sanin</p>
AULA 09– Noções Gerais em Concordância Verbal e Nominal 03h 50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- A aula iniciar-se-á expondo memes de Naruto e propaganda observando sua construção e erros gramaticais e de concordância e assim, mostrar a importância do porquê estudar a concordância nominal e verbal;</p> <p>4- Seguir expondo as regras básicas e algumas exceções necessárias para utilização eficaz da concordância nominal e verbal, com auxílio do PowerPoint;¹</p> <p>5- Seguir solicitando aos jovens que utilizem seus celulares e pesquisem memes; postagens no Instagram, blogs, sites especializados, Facebook de Naruto; além de propaganda em geral observando as regras de concordância estudadas e outros erros gramaticais ou ortográficos.</p> <p>6- Orientar os jovens a postarem os resultados da pesquisa, bem como seus comentários na plataforma virtual;</p> <p>7- Postar atividade de fixação e avaliação na plataforma Virtual (Google Classroom) com intuito de fixar, avaliar o entendimento do conteúdo; além de servir como complementação das horas do Módulo;</p>	<p>05min.</p> <p>15min.</p> <p>2h</p> <p>15min.</p> <p>05min.</p>	<p>¹As frases utilizadas como exemplos podem fazer referências a personagens e fatos do animê/mangá – criadas pela educadora ou pelos jovens;</p> <p>• Observar como o uso desse exemplo são recebidos pelos jovens e se facilitam sua participação e envolvimento com a aula, sem esquecer do aprendizado.</p> <p>Confirmo eu posto de “Hokage” o deixo ser questionado?</p>

<p>• A atividade será postada com data e horário de devolução pré-definida; 8-Atualização do Mapa Mental; 9- Projeto de vida: O que ainda impede de realizar as melhorias que quero e preciso?</p>		
AULA 10, 11 e 12 – Recriando Contos de Fadas 11h 30		
<p>1- Antes de iniciar cada aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior; 2- Seguindo com alongamento inicial; 3- A aula iniciará com a exibição do filme The last – Naruto o Filme;¹ 4-Em seguida debater sobre os fatos apresentados pelo filme (analogia com a realidade); além de fazer uma comparação com os contos de fadas tradicionais; 5- Questionar sobre exemplo de contos de fadas conhecidos pelos jovens (Branca de Neve e os sete anões, Cinderela, Peter Pan, O patinho feio, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho entre outros); 6- Apontar as características do Gênero Contos de Fadas; 7-Em seguida os jovens serão direcionados a criarem uma história baseada nos contos de Fadas e/ou no animê/mangá “Naruto” utilizando uma abordagem real e social, com analogia da história(s) escolhida(s) com os tempos atuais oferecendo-lhe uma nova roupagem e debatendo uma temática social (trabalho infantil, homofobia, racismo, corrupção, intolerância religiosa...)² 8-Distribuir os personagens entre os jovens através dos critérios: timidez, medo de falar em público e pouca participação em sala de aula. Utilizar a encenação teatral e o momento lúdico para desafiá-los a desenvolverem suas potencialidades comunicativas, a quebra de timidez, o trabalho em equipe e sua criatividade.³ 9- Ensaiar, com auxílio do roteiro, as falas, posicionamentos, entrada e saída dos personagem de cena; 10- Fazer os possíveis e necessários ajudes, seja do roteiro, personagens, sonoplastia ou figurino 10- Escolha do figurino das personagens, adequado-as as personagens retratadas.</p>	<p>05min. 01h 45 25min. 05min. 15min. 3h 4 horas 25min. 20min. 15min. 20min.</p>	<p>¹Mesmo que o filme “The Last” não seja um Conto de Fada, será utilizado aqui como um exemplo para tal; por apresentar as características principais: elementos mágicos e fantásticos, encantamentos, “princesa e príncipe”, estrutura (situação inicial, complicação ou conflito, desenvolvimnto e desfecho final, tempo, temática, espaço) e ainda um romance de leve. ²Observar a evolução comunicativa, a mudança de postura e da persistência; o desafiar-se; o empenho, a responsabilidade e envolvimento com o papel; o antes de depois. ³ Mesmo que pareça arriscar demais, colocar um joven tímido para ser o personagm principal, tal critério (há 5 anos) vem dando supercerto e, não houve qualquer desistência,</p>

<p>11- Apresentação no auditório e transmissão ao vivo para os demais jovens do ILBJ, em suas respectivas salas.</p> <p>11- Feedback da experiência : dificuldades, melhorias, o que gostou, não gostou, o que poderia ser melhorado, sugestões, em que a participação nesta encenação ajudou...?</p> <p>Projeto de Vida: Pensar sobre o que posso, preciso e quero melhorar, ajudou a focar em meus objetivos? É válido pensar no meu projeto de vida (expectativas para o futuro...)?</p>		<p>travamento ou passar mal, dos jovens que lancei o desafio. Muito pelo contrário, mesmo não se vendo capaz, ou dizendo não servir para o papel, os mesmos conseguem provar para si que um pouco de persistência, treinamento e fé os permitem evoluir.</p> <p>Confirmo eu posto de “Hokage” ou enfraqueço meu título?</p>
<p>AULA 13 – MINIPROJETO INTERDISCIPLINAR DESENHO E INTERPRETAÇÃO Desconecta e Reconecta com a leitura 3h50</p>		
<p>1- Antes de inicia a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3- A aula iniciará com a explicação do que é interpretação,</p> <p>4- Em seguida apresentar o miniprojeto em parceria com a Oficina de Desenho:¹</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o tema: “Naruto em minha vida: Jutsu Cabra da peste” ao qual os jovens participantes da Oficina de Desenho irão produzir os desenhos: <ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente, apresentar o tema direcionando as produções, a nossa cultura, as relações de proximidade com a ficção, aos motivos que levam-na ser próxima a suas realidades e/ou aos sentimentos, significados e sentidos suscitados; • Orientar a respeito das interpretações a serem realizadas; • Oferecer possibilidades de escrita da interpretação: poema, análise dissertativa, paródia, entre outros, desde que traduzam em palavras as impressões e interpretações suscitadas. • A interpretações serão em duplas e organizadas em um único texto; <p>5- Análise das interpretações realizadas e organização das mesmas para compor, juntamente com seu respectivo desenho, uma exposição no salão da recepção.</p> <p>6- Organização da exposição pelas educadoras e alguns jovens: realizada em dia e horário fora diferente</p>	<p>05min.</p> <p>15min.</p> <p>25min.</p> <p>15min</p> <p>15min.</p> <p>10min.</p> <p>2h</p>	<p>¹Os jovens participantes da Oficina de Desenho irão produzir desenhos referentes ao tema: “Naruto em minha vida: Jutsu Cabra da peste”. Tais desenhos serão disponibilizados aos jovens do Módulo de Português, por meio do Google sala de aula, que terá a responsabilidade de interpretar e traduzir em palavras os sentimentos, emoções e impressões causadas: Perceber quais sentimentos surgirão na interpretação e suas justificativas.</p>

<p>da aula e, por isso, participará o jovem que tiver tempo livre e deseje participar da montagem da exposição;</p> <p>7- Convidar as turmas dos demais Módulos a prestigiarem a exposição salientando as intenções do tema deste ano e a possibilidade de deixar sua interpretação, impressões e sugestões na caixa de interpretações (Convite realizado por algum(a) jovem do Módulo de Português).</p> <p>8- Conversar sobre as dificuldades de interpretação, sugestões de melhorias, se gostaram, o que gostaram...;</p> <p>9-Parabenizar a todos pelo esforço e cooperação para a construção da exposição de desenhos e interpretação do Módulo de Português -2021.</p>		
AULA 14 – Memorial Formação 3h50		
<p>1- Antes de iniciar a aula perguntar como os jovens estão e como foi seu dia anterior;</p> <p>2- Seguindo com alongamento inicial;</p> <p>3-Iniciar a aula esclarendo a ordem das apresentações (Os jovens foram orientando no primeira dia de aula a lerem um de sua escolha e organizar uma apresentação criativa em qualquer formato);</p> <ul style="list-style-type: none"> •1º Revisarem os conteúdos estudados com auxílio de seu mapa mental; •2º Organziar uma apresentação em grupo, do aprendizado tido no Módulo, em forma criativa e rápida (jornal, telejornal, poema, paródia, cordel, encenação teatral...); •3ºApresentarem o resumo do livro lido (pré-organizado) salientando o autor, personagens mais importantes, enredo, o que mais gostou e não gostou, se recomendaria a leitura e o porquê.¹ •4º Sinstetizarem seu projeto de vida: Em que pensar sobre, ajudou ou não, na organização, mudança, evolução e transformação em sua vida? <p>6- Dar início as organzições e apresentações citadas acima, fazendo anotações necessárias como: criatividade, evolução (falar em público, timidez, domínio do conteúdo, organização, trabalho em equipe, atenção e respeito as apreentações dos colegas, reações individuais...);</p> <p>7- Agradecer a parceria e pelo protagonismo da pesquisa que não seria possível sem cada um; além do respeito e sugestões dadas;</p> <p>8- Finalizar derecionado-os a respoderem o questionário com intuito de avaliar a metodologia, a professoas e a influência do uso do animê/mangpa</p>	<p>05min.</p> <p>15min.</p> <p>06 min.</p> <p>/jovem²</p> <p>08 min.</p> <p>/jovem³</p> <p>05:00min</p>	<p>¹ • Os jovens foram orientando no primeira dia de aula a lerem um livro, de sua escolha e, organizarem uma apresentação criativa em qualquer formato;</p> <ul style="list-style-type: none"> •As apresentações do livro e do projeto de vida serão individuais; já a apresentação do Mapa mental será trio e terá 10 minutos cada apresentação; <p>² Levando em consideração a redução das turma em 70% a turma maior (21 alunos) teremos em média 2h e 10 minutos de apresentações dos livros e do projeto de vida;</p> <p>³ Levando em consideração a turma maior (21 jovens) teremos em média 56 minutos de apresentação com 7 equipes (3 intergrantes) no máximo.</p>

<p>"Naruto" em sua aprendizagem de forma online no ILBJ ou em casa. (Poderá ser respondido fora do tempo de aula).</p>		<p>OBS.: Perceber quais sentimentos e percepção do animê/mangá Naruto se confirmam nas apresentações, quais se repetem, as mudanças nas apresentações(postura, nevorsismo, desenvoltura, timidez, comprometimento com a atividade e etc...).</p>
<p>https://tutormundi.com/blog/bncc-lingua-portuguesa/</p>		

1- Frases Dinâmica Quebra-gelo:

1	<p>" Você não é perfeito, você comete erros e fica mais forte por causa deles. Eu acredito que essa é a verdadeira força." Hyuuga Hinata</p>
2	<p>"Quando um homem aprende a amar, ele tem que suportar o risco do ódio." Madara Uchiha</p>
3	<p>Aqueles que não reconhecem seu verdadeiro eu, estão condenados ao fracasso." Itachi Uchiha</p>
4	<p>"Ser o melhor não é tudo a se fazer. Quando você é forte, você se torna arrogante e afastado. Mesmo se o que você procurou foi o seu sonho." Itachi Uchiha</p>
5	<p>Somos seres humanos, não peixes. Nós não sabemos que tipo de pessoas nós somos verdadeiramente até o momento antes de nossa morte. Quando a morte chegar para abraçar você, você vai perceber quem você é. Itachi Uchiha</p>
6	<p>Não importa o quão poderoso você se torne nunca tente fazer tudo sozinho, caso contrário irá falhar. Itachi Uchiha</p>
7	<p>Aqueles que não são capazes de aceitar quem realmente são, estão destinados a falhar. Assim como eu falhei no passado. Itachi Uchiha</p>
8	<p>Mesmo o mais forte dos adversários sempre tem uma fraqueza. Itachi Uchiha</p>
9	<p>O crescimento ocorre quando se ultrapassa seus limites. Perceber isso também faz parte do treinamento. Itachi Uchiha</p>
10	<p>Há momentos em que um ninja deve tomar decisões dolorosas. Itachi Uchiha</p>
11	<p>O crescimento ocorre quando se ultrapassa seus limites. Perceber isso também faz parte do treinamento. Itachi Uchiha</p>
12	<p>Não julgue alguém pela sua aparência, mas pelo tamanho do seu coração e seus sonhos Itachi Uchiha</p>
13	<p>Nada é perfeito em si mesmo. É por isso que nascemos para atrair coisas para compensar o que nos falta. Acho que começamos a andar na direção certa quando começamos a ter nossos colegas do nosso lado. Itachi Uchiha</p>
14	<p>"Não há vantagem alguma em viver a vida correndo." Shikamaru Nara</p>
15	<p>Não importa o quão pequeno é o poder, ele pode ser usado de alguma maneira. Talvez nós sejamos inúteis, mas em algum ponto talvez sejamos úteis também. Até um pequeno poder poderia mudar o destino do mundo. É por isso que devemos estar sempre focados e não deixar o momento passar. Shikamaru Nara</p>

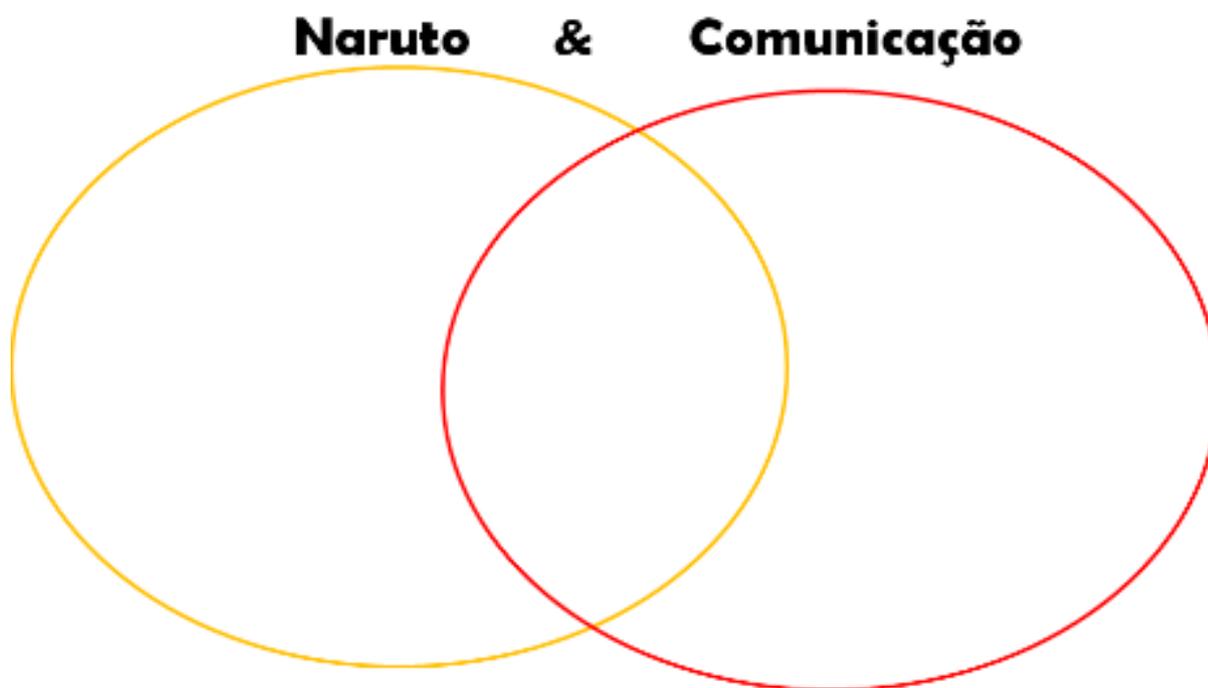
- 16 Quando alguém te machuca, você sente ódio e quando você machuca alguém, você fica amargo, mas se sente culpado também. Conhecer a dor nos ajuda a crescer, amadurecer e crescer significa ser capaz de pensar e tomar decisões próprias. Jiraya
- 17 “A vida de um shinobi não é medida por como ele viveu, mas pelo que conseguiu atingir antes de morrer.” Jiraiya
- 18 “Somos apenas pessoas comuns impelidas a usar a vingança pelo nome da justiça. Mas se a vingança é chamada de justiça, então a justiça apenas cria mais vingança. E se torna uma corrente de ódio.” Pain
- 19 “Por vezes você precisa de sofrer para saber, cair para crescer, perder para ganhar porque a maiores lições na vida são aprendidas através da dor.” Pain
- 20 “Apenas porque alguém é importante para você, não significa que essa pessoa seja boa. Mesmo que você saiba que essa pessoa é má... simplesmente não conseguimos combater nossa solidão.” Gaara
- 21 O Naruto pode ser um pouco duro as vezes, talvez você não saiba, mas ele também cresceu sem pai e nunca teve nenhum amigo em nossa aldeia, na verdade ele nunca conheceu nenhum de seus pais, mas eu nunca vi ele chorar. Meu palpite... Ele se cansou de chorar.” Kakashi Hatake
- 22 “Ser diferente nem sempre significa ser melhor!” Kakashi Hatake
- 23 “Sorrir é a melhor maneira de lidar com situações difíceis”. Jiraya
- 24 “ Amor e perdão não são sentimentos que compramos com palavras bonitas” Pain
- 25 “Onde as folhas das árvores dançam, você encontrará as chamas. A sombra do fogo vai iluminar a vila. E uma vez mais as folhas das árvores se renovaram.” Sarutobi
- 26 “Quando você está com alguém que você gosta, você sempre sorri.” Sai
- 27 “Se você não tem motivo para estar vivo, é o mesmo que estar morto.” Gaara
- 28 “Um lugar onde alguém ainda pensa em você; é aquilo que a gente pode chamar de lar.” Jiraya
- 29 “Um fracassado vencerá um gênio com trabalho duro!” Rock Lee
- 30 “As coisas mais importantes não estão escritas num livro, é preciso aprendê-las vivenciando-as sozinho.” Sakura
- 31 “O céu é muito vasto para a pessoa viver a vida sozinha!” Shino
- 32 “Não tente enganar todo esse problema com palavras de esperança. A única coisa que te espera é a dura realidade. Tobi
- 33 “Um ninja deve ver através da decepção.” Kakashi
- 34 “Eu amo uma mulher, mas não vou obrigá-la a me amar. Vou cercá-la com meu amor, enquanto rezo por sua felicidade.” Jiraya
- 35 “Se arrancar meus braços, te chutarei até a morte. Se arrancar minhas pernas, te morderei até a morte. Se costurar minha boca, te darei cabeçadas até a morte. Se arrancar minha cabeça, te amaldiçoarei lá do além!” Naruto
- 36 “Veloz como o vento, forte como titã, o fracasso de hoje e o sucesso de amanhã!” Rock Lee
- 37 “O que dói não é crescer. O que dói é ver uma pessoa que tanto amou mudar” Naruto
- 38 “Um sorriso que não vem do coração é só um grito de agonia.” Shino
- 39 “Dor, tristeza e alegria... esses sentimentos permitem que você entenda os outros.” Gaara
- 40 “Eu posso não ter armas incríveis como uma marionete em mim, mas o que eu tenho é o meu sonho e a minha vontade para não perder!” Sakura Haruno
- 41 “Você não acha triste as flores que não florescem? Veja este pequeno botão por exemplo, ele poderia se tornar uma flor ainda mais bonita que a cosmos.” Ino Yamanaka
- 42 “A morte vem junto ao se tornar um shinobi. Em alguns momentos, pode ser difícil de aceitar, mas se vocês não seguirem em frente, não haverá um futuro.” Tsunade

- 43 “Tenha mais um pouco de confiança em si. Você é forte, você sabe.” Mei Terumī (Mizukage)
- 44 “Aquele que trabalha duro pode superar um gênio, mas de nada adianta trabalhar duro se você não confia em você mesmo...” Might Guy
- 45 “Quando uma pessoa... tem algo importante que ela quer proteger... é quando ela pode se tornar realmente forte.” Haku
- 46 “Seu sorriso é o que me salvou! É por isso que não tenho medo de morrer protegendo você!” Hinata
- 47 “Quando se está triste e sozinho, a única pessoa com quem você pode contar é só com você mesmo.” Zetsu
- 48 “É verdade que tudo que queremos não virará realidade, mas o que precisamos fazer sempre deve começar como um desejo.” Might guy
- 49 “Você não precisa aceitar um destino que não quer.” Naruto Uzumaki
- 50 “Desista de me fazer desistir!” Naruto Uzumaki

2- Palavras a serem desenhadas do universo “Naruto” e comunicação:

bandana(usada pelos ninjas da folha), marionete, espada, microfone, Shuriken, kunai, bomba, papel bomba, pergaminho, leque, flauta, Naruto, guizos, bolsa, agulhas, arco e flecha, rádio, revista, Guisos, foice, bisturi, pássaro, cabaça, máscara de gás, armadura, tambor, colar, colete, cogumelo, lamen; TV, Telefone, computador, internet, Wiffi, carta, jornal, satélite, fotografia, fala, língua, ouvindo, boca.

3- Gráfico para classificação das palavras desenhadas:



6- Gifs para a representação do estado mental do dia:

EM UMA ESCALA SAKURA COMO VOCÊ ESTÁ HOJE?



EM UMA ESCALA NARUTO como você se sente hoje?



7- Mudanças de alguns personagens de “Naruto”:



<https://br.pinterest.com/pin/435864070185802179/>

8- Textos lidos nos podcasts

MINEIRO

Sou Tiarle de Bandeira do Sul
Mas não moro no sul
Sou da região Sudeste
Pertinho do Nordeste.

Aqui tem muita tradição
Natureza, cultura e sofisticação
Fogão a lenha, queijinho e doces
artesanais
Sou do estado de Minas Gerais

Cada estado com sua alegria
Com sua marca e gastronomia
Sem falar do sotaque
Que é nosso legado

Estou aqui para ajudar a mostrar
A variação linguística e o meu falar
Também dizer: meu sotaque não é só
engraçado
É a marca do meu passado

Sou mineiro sim Uai!
E o que tem demais?

Gosto de café e pão de queijo
E gosto mais de respeito

Somos todos brasileiros
A esse respeito eu deixo
Tenho meu falar cultural
Dentro deste Brasil Multicultural

Mas vamos deixar de prosa
E ir direto para a escola
Este lugar difícil
Que abre portas para o infinito

Aqui me despeço
Mas não dizendo tchau
Somente um até breve
Com sabor de trem bom demais.

PAULISTANA

Sou Natália da cidade de São Paulo
São Paulo também é o meu estado
Centro financeiro do país
Com pedaços do Nordeste aqui

Trabalhamos mó tempão

E com grande satisfação
 Não é à toa que somos a terra da garoa
 Sol e chuva nos coroa

Noites agitadas e badaladas
 Frenética, criativa e democrática
 Também é o Centro financeiro do país
 E agora o que me diz?

Gastronomia para todos os paladares
 Com muita diversidade
 Maior centro de compras da nação
 Mano do céu que emoção

Se quer passear, não precisar esperar mó
 tempão
 A demora é escolher seu destino, então
 Teatro, shows, igrejas ou centro cultural
 Ficar moscando, ô meu! Não é natural

Cada estado com sua alegria
 Com sua marca e gastronomia
 Sem falar do sotaque
 Que é nosso legado

Estou aqui para ajudar a mostrar
 A variação linguística e o meu falar
 Também dizer: meu sotaque não é
 caricato
 Tá me tirando, mano?

Sou paulista sim pô!
 Faça-me o favor!
 Cada um tem seu jeito de falar
 Então não venha me zuar

Somos todos brasileiros
 A esse respeito dá licença mano
 Tenho meu falar cultural
 Dentro deste Brasil Multicultural

Mas vamos deixar de história
 Se liga meu e vá direto para a escola
 Esse lugar difícil
 Que abre portas para o infinito

Aqui me despeço
 Com sabor de “tá ligado” e “tá osso”
 Característico do meu povo
 Que dar boas-vindas a todo e qualquer
 povo

MACAPAENSE

Mais ulha, tu tá querendo saber um pouco
 mais do meu povo é ?
 Então vamu lá, Sou a Marcilete, moro em
 Macapá
 Capital do Estado do Amapá, que fica aqui
 no
 Extremo norte do Brasil.

Olha só, não moro na baixa da égua,
 como muita gente fala,
 Moro mesmo é logo ali. É fácil meu
 endereço
 É ali no meio do mundo, na esquina do rio
 mais belo,
 O Rio Amazonas, Com a linha do
 equador.

Na minha casa aparece misura na luz do
 dia,
 Que a gente diz logo discunjuro!!, pra vê
 se ela não volta mais.
 Mana, aqui por essas bandas tem muitas
 florestas,
 Que tem um monte de bichos,
 E muitos rios de agua doce, com muitos
 peixes

Sou macapaense, nasci em terras tucujus
 E o que isso tem de bom?
 Aqui a gente come peixe frito, charque
 frito ou camarão, tudo
 Com açaí e farinha da baguda, e se
 alguém diz que botou granola no açaí,
 Ah minha mana, a confusão tá formada.
 A gente fica de bubuia o dia todo nos
 muitos riachos de agua doce,
 Ou tirando uma soneca na rede amarrada
 nas árvores

A vida daqui é assim devagar, precisa
 mais nada pra atrapalhar
 Eras, tá ficando pai d'égua a conversa né
 ?
 Deixa eu te contar uma parada. Aqui
 quem é granado
 Só vive xarlando com seu carro pela orla
 da cidade
 Atrás das piquenas, e se não arrumar
 nenhuma, a gente
 Diz que ele é panema. E se o cara não
 tem dinheiro, a gente diz
 Que ele é liso, E se tu pede um dinheiro
 pra ele, ele responde: Tô quebrado eu!

Mas vamos deixar de pavulagem e vumbora
Falar um pouco de algumas coisas que pra vocês
Tem nome estranho, como o mosquito, que aqui é o carapanã,
A lagartixa, que aqui é osga, e perereca não é nenhum tipo de sapo,
Mas vocês não estão preparados pra essa conversa.

Égua, tu já aprendeu tudinho sobre o Amapá ?
Calma, não ti agonia, eu não tô te xingando,
“égua” é uma expressão que a gente usa de montão
. Não te afudega, arreda aí, que eu vou te contar:

Tu podes usar égua pra expressar tristeza,
Alegria, dor, admiração, espanto, raiva, etc..
Por exemplo, se tá chovendo muito, Tu pode dizer Égua do pau d’água! Ou égua do toró !
Se a comida tá boa, tu pode dizer égua do rango porreta.
Se tu quer estudar e teu irmão tá Te aporrinhando com barulho,
Você grita: Égua, vou já te meter uma porrada,
Que ele vai simhora chutado.

Então é isso, esse é o jeito de ser do povo daqui.
E aí, achou pai d’égua ?
Agora vou pegar o beco,
Tu jura que vou te contar tudinho que acontece aqui.
Vem timbora pra cá, que tu vai vê que aqui é só o filé da gurijuba, que é pitiú, mas é uma delícia!
Má rapá !Até outra hora então.

SULISTA

Sou Michele, Sou da região Sul
Paraná, Santana Catarina e Rio Grande do sul
A menor região do país, mas não em tradição
O vinho é importante fonte de renda da região

Lindeiro com Uruguai, Argentina e Paraguai
Arquitetura, culinária e danças locais
Região com menor temperatura
Venha nos visitar e se aproximar

O turismo aqui, quem não veio, deseja vir
Muita festa, dança e festival para se divertir
Nem que seja a de Gramado você deve lembrar
Se aqui chegar, nem que seja uma tirana tu vais dançar

Aqui tangerina é bergamota
Menino, guri ou piá; pipa é pandorga
Depois do almoço, amamos sestar
Valorizar o que é nosso, melhor não há.

Mas aqui estou para ajudar a mostrar
A variação linguística e o meu falar
Meu sotaque é diferente do de vocês
Marca do meu passado que me fez

“Tchê” e “Bah” é utilizado para enfatizar
Como “Oxente” que vocês vivem a cantar
Se nunca ouviu falar, mas que barbaridade!
Vou largar pras cobras você

E se nunca comeu uma vina
Não sei o que tu fizeste da vida
Leite quente é muito bom no frio
Ou um chimarrão para não dar calafrio

Sou sulista, como deu para perceber
Com nosso jeito peculiar de receber
Cada um tem seu jeito de falar
E nós com nosso jeito peculiar

Somos todos brasileiros ao final
Dentro deste Brasil Multicultural
Não se faz de leitão vesgo para mamar em duas tetas
Ou irás ser reinenta e se meter em tretas

Vamos deixar de história,
Vamos logo para a escola
Com japona porque está Frio de renguear cusco
Vamos lagartear para não esquecer tudo

Aqui me despeço
Com sabor de vinho e guisado
Se precisar prende o grito

Ou venha neste meu lugar favorito

BAIANO

Sou Gilce, moro em Alagoinha
Sou do Estado da Bahia
Localizada no agreste do estado
Aqui encontro meu legado

Tendo como maior riqueza a água
Atrai cervejeiro e comedores de água
Por ser a segunda melhor do mundo
Nosso nome vem dos rios e lagos
fecundos

Por um padre fui povoada
E por ele abençoada
Coronel Joaquim Leal 1º presidente
Livre de Inhambupe, ficamos contentes

Aqui tem muita tradição
Natureza, cultura e axé não faltam não
Prosa em família é toda semana
Mesmo que seja só para encher a pança

Cada estado com sua alegria
Com sua marca e gastronomia
Não vem do meu sotaque falar
Nem dizer que falo a cantar

Falo mainha, painho e muito mais
Negar minhas raízes, jamais!
Falo com calma, para que tanta pressa
Se para onde vou não tem perna?

Acarajé, o nosso é original
Podem imitar, mas melhor um escambau!
Se aqui vier, não se assuste
Apenas prove e desfrute

Estou aqui para ajudar a mostrar
A variação linguística e o meu falar
Também dizer: meu sotaque não é
arrastado
É a marca do meu passado

Sou baiano sim, e daí?
E o que tem demais?
Gosto de caruru e azeite de dendê
Se não gosta, não sei por quê.

Gosto muito de respeito
Não vem para cá colocar defeito
Que digo logo, oxe! Sai pra lá carniça
Voa daqui sem preguiça

Somos todos brasileiros a se retar
A esse respeito não posso negar:
Mas meu povo é o mais lindo de todos
Se não concorda eu faço pouco

Mas vamos deixar de arrelia e conversa
E vai direto para a escola com pressa
Este lugar arretado
Que abre portas até para o passado

Aqui me despeço como lvente
Dizendo sempre: Baiano é demais
Não digo tchau, mas um até breve
Porque baiano não passa se atreve

APÊNDICE D - TERMO DE ASSETIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



<https://images.app.goo.gl/7Bgdl77CSedWhyfTA>



<https://images.app.goo.gl/zL4isTZF7dRUi1ZT6>



<https://images.app.goo.gl/JvxiYDxiLn41uW128>

Você está sendo convidado(a) para participar, de uma missão ninja: uma pesquisa científica. Caso você não queira participar dessa aventura, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página. Ok?

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TALE (Termo de Assentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.



<https://images.app.goo.gl/fr33uimpbhkPh5ZV8>



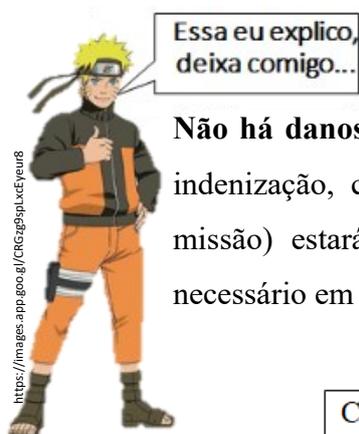
<https://images.app.goo.gl/Cf4nEvMe2v4P1pki9>

Este TCL refere-se ao projeto de pesquisa “O ANIMÊ E O MANGÁ “NARUTO” COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA””, cujo objetivo é Compreender a

aplicabilidade do *animê* e Mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem de Língua Materna. Para ter uma cópia deste TALE só precisa solicitar a professora (sua companheira de missão e pesquisadora) uma versão deste documento, a qualquer momento pelo e-mail registrado no final deste termo ou nos dias que estivermos juntos em missão.

A missão(pesquisa) será realizada por meio das nossas aulas, no Módulo de Português aqui na “Vila ILBJ” e com auxílio de questionário online que será respondido em momento de aula.

Caso decida desistir da pesquisa você poderá solicitar mudança de turma /ou turno e sair da missão a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.



Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário. E, a pesquisadora (sua companheira de missão) estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora Marisete Augusta da Cruz. Telefone: (79) 99919-1448 ou e-mail: marizeteaugustus@gmail.com.



ASSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive que a aplicação de questionário on-line, bem como os episódios e capítulos de “Naruto” não têm a proposta de relembrar fatos desagradáveis, mesmo que tal possibilidade seja possível de acontecer; sendo assim será de inteira responsabilidade da pesquisadora contornar a situação com o propósito da pesquisa científica e do compromisso com o campo

ético inclusive preservando o anonimato como solicitado; bem como dos benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador garantiu-me que poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meus estudos.

Recebi uma cópia desse TALE e fui informado(a) também que posso solicitar uma versão dele via e-mail para a pesquisadora/professora/ colega de missão.



Vamos juntos nessa missão?



SIM ()



NÃO ()

<https://images.app.goo.gl/2vadMkzJcXRtzP5a6>

Assinatura do integrante da equipe

APÊNDICE E- TERMO DE CONSETIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, CONEP/MS

Prezado(a) responsável,

O (A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a autorizar a participação, como voluntário de da
_____ da
pesquisa:

1. **Intitulada:** “O ANIMÊ E O MANGÁ “NARUTO” COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA”, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Marisete Augusta da Cruz, atual aluna do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes, sob a orientação do Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares.

2. **A finalidade deste trabalho** é Compreender a aplicabilidade do *animê* e Mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem de Língua Materna.

3. **Fui devidamente informado(a) da não existência de danos previsíveis decorrente da pesquisa:** já que a aplicação de questionário on-line, bem como os episódios e capítulos de “Naruto” não têm a proposta de relembrar fatos desagradáveis, mesmo que tal possibilidade seja possível de acontecer; sendo assim será de inteira responsabilidade da pesquisadora contornar a situação com o propósito da pesquisa científica e do compromisso com o campo ético.

4. Além disso, a identidade dos participantes será totalmente preservada, bem como se deixará claro para que o mesmo possa desistir de sua participação em qualquer momento/etapa da construção dados. Toda a pesquisa deve ocorrer no Instituto Luciano Barreto Júnior ou online (Devido a Pandemia) com o devido acompanhamento da professor e pesquisadora durante todo o processo. Utilizaremos como material nesta etapa papel, lápis, caneta, cadernos e questionário on-line.

5. **Foi devidamente informado(a) que será solicitado a colaboração em responder o questionário on-line e concessão de possíveis entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de ciências humanas e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e/ou filho(a) será mantido em sigilo absoluto ou qualquer outra informação que possa resultar em suas identificações. Os dados que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa ficarão arquivados durante 5 anos e, passado este tempo, serão destruídos.

6. **Fui devidamente informado(a) que não há risco previsíveis decorrente da pesquisa**, porém caso haja será de inteira responsabilidade dos pesquisadores.

7. **Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida** quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar

informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

8. **Os voluntários terão direito à privacidade.** A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada e a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.

9. **Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa,** mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

10. **Fui devidamente informado que os benefícios da pesquisa buscam:** possibilitar uma aprendizagem da língua portuguesa de forma significativa; propiciar um novo dispositivo de aprendizagem para as aulas de português; além de deixar a disposição um dispositivo potencializador da aprendizagem de língua materna que segue as diretrizes da BNCC.

Esclarecemos que seu consentimento no estudo é voluntário e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não consentir a participação do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição de ensino. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Contato com a Pesquisadora Responsável: Marisete Augusta da Cruz. Telefone: (79) 99919-1448 ou e-mail: marizeteaugustus@gmail.com

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unit SE, de segunda a sexta-feira das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h na Av. Murilo Dantas, 300, bloco F, térreo – Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju-SE. Telefone: (79) 32182206 – e-mail: cep@unit.br.

O CEP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Tem como finalidade avaliar e acompanhar os aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Aracaju, ____ de ____ de 20__

Impressão
digital

Assinatura do participante ou responsável legal

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Miguel', written over a horizontal line.

Assinatura da pesquisadora responsável



APÊNDICE F- PARECER DE APROVAÇÃO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ANIMÊ E O MANGÁ "NARUTO" COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA

Pesquisador: MARISETE AUGUSTA DA CRUZ

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57531922.7.0000.5371

Instituição Proponente: Universidade Tiradentes - UNIT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.697.203

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa de mestrado surge como proposta voltada a potencialização da aprendizagem da disciplina de Língua portuguesa. Para isso serão utilizados o animê e mangá "Naruto" como dispositivos disparadores (estratégia pedagógica) que corrobora para tornar a aprendizagem da Língua Materna mais significativa e atraente, por fazer da vida dos jovens contemporâneos, serem narrativas modernas, de fácil assimilação e envolver classes sociais e econômicas distintas. Os índices de avaliação educacional brasileiros em específico o de Língua portuguesa avaliados por programas nacionais a exemplo da Prova Brasil (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar) e do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e internacional como o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) revelam a necessidade urgente de melhoria e mudanças concretas no quesito aprendizagem voltada a leitura, interpretação, escrita e entendimento textual e semânticas. Dessa forma, almeja-se estudar a potencialidade do animê/mangá mencionado como um fator mobilizador da aprendizagem, ao passo em que cria empatia dos jovens com a disciplina, verificar a veracidade de tal capacidade em jovens participantes do Projeto Social Conectando com a Vida, do ILBJ; além de entender como acontece a receptividade e envolvimento dos jovens com "Naruto" e como este influencia em suas vidas estudantis. Isso, por meio de método qualitativo, etnográfico, formativo e bibliográfico. Tal proposta surge do contexto de fragilidade, dos resultados negativos e da necessidade de melhoria no aprendizado da Língua materna, da falta de estímulo para se aprender a língua formal e, da

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
 Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-490
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3218-2128 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.697.203

possibilidade de fusão de um artefato midiático global (animê/mangá) com a vinculação e aprendizagem significativa dos conteúdos de Língua Portuguesa dos jovens de classes vulneráveis socioeconomicamente, atendidos pelo Instituto citado. Sendo assim, o animê/mangá “Naruto” nasce aqui como um possível dispositivo de potencialização da aprendizagem dos saberes cognitivos; além de propiciar dados quantitativos e qualitativos de pesquisa científica. Para isso, será inserido nas aulas de Português, como exemplos de conteúdos específicos, episódios específicos pré-definidos e escolhidos pelos jovens para serem analisados, debatidos e comparados a realidade pessoal; Autobiografia escrita (Para conhecer melhor o educando; entender sua vivência e experiências; como também sua capacidade de escrita e de introspecção), questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas online, conversas informais, observação de postagens em redes sociais e relatos orais, desafios pessoais. Em seguida serão analisados, os comportamentos, o rendimento escolar, os dados e; verificado a influência do Animê/mangá; bem como se houve uma mudança de cada jovem com a disciplina de Língua Materna, através do questionário, mapa mental, da leitura e reescrita da sua autobiografia; a fim de perceber as reais mudanças de comportamentos e aprendizado perante a Língua portuguesa depois do trabalho realizado com “Naruto”. Os relatos informais e coletados pelos questionários, bem como o convívio com os jovens em sala de aula será o ponto de partida e fundamental para a posterior reflexão da concreta influência do animê/mangá como dispositivo potencializador da aprendizagem da Língua Materna. Para isso, a metodologia de análise das informações estará estruturada a partir dos atos que apareceram durante a pesquisa (ações cognitivas de aprendizagem), numa perspectiva significativa e num segundo momento as potências, o que estamos definindo como o que emergiu das práticas tanto dos alunos quanto do professor neste diálogo mediado pelo animê/mangá e que atuou no processo de aprendizagem dos conteúdos como subsunçores.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o animê/mangá “Naruto” como dispositivo potencializador da aprendizagem significativa da língua materna.

Objetivos Secundários:

i) Verificar a aplicabilidade do Animê e Mangá “Naruto” como Dispositivo potencializador da aprendizagem de Língua Materna; ii) Identificar as interrelações de receptividade e nível de envolvimento dos jovens com o animê/mangá Naruto no processo de aprendizagem da língua portuguesa; iii) Caracterizar as práticas docentes em relação a utilização do animê/mangá “Naruto”,

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
 Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-490
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3218-2128 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.697.203

com destaque para as consequentes mudanças na aprendizagem de língua portuguesa, dos Jovens participante do Projeto Social Conectando Com a Vida do ILBJ.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores declaram que não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, já que a aplicação de questionário on-line, bem como os episódios e capítulos de "Naruto" não têm a proposta de relembrar fatos desagradáveis, mesmo que tal possibilidade seja possível de acontecer; sendo assim será de inteira responsabilidade da pesquisadora contornar a situação com o propósito da pesquisa científica e do compromisso com o campo ético, inclusive preservando o anonimato como solicitado. Além disso, a Identidade dos participantes será totalmente preservada, bem como se deixará claro que os mesmos podem desistir de sua participação em qualquer momento/etapa da construção dados.

Quanto aos benefícios, afirmam ser possibilitar uma aprendizagem da língua portuguesa de forma significativa; propiciar um novo dispositivo de aprendizagem para as aulas de português; além de deixar a disposição um dispositivo potencializador da aprendizagem de língua materna que segue as diretrizes da BNCC.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto foi submetido anteriormente a este Comitê, quando apresentou algumas pendências. Volta para nova apreciação e, nesta atual versão, todas as pendências descritas no parecer consubstanciado foram sanadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS nº 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

PB: Plataforma Brasil; PD: Projeto detalhado; FR: folha de rosto.

O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS nº 466/12, Diretrizes e normas XI. 1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2 - XI.2 - Cabe ao pesquisador: a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário; c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
 Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-490
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3218-2128 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.697.203

relatórios parciais e final; e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1683930.pdf	15/05/2022 03:33:43		Aceito
Outros	Respostaparecer.docx	15/05/2022 03:30:44	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoAssentimentoMarisete.pdf	15/05/2022 03:28:04	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOMarisete2.pdf	15/05/2022 03:27:36	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodetalhaMarisete2.docx	15/05/2022 03:26:59	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	InstituicaoPPEDMarisete.pdf	15/05/2022 03:26:14	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Outros	OfimparaoRecomecoFormulariosGoogle.pdf	01/05/2022 20:43:17	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Outros	Iniciodeumahistoriaformulariosgoogle.pdf	01/05/2022 20:25:38	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoInfraestruturaMarisete.pdf	09/03/2022 23:26:09	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PesquisadoresMarisete2.pdf	15/01/2022 15:55:31	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	15/01/2022 15:45:44	MARISETE AUGUSTA DA CRUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
 Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-490
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3218-2128 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br



Continuação do Parecer: 5.697.203

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 11 de Outubro de 2022

Assinado por:
Emilia Cervino Nogueira
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-490
UF: SE Município: ARACAJU
Telefone: (79)3218-2128 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br